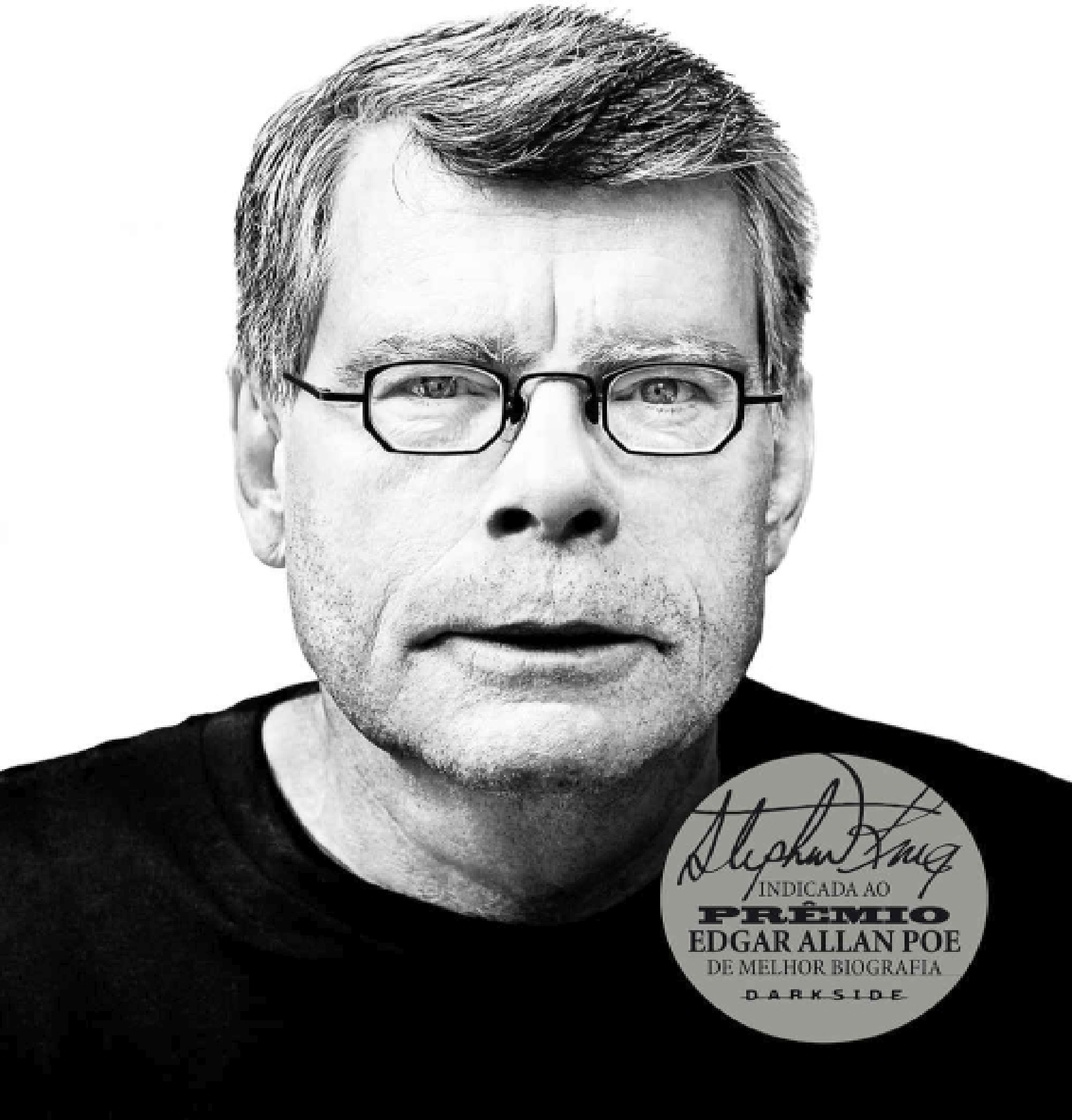
LISA ROGAK

A BIOGRAFIA

STEPHEN KING

CORAÇÃO ASSOMBRADO



Stephen King

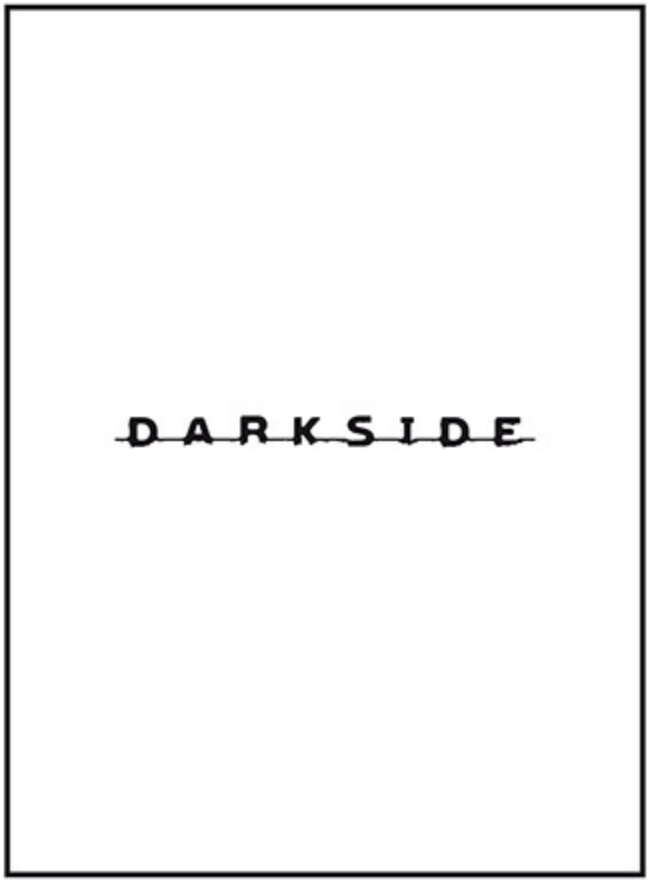
INDICADA AO

PRÊMIO

EDGAR ALLAN POE

DE MELHOR BIOGRAFIA

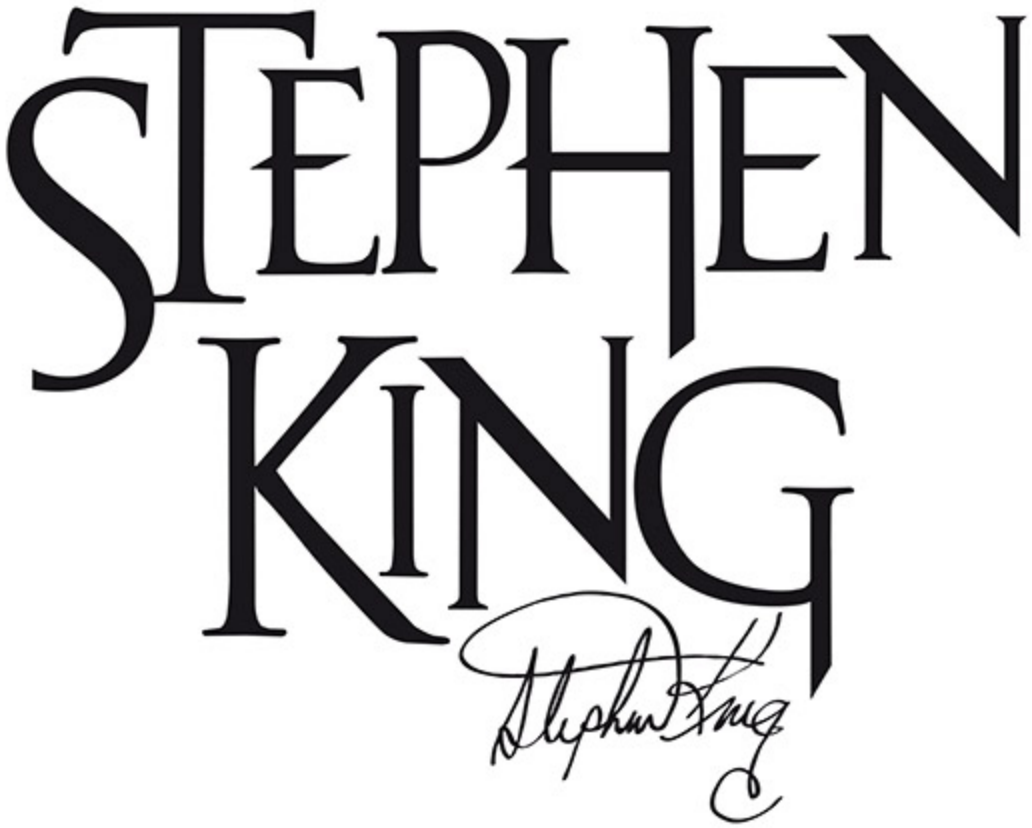
DARKSIDE


DARKSIDE





#DARKSIDEBOOKS


STEPHEN
KING
Stephen King

LISA ROGAK

STEPHEN KING

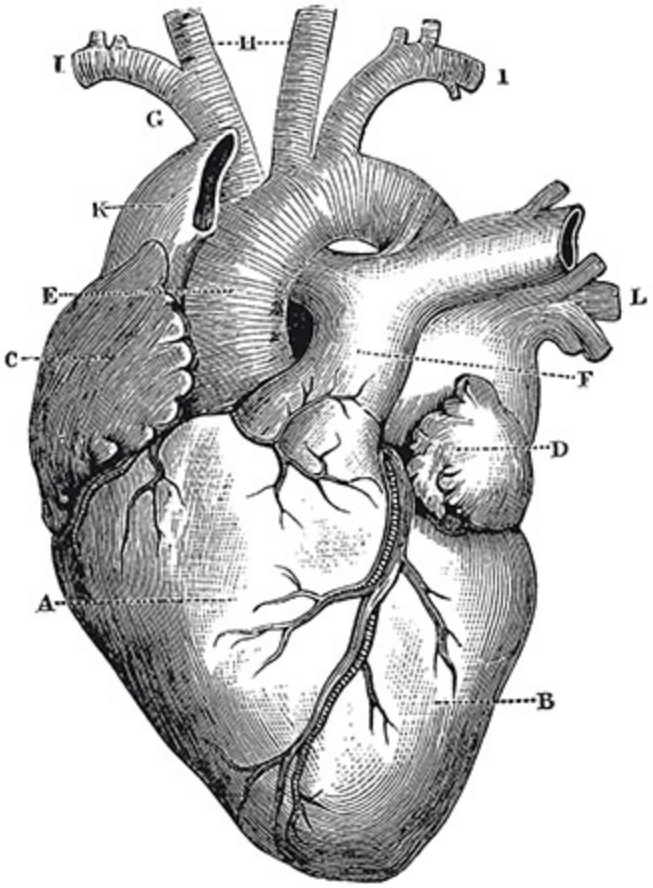
A BIOGRAFIA

TRADUZIDO POR
CLÁUDIA GUIMARÃES

DARKSIDE

Para Scott Mendel,
por lidar comigo e minhas
fraquezas há uma década.

Fig. 66



SUMÁRIO

STEPHEN KING

Capa

Mídias sociais

Folha de rosto

Dedicatória

Introdução

Capítulo I - O aprendiz

Capítulo II - Abaixe a cabeça

Capítulo III - O pistoleiro

Capítulo IV - Desespero

Capítulo V - Andando na bala

Capítulo VI - O sobrevivente

Capítulo VII - Quatro estações

Capítulo VIII - Comboio do terror

Capítulo IX - A longa marcha

Capítulo X - A gente se acostuma

Capítulo XI - Jovem outra vez

Capítulo XII - Angústia

Capítulo XIII - Às vezes eles voltam
Capítulo XIV - O fim da confusão toda
Posfácio - Sob a redoma
Cronologia
Bibliografia selecionada
Notas de referência
Agradecimentos
Créditos

“TENHO MEDO DE TUDO”

STEPHEN KING

INTRODUÇÃO

Não deve ser uma surpresa que seus medos dominem cada segundo da existência de Stephen King. Ele está cercado por eles, e qualquer um que tenha lido um que seja de seus romances sabe que o item mais inocente pode ser um arauto do terror.

Em várias vezes ao longo dos anos, King recitou um verdadeiro rol de seus medos: escuro, cobras, ratos, aranhas, coisas gosmentas, terapeutas, deformidade, lugares fechados, morte, ser incapaz de escrever, voar – preencha a lacuna, a lista é longa. Ele já se descreveu como tendo residência permanente na "República Popular da Paranoia".

Seus tratados sobre o medo do número treze – triscaidecofobia – são especialmente reveladores. "O número treze nunca deixa de me fazer correr um frio na espinha", escreveu. "Quando estou escrevendo, nunca paro de trabalhar se a página é a número treze ou um múltiplo de treze. Apenas continuo digitando até chegar a um número seguro."[1]

"Sempre subo os dois últimos degraus da escada dos fundos como um, fazendo do treze um doze. Afinal eram treze os passos para o cadafalso na Inglaterra até os anos 1900. Quando estou lendo, não paro nas páginas 94, 193 ou 382, já que a soma desses algarismos é treze."[2]

Você entende. King – ele prefere ser chamado de Steve – recorre livremente a seus medos ao escrever, mas, ao mesmo tempo, parte de sua motivação para escrever é tentar abafá-los, sufocá-los e acabar com o sofrimento de uma vez por todas, para nunca mais ser atormentado por eles.

É, tem razão. Ele também não acredita nisso.

A única maneira de bloquear esses medos é escrevendo. Uma vez que ele começa a trabalhar e se deixa levar por uma história sobre um determinado

medo, acabou – ao menos temporariamente. Ele escreve da maneira mais enérgica possível, pois se há algo que Stephen King sabe depois de décadas escrevendo é isto: no momento em que a caneta para ou em que o computador é desligado os medos vão voltar correndo, prontos para mais um round.

Apesar de seu medo de analistas, ele certa vez procurou uma. Quando começou a catalogar seus medos, a analista o interrompeu e lhe disse para visualizar seu medo como uma bola que ele pudesse fechar em seu punho. Ele fez o que pôde para não sair correndo. "Minha senhora, você não sabe quanto medo eu tenho", respondeu. "Talvez eu consiga reduzi-lo ao tamanho de uma bola de futebol, mas o medo é a minha vida, e não vai ficar menor do que isso."

Em uma aparição no antigo programa de entrevistas na TV de Dennis Miller,[3] Steve ficou emocionado ao perceber que havia encontrado uma alma gêmea na Terra do Medo. Os dois estavam discutindo seu medo comum de voar quando King apresentou sua teoria sobre como o medo coletivo dos passageiros em um avião ajuda a evitar um desastre.

"Certo", disse Miller com ar entendido, "o grau de rigidez no seu corpo mantém as asas no ar."

Não é bem assim, Steve começou a explicar. "É algo psíquico, e qualquer pessoa com um mínimo de cérebro sabe que não poderia funcionar. Você tem três ou quatro pessoas completamente aterrorizadas. Nós mantemos o avião no ar. O voo que você precisa temer é aquele em que não há ninguém com medo de voar. Esses são os voos que caem. Confie em mim."

Alguns risos nervosos vieram da plateia. Os dois homens piscaram, olhando para as luzes à frente, e depois se entreolharam. Eles acham que estamos *brincando*?

Sem o medo, onde estaria Stephen King? É quase como se ele fosse viciado em sua ansiedade, apenas uma coisa a mais para injetar, como o álcool e as drogas, dos quais foi dependente por décadas. Na verdade, ele nunca fez segredo de sua perpétua luta contra substâncias químicas.

"Todas essas substâncias viciantes são parte do lado ruim do que fazemos", afirmou. "Acho que é parte desse acordo obsessivo que faz de você um escritor em primeiro lugar, que faz com que você tenha vontade de escrever tudo isso. Escrever é um vício para mim. Mesmo quando o texto não vai bem, se eu não o fizer, fico irritado."

Uma das coisas surpreendentes sobre a vida de Stephen King é que seu vasto abuso de drogas e álcool nunca interferiu na quantidade nem na qualidade de sua prodigiosa produção. No entanto, mesmo admitindo sua surpresa com o fato de seu trabalho não ter sido afetado – especialmente quando a fumaça era mais densa –, ele lamentou não conseguir lembrar-se de ter escrito alguns livros, como *Cujo* (*Cão Raivoso*). Isso visivelmente o incomoda, porque ele sempre relembrou com afeição cada um de seus romances e contos, voltando a eles como se fossem velhos amigos, repassando as memórias dos matizes e das ideias de um mundo e de pessoas que ele tirou de sua própria mente.

Escrever e contar histórias de terror tornou-se tão inerente a ele ao longo dos anos que produzir milhares de palavras todos os dias do ano tornou-se sua segunda natureza, apesar de um consumo diário de álcool e drogas que facilmente teria matado um estudante universitário numa farra de fim de semana. Na verdade, alguns dos exageros e desmentidos foram repassados a seus entrevistadores. Durante anos, ele afirmou que escrevia todos os dias, exceto no 4 de julho,[4] no seu aniversário e no Natal. Isso era claramente uma mentira. Mais tarde, ele afirmou que não conseguia *não* escrever todos os dias do ano, mas achava que se dissesse aos fãs que se permitia ficar três dias longe da escrita pareceria mais apresentável. Ele não tinha se dado conta, na ocasião, de que admitir seus vícios o faria parecer ainda mais humano.

Apesar de ser um admirador assumido de tudo o que é *mainstream* – ele já se classificou como o Big Mac dos escritores –, ele não se sente sempre confortável em um pedestal. A icônica posição de Steve na ficção popular se consolidou cedo, poucos anos depois de seu primeiro romance, *Carrie* (*Carrie, a Estranha)*, ser publicado. Ainda assim, ele não se sente superior – ou inferior – ao usar sua fama quando lhe convém.

King afirma detestar ser famoso – sua mulher, Tabby, detesta ainda mais, comparando a vida com um cônjuge célebre a estar “num maldito aquário” –, mas, mesmo depois de quase quatro décadas sob os holofotes, ele ainda conversa com jornalistas de grandes e pequenos veículos, dá palestras públicas, vai a jogos do Red Sox[5] e faz sessões de autógrafo. Afinal, com mais de trinta anos no negócio, sua capacidade de vender livros tem pouco a ver com ele dar ou não um bando de entrevistas. Apesar de se dizer

tímido, ele continua tão aberto e autodepreciativo quanto era no início de sua carreira.

Mas é claro que há o outro lado. “Quando você entra nesse negócio, ninguém avisa que você vai receber ossos de gato pelo correio, cartas de malucos ou que um bando de gente num ônibus de excursão vai parar nas grades de sua casa e tirar fotos.”

Como sua vida não é reclusa, qualquer habitante da Nova Inglaterra[6] tem grandes chances de ter uma história sobre ter visto Stephen King.

Um homem de New Hampshire que ia regularmente a Fenway Park[7] sabia que Steve tinha ingressos para a temporada dos jogos do Red Sox. Durante anos, ele procurou Steve, sem encontrar. Um dia, no estádio, ele viu King andando em sua direção e congelou. Ele não conseguia pensar em nada para falar. Finalmente, a única coisa que conseguiu dizer foi “Buu!” quando seus olhares se esbarraram. Steve respondeu “Buu!” e foi para seu lugar.

“Ele é só um cara muito competitivo que quer ser o melhor naquilo que faz”, diz Warren Silver, um velho amigo de Bangor, cidade do estado do Maine, onde King mora.

Isso depois de sessenta e três livros publicados em trinta e cinco anos,[8] incluindo colaborações e coletâneas de contos, e contando *The Green Mile* (*À Espera de um Milagre*) como seis livros separados. Desde a publicação de *Carrie, a Estranha*, em 1974, nenhum de seus livros ficou fora de catálogo, um feito só conseguido por alguns poucos autores das listas de mais vendidos. Prova de que seus medos ainda assustam.

Ele escreve para alguém em especial? Se admite escrever para derrotar seus medos e para uma audiência de um só – a si mesmo –, Steve ofereceu algumas vezes um vislumbre do verdadeiro homem por trás da cortina, um homem do qual ele não tem qualquer recordação verdadeira: seu pai, que um dia saiu de casa para comprar cigarros e se foi, deixando a mulher e dois filhos – David, com quatro anos, e Steve, com dois – para se defenderem sozinhos em uma infância de pobreza dolorosa e grande incerteza.

“Eu realmente acho que escrevo para mim mesmo, mas parece haver um alvo na direção do qual tudo isso é despejado”, ele disse. “Sempre me interessei por essa ideia de que muitos autores de ficção escrevem para seus pais porque seus pais se foram.”

Steve lidou com uma infância difícil voltando-se primeiro para os livros e depois para escrever suas próprias histórias. E, como ele mesmo diz, é um

mundo que ele de fato nunca deixou.

"Você tem de ser meio doido para ser escritor porque tem de imaginar mundos que não existem", afirmou. "Você está ouvindo vozes, está fantasiando, está fazendo tudo o que se diz às crianças que não façam. Ou então nos mandam distinguir entre a realidade e essas coisas. Os adultos vão dizer: 'Você tem um amigo invisível, que lindo, você vai superar isso'. Escritores não superam isso."

Então quem realmente é Stephen King? A ideia padrão dos fãs casuais e dos detratores é a de que ele deve ser um homem assustador que adora explodir coisas em seu quintal. Os fãs fiéis vão um pouco mais além, pois sabem que ele é um homem de família leal e um um ativo colaborador de várias organizações de caridade, muitas delas perto de sua casa em Bangor.

Seus amigos, no entanto, apresentam um quadro diferente, um pouco mais complexo.

"Ele é um homem brilhante, engraçado, generoso, piedoso, cuja personalidade tem várias camadas", diz o antigo amigo e coautor Peter Straub. "Não apenas o que você vê não é o que você recebe como não é nem o que você vê. Steve é uma mansão com muitos quartos, e tudo isso faz dele uma companhia maravilhosa."

Segundo Bev Vincent – um amigo a quem Steve ajudou com *The Road to the Dark Tower* (2004), um livro de referência sobre *The Dark Tower* (*A Torre Negra*), obra-prima em sete volumes[9] de King – sua autoimagem pode surpreender: "Steve ainda se vê como um cara de uma cidade pequena que fez algumas coisas interessantes, mas não acha que sua vida pessoal possa interessar a alguém".

E ele não entende por que alguém gostaria de ler um livro inteiro sobre ele – quanto mais escrever. Por outro lado, ele não vê problemas em que as pessoas queiram discutir sua obra, seja pessoalmente ou em livro.

Mas todos sabemos que ele está errado. Stephen King levou uma vida infinitamente fascinante, e porque nós amamos, admiramos e morremos de medo de seus livros, contos e filmes é claro que queremos saber mais sobre o homem que engendrou tudo isso. Quem não iria querer?

Esta é uma biografia, uma história de sua vida. É claro que sua obra tem um papel aqui, é inevitável, mas a atração principal aqui é Stephen King.

Ao longo dos anos, os fãs de Steve ganharam fama por censurá-lo sempre que ele escrevia coisas erradas em seus livros. Por exemplo, em *The Stand* (*A Dança da Morte*), o doce favorito de Harold Lauder era o PayDay. Num determinado momento do livro, Harold deixa uma impressão digital de chocolate em um diário, numa época em que o doce não levava chocolate. Nos primeiros meses após a publicação do livro, Steve recebeu toneladas de cartas de leitores que o informavam de seu erro, que foi corrigido em edições posteriores. E então, é claro, a fabricante do doce começou a fazer o PayDay com chocolate. Apesar de alguns afirmarem que Steve já havia previsto isso, não se pode culpá-lo; afinal, esse é um sujeito que não é exatamente fã de fazer pesquisas quando está absorto na composição de um livro. "Faço a pesquisa [depois de escrever]", disse. "Porque quando estou escrevendo um livro, minha atitude é 'Não me confunda com fatos. Apenas me deixe seguir adiante com meu trabalho'."

Por outro lado, sua falta de preocupação com os fatos, tanto de sua vida ficcional quanto da real, mostrou ser mais do que frustrante para mim e para outros autores. Ao pesquisar para esta biografia, tentei checar e "rechecar" os acontecimentos da vida dele, mas, seja pela deterioração natural da memória que vem com a idade ou pelas duas décadas de abuso de álcool, cocaína e outras drogas em várias combinações, não se pode censurar o cara por misturar algumas datas aqui e acolá.

Por exemplo, em *On Writing* ele escreveu que sua mãe morreu em fevereiro de 1974, dois meses antes do lançamento de *Carrie*. No entanto, eu tenho não apenas uma cópia do obituário dela, como de sua certidão de óbito, e ambas mostram que ela morreu no dia 18 de dezembro de 1973, em México, no estado do Maine, na casa do irmão de Steve, Dave.

Assim que soube que eu ia escrever sobre a vida de King, tive muito trabalho. Desencavei entrevistas antigas em jornais e revistas que só duraram um número em 1975, li vários livros e vi quase todos os filmes baseados em seus contos e romances – bons e ruins, e, olha, os ruins podem ser muito engraçados. Também mergulhei nos vários livros que foram escritos sobre ele e sua obra desde o início dos anos 1980. Como ocorre com os filmes, há alguns bons e outros nem tanto.

O que me impressionou não foram sangue, tripas ou efeitos especiais; as cenas sangrentas em seus livros e filmes não foram tão desagradáveis quanto eu imaginava que seriam. Também não foi sua habilidade para

esboçar e desenvolver personagens; eu já sabia que este era um de seus talentos.

O que realmente me pegou foi o quanto ele é engraçado. Digo, realmente engraçado. Sim, seu uso de referências da cultura pop e de produtos populares pode ser divertido quando esses elementos são colocados lado a lado de um sujeito que tem um cutelo atravessado em seu pescoço, ou no caso de um cadáver em um escritório com um lápis Eberhard enfiado em cada olho, mas seu senso de humor simplesmente me conquistou. Eu caí do sofá quando o caminhão de sorvete em *Comboio do Terror*[10] começou a tocar "King of the Road", e de novo quando, em *A Criatura do Cemitério*, [11] os ratos estão tentando se equilibrar em cima de tábuas quebradas descendo rapidamente o curso d'água em uma madeireira e a música de fundo é "Surfin' Safari", dos Beach Boys. King não escreveu o roteiro desse último, mas é fácil perceber a forte influência que ele teve no filme.

Steve já afirmou diversas vezes que uma das perguntas que mais odeia é "De onde você tira suas ideias?". Para mim, como biógrafa, basta perguntar "É autorizada?" para minha cara se torcer como a de King quando algum fã lhe faz a pergunta sobre as ideias.

Não, esta biografia *não* é autorizada. Entre os biógrafos, a piada corrente é que biografias autorizadas são uma boa cura para insônia. King sabe deste livro e disse a seus amigos que poderiam falar comigo se quisessem. Fui à cidade de Bangor em vários dias cinzentos de novembro, no outono[12] de 2007, para verificar os lugares favoritos de Stephen King. Em outras palavras, os principais pontos das "excursões Stephen King". Foi por um puro e feliz acaso que uma manhã me encontrei sentada em seu escritório no antigo quartel da Guarda Nacional nos arredores do aeroporto, com Marsha DeFillipo, sua assistente de longa data, me interrogando sobre meu propósito com esse livro.

Durante quase todo aquele interrogatório de meia hora, o próprio homem ficou do lado de fora, junto à porta, ouvindo nossa conversa, mas não entrou na sala.

No fim das contas, talvez a coisa mais surpreendente sobre Stephen King seja o fato de ele ser um romântico inveterado, o que fica evidente em todas as suas histórias. E, para a surpresa de seus milhões de fãs, ele será o primeiro a admitir, apesar de não ser realmente uma grande revelação ouvi-lo explicar isso.

“Sim, sou um romântico”, afirmou ele em 1988. “Acredito em todas essas coisas ternas e românticas, de que as crianças são boas, de que o bem vence o mal, de que é melhor ter amado e perdido seu amor que nunca ter amado. Realmente acredito em toda essa bobagem. Não posso fazer nada. Vejo muito disso acontecer.”

Os corações mais românticos, no entanto, são os mais assombrados por fantasmas. Escolhi *Coração Assombrado* como título desta biografia porque está claro que a infância de Stephen King marcou de forma indelével, tanto para o bem como para o não tão bem assim.

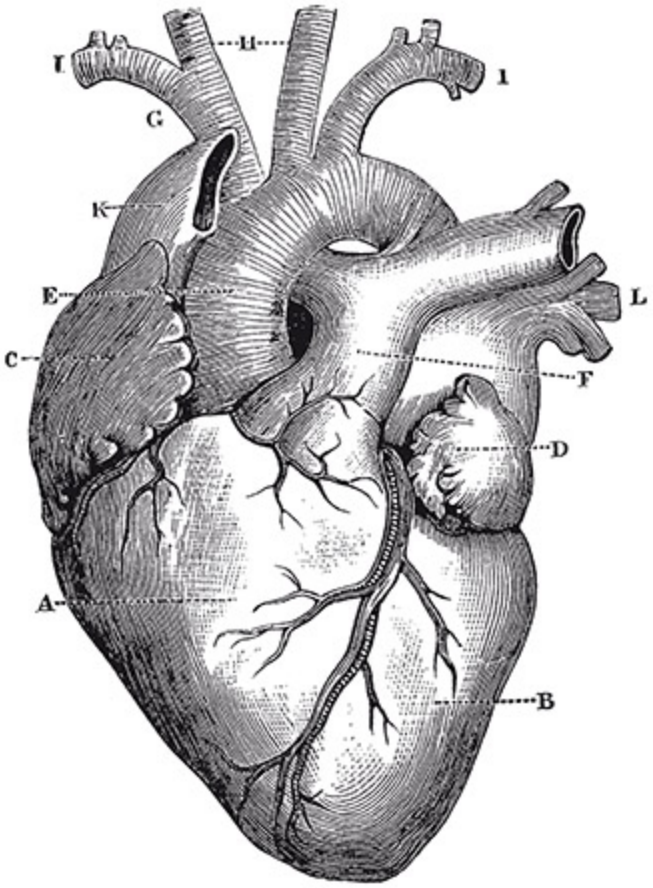
Em uma entrevista à rede britânica BBC, ao falar sobre seu pai e sobre crescer sem ele, Steve começou com um tom de irritação, de desafio, como se dissesse: “Por que estamos falando disso? Eu *já* superei, e foi há décadas”. Assim que ele engrenou, porém, as coisas ficaram dolorosamente íntimas, revelando o garoto sofrido e impertinente que ainda existe logo abaixo da superfície de Stephen King. Na sua infância, os outros garotos tinham pai, ele não, explicou. Havia parentes homens por perto, claro, mas não era a mesma coisa. *Nunca* seria a mesma coisa.

“Ao menos o pai em *The Shining* (*O Iluminado*) estava lá, ainda que ele fosse mau”, afirmou. “Para mim, havia um vácuo que não era nem bom nem ruim, apenas um lugar vazio.” Nesse momento, seu rosto se contraiu um pouco, ele distraidamente passou a mão nos cabelos e desviou o olhar da câmera, que continuou focada nele ainda por um ou dois segundos antes de cortar abruptamente a imagem.

Em resumo, Stephen King nunca superou o sentimento de abandono na infância e nunca deixou de ser uma criança permanentemente assombrada pela ausência de seu pai. Isso é algo que nunca mudará. Afetou toda sua vida, da infância e do casamento a seus livros. *Especialmente* seus livros.

Tenha isso em mente enquanto estiver lendo este livro e os romances de Steve, e isso permitirá a você uma compreensão muito maior do homem e do mundo que ele criou.

Fig. 66



STEPHEN KING

CAPÍTULO I

O APRENDIZ

Diz-se que Stephen King nunca deveria ter nascido.

Sua mãe, Nellie Ruth Pillsbury, que preferia usar seu nome do meio, casou-se com um capitão da marinha mercante chamado Donald Edwin King em 23 de julho de 1939, em Scarborough, no Maine. Mas, com as frequentes e demoradas ausências de Donald devido ao início da guerra, o casamento começou a enfrentar intempéries.

Os médicos disseram a Ruth que não poderia ter filhos, então os King fizeram o que muitos casais supostamente estéreis faziam: se candidataram a adotar uma criança.

David Victor foi adotado logo depois de seu nascimento em Portland, no Maine, em 14 de setembro de 1945, um mês após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Apesar do diagnóstico de esterilidade, no inverno de 1947 Ruth descobriu que estava grávida. Stephen Edwin King nasceu no dia 21 de setembro de 1947, exatos dois anos depois de a adoção de David ser formalizada. Ele compartilha o aniversário com H.G. Wells, autor de clássicos da ficção científica como *A Guerra dos Mundos* (1898), que nasceu 81 anos antes.

Nellie Ruth Pillsbury nasceu em 3 de fevereiro de mil novecentos e treze, em Scarborough, a quarta dos oito filhos de Guy Herbert e Nellie Weston Fogg Pillsbury. Ruth tinha raízes firmes na pequena cidade costeira onde nasceu. Seu trisavô, Jonathan Pillsbury, foi para a cidade pouco antes de 1790, logo após o fim da Revolução Americana,[13] casou com uma mulher da região e

criou uma família. Os ancestrais de Ruth eram proprietários de terras, foram fazendeiros e construíram casas e navios em Scarborough por gerações. A família vivia em Prouts Neck, uma península a quinze minutos de carro de Portland, e suas casas pertenciam tanto a veranistas quanto à população local cujas raízes remontavam a várias gerações. Quando menina, Ruth vivia cercada por irmãos, primos, tias, tios e avós. O pintor Winslow Homer, que morreu em 1910, teve um ateliê perto da casa de Guy Pillsbury.

No século XIX, Scarborough foi uma ativa cidade portuária. Além do cultivo, as atividades locais incluíam pesca e construção de navios. Em 1877 foi construído um dique para controlar o transbordamento dos pântanos, mas isso acabou mudando a paisagem em torno de Scarborough de um porto para um brejo salino.

A cidade se recuperou e se tornou um destino popular de veraneio no início dos anos 1900, quando um serviço regular de bondes trouxe turistas de Boston e Nova York. Surgiram restaurantes à beira-mar, hotéis e pensões. A maior parte da população trabalhava na indústria do turismo, aí incluído um hotel conhecido como Pillsbury House, administrado por alguns parentes de Ruth entre 1915 e 1932. No início dos anos 1900, o pai de Ruth, Guy, complementava sua renda de carpinteiro levando turistas da estação para os hotéis em um carruagem puxado por cavalos.

Nellie, a mãe de Ruth, trabalhara como professora antes de casar, e toda a família Pillsbury dava muita importância à educação, musical inclusive, das crianças. Os filhos de Ruth manteriam a tradição e frequentariam as universidades de Bowdoin, Northeastern e Emerson.

Em 1931, a Depressão pós-Crise de 1929 estava profundamente arraigada no Maine. Os habitantes da área estavam acostumados a se virar com o que tinham, mas a Depressão reduziu ainda mais os recursos das famílias, já que menos turistas podiam se dar ao luxo de pagar uma viagem de férias. Guy Pillsbury tinha a casa cheia: sua filha mais velha, Mary, de 23 anos, ainda vivia em casa, assim como os outros filhos, Mollie, Lois, Mary, Guy Jr., Carolyn, Ethelyn e Ruth. Era hora de algum deles partir. Ruth estava mais do que contente em partir para ver o mundo.

Depois de sua infância idílica, Ruth estudou piano no Conservatório da Nova Inglaterra, em Boston, por algum tempo. Pouco se sabe da vida dela durante a Depressão, mas é óbvio que não foi nada fácil.

Não muito tempo depois de deixar Scarborough em 1931, Ruth se casou, mas o relacionamento rapidamente azedou e ela pediu o divórcio. Nos anos

trinta do século XX, o divórcio era raro nos Estados Unidos, e muitos homens automaticamente viam uma mulher divorciada como mercadoria estragada. Alguns anos depois, ela conheceu Donald Edwin King, que havido nascido em 11 de março de 1914, filho de William R. e Helen A. Bowden King, na cidade de Peru, estado de Indiana, e a história de Ruth como mulher divorciada não parecia incomodá-lo.

Ruth e Don se casaram em 23 de julho de 1939, em Scarborough, na presença da família dela. Logo depois do casamento, o casal se mudou para Chicago, para viver com a família de Donald na avenida Belle Plaine, 4815. A empolgação da lua de mel rapidamente esmoreceu, com Ruth saudosa de seu Maine. Ela ficava sozinha com frequência, enquanto Donald viajava pelo mundo com a marinha mercante.

Nos seis anos seguintes, o casal se mudou diversas vezes. Depois de passar um par de anos em Chicago, eles foram para Terrace Place, 17, em Croton-on-Hudson, ao norte da cidade de Nova York. Mas Don partiu mais uma vez, deixando Ruth se virar sozinha por alguns anos enquanto seu marido fazia visitas esporádicas.

Ela tratou a situação como corriqueira e decidiu tentar uma carreira na música. Todos os domingos pela manhã ela ia para o Rockfeller Center, em Manhattan, para tocar órgão em um programa de rádio chamado *The Church Today* na rede NBC, uma emissão semanal de um culto protestante tradicional. Se Donald era contra a carreira de sua esposa, isso não a impediu. Afinal, Ruth era uma mulher obstinada. Além do mais, ele nunca ficava muito tempo por perto para se incomodar.

Quando ficou claro que a Segunda Guerra Mundial logo acabaria, os King voltaram para o Maine e Donald deixou de lado sua vida sem amarras. O casal entrou em uma trégua inquieta em sua modesta casa em Scarborough, a uma hora de carro dos parentes de Ruth, em Durham. Ruth nunca aprendera a dirigir e dependia do marido para se deslocar. Ele não ligava para a família dela, então as visitas eram raras. A infelicidade do casal aumentou.

Donald começou a trabalhar como vendedor em Portland, indo de porta em porta tentando empurrar aspiradores Electrolux para donas de casa que estavam começando uma família e lares felizes, à medida que as pessoas entravam no início do *baby boom* do pós-guerra.[14] Saber que ele passaria todas as noites na mesma casa, com a mesma mulher, não ajudou em nada a mitigar a inquietação à qual Donald dera vazão nos anos em que errou pelo mundo, em missões no mar que duravam meses. “Como minha mãe me

contou, ele era o único homem da equipe de vendas que frequentemente mostrava aspiradores de pó para belas viúvas às duas da manhã", disse Steve anos depois. "Ele era um conquistador, segundo minha mãe. De qualquer forma, ele era um homem irrequieto, um viajante, como diz a canção.[15] Acho que ele encontrava encrenca fácil."

Nem um filho adotado nem um biológico poderiam manter Donald com sua família. Ele estava preso em um lugar do qual não gostava, com uma família que não necessariamente queria. E as donas de casa que o convidavam a entrar em seus lares por razões outras que o aspirador de pó também não podiam segurá-lo. Ele sentia falta das aventuras na estrada e no mar e de acordar pela manhã – ou no meio da noite – sem nunca saber que inimigos enfrentaria.

Então uma noite, quando Steve tinha acabado de fazer dois anos, Donald disse despreocupadamente a sua esposa que ia sair para comprar cigarros. Ele saiu pela porta e continuou andando. Nunca o viram de novo. O drama de sua partida seria um clichê cômico se não fosse pelo estrago permanente causado a todos os membros da família King.

Ruth era uma habitante típica do Maine, desembaraçada, modesta e prática por natureza. Depois que seu marido se foi, ela pegou seus dois filhos, engoliu seu orgulho e contou com seus parentes, bem como com os de Donald, em Chicago, para tomar conta dos meninos enquanto procurava emprego para sustentá-los. Empregos estáveis para uma pianista divorciada e abandonada com duas crianças pequenas não eram abundantes, mesmo durante o grande boom econômico dos anos pós-guerra, então ela aceitou o que aparecia, na maior parte das vezes empregos serviçais, como zeladora e atendente de padaria.

A pequena família King ficaria no quarto da casa de uma tia ou prima, até que Ruth achasse que estas já estavam aborrecidas, então eles se mudariam para a casa de outro parente solidário com um cômodo sobrando. Suas perambulações os levaram muito além do Maine. Nos primeiros quatro anos após a partida de Donald, enquanto Stephen passava dos dois aos seis anos, eles viveram em Chicago; Fort Wayne, em Indiana; Malden, Massachusetts; e West De Pere, Wisconsin.

Algumas vezes, para grande consternação de Ruth, ela tinha de dividir a família. Certa feita, Steve ficou com a irmã mais nova de Ruth, Ethelyn, e o marido desta, Oren Flaws, em West Durham, no Maine, enquanto David ficou com outra irmã, Mollie, em Malden, Massachusetts.

Ruth King raramente permitia que seus filhos percebessem seu abatimento frente à pobreza e às mudanças constantes. Em vez disso, ela lidava com a situação com senso de humor e contando histórias para os pequenos. Tanto seu otimismo como sua capacidade de contar histórias tiveram uma influência duradoura sobre Steve.

Os garotos normalmente dividiam o quarto, às vezes a cama, e tinham de usar roupas puídas e brinquedos quebrados herdados de primos que muitas vezes se ressentiam da atenção que Steve e David recebiam. Em meio a essa agitação, e com alguns parentes que visivelmente não estavam felizes em ter uma dupla de garotos estorvando, os dois meninos rapidamente aprenderam a tomar conta um do outro, encontrando um refúgio confortável nos livros. Eles sempre liam um para o outro. Quando Ruth voltava do trabalho, ela os interrogava para ter certeza de que haviam lido durante toda a sua ausência.

Muitos anos depois, Steve contou uma história sobre quando tinha quatro anos e estava brincando na rua com um amigo que vivia perto de uma linha de trem. Ele deveria esperar ser buscado ou chamar Ruth quando quisesse voltar para casa, mas em vez disso ele voltou uma hora depois, visivelmente em choque, branco feito papel.

Enquanto eles brincavam, o amigo de Steve subiu nos trilhos e foi atingido por um trem de carga. “Minha mãe disse que eles reuniram os pedaços dele em uma cesta de palha”, contou. “Minha mãe nunca soube se eu estava perto dele, e não tenho qualquer recordação do incidente, apenas de me terem contado alguns anos depois.”

As constantes mudanças de endereço da família continuaram. Quando Steve estava no jardim de infância, Ruth pegou os meninos e foi viver com a família de Donald em Chicago por algum tempo. Isso era algo novo, uma ligação verdadeira com o pai de Steve. Durante todas as suas mudanças, Steve e Dave aprenderam a ficar calados perto de adultos, mas isso se tornou particularmente importante quando eles ficaram com a vovó Spansky, a mãe de Donald. Steve se comportava ainda melhor perto dela por dois motivos.

Primeiro, se ele ficasse de boca fechada e apenas escutasse, talvez ouvisse alguma coisa sobre o porquê de seu pai ter ido embora. Afinal, ela era a mãe de Donald, ela *tinha* de saber o que acontecera com ele. Mas se ela conhecia o paradeiro de seu filho, não contava.

Em segundo lugar, ela não se parecia nem um pouco com os parentes de sua mãe no Maine, que eram reservados, quietos e evitavam assuntos incômodos e difíceis. Vovó Spansky lembrava a Steve as bruxas malvadas

das histórias que ele e Dave liam um para o outro. “Ela era uma mulher grande, corpulenta, que tanto me fascinava como me repelia”, afirmou ele. “Ainda posso vê-la tagarelando como uma bruxa velha com suas gengivas desdentadas. Ela fritava um pedaço enorme de pão na gordura do bacon em um fogão antigo, para depois engolir tudo, gargalhando: ‘Nossa, como está *crocante*!’”

Depois que eles saíram da casa da vovó Spansky, foram para West De Pere, Wisconsin, viver com Cal, irmã de Ruth, por algum tempo, e de lá para Fort Wayne, Indiana, ficar com Betty, irmã de Don, por alguns meses até encontrar um apartamento próprio perto dali. Mas Steve já sabia que isso não ia durar. Ou eles seriam despejados – uma vez foram expulsos de um apartamento depois de a babá dormir e um vizinho ver Steve engatinhando no telhado do prédio – ou o sentimento de acolhida se encerraria e as irmãs acabariam gastando interurbanos para ver quem ficaria com Ruth e os meninos dessa vez. Logo seria hora de mudar de novo.

Quando Stephen tinha seis anos, Ruth e seus filhos se mudaram para a casa de sua irmã Lois em Stratford, Connecticut. Finalmente, parecia que a sorte de Ruth estava começando a mudar. Depois de trabalhar por alguns meses, ela tinha economizado dinheiro suficiente para alugar um apartamento só para eles perto dali.

Assim que Steve começou a frequentar a escola, ele era sempre o garoto novo da turma, às vezes mais de uma vez no mesmo ano. Mas ele rapidamente aprendeu a lidar com isso. Se um de seus colegas começasse a pegar no seu pé, isso logo acabava; Steve combinava inteligência e humor para mansamente desarmar seus colegas de classe – sempre de maneira gentil, pois ele sabia o que era ser alvo de grosserias e que estas só faziam aumentar o ódio pelo torturador – bem como seus professores, e então ele raramente tinha problemas.

Mas, desde o início, a saúde de Steve era frágil. Fosse pelo estresse das constantes mudanças ou pelo fato de viver na pobreza, ele passou a maior parte da primeira série escolar em casa, preso na cama. Primeiro ele teve sarampo, depois infecção bacteriana na garganta, que passou para os ouvidos. Ele acabou com uma terrível infecção nos ouvidos que nenhum antibiótico conseguia curar.

Para combater o tédio em casa, ele devorava todos os livros que caíam em suas mãos, incluindo um vasto sortimento de gibis, mas também começou a criar suas próprias histórias. Um dia ele copiou as palavras dos balões de

uma revista em quadrinhos em um bloco, acrescentando algumas descrições sobre o cenário ou a personalidade de um personagem sempre que achasse necessário. Ele mostrou para sua mãe, que leu e o cobriu de elogios, até que acabou admitindo que ele realmente não havia escrito tudo e a maior parte era copiado.

Um lampejo de decepção passou no rosto dela. Ela lhe disse que aqueles gibis eram muito repetitivos. "Ele está sempre quebrando os dentes de alguém. Aposto que você pode fazer melhor. Escreva uma história sua."

Steve imediatamente pôs mãos à obra, escrevinhando uma história chamada "A Artimanha do Sr. Coelho", sobre um coelho branco que circulava pela cidade com três amigos animais procurando crianças em apuros para socorrer. Quando ele mostrou a Ruth, a primeira pergunta que ela fez foi se ele mesmo tinha escrito a história. Ele disse que sim. Ela disse que era boa o bastante para estar em um livro, e ele ficou tão animado com a aprovação dela que sentou e escreveu mais quatro histórias sobre o coelho e seus amigos. Ela as leu, rindo nas horas certas, e então deu a Steve 25 centavos de dólar por cada história.

Foi a primeira grana que ele ganhou como escritor.

Quando ele ficava absorto escrevendo, esquecia que estava doente. Mas, apesar de suas histórias o fazerem sentir-se melhor, elas não serviam para acabar com a infecção. Ruth o levou a um otorrino que recomendou espetar uma agulha esterilizada no tímpano a fim de retirar o líquido do ouvido interno, para que a infecção melhorasse. O médico pediu ao menino que deitasse na mesa de exames e ficasse quieto. E assegurou a Steve que não iria doer. "A dor foi maior do que tudo que eu jamais sentira", escreveu ele anos depois. Ele gritava e chorava, lágrimas escorrendo por seu rosto. Mas, o mais importante, absorveu o fato de que o médico mentira para ele.

Ele voltou ao consultório uma semana depois, e mais uma vez o médico disse que não iria doer. "Na segunda vez eu quase acreditei", afirmou. Mas ele foi novamente enganado. Na terceira vez, quando a mentira foi repetida, Steve chutou e se debateu na mesa, já imaginando a dor lancinante prestes a acontecer. E, para piorar, o médico nunca acertava seu nome, chamando-o de Robert em vez de Steve.

"Na minha cabeça aterrorizada de criança, eu pensava 'É claro que vai doer! Você está mentindo até sobre o meu nome!'"

Assim que seus ouvidos ficaram limpos, foi a vez de as amígdalas inflamarem. Depois que estas foram retiradas, ele melhorou e nunca mais

teve de encarar um médico com uma agulha apontada para seus ouvidos. Mas Steve havia perdido tantas aulas que teve de repetir a primeira série. Para aumentar sua humilhação, naquele mesmo ano seu irmão, Dave, foi tão bem que lhe foi permitido pular a quarta série.

Depois que o pai de Steve se foi, a única referência que qualquer pessoa na família fazia a Donald era com uma espécie de taquigrafia: ele ficou conhecido como Papai Foi,[16] abreviação de Papai Foi Embora.

"Era como se ele fosse uma não pessoa", disse Steve. Sempre que Ruth tinha de deixar Dave e Steve com diversos parentes, os meninos ocasionalmente percebiam uma prima ou uma tia cochichando entre si que ela tinha tido um colapso nervoso e que só iria melhorar se ficasse sozinha por algum tempo em um lugar tranquilo. A verdade era simplesmente que Ruth estava trabalhando em dois ou três lugares para pagar as dívidas que Donald havia acumulado durante o casamento.

Apesar de ela ter desejado que os garotos nunca percebessem, Ruth os fez participar de uma espécie de conspiração antes que eles começassem o ensino básico. Nos anos 1950, um marido deixar a esposa, ou pedir o divórcio, era o cúmulo da vergonha, especialmente em uma cidade pequena, onde os vizinhos iriam fofocar sobre o verdadeiro motivo para isso e, claro, colocar a culpa na mulher. Somente uma viúva podia manter sua cabeça erguida.

Então Ruth pegou seus meninos de lado e lhes ensinou o que dizer se alguém perguntasse por seu pai: "Digam que ele está na Marinha".

"Tínhamos vergonha por não ter um pai", disse King. "Acho que minha mãe ficava profundamente envergonhada de ter sido abandonada com dois meninos quando suas irmãs continuavam com seus maridos."

Em um dado momento Ruth arrumou emprego no turno da meia-noite em uma padaria. Ao voltar da escola, seus filhos tinham de andar na ponta dos pés para que ela pudesse dormir. Sobremesas, antes uma raridade, agora surgiam na forma de biscoitos quebrados que ela trazia da padaria.

Ruth não tinha tempo nem energia para disciplinar seus filhos – ela esperava que David ajudasse a criar seu irmão mais novo. Mas quando Steve começou a se interessar por ficção científica e gibis de horror, ela lhe manifestou sua desaprovação, apesar de nunca ter dito a nenhum de seus filhos um não direto. Em vez disso, preferia deixar que eles tomassem suas próprias decisões e com isso, talvez, aprender uma lição.

Ela não permitia que Steve ouvisse os programas de rádio com as histórias de ficção científica de Ray Bradbury, mas ele conseguia escutá-las de qualquer maneira em seu quarto, por meio da grade da ventilação, enquanto sua mãe ouvia o rádio à noite, quando ele deveria estar dormindo. Só que ele acabava apavorado e não conseguia dormir em sua cama, indo se alojar embaixo da cama de seu irmão.

À medida que seu apetite por livros crescia, alguns começaram a deixar uma forte influência nele. Quando leu *The 500 Hats of Bartholomew Cubbins* (1938), do dr. Seuss,[17] Steve compreendeu que, com frequência, coisas estranhas podiam acontecer com pessoas comuns, sem qualquer razão específica.

Ele adorava as revistas de histórias em quadrinhos da série *Castle of Frankenstein* e comprava as novas edições assim que chegavam às bancas.

Steve e seu irmão descobriram a EC Comics,[18] sigla para Entertaining Comics, em meados dos anos 1950. Os garotos adoravam os fantasmas, zumbis e demônios apresentados nas revistas bimestrais *Tales from the Crypt*, *The Vault of Horror* e *The Crypt of Terror*. O editor da EC Comics era Bill Gaines, que criaria um novo tipo de revista em 1956 com a *MAD*. Os narradores das revistas da EC normalmente começavam a história com um "Querido leitor". Isso encontraria eco depois no trabalho de Steve, com o uso da saudação "Fiel leitor" em seus contos e romances.

"Uma das minhas histórias prediletas era de um time de beisebol que estripava os vilões e marcava as bases com seus intestinos", contou Steve. "Eles usavam uma cabeça como bola, e um olho saltava quando ela era acertada com o bastão."

Apesar de Ruth ser tolerante com a escolha das leituras de seu filho, ela detestava os gibis da EC Comics e acabou batendo o pé quando ele começou a acordar no meio da noite gritando por causa dos pesadelos. Ela confiscou todas as revistas de Steve e se recusou a devolvê-las, então ele comprou outras e escondeu-as embaixo de sua cama. Quando ela descobriu, perguntou por que ele desperdiçava seu tempo com aquele lixo. "Algum dia, eu vou escrever esse lixo", ele respondeu.

Além de ler gibis e escrever histórias, Steve adorava filmes. Quando morava em Connecticut, ele assistiu ao programa de televisão *Million Dollar Movie* o máximo que pôde. Este consistia em um filme em preto e branco, normalmente da década de 1940, que era reprisado todas as noites durante uma semana. Steve ficava colado na tela e começou a estudar a estrutura, a

linguagem e os efeitos especiais de cada filme, e começou a aplicar as lições aprendidas àquilo que escrevia. “Comecei a ver as coisas enquanto escrevia, em um quadro, como uma tela de cinema”, afirmou.

Ele também viu *A Cova da Serpente*, um filme de 1948 estrelado por Olivia de Havilland, sobre uma mulher que está em um hospício, mas não sabe como foi parar lá e, em consequência, acaba enlouquecendo. Anos depois a esposa de Steve, Tabby, disse que o filme teria tido um efeito duradouro nele: “Acho que ele foi influenciado pela crença de que é fácil enlouquecer”.

Steve concordou: “Quando era garoto, eu me preocupava muito com minha sanidade”.

Ele também ia ao cinema sempre que podia. Adorava especialmente os filmes B de horror, como *I Was a Teenage Werewolf* (1957) e *I Was a Teenage Frankenstein* (1957), bem como filmes toscos de ficção científica, como *A Invasão dos Discos Voadores* (1956) e *O Monstro da Lagoa Negra* (1954).

Ainda que algumas pessoas gostem de ver filmes de horror só por serem um lixo, já naquela época Steve não negava ficar completamente apavorado por esses filmes, apesar de continuar querendo ver mais. “Eu *gostava* de ficar assustado, gostava de abrir mão do controle emocional”, explicou. “Fui criado em uma família em que isso era algo realmente importante. Você não devia mostrar que estava com medo, não devia mostrar que estava sofrendo, assustado ou triste.”

“Tinha-se em alta conta a atitude de calar seus sentimentos – mantendo a aparência agradável –, dizendo ‘Por favor’ e ‘Obrigado’, e usando seu lenço mesmo se você está no Titanic em pleno naufrágio, porque é assim que você deve se comportar.”

Mesmo completamente apavorado com os filmes, ele também estava estudando seus efeitos técnicos. “Eu me tornei mais exigente na minha capacidade de observar os efeitos especiais, mesmo que meu gosto não tenha necessariamente se apurado”, afirmou. “Até quando o disco voador parecia um filtro de cigarro com um estalinho aceso, para mim parecia real porque eu era muito novo e impressionável.”

Mas ele não era muito seletivo em seu gosto cinematográfico, também adorava filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, como *Até o Último Homem* (1950), *Iwo Jima – O Portal da Glória* (1949) e *Gung Ho!* (1943).

Mas, na verdade, o primeiro filme que o deixou aterrorizado nem era de horror, mas de Walt Disney. Depois de ter visto *Bambi*, em 1955, a cena do incêndio na floresta provocou pesadelos durante semanas.

Nem só os filmes o deixavam apavorado; as coisas comuns do dia a dia também o assustavam muito.

Talvez o maior medo de Steve fosse o que aconteceria com ele e seu irmão se Ruth adoecesse e não pudesse cuidar deles. Ou pior. Era óbvio que os parentes não queriam crianças. Steve pensava que ele e Dave acabariam em lares temporários ou em algum lugar como o hospício de *A Cova da Serpente*.

Steve estava descobrindo que o mundo era um lugar assustador – tanto o mundo verdadeiro como o do faz de conta – e, em consequência disso, seus medos estavam começando a crescer exponencialmente. Ele tinha medo de aranhas, de cair na privada, de garotos mais velhos, de o-que-aconteceria-se-sua-mãe-também-fosse-embora-de-repente, de tudo. Ele tinha medo de morrer antes de completar vinte anos. Ele também tinha medo de palhaços. "Quando eu era garoto, vi outras crianças chorarem por causa de palhaços também", afirmou. "Para mim há algo assustador, algo sinistro em tal figura de alegria e diversão poder ser má."

Ruth também teve sua parcela de contribuição para os medos do filho. "Uma das razões de eu ter sido tão bem-sucedido foi ter sido criado por uma mulher que se preocupava o tempo todo", disse ele. "Ela me dizia para colocar minhas galochas senão eu iria pegar pneumonia e morrer."

Mas ainda nos anos 1950 surgiram algumas genuínas razões para se ter medo, incluindo uma epidemia de pólio para a qual não havia vacina. A maioria das pessoas evitava frequentar as piscinas públicas por medo de contaminação. E havia os russos. A ansiedade geral com relação aos comunistas penetrava toda a cultura norte-americana. E o medo de ter uma bomba atômica jogada sobre sua cidade era amplificado a cada treino de bombardeio nas escolas, quando as crianças eram ensinadas a se esconderem embaixo de suas carteiras como proteção.

Numa tarde de sábado em outubro de 1957, Steve estava na matinê quando de repente a tela do cinema escureceu. O público começou a vaiar, achando que o rolo do filme rompera ou que o projecionista havia cometido um engano, mas as luzes se acenderam e o gerente do cinema se dirigiu à frente da tela. "Ele subiu no palco e, com uma voz trêmula, informou-nos de que os russos haviam lançado um satélite na órbita da Terra chamado

Sputnik”, contou King. Supunha-se que os Estados Unidos eram os líderes em tudo – força militar e tecnologia, entre outras coisas –, então, quando os russos assumiram a dianteira, o país sentiu isso como um soco no estômago.

Além de alertar Steve e Dave sobre os riscos de pegar uma gripe, Ruth King gostava de dar conselhos a seus filhos por meio de ditados como “Você nunca vai ser enforcado por conta da sua beleza” e “Você precisa disso como uma galinha precisa de uma bandeira”. Depois de um dia especialmente desagradável no trabalho, ela alertaria seus filhos para “torcerem pelo melhor e esperarem o pior”.

Apesar de Steve ignorar parte dos ditados, dois causaram um profundo efeito nele, ainda que com certa variação: “Se você imaginar o pior, este não pode acontecer” e “Se você não tem nada de bom para dizer, então fique de boca fechada”.

Felizmente, Ruth nunca disse que ele não deveria *escrever* coisas que não fossem boas.

Durante toda a sua infância, Steve continuou a escrever e Ruth a pagar-lhe 25 centavos de dólar por cada história. Ele escreveu sua primeira história de horror aos sete anos. Passar quase todos os sábados, domingos e noites durante a semana sentado de queixo caído à frente de uma tela de cinema havia começado a fazer efeito sobre os assuntos que ele escolhia.

“Eu havia interiorizado a ideia dos filmes de que, quando tudo parecia o pior possível, os cientistas chegariam com uma solução completamente louca que resolveria as coisas”, afirmou. Então ele escreveu uma história sobre um dinossauro que estava causando um bocado de destruição, quando então um cientista aparece com uma ideia. “Ele disse: ‘Esperem, eu tenho uma teoria – os antigos dinossauros tinham alergia a couro’. Então eles começaram a atirar botas, sapatos e casacos de couro no bicho, e ele foi embora.”

No entanto, todos os filmes, gibis e contos de horror que Steve devorava tinham um lado negativo: com frequência, causavam pesadelos. “Minha imaginação era grande demais para a minha mente naquele momento, então eu passei um bocado de horas infelizes”, ele disse. “Com o tipo de imaginação que eu tinha, não era possível desligar as imagens assim que elas tinham sido disparadas, então eu via minha mãe deitada em um caixão de mogno forrado de seda branca e com alças de bronze, seu rosto de morta vazio e com aspecto de cera. Eu ouvia o réquiem tocado no órgão ao fundo,

e então me via sendo arrastado para alguma casa de trabalhos forçados, saída da obra de Charles Dickens, por alguma velha má vestida de preto."

Aos oito anos, ele teve um sonho em que viu o corpo de um homem enforcado pendendo de um cadafalso no topo de uma colina. "Quando o vento fez com que o cadáver se virasse, vi que era meu próprio rosto, apodrecido e bicado pelos pássaros, mas visivelmente meu. Então o cadáver abriu seus olhos e olhou para mim."

Ele acordou gritando e não conseguia parar. "Não apenas fui incapaz de voltar a dormir durante horas depois daquilo, mas fiquei com muito medo de apagar as luzes durante semanas. Ainda posso ver a cena hoje tão claramente como no dia em que aconteceu."

Em 1958, Ruth levou a família de Connecticut para West Durham, no Maine, uma pequena cidade a cerca de 48 quilômetros de Scarborough, de maneira que ela pudesse tomar conta de seus pais enfermos, ambos na casa dos oitenta anos.

Foi ideia de suas irmãs. O arranjo previa que elas dessem a Ruth comida e um lugar, uma casa de fazenda velha e frágil, com a latrina do lado de fora. Steve, Dave e Ruth ficariam na casa e receberiam alimentos em troca de cuidar de Mama e Papa Guy, como eram chamados, que estavam começando a ter dificuldades para tomar conta de si próprios. A irmã de Ruth, Ethelyn, e o marido desta, Oren Flaws, também viviam perto.

Ruth aceitou a oferta, e os três se instalaram em West Durham, em um bairro perto de Runaround Pond, que Steve mais tarde descreveu como constituído por "quatro famílias e um cemitério".

Assim que a família se instalou, Steve descobriu que estava cercado de parentes e de histórias, exageros e fofocas de família, característicos das cidades pequenas – aí incluídas algumas boas histórias de fantasmas. Escutando as lendas e os rumores, ele descobriu que as pessoas gostavam de inventar verdades onde não havia. Foi uma lição valiosa para um escritor em formação.

Ruth vinha de uma longa linhagem de metodistas, então seus filhos obedientemente iam aos cultos e às aulas sobre a Bíblia várias vezes por semana na minúscula igreja metodista, de duzentos anos de idade, que ficava ao lado de casa.

Menos de vinte famílias iam àquela igreja, então a paróquia não tinha fundos para manter um pastor em tempo integral. A igreja dependia dos membros da congregação para comandar os custos e fazer os sermões, uma

seleção rotativa que ocasionalmente incluía Steve, apesar de várias vezes por ano, quando estavam se sentindo endinheirados, os paroquianos convidarem um pastor itinerante para conduzir os cultos.

Em uma das paredes do salão paroquial havia um pôster com as palavras METODISTAS DIZEM NÃO, OBRIGADO. Na escola dominical, as crianças obedientemente aprendiam os versículos da Bíblia, recitando-os de cor. Como recompensa por seus esforços, recebiam crucifixos simples em miniatura, que pintavam como queriam, decidindo por conta própria se colocariam ou não as chagas sangrentas nas mãos e nos pés.

"Eu ouvia muito falar em fogo e enxofre quando era criança", disse Steve. "Parte de mim sempre será aquele menino metodista a quem diziam que você não se salva apenas pelas obras, e que o fogo do inferno durava muito." Uma história que ele ouviu sobre a vida após a morte falava de uma pomba que voa para uma montanha feita de ferro para esfregar seu bico no metal a cada mil anos, e que o tempo que levou para a erosão da montanha é o equivalente ao primeiro segundo no inferno. "Quando se tem seis ou sete anos, esse tipo de coisa fica preso em sua mente", afirmou, prontamente admitindo que as imagens da igreja tiveram forte influência em seus contos e romances.

Stephen fez a quinta e a sexta séries na Center Grammar School, uma escola com apenas uma sala a alguns passos de sua casa. Como ele havia repetido a primeira série, não apenas era o maior garoto da turma como o mais velho. Apesar das doenças de sua infância, aos doze anos ele havia atingido a altura de um metro e oitenta.

West Durham era tão pequena que nem tinha uma biblioteca, mas uma vez por semana o governo estadual mandava o Livromóvel, uma biblioteca ambulante em uma grande van verde, à cidade. Para Steve, foi uma grande melhora em relação à biblioteca de Stratford, Connecticut, onde lhe era permitido apenas pegar livros da seção infantil, na maior parte das vezes livros como as aventuras de Nancy Drew e dos Hardy Boys.[19] Com o Livromóvel, as pessoas podiam retirar até três livros por semana, e as crianças podiam pegar exemplares da seção de adultos. Ao vasculhar as prateleiras dos livros adultos, Steve descobriu vários romances policiais de Ed McBain.[20] Logo no início do primeiro livro que ele levou para casa havia a descrição de uma cena com policiais interrogando uma mulher que abre a porta de seu apartamento em um cortiço usando apenas uma calcinha.

Os policiais se viram e pedem que ela se vista, mas ela empurra seus seios na direção deles e fala “No seu olho, meganha!”

“Algo imediatamente se acendeu em minha cabeça”, disse Steve. “Pensei, isso é real, poderia ter realmente acontecido, e foi o fim dos Hardy Boys e de toda a ficção juvenil para mim.”

A partir de McBain, ele progrediu para Edgar Allan Poe e John D. MacDonald, passando por todos os clássicos de horror, crime e ficção. Logo ele se tornou o primeiro da fila quando o Livromóvel voltava para a cidade.

Por quase uma década, os King viveram com pouquíssimo dinheiro, subsistindo de escambo e qualquer coisa que seus parentes pudessem ceder – um saco de compras de mercado aqui e algumas roupas de segunda mão acolá. No verão, o poço da fazenda inevitavelmente secava e eles tinham de buscar água na casa de Ethelyn, a um quilômetro e meio dali. A casa onde viviam não tinha nem banheira nem chuveiro, então no inverno os meninos tinham de tomar banho na casa de sua tia e voltar para casa andando na neve, com seus corpos ainda fumegando do banho quente.

Mais tarde, Steve iria comparar a vida deles à de um meeiro, na qual sua mãe trabalhava horas em excesso por um salário ínfimo. “Foram anos muito infelizes para minha mãe”, afirmou. “Ela não tinha dinheiro e estava sempre trabalhando. Minha avó estava totalmente senil e sofria de incontinência urinária.” Ruth usava uma velha máquina de lavar com rolos para espremer a água da roupa, e depois que pendurava as fraldas no varal no inverno, suas mãos começavam a sangrar porque a combinação de lixívia e água fria ressecava sua pele. Ela ainda não tinha aprendido a dirigir, então dependia sempre dos outros para a levarem de um lugar a outro.

Uma intimidade nada espetacular com a morte, nada familiar à maioria dos americanos, também caracterizou os anos de formação de Stephen. Isso se mostrou especialmente verdadeiro quando os King voltaram para Durham. No Maine rural dos anos 1950 e 1960, as famílias ainda lidavam com os mortos em suas casas, em vez de contarem com uma funerária. Além disso, a maioria dos habitantes da região não tinha recursos para pagar um agente funerário. Steve viu diversos cadáveres – a maior parte, parentes idosos que eram velados nas casas de alguém da família –, bem como o corpo de um homem que morreu afogado em um reservatório em Durham.

No fim dos anos 1950, a saga de Charles Starkweather prendeu a atenção dos americanos. Junto com sua namorada de quatorze anos, Caril Fugate, Starkweather, de dezenove anos, detonou uma onda de violência, matando

onze pessoas nos estados de Nebraska e Wyoming – incluindo a mãe, o padrasto e a irmã de Fugate – em apenas dois meses no inverno no final de 1957. Starkweather foi preso, julgado e executado em 1959, e Fugate foi condenada à prisão perpétua, recebendo a liberdade condicional em 1976.

O jovem Steve ficou fascinado e, ao mesmo tempo, repugnado com o *serial killer*, e começou a fazer um caderno com recortes de jornal sobre os crimes de Starkweather. Ele passava horas sentado, olhando as fotos do assassino condenado, tentando entender onde este errara. Como sempre, Ruth achou que não era um assunto que seu filho de onze anos devesse estar acompanhando com tanta atenção.

"Deus do céu, você é doente", disse ela quando encontrou o caderno. Mas ele explicou a sua mãe que estudava Starkweather para, no caso de encontrar alguém na rua com os mesmos olhos embotados, ser capaz de reconhecer um assassino e ficar longe dele. Mas ele sabia, mesmo naquela tenra idade, que havia algo mais em jogo.

"Há sempre o impulso de ver alguém que não seja você morto", disse ele. "Esse impulso não muda porque a civilização ou a sociedade querem, ele está programado na psique humana, é uma necessidade perfeitamente humana de dizer 'Estou ok', e a maneira pela qual julgo isso é a de que essas pessoas não estão ok."

"Para mim, Charles Starkweather era totalmente vazio. Eu estava examinando o equivalente humano de um buraco negro, e era isso o que realmente me atraía em Starkweather. Não que eu quisesse ser como ele, mas eu queria reconhecê-lo se o visse na rua, para ficar fora de seu caminho. Era possível ver isso em seus olhos, de certo modo. Havia algo que não estava mais lá. Mas também entendi que estava em mim, que estava em um bocado de gente."

Mas existia algo a mais por trás de sua fascinação com Starkweather. "Havia uma vozinha dentro da minha cabeça que dizia 'Você vai escrever sobre gente assim toda a sua vida, então aqui está a linha de partida, VÁ!'"

Aparentemente, a infância de Steve parecia igual à de outros garotos nos anos 1950: ele andava com os amigos, mexia em carros e ouvia rock. O primeiro disco que ele teve foi um 78 rotações de Elvis Presley com "Hound Dog" no lado A e "Don't Be Cruel" no outro. Ele gastou os dois lados da bolacha, ouvindo-a sem parar. "Foi como encontrar algo muito, muito poderoso, como uma droga", afirmou. "Fazia você se sentir maior. Você se tornava durão, mesmo se não fosse."

Mas, assim que se tornou adolescente, ele se destacou por ser um tantinho excêntrico. Por exemplo, ele ia passar a tarde na casa de um amigo e aparecia de chinelos, provavelmente porque tinha tanta coisa na cabeça que se esquecia de colocar os sapatos na hora de sair.

Com frequência, ele se sentia um pária, apesar de cedo ter aprendido a não comentar esse assunto. "Eu guardava essa parte de mim mesmo para mim", afirmou. "Nunca deixei que ninguém visse isso. Eu achava que roubariam minhas ideias se soubessem o que eu pensava sobre determinadas coisas. Não era o mesmo que ficar com vergonha, era mais querer manter isso para mim mesmo, e trabalhar nisso sozinho."

Ele considerou que a única maneira de fazê-lo era escrever sobre o assunto.

Em 1959, David arrumou um velho mimeógrafo, e os dois garotos decidiram publicar um jornalzinho local. Cobrando cinco centavos de dólar, eles escreviam e distribuíam o *Dave's Rag* (*Jornal de Dave*, em tradução literal) para seus vizinhos em West Durham. Dave escrevia notícias sobre pessoas da vizinhança, enquanto Steve escrevia resenhas sobre seus programas de TV prediletos. Boa parte dos vizinhos comprava, mas depois de alguns meses o interesse de Dave no jornal diminuiu.

Steve não ficou muito desapontado, porque isso significava que haveria mais tempo para ele escrever suas próprias histórias, bem como para ler. Em West Durham, Steve começou o que se tornaria um hábito: fazer longas caminhadas à tarde com a cara enfiada em um livro. Tanto Ruth como Dave compartilhavam seu amor pela leitura – era comum ver a família sentada à mesa do jantar, cada um lendo um livro –, mas Steve devorava mais livros que sua mãe e seu irmão juntos. Ele se perdia nas histórias, mas também estava começando a perceber como cada autor as contava e construía o suspense, prendendo a atenção de Steve – ou não – com relação aos personagens. Aprendia algo a cada livro que lia, e simplesmente não se cansava.

Ele ainda começou a escrever tanto quanto lia a cada momento livre; quando não estava na escola ou ajudando sua mãe nas tarefas diárias, estava escrevendo ou lendo.

Quando Ruth comprou para ele uma gigantesca máquina de escrever Underwood de segunda mão, por 35 dólares, ele soube que tinha todo o necessário para dar início a sua carreira de escritor e começou a apresentar suas histórias para as revistas policiais e de mistério que lia há anos. Ele

escrevia depois da escola e nos fins de semana; nas férias de verão, raramente deixava seu quarto no sótão. “Eu ficava lá em cima durante o verão, martelando a máquina de cuecas, com o suor escorrendo”, contou. Ele batia tanto que a letra M quebrou e teve de escrever à mão as letras que faltavam em cada folha dos originais.

Quanto mais escrevia, melhor se sentia. Ele tinha uma maneira de lidar com as imagens e os pensamentos que, sabia, sua família e a sociedade não entenderiam. Suas histórias eram cheias de sangue e violência e impulsos inumanos – como as histórias que ele adorava ler –, mas escrevê-las, colocá-las para fora, era melhor que mantê-las dentro de si.

“Quando criança, Stephen King viu e sentiu demais para sua idade”, disse George Beahm, autor de vários livros sobre King e sua obra. “Pense em quão sensíveis as crianças normalmente são: elas não têm uma ferramenta para editar, filtrar e adotar uma postura crítica em relação à experiência que as cerca. Eu diria que a razão pela qual essas imagens surgem de forma tão poderosa em sua ficção é que, como criança, ele não tinha como filtrar. Tudo simplesmente entrava nele e o afetava profundamente.”

Seu amigo de infância Chris Chesley acredita que o sentido de isolamento de Steve teve um efeito tão forte em sua obra como os filmes que ele viu, os livros que leu e os impulsos homicidas que com frequência sentiu. “Sua mãe trabalhava e seu irmão era mais velho e ficava com os amigos, então Steve passava muito tempo sozinho”, disse Chesley. “Nesse aspecto, ele era bastante diferente de muitos de nós que o conheciam, porque ele ficava mais isolado.”

Ainda que mal tivesse começado a apresentar suas histórias às revistas da época, Steve estava tranquilamente convencido de seu talento e futuro sucesso, mesmo tendo apenas quatorze anos. Chesley sentava com Steve no quarto deste, lendo, escrevendo e fumando. Eles se revezavam na máquina de escrever, um lendo um livro enquanto o outro batucava algumas páginas. Um dia, lembrou Chesley, Steve acabou seu turno na máquina de escrever e olhou para ele com um cigarro no canto da boca.

“Você sabe o que eu vou fazer no meu primeiro sucesso, Chris? Eu vou comprar para mim um Cadillac enorme!” Steve riu, acendeu outro cigarro e voltou para a máquina, ainda que fosse a vez de Chris.

Steve encontrou um parente em Durham que o fez lembrar-se da maneira como vovó Spansky o mantinha enfeitiçado durante horas. Ainda que sua avó o tivesse encantado porque parecia uma bruxa de contos de fada, eram

as histórias de tio Clayton que hipnotizavam o jovem Steve. “Algumas das melhores lorotas naqueles dias foram inventadas por meu tio Clayton, um grande excêntrico que nunca perdeu seu poder infantil de ficar maravilhado”, afirmou. “Tio Clayt colocava a aba de seu chapéu de caça sobre sua juba branca, enrolava um cigarro Bugler com sua mão cheia de manchas senis, acendendo-o com um fósforo Diamond que riscava na sola de sua botina e começava a contar grandes histórias, não apenas sobre fantasmas, mas sobre escândalos e lendas do lugar, leviandades da família, os feitos de Paul Bunyan,[21] tudo que existia no mundo. Eu escutava fascinado aquela fala arrastada do Maine e entrava em outro mundo.”

O tio Clayton, que nem era um parente de verdade, mas um amigo da família, tinha alguns outros talentos que fascinavam Steve. O homem era capaz de seguir uma abelha da flor até a colmeia e sabia como encontrar água usando uma forquilha em forma de Y que apontava um bom lugar para se cavar um poço.

Steve já tinha começado a catalogar as histórias desses parentes ecléticos e excêntricos. Ele sabia que um dia as usaria.

Escrever não apenas ajudava Steve a sobreviver a uma infância perpassada por instabilidade e pobreza. Ele estava começando a usar sua habilidade para definir-se a si próprio. Na época em que Steve tinha quatorze anos, alguns fatos-chave tinham-se cimentado em sua jovem mente: escrever lhe permitia esquecer o desconforto físico e emocional de sua vida e era bom o suficiente para que alguém o pagasse por isso. Claro, era a sua mãe, mas já era um começo. A conexão entre escrever e a autossuficiência financeira estava estabelecida. Ele também sabia que, a julgar pelas multidões nos cinemas e pela popularidade de livros com histórias assustadoras, outras pessoas gostavam de se sentir apavoradas tanto quanto ele.

O Maine rural estava cheio de histórias, e a morte estava em todos os lugares. Assim, forjaram-se os principais aspectos da vida e dos dons criativos de Stephen King.

STEPHEN KING

CAPÍTULO II

ABAIXE A CABEÇA

Ainda que Ruth achasse que seu filho mais novo estava um tanto interessado demais em filmes e histórias de horror, ela mesma tinha prazer com filmes ou contos realmente aterrorizantes. No entanto, ela desprezava o que chamava de um final a *la* Alfred Hitchcock, no qual, depois de forçar o espectador a se envolver com a vida dos personagens mostrados na telona, "Hitch" optava por um final deliberadamente obscuro e incompreensível. O jovem Steve arquivou essa opinião.

Um dia Steve perguntou a sua mãe se ela já havia visto uma pessoa morta. Ela fez que sim com a cabeça e contou duas histórias.

Da primeira vez, ela estava parada em frente ao Hotel Graymore, em Portland, quando um marinheiro pulou do telhado, doze andares acima. "Ele se esborrachou na calçada", contou ela.

Da outra vez foi quando estava crescendo, em Scarborough. Um dia ela foi à praia e viu uma multidão na areia, e vários barcos tentando entrar no mar. Uma mulher estava nadando, mas acabou sendo levada pelas fortes correntes a um local do qual não conseguia voltar nadando. Os barcos não conseguiam chegar até ela, porque a correnteza era muito forte. "As pessoas ficaram na praia, ouvindo a mulher gritar durante horas, até que ela se afogou", Ruth contou. Isso lembrava uma das histórias que Steve lia nas revistas da EC Comics e permaneceu em sua mente durante anos.

Incitado por sua mãe, Steve continuava a escrever sempre que tinha um tempo livre. Ele já havia começado a enviar suas histórias para revistas, mas tudo o que recebia eram cartas de rejeição. Então ele decidiu assumir as

coisas e, quando estava com quatorze anos, escreveu dezesseis páginas contando a história do filme *A Mansão do Terror*, de 1961, com Vincent Price e Barbara Steele, baseado no conto de Edgar Allan Poe.[22] Steve datilografou a história – cheia de erros de datilografia – e colocou alguns toques próprios, lembrando-se dos conselhos de sua mãe para fazer suas próprias histórias, de tal forma que nem lembrava mais o filme. Ele tirou cópias, levou-as para a escola e vendeu para seus colegas a 25 centavos de dólar cada, o preço que sua mãe estabelecera como parâmetro. No fim do dia, seus bolsos estavam cheios de moedas. Ele foi suspenso das aulas, não por causa de plágio, mas porque seus professores e o diretor achavam que ele não devia ler histórias de horror, quanto mais escrevê-las.

Ele se desculpou efusivamente com seus professores, o diretor, sua mãe e os colegas que gastaram 25 centavos para ler a história. Ele queria que todos gostassem dele, e Ruth pensou que seu desejo de agradar estava programado em seu sistema. Uma das frases prediletas de sua mãe era "Steve, se você fosse uma garota, estaria sempre grávida".

Mas, na cabeça de Steve, ele queria agradar sua mãe porque sabia como sua vida era difícil. Eles comeram muita lagosta enquanto Steve estava crescendo – naquela época, era considerado comida de pobre. Com frequência, uma família mantinha uma panela de ensopado no fogão, esquentando sempre que necessário e colocando mais carne de lagosta, batata, cebola e cenoura quando o ensopado baixava. Ainda que isso alimentasse, muitas famílias tinham vergonha de depender do ensopado.

"Se o pastor passasse lá em casa, ela tirava a panela do fogão e colocava atrás da porta, como se ele não fosse capaz de sentir o cheiro", contou Steve. "Mas o cheiro se espalhava pela casa, grudava em nossas roupas, em nosso cabelo."

O ano de 1960 representou para Steve uma grande transição para o mundo moderno, pois ele se mudou de sua antiga escola, com apenas uma sala, para um novo edifício em que nada era de segunda mão, desde as mesas e cadeiras até os livros. A Durham Elementary abrigava da primeira à oitava série e foi inaugurada com muita fanfarra em uma cidade que só tivera duas pequenas escolas em ruínas. Steve entrou na sétima série.

No primeiro dia de aula, os garotos estavam alvoroçados com o fato de ter privadas com descarga e água corrente no prédio. Para muitos estudantes, era a primeira vez que pegavam um ônibus para ir à escola.

Lew Purinton conheceu Steve na sétima série logo que a Durham Elementary abriu. Como viviam em lados opostos da cidade, eles haviam frequentado escolas diferentes até então.

Era difícil não ver Steve. “Ele era o maior garoto da turma”, contou Purinton. “Lembro-me de vê-lo caminhar pelo corredor entre as carteiras, e perguntei-lhe quantos anos tinha, já que ele parecia muito mais velho que nós. Ele me olhou de cima e falou: ‘Tenho idade o bastante para me comportar, mas sou novo demais para me importar com isso’.”

Ao ouvir essa resposta azeda, Purinton teve a certeza de que encontrara um novo amigo. Eles estavam na mesma turma de 25 alunos e logo começaram a se encontrar fora da escola.

Purinton visitava Steve em casa, da qual sua lembrança é a de uma velha casa de fazenda, bem diferente da sua própria. “Era óbvio que eles não tinham dinheiro, que lutavam para sobreviver”, contou. “A casa não era arrumada nem limpa.”

No entanto, o que se destaca em sua lembrança é o minúsculo quarto de Steve, no qual literalmente centenas de livros estavam empilhados nos cantos e até ao pé da cama, sem qualquer estante à vista. A maior parte dos livros era de ficção científica e horror.

Quando Lew perguntou sobre os livros, Steve disse que havia lido todos eles. Espalhados pelas pilhas estavam livros de H.P. Lovecraft, um escritor de histórias de horror do princípio do século XX, considerado o sucessor, no gênero, de Edgar Allan Poe.

Steve tinha treze anos quando descobriu Lovecraft, e considera essa idade a ideal para começar a ler sua obra. “Lovecraft é a ficção perfeita para as pessoas que vivem em um estado de completa dúvida sexual, porque as histórias me parecem quase junguianas em termos de imagens”, disse ele anos depois. “Elas tratam de gigantescas vaginas destacadas de corpos e coisas com dentes.”

Com Lovecraft e seus demais autores prediletos por perto, Steve via seu quarto como um santuário das pressões da escola e da necessidade de se encaixar como um garoto fracote com a vista ruim, pouca coordenação motora e zero sucesso com as garotas. Ele não era popular, mas ainda assim não era tão estigmatizado como duas garotas da sua vizinhança.

Uma delas tinha uma mãe que entrava em qualquer sorteio ou concurso que aparecesse. Ela ganhava prêmios com certa regularidade, mas estes tendiam a ser um pouco estranhos: suprimento de lápis ou atum para um ano.

O prêmio mais caro e de maior prestígio que ela ganhou foi um velho carro Maxwell[23] no programa de Jack Benny, apesar de nunca o ter dirigido, tendo-o deixado no quintal de casa para enferrujar e apodrecer.

Apesar de ter dinheiro suficiente para comprar os selos a fim de entrar em todos os concursos e sorteios, aparentemente ela não tinha muito que sobrasse para seus filhos. As crianças recebiam um conjunto de roupas que deveria durar de setembro até junho do ano seguinte. Obviamente, eles eram um alvo fácil de piadas para as outras crianças.

No segundo ano do ensino médio, a garota quebrou a rotina, aparecendo com roupas completamente diferentes depois das férias de Natal. Seu traje habitual – saia preta com blusa branca – fora substituído por um suéter de lã e uma saia da moda. Ela fizera até permanente nos cabelos. "Mas todos fizeram gozação com ela, porque ninguém queria vê-la fugir do script", contou Steve.

Ele começou a fazer serviços bizarros para os vizinhos. Foi contratado algumas vezes para cavar sepulturas no cemitério local. O pai de seu amigo Brian Hall tomava conta do cemitério e contratou os garotos para fazer o serviço, pelo qual pagou 25 pratas, uma fortuna para um adolescente no início dos anos 1960.

Em outra ocasião, ele foi contratado pela mãe de outra garota rejeitada pelos colegas, que tentava passar o mais despercebida possível quando tinha de atravessar os corredores do colégio. A família vivia em um trailer perto da casa de Steve em West Durham. Quando Steve entrou no trailer para fazer o serviço para a mãe da garota, ele ficou pasmo com o gigantesco crucifixo que dominava a sala. A figura de Jesus era bastante realista, com sangue pingando de seus pés e mãos e um rosto angustiado.

A mãe da garota disse a Steve que Jesus era seu salvador e lhe perguntou se ele havia sido salvo. Ele respondeu que não e saiu o mais rápido que pôde.

Quando ele começou a escrever *Carrie, a Estranha*, a memória dessas duas párias inspirou o retrato da personagem principal. Mais tarde ele descobriu que as duas já haviam morrido quando começou a escrever o livro; a garota com uma única roupa para o ano inteiro se matou com um tiro no estômago pouco depois de dar à luz, e a outra, epiléptica, deixara o trailer da mãe depois de terminar o ensino médio, mas sofreu um ataque em seu apartamento e morreu sozinha.

Desde que tinha dez anos, Steve gostava de esportes, apesar de não ter um porte atlético. Em sua nova escola, os alunos passavam o recreio no playground, jogando.

O beisebol era uma escolha popular para o recreio, e Steve adorava jogar, mas, na hora da formação dos times, ele era sempre o último a ser escolhido.

No entanto, ele era frequentemente solicitado para o futebol americano por causa de seu tamanho. “Eu *tinha* de jogar futebol, porque se você fosse alto e não jogasse, significava que você era uma bicha de merda”, disse ele. “No futebol, eu só prestava para jogar no ataque pelo lado esquerdo.” O fato de ter alguns bons amigos com os quais saía não o impedia de se sentir diferente dos outros garotos da escola.

Ele também foi banido, ainda que isso não fosse dito abertamente, de ser escoteiro, já que não tinha um pai que ajudasse os garotos em viagens.

Se Steve estava incomodado por ser excluído – primeiro do campo de beisebol, depois dos escoteiros –, não demonstrava. Um dia, no outono de 1960, ele fez uma descoberta importante no sótão acima da garagem da casa de sua tia Ethelyn e de seu tio Oren. Esse espaço mofado há muito era um depósito para coisas velhas que os membros da família não usavam mais, mas, como modestos habitantes do Maine, não iam jogar fora. Afinal de contas, você nunca sabe quando alguém pode dar um bom uso a algo.

As crianças da família – incluindo Steve e seu irmão, Dave – eram desencorajadas a entrar no sótão. As tábuas do chão nunca haviam sido pregadas direito e faltavam em alguns lugares.

Ainda assim, um dia Steve decidiu explorar o lugar, tendo a maior surpresa de sua vida até aquele momento. Sua mãe havia guardado lá a maior parte das bugigangas de seu malfadado casamento com o pai de Steve, mesmo estando claro que Don havia se mandado para sempre. Steve descobriu que seu pai tinha uma queda pelo mesmo tipo de literatura barata – mistério e horror – que ele adorava.

O mais chocante foi que em outra caixa o jovem Steve achou um amontoado de cartas de rejeição de revistas, com bilhetes de encorajamento, escritos de maneira apressada, para que Don tentasse de novo.

Seu pai também havia sido um aspirante a escritor!

Steve continuou a fuçar as outras caixas, mas não encontrou originais de histórias de seu pai ou publicações em revistas. Ele desceu para confrontar sua mãe, acusando-a de esconder dele a verdade sobre seu pai. Ruth o acalmou e se explicou.

“Minha mãe disse que ele havia escrito muitas histórias boas, que mandava para as revistas, recebendo cartas que diziam ‘Por favor, mande mais’. Mas ele era meio preguiçoso e nunca fez realmente muita coisa”, disse Steve.

Então ela se saiu com uma tirada que permaneceria com Steve por toda a vida. “Steve”, ela disse, meio que rindo, “seu pai não tinha qualquer persistência. Foi por isso que ele abandonou o lar.”

Steve viu o que a falta de força de vontade de seu pai fizera a sua mãe e a sua família e jurou que nunca seria como ele.

Mas ele também ficou intrigado sobre as características que compartilhava com o pai. Talvez o fato de escrever – e ser publicado, o sonho de Steve – fosse uma maneira de se conectar ao pai que ele nunca conhecera.

Steve agradeceu à mãe por lhe dizer a verdade e se retirou da sala. Ele foi, sem se desviar, de volta para a velha casa de fazenda em ruínas, com a tinta descascando, sentou à mesa no sótão e colocou uma folha em branco na máquina de escrever.

Na primavera de 1962, Steve formou-se na oitava série como o primeiro da classe. Mais tarde ele diria ironicamente que isso aconteceu porque “havia apenas três pessoas na turma, e uma delas era retardada”.

No outono, King entrou no primeiro ano do ensino médio da Lisbon High School em Lisbon Falls, a cerca de treze quilômetros de West Durham.

A Lisbon High tinha aproximadamente quinhentos estudantes do ensino médio, muitos deles, como Steve, oriundos de cidades próximas onde não havia colégios para essa faixa. Dois dos colegas de Steve do ensino básico estavam na mesma classe: Lew Purinton e Pete Higgins, cujo pai era diretor da Lisbon High. O colégio tinha três divisões para estudantes: o grupo A, para aqueles que pretendiam ir para a universidade; o grupo B, de estudos profissionalizantes; e o grupo C, chamado de comercial, no qual iam parar todos os outros. Ocasionalmente um estudante passava de um grupo para outro, normalmente um rebaixamento, de A para B ou de B para C, quando começava a ficar para trás nas aulas. Steve, Pete e Lew estavam no grupo A, então frequentavam as mesmas aulas, incluindo álgebra, inglês e francês.

Havia ainda outros grupos não oficiais no colégio, de acordo com a faixa social: os atletas, os marginais, os *nerds* e todo o resto.

Apesar de estar o tempo todo com a cara enfiada em um livro e de nunca tentar esconder sua inteligência, Steve não caía no grupo dos *nerds* porque gostava de estar com as pessoas. Ele era ótimo em inglês e sempre tirava A

nas provas, mas suas notas eram menores nas aulas de ciências: C em química e B- em física. “Eu nunca fui um *geek*, mas vi muitos filmes nos anos 1950 como *O Monstro do Ártico* (1951) e *O Mundo em Perigo* (1954)”, contou. “Eu sabia que radiação dá origem a monstros e, o mais importante de tudo, sabia que se mexermos demais com o desconhecido, algo horrível vai acontecer.”

Ele obviamente não fazia o gênero James Dean, pela mesma razão a qual ele não se encaixava na categoria de atleta. “Eu não era muito *cool*”, afirmou. “Eu não era o tipo que acaba eleito para o conselho estudantil, mas também nunca fiquei espreitando em volta dos armários com a pinta de quem só está esperando para levar um tabefe.”

Segundo Pete Higgins, Steve caía na categoria genérica de “todo o resto”, mas acabava circulando entre os demais grupos, essencialmente graças à rapidez de seu pensamento e a seu senso de humor original.

“Ele era um pouco diferente, pois era mais alto que a maioria dos garotos”, disse Higgins. “Ele também usava aqueles óculos de lentes muito escuras e, a julgar por sua aparência, não tinha muito dinheiro. Mas estava sempre pronto a participar de um debate na aula, com uma observação que fazia os outros garotos, ou mesmo o professor, rirem.”

Steve também aprendeu a desarmar aqueles estudantes que mostravam vontade de pegar no seu pé. “Ele conquistou certo grau de confiança durante o ensino médio”, disse Lew Purinton. “Os garotos passaram a aceitá-lo melhor depois que perceberam que ele era inteligente e podia fazer um bocado de coisas. E ele era realmente um cara simpático.”

Apesar de seus esforços para fazer com que seus colegas de classe se sentissem à vontade, alguns alunos e professores não o compreendiam. Prudence Grant, que dava aulas na Lisbon High quando Steve estudou lá, lembra-se de que, com frequência, alguns garotos mais velhos caçoavam dele quando ele voltava da escola para casa. “Ele era alvo de vários trotes”, contou ela. “Eles se escondiam em um vão, e quando Steve descia a colina, eles pulavam em cima dele, ou o assustavam.” Mais tarde, quando ela leu *Carrie, a Estranha*, percebeu que vários dos personagens no romance tiveram por base professores do colégio.

“Eu sei que *Carrie* teve forte inspiração no corpo docente da Lisbon High”, disse Grant. “Nós tínhamos um diretor-assistente muito presunçoso, e ele é mostrado no livro como o cara que prende os dedos na hora em que

fecha o arquivo. Há outros professores mostrados no livro, mas eu não apareço, o que acho ótimo.”

Peter Higgins se lembrou de um garoto que atormentava Steve e que se encaixava na categoria “quero ser James Dean”. “Nas salas de estudo, ele enchia o saco de Steve e o chamava de Mickey Mouse, dizendo que era isso que Steve parecia.” Higgins acrescentou que o garoto fazia piadas com Steve em voz baixa para que os professores não ouvissem, mas que os outros garotos sabiam bem o que estava acontecendo. “Mas ninguém interveio porque todos tinham medo de se tornar o próximo alvo”, disse Higgins.

“Eu odiava a escola”, disse Steve. “Sempre tinha a sensação de estar usando as roupas erradas, ou de que tinha muitas espinhas na cara. Eu não confio em pessoas que se recordam da escola com afeição; muitas delas faziam parte da classe superior, eram aqueles que insultavam, não os que eram insultados.”

Steve atravessou o primeiro ano e passou as férias de verão no sótão da velha casa de fazenda, batucando na máquina de escrever sem a letra M. Ele continuou a mandar as histórias para as revistas regularmente, recebendo um fluxo regular de cartas de rejeição. Ele juntou tantas que fixou um prego na parede acima de sua mesa e espetava as cartas ali. A maior parte não trazia comentários pessoais, mas às vezes ele recebia algum comentário escrito à mão que dizia “História horrível, mas mostra algum talento”. “Ao menos eu sabia que não eram robôs que estavam lendo meu trabalho”, afirmou.

No dia 12 de setembro de 1963, Steve mal tinha começado o segundo ano do ensino médio quando voltou para casa e, como de hábito, deu uma passada na casa de sua avó. Tudo estava sobrenaturalmente imóvel. Ele a chamou, mas ela não respondeu. Por um momento ele congelou, mas depois se lembrou de ter visto, em alguns filmes, um personagem colocar um espelho junto à boca de uma pessoa para ver se este ficava embaçado. Na ponta dos pés, ele foi até a cômoda de sua avó, pegou um espelho e segurou-o contra a boca dela. Continuou límpido. Nada. Ele sentou-se em uma cadeira do outro lado do quarto e ficou olhando para o corpo da avó. Ele havia visto cadáveres antes, mas apenas por breves instantes ou de outro aposento durante velórios na casa de seus amigos.

Então era essa a *verdadeira* aparência de um cadáver.

Ele perdeu a noção de quanto tempo ficou sentado lá até que sua mãe finalmente o encontrasse.

Apesar de ter sido forçado a interromper a venda de sua adaptação de *A Mansão do Terror* quando estava na sétima série, Steve voltou a oferecer suas histórias para seus colegas, mas dessa vez foi esperto o suficiente para não vendê-las. Na época, *O Agente da U.N.C.L.E.*[24] fazia sucesso na televisão, e, quando ficava na sala de estudos, Steve inventava uma história usando os personagens do programa, Napoleon Solo e Illya Kuryakin. Lew Purinton testemunhou o processo várias vezes.

"Ele começava a escrever e, quando tinha terminado uma página, passava para mim para que eu lesse", contou Purinton. "Quando eu tinha chegado ao fim da página, ele já tinha terminado a seguinte. Ele colocava outros garotos da turma na história, e a fazia acontecer em Lisbon Falls e Durham. Cada vez que eu terminava uma página, ele tinha outra para mim. Ele adorava escrever, estava sempre escrevendo."

Finalmente, em 1965, chegou o dia tão aguardado: ele recebeu uma carta da revista *Comics Review* afirmando que queriam publicar o conto " I Was a Teenage Grave Robber" ["Eu Era um Ladrão de Sepulturas Adolescente"]. Era uma história sobre um cientista louco que criava vermes do tamanho de seres humanos e contratava um adolescente órfão para retirar cadáveres recém-enterrados das sepulturas para alimentar os vermes. Steve recorreu a sua experiência cavando sepulturas para dar um tom realista e a vingança ocorreu quando os vermes atacam e devoram o cientista, e o adolescente escapa.

A revista só ofereceu como remuneração alguns exemplares da edição com o conto, e o editor mudou o título para "In a Half World of Terror" ("Em Meio a um Mundo de Terror"). Steve nem ligou, estava emocionado com o fato de que alguém quisesse publicar seu trabalho.

Ser um escritor publicado não melhorou em nada seu prestígio junto às estudantes de Lisbon High. Fosse sua aparência desajeitada, sua óbvia pobreza, a falta de carro, ou a combinação de todos esses fatores, ele normalmente era descartado pelas garotas. A logística de viver longe, no início dos anos 1960, também não ajudava. Pedir carona era uma possibilidade, mas visivelmente desagradável para qualquer um envolvido.

"Podíamos esticar o polegar, mas as coisas não eram tão simples assim", explicou King. Primeiro, ele recorreu a um de seus amigos que tinha carro, perguntando se queria ir ao cinema. Steve se ofereceu para pagar metade da gasolina se seu amigo bancasse o motorista ou levasse sua própria garota. "Ele concordava, então eu ia falar com uma garota bonita, para ela acabar

dizendo que estava ocupada.” Ou então o amigo levaria uma garota e Steve ficaria sem ninguém. “Depois que tirei carteira, me lembro de ter ido algumas vezes ao drive-in, ficando sozinho ao volante enquanto eles ficavam se agarrando feito loucos no banco de trás”, queixou-se.

Mas ele não tinha muito tempo para sentir pena de si mesmo. Além de seus estudos, suas leituras – Purinton se lembra de ter visto Steve lendo enquanto andava pelos corredores da escola, indo de uma aula para outra – e de escrever suas histórias, no segundo ano do ensino médio ele se tornou o editor-chefe de *The Drum* (*O Tambor*), o jornal escolar de Lisbon High. Na época, como agora, Steve estava mais interessado em ficção que em histórias que exigiam fatos e pesquisa – e, por isso, tinham de ser 100% verdadeiras – então sua alma não estava no projeto. Ele realmente escreveu várias histórias para o jornal, incluindo “ The 43rd Dream” [“O 43º Sonho”] e “ Code Name: Mousetrap” (“Nome de Código: Ratoeira”), mas ganhou a reprovação de todos quando, em vez de publicar um número do jornal a cada uma ou duas semanas, como seu antecessor, produziu apenas um exemplar durante todo o ano.

Durante uma noite monótona no escritório do jornal, quando sua atenção foi desviada para todos os gibis, histórias de horror e novelas policiais que poderia estar lendo – ou escrevendo – em vez de mourejar com relatórios de aulas e poesias de adolescentes sobre o próprio umbigo, ele teve uma ideia: por que não publicar um jornal que os garotos tenham vontade de ler? Nem precisa dizer que seria algo que ele realmente gostasse de escrever. E foi assim que nasceu *The Village Vomit* (*O Vômito da Aldeia*), um panfleto de quatro páginas no qual histórias mal disfarçadas sobre seus professores e colegas mais detestados vinham em destaque – em outras palavras, uma paródia de *The Drum*.

Steve imprimiu e distribuiu cópias do panfleto na escola e foi um sucesso instantâneo. Em uma das histórias, ele zombava de uma professora, uma solteirona afetada e careta, fazendo com o que o Lobisomem – na época, um personagem popular de histórias de terror – a levasse embora dali.

Ele não colocou seu nome em lugar algum do jornalzinho, mas os rumores sobre o responsável rapidamente se espalharam. Ele foi suspenso da escola por três dias e teve de pedir desculpas a todos os professores que haviam sido alvo de piadas. Sua notoriedade lhe garantiu um novo respeito entre os colegas, inclusive entre aqueles que o tinham perseguido anteriormente.

Steve descobriu que suas histórias poderiam lhe servir de escudo, desviando a atenção daqueles que, por algum motivo, não gostavam dele.

Alguns dias depois de sua suspensão ter acabado, a diretoria da escola se reuniu para discutir como eles poderiam ajudar Steve a direcionar melhor seu talento, e ele acabou em um emprego de meio expediente como repórter esportivo para o *Lisbon Weekly Enterprise*, escrevendo sobre jogos colegiais de futebol e basquete. Ele gostava do trabalho, mas todo o tempo em que passava assistindo aos jogos, tomando notas e entrevistando torcedores, ele tinha vontade de estar jogando, em lugar de escrevendo sobre as partidas.

"Ele adorava esportes, mas não era atlético", disse Purinton. "Acho que isso era uma grande frustração para ele, porque ele realmente queria ser um grande atleta." Ele chegou a jogar futebol por um ano, mas, talvez, um obstáculo maior para Steve que sua falta de talento atlético fosse o fato de viver tão longe da escola e não ter nem carro nem carteira de motorista.

Sem serviço de ônibus, Steve normalmente usava o Serviço de Táxi Yanko, uma companhia local que alugava veículos especificamente para transportar estudantes nos treze quilômetros de ida e volta para a escola. Mas voltar para casa depois das aulas era outra história. Se ele perdesse o serviço de táxi da tarde, tinha de conseguir um conhecido que fosse na direção da sua casa ou pedir carona. E se ninguém parasse, tinha de ir andando, muitas vezes depois de ter escurecido e de a temperatura ter caído.

Para Steve, a melhor coisa do serviço de táxi – dirigido por um eslovaco chamado Yanko – era que parte da frota constituía-se de velhos carros funerários das marcas Pontiac ou Cadillac, dos anos 1940 ou 1950. A garota que morava algumas casas depois de Steve, aquela com o crucifixo em tamanho natural na sala, ia junto. Steve e os outros estudantes procuravam ser sempre os primeiros da fila quando o táxi chegasse. "Era uma corrida para pegar o melhor lugar", disse seu vizinho e colega de escola Brian Hall, "porque ninguém queria ir até Lisbon com ela no colo."

No colégio, os gostos musicais de Steve continuaram a evoluir. A despeito da existência de Elvis, em 1963 a maior parte das canções que tocavam nas rádios remontava aos anos 1950, no estilo música de elevador e músicas pop leves. Henry Mancini e Barbra Streisand ganharam Grammys naquele ano, mas outro premiado foi um desconhecido trio vocal de nome Peter, Paul & Mary, que obteve o prêmio de Melhor Performance de Grupo Vocal pela canção "Blowin' in the Wind". A música folk estava começando a se espalhar pelo país, incluindo áreas rurais como Durham, no Maine.

Steve e seus colegas perceberam a nova onda. Junto com seu amigo Chris Chesley, Steve começou a explorar a música folk, sendo atraído principalmente por cantores como Dave Van Ronk, Bob Dylan e Tom Paxton. “Ficamos loucos por Phil Ochs porque ele soava da maneira como nos sentíamos a maior parte do tempo, irritados e confusos”, disse Steve. “A música tinha um sentimento de urgência, ao mesmo tempo familiar, que tocava nossos corações. Quando comecei a fumar Pall Mall um ou dois anos depois, foi porque tinha certeza de que meu herói, Dave Van Ronk, fumava essa marca. Que outra marca poderia fumar aquele que explicou os ‘Bed Bug Blues’?”

Chesley tinha uma guitarra Gibson que aprendeu a tocar sozinho, e, com empregos esporádicos e alguns dólares emprestados, Steve conseguiu recuperar uma guitarra que havia posto no prego em uma casa de penhores de Lewiston. Ele, Chris e alguns outros formaram uma banda vagabunda e tocaram em alguns bailinhos da escola primária, mas nunca conseguiram ser bons o bastante para tocar nas festas do ensino médio.

Steve estava mais para chá de cadeira que Fred Astaire, mas o hábito na escola era mais rodar em torno das garotas que ir para a pista de dança. Os garotos ficavam de um lado do salão, e as meninas, do outro – ainda que algumas garotas estivessem sempre dançando –, e eles ficavam andando em torno da pista de dança, flertando e rindo para aquelas que quisessem impressionar.

Segundo Pete Higgins, Steve estava longe de ser um sedutor e estava muito mais interessado em frequentar as festas não oficiais. Alguns colegas organizavam festas tarde da noite em um grupo de casas abandonadas perto de onde Steve vivia, e uma das casas era supostamente assombrada; a última família a ocupá-la se chamava Marston.

Depois que os estudantes ficavam entediados com a música e cheios de serem vigiados por inspetores no baile da escola, eles partiam, em três ou quatro carros lotados, para a casa dos Marston, para assustar as garotas, beber e dar uns amassos. A idade para consumir álcool no Maine naquela época era dezoito anos, então não era difícil comprar cerveja e uísque, especialmente quando se tinha no grupo um enorme estudante de um metro e noventa. Alguém sugeria uma ida a uma loja de bebidas em Lewiston, a cinco quilômetros dali, e se o atendente se recusasse a vender bebida para Steve, eles ficariam perto da porta até achar alguém que comprasse para eles,

na velha estratégia dos adolescentes de todo o mundo. Ou então alguns garotos pegariam bebida da casa de seus pais.

Em 5 de fevereiro de 1965, Steve viu seu segundo cadáver em um ano, quando seu avô, Guy Pillsbury, morreu. A morte de seu pai significava que Ruth estava livre do extenuante trabalho manual e da subsistência que a família enfrentava já há quase sete anos. Pelo menos foi o que ela pensou. A família continuou a viver na casa de fazenda, e ela buscou um novo emprego na mesma região.

Mas, assim como antes, só o que ela encontrava eram trabalhos manuais servis, embrutecedores. Apesar de não estar mais ligada à casa e a seus pais, e de estar ganhando dinheiro em lugar de víveres e roupas usadas, a família continuava na mesma situação de antes.

Mesmo tendo se passado mais de uma década desde que seu marido a deixara, Ruth nunca desistiu de buscá-lo, pelo menos para obter alguma pensão ou o divórcio. Mas ela nunca o encontrou.

Com seus horários puxados e estando quase o tempo todo fora de casa, Ruth não tinha qualquer paciência para fingimentos, especialmente por parte de seus dois filhos. Um dia, ela passou pelo quarto de Steve e o viu se ajeitando na frente do espelho, mexendo na lapela da camisa e levantando os punhos das mangas, e algo mexeu com seus instintos de mãe. Ela entrou no quarto, o empurrou contra parede e disse: “Dentro de nossas roupas, estamos todos nus. Nunca se esqueça disso”.

Ele estava apenas tentando saber como iria se vestir na viagem de sua turma que ocorreria em breve, de maneira que não se destacasse muito das pessoas na cidade grande, mas as palavras de sua mãe ficaram gravadas em sua mente. Porém, como ficou provado, ele não devia temer se destacar. A turma toda se destacou.

Dois ônibus cheios de alunos do último ano do ensino médio da Lisbon High, junto com alguns inspetores, partiram em uma viagem de uma semana para Nova York; Washington, D.C.; e York, na Pensilvânia, em abril de 1966. A primeira parada era Nova York, por duas noites, antes de partir para York. A turma ficaria uma noite na Pensilvânia e outra em Washington, depois voltaria para Nova York por mais dois dias, antes de retornar para o Maine. Eles ficaram em quartos de hotel, visitaram todas as atrações turísticas, como o Empire State Building, em Manhattan, o monumento a Washington e o Instituto Smithsonian em D.C., bem como Gettysburg, na Pensilvânia.

Qual é a primeira coisa que adolescentes que estão terminando o ensino médio vão fazer quando longe de casa, na cidade grande – muitos pela primeira vez – e com facilidade para driblar os inspetores? Achar bebida. Steve e seus amigos não fugiram à regra. A idade para beber em Nova York era dezoito anos, a mesma que no Maine, e como Steve e alguns de seus colegas já tinham atingido essa idade, eles não tinham qualquer problema para comprar álcool. Mas em York, na Pensilvânia, em que a idade mínima era de 21 anos, as coisas ficaram mais difíceis.

"Steve era alto e parecia mais velho que todos nós, então a escolha foi unânime", disse Lew Purinton. "Nós o mandamos para a loja de bebidas para comprar cerveja e uísque. Eu me lembro muito bem dele saindo da loja, com um ar orgulhoso."

Quando voltaram para Nova York, os adolescentes estavam se sentindo cheios de si com seu sucesso na viagem, mas a sorte deles mudou. Eles foram a um bar na Times Square, mas o barman logo cheirou confusão naquele grupo de adolescentes forasteiros convencidos e se recusou a servi-los. Então eles foram para uma pizzaria, onde Pete Higgins viu uma cerveja preta da Bavária chamada Tiger's Club. Eles pediram uma pizza e uma rodada de Tiger's Club.

"Era certamente a pior e mais amarga porcaria que já tomei na vida", disse Higgins, que, assim como Steve, se forçou a tomar alguns goles antes de desistir. Depois eles foram para uma churrascaria, mas quando o garçom perguntou o que eles queriam beber, álcool era a última coisa que desejavam.

"Leite achocolatado", disse Steve.

O garçom, um negro, riu. "Cara, aqui não falamos leite achocolatado, nós dizemos leite preto ou leite branco."

Então Steve disse: "Quero um leite preto". O garçom perguntou a outro garoto o que ele queria beber, e este respondeu "Um refrigerante preto". Purinton achou que aquilo fazia sentido. "Ele pensou que se chamavam leite achocolatado de 'leite preto', uma Coca-Cola seria 'refrigerante preto'", explicou o garoto.

O garçom ficou furioso. "Você está de gracinha? Se estiver, minha turma está lá fora te esperando."

Os garotos se apavoraram e saíram do lugar antes que as bebidas chegassem. Se o garçom estava falando sério ou se estava só de sacanagem, Purinton não podia saber, mas o grupo de caipiras assumidos do Maine recebeu uma breve lição sobre a vida na cidade grande.

Ao voltar para casa, os garotos ainda tinham uma semana de férias.

Steve tinha ido bem o bastante no ensino médio para conseguir uma bolsa parcial para a Universidade Drew, uma instituição metodista em Madison, Nova Jersey. Mas sua mãe não podia custear sua viagem, então em 1966 ele se candidatou à Universidade do Maine, em Orono.

Apesar de ter conseguido uma bolsa integral, Steve não podia se dar ao luxo de vagabundear durante o que restava das férias. Ele ainda precisava de dinheiro para custear os livros e outras despesas, então começou mais cedo em seu emprego de verão, na Worumbo Mills and Weaving, em Lisbon Falls. Ele trabalhava na área de empacotamento: outros trabalhadores colocavam os tecidos em caixas, em outro andar, e o serviço de Steve era empacotá-los. Quando as aulas recomeçaram, ele manteve um horário alucinante até se formar, assistindo às aulas e trabalhando na fábrica em horário integral.

Ainda assim, ele arrumou tempo para escrever uma peça em um ato para a noite de formatura. Outras turmas haviam montado esquetes cômicos, tocado instrumentos e apresentado prêmios para o Palhaço da Classe e coisas do gênero.

Para a sorte de Steve, o corpo docente que lhe deu o sinal verde para escrever a peça tinha memória curta, pois esta nada mais era que uma versão com cortes de *The Village Vomit*, na qual ele retomava as piadas com professores e alunos, com suas caricaturas mal disfarçadas.

A peça se chamava *Fat Man e Ribbon*,[25] uma caricatura da popular série de TV *Batman*, que havia estreado em janeiro de 1966. “Steve fez o papel de Fatman, e a peça se passava em Lisbon High”, disse Peter Higgins. “Fatman e Ribbon estavam em Lisbon High tentando capturar um estudante baderneiro chamado Lew Corruptington, que usava uma jaqueta de couro preta e segurava uma garrafa de cerveja.” Higgins fez o papel de seu pai, o diretor. Seu nome na peça era Diretor Wiggins e ele apareceu usando uma peruca grotesca.

Apesar de muitos estudantes terem lido seus exemplares de *The Village Vomit* e caírem na gargalhada, um grande número de pessoas da escola, a maior parte professores, não gostou da peça de Steve.

Ele ganhou mais respeito de alguns estudantes, além de suspiros de alívio de muitos professores que ficaram felizes em ver aquele encrenqueiro brilhante sair dali. No dia da formatura, Steve também estava aliviado, pois isso significava que podia se concentrar apenas em ler e escrever na

universidade, um passo que, esperava, o levaria mais perto de seu sonho de ser um escritor em tempo integral.

Quando Steve trabalhou na fábrica da Worumbo Mills, ficou fascinado pelas hordas de ratos que circulavam o tempo todo no local. “Enquanto esperava que meu cesto enchesse, eu atirava latas nos ratos”, contou. “Eles eram grandalhões, e alguns deles ficavam de pé nas patas traseiras, pedindo comida como cachorros.” Seu supervisor pediu que ele se juntasse a uma equipe de limpeza que ia trabalhar no porão no fim de semana do feriado de 4 de julho, mas ele recusou. No entanto, na semana seguinte ele ouviu centenas de histórias de quem tinha trabalhado no feriado sobre ratos agressivos, a água correndo pelo porão e um supervisor particularmente sádico, histórias que Steve guardou em sua mente.

No fim de agosto de 1966, dirigiu-se a Orono para fazer sua matrícula na Universidade do Maine. Ele se inscreveu em Inglês e fez aulas na Faculdade de Educação, a fim de tirar diploma de professor, para o caso de seu sonho de viver de livros demorar a se concretizar.

Seu irmão, David, entrara na universidade anos antes. Quando os dois eram estudantes, Ruth mandava cinco dólares para cada um toda semana, a fim de que eles tivessem algum dinheiro para as despesas cotidianas. “Depois de sua morte, muitos anos depois, descobri que ela várias vezes deixou de fazer refeições para nos mandar aquele dinheiro, que nós aceitávamos sem pensar muito”, disse ele. “Foi muito perturbador.”

No primeiro dia, reservado à orientação para os calouros, Steve encontrou vários de seus colegas de turma do ensino médio – como Lew Purinton e Pete Higgins –, que se matricularam na mesma universidade.

De acordo com Higgins, Steve quase foi despachado antes mesmo de as aulas começarem. Era costume, no campus, as fraternidades fazerem pequenas reuniões para observar os calouros. “Eles avaliavam os estudantes para saber se aceitariam algum deles”, disse Higgins.

Pete, Steve e alguns outros rapazes oriundos da Lisbon High foram juntos a uma reunião, no qual encontraram um estudante que queria acender alguns fogos de artifício que haviam sobrado do 4 de julho e perguntou se eles queriam assistir.

O grupo da Lisbon High ficou olhando enquanto seu novo amigo acendia os primeiros estopins. “Saímos em disparada quando os fogos acenderam”, disse Higgins. “Não eram apenas foguetes e estalinhos, mas rojões enormes, cuja explosão era capaz de sacudir algumas janelas do dormitório. A

administração foi chamada e anunciou que, se descobrisse quem tinha sido o responsável, ele seria expulso da nova turma de 1966 antes mesmo de as aulas começarem. Teríamos sofrido sanção disciplinar apenas por estarmos olhando quando os fogos começaram e, se Steve fosse pego, isso teria atrapalhado sua carreira.”

STEPHEN KING

CAPÍTULO III

O PISTOLEIRO

A primeira vez que Rick Hautala, outro calouro de Inglês, viu seu novo colega de turma, Steve estava na fila do bandejão na hora do almoço com a cara enfiada em um livro barato. “Ele estava lendo o tipo de porcaria que eu gostava de ler”, disse Hautala. “Na hora do jantar ele estaria de novo na fila, mas com outro livro. Acho que ele lia três livros por dia, já que a cada refeição ele parecia estar lendo um livro diferente.”

Apesar de os dois serem estudantes de Inglês, seus caminhos de estudo eram completamente distintos. “Steve ficava mais com poesia moderna e literatura do século XX, enquanto eu me concentrava em literatura renascentista e medieval”, disse Hautala. “Seus textos se destacavam em relação aos da maioria dos estudantes. Ele não ficava tentando ser pretensioso ou artístico, escrevia histórias de verdade em lugar de pequenas reminiscências afetadas.”

“Steve tinha um ponto de vista muito especial”, disse seu colega Michael Alpert. “Ele não acreditava nem um pouco no cânone oficial – o currículo de Harvard. Para ele, muitos dos autores mais populares tinham mais a dizer. Ele não se referia apenas ao tema, mas à linguagem. Sua sensibilidade já estava formada naquela época.”

Jim Bishop foi professor de King quando ele era calouro. “Ele sempre estava com um livro barato e falava sobre autores populares de ficção dos quais outros alunos e professores nunca tinham ouvido falar”, disse Bishop. “Já então ele se via como um escritor famoso e pensava que poderia ganhar

dinheiro com isso. Steve tinha uma postura religiosa em relação à escrita, e escrevia continuamente, diligentemente. Ele criava seu próprio mundo."

Em meio à confusão de viver fora de casa pela primeira vez e de se acostumar à novidade de uma enorme quantidade de aulas e de uma variedade de estudantes que não se pareciam em nada com aqueles de sua cidade – isto é, eles tinham dinheiro e às vezes o usavam para dominar os outros – Steve conseguiu escrever seu primeiro romance, *The Long Walk* (*A Longa Marcha*),[26] durante os dois primeiros semestres na universidade. Ele deu uma lapidada no texto nas férias de verão entre o primeiro e o segundo ano, e então, no outono de 1967, soube de um concurso para romancistas iniciantes, comandado pelo célebre editor Bennett Cerf, da Random House. Ele enviou uma cópia do manuscrito, que voltou com uma carta padronizada de rejeição, sem qualquer observação manuscrita do editor, como ele havia se acostumado a receber das revistas. Ele se sentiu desencorajado e escondeu os originais em uma gaveta.

No entanto, nem tudo eram notícias ruins. Steve fez sua primeira venda profissional para uma revista, *Startling Mystery Stories*, de uma história chamada "The Glass Floor" ("O Chão de Vidro"). Eles lhe pagaram a esplêndida soma de 35 dólares. Pelas suas contas, antes dessa venda ele tinha recebido cerca de sessenta cartas de rejeição.

Ele estava no caminho. Alguém além de sua mãe e seus colegas de escola pensava que seu trabalho era bom o bastante para pagar dinheiro de verdade por ele.

Primeiro Steve apareceu no campus com um adesivo de Barry Goldwater[27] colado no para-choque do seu carro, revelando as intransigentes raízes republicanas de sua família. Mas, entre seu segundo e terceiro ano na universidade, Steve descobriu que as crenças políticas de sua juventude haviam sido desafiadas, não apenas pela Guerra do Vietnã,[28] mas pelo movimento pela paz que estava se espalhando pelo país. Ele passou do republicanismo pétreo de sua juventude para uma forma radical de liberalismo que estava varrendo as universidades em todo o país, até mesmo em um canto remoto do Maine.

Em agosto de 1968, Steve decidiu ir à Convenção Nacional do Partido Democrata em Chicago para dar apoio a seu candidato, Eugene McCarthy, um senador de Minnesota que concorria contra o presidente Lyndon Johnson e prometia retirar as tropas do Vietnã se eleito presidente. Na época, o país estava um caos. Martin Luther King tinha sido assassinado em abril e Robert

Kennedy em junho, então a cena estava armada para uma convenção bastante disputada. Com cem dólares para as despesas, Steve partiu para Chicago, ficando em ACMs[29] pelo caminho.

Na convenção, rapidamente se espalhou o rumor de que a polícia estava provocando os manifestantes, e vice-versa, o que resultava em choques violentos entre os dois grupos. Steve estava em uma manifestação às portas do local da convenção com milhares de outras pessoas quando os ânimos subitamente se incendiaram e ele foi atingido por um cassetete. Ele não conseguia enxergar, mas ainda assim pôde voltar à ACM na qual estava hospedado.

Depois da convenção, ele foi levado pela turbulência e pela fúria política que vinham crescendo. Quando voltou para Orono a fim de iniciar o terceiro ano, no outono de 1968, parecia que da noite para o dia as regras haviam mudado. A universidade não estava imune aos estudantes pedindo uma mudança radical nas aulas e em todo o campus. E no que dizia respeito ao pesado currículo do Departamento de Inglês, Steve era um dos principais instigadores.

A Universidade do Maine tinha a reputação de ser uma velha escola confiável onde o foco era a engenharia mecânica. Quaisquer cursos de inglês oferecidos não se afastavam do confiável cânone da literatura da Sociedade dos Homens Brancos Ingleses Mortos e aulas de redação.

Encorajado pelas demandas e pedidos heterodoxos de alguns dos graduandos – Steve incluído –, alguns dos professores também acharam que era hora de mudar. Dois dos professores de Steve, Burt Hatlen e Jim Bishop, criaram uma oficina de poesia contemporânea, com uma dinâmica mais adaptada a quem já havia se formado do que a quem ainda estava estudando. Os encontros ocorriam à noite, depois das aulas, e eram limitados a doze estudantes, cujos nomes precisavam ser aprovados. Eles escreviam, liam e discutiam poesia e literatura, e lá King teve seu primeiro contato com as obras de Steinbeck[30] e Faulkner.[31]

“Burt foi mais que um professor para mim, ele foi um mentor e uma figura paterna”, disse Steve. “Ele fazia todos se sentirem bem-vindos na companhia de escritores e acadêmicos, e nos mostrava que havia lugar para nós à mesa.”

George MacLeod foi um dos estudantes dessas oficinas. “Era uma aula de discussão que tinha lugar na sala da casa de alguém, algo completamente diferente do que vinha sendo oferecido até então”, explicou. A segunda coisa

que se destacou para ele foi Steve, tanto por sua aparência como por suas contribuições para a oficina.

“Ele era uma dessas pessoas que não conseguem passar despercebidas”, disse MacLeod, contando como Steve era alto mas estava sempre tentando disfarçar sua altura ficando ligeiramente curvado. Também era difícil não notar seu cabelo preto, longo e oleoso, chegando aos ombros, seus óculos de fundo de garrafa e sua maneira desleixada de se vestir. “Ele sentava na borda do círculo, pigarreando e fazendo comentários sobre um poema ou o que os outros estudantes estavam dizendo”, acrescentou MacLeod. “Ele sempre tinha uma opinião diferente, raramente concordando com o grupo. Ele gostava de discutir com as pessoas só para ser diferente.”

Da mesma forma, Steve brigava com os professores. Um dia o corpo docente convidou alguns estudantes para oferecer suas avaliações sobre o futuro currículo do Departamento de Inglês, e não demorou para Steve dar a sua contribuição. Ele ficou de pé e imediatamente criticou o departamento por causa da mais completa ausência de cultura popular nos cursos. Ele reclamou que em nenhuma aula podia ler um romance de Shirley Jackson[32] para ganhar nota.

Ele se tornou conhecido por andar pelo campus com um livro de John MacDonald[33] ou uma coletânea de contos de Robert Bloch.[34] “Algum idiota sempre perguntava por que eu estava lendo aquilo, e eu respondia que aquele homem era um excelente escritor”, ele contou. “Mas as pessoas olhavam a capa do livro, com alguma dona com seus melões escapando para fora da blusa, e então diziam ‘É lixo’. Aí eu perguntava ‘Você já leu algo desse cara?’ A resposta inevitável era ‘Não, basta olhar esse livro para saber’. Essa foi minha primeira experiência com críticos, no caso meus professores na universidade.”

Ele sempre gostou desse tipo de livros, cresceu com eles, e sabia que aquele era o tipo de história que queria escrever. Ainda assim alguns de seus professores não engoliam isso.

Mesmo quando estava na universidade, Steve dizia a todo mundo que seu sonho era escrever livros populares. “E lá estava ele, gastando um tempo enorme lendo literatura inglesa do século XVII, achando uma perda de tempo”, disse MacLeod. “Ele decididamente tinha essa atitude antiesnobe, e acho que muitas de suas motivações políticas se deviam ao fato de que ele vinha do lado pobre da cidade.”

Steve deixou os professores ainda mais chocados quando se ofereceu para dar um curso sobre literatura popular. Muitos objetavam não apenas à inclusão de livros comerciais em um curso de nível universitário, mas à ideia de um graduando dar esse curso. Depois de discutir a proposta, o corpo docente concordou em permitir que Steve desse o curso – Literatura e Cultura Popular – junto com Graham Adams, professor de Inglês.

Logo depois, MacLeod tornou-se amigo de Steve. Ambos precisavam encontrar um novo lugar para morar na mesma época, então buscaram juntos um apartamento fora do campus, com outros dois estudantes.

Eles alugaram um dúplex na North Main Street, em Orono, e cada um pagava quarenta dólares por mês. Na parte de baixo ficavam a sala e a cozinha, e no segundo andar quatro quartos – transformados em cinco quando um deles foi dividido com um cobertor.

“Era um apartamento terrível”, disse MacLeod. “No inverno, formava-se gelo no piso. E ninguém nunca usava o chuveiro, era nojento. Todos éramos paupérrimos, mas Steve enfrentou tudo bravamente, porque ele obviamente havia crescido daquela maneira. Ele não esperava muito do ambiente que o rodeava. Um de nossos colegas de quarto tinha uma situação melhor, já que seus pais pagavam por sua educação. Ele tinha seu próprio armário e nele guardava sua comida, que nós furtávamos regularmente.”

“Mas Steve tinha seu próprio universo alternativo, em suas leituras e seus livros”, prosseguiu MacLeod. “Ele lia livros como o resto de nós respirava. Ele podia dizer quantos livros John MacDonald tinha escrito porque lera todos. Ele absorvia a totalidade do livro, e sua concentração era lendária.”

Em praticamente todas as universidades dos Estados Unidos no fim dos anos 1960, as drogas eram uma realidade. Fosse maconha, anfetamina ou ácido, sempre havia algo para quem desejasse, e o apartamento na North Main Street não fugia à regra. Um dia, espalhou-se um rumor sobre uma nova droga alucinógena que alguém num dormitório próximo queria compartilhar. Segundo MacLeod, a substância bagunçava seu equilíbrio, então alertou que quem a tomasse deveria ficar quieto por algum tempo. “Você tem de sentar no sofá e esperar passar”, disse. Steve experimentou a droga com alguns outros estudantes, e logo todos embarcaram na experiência, conversando, ouvindo música e rindo.

Passado algum tempo, alguém perguntou aonde fora Steve. Procuraram pela casa, mas ninguém o encontrou. MacLeod sugeriu que ele talvez estivesse vagando pelo campus, tão chapado que não conseguia encontrar o

caminho de casa. Apesar de os efeitos da droga não serem favoráveis para fazer uma caçada humana, seus colegas organizaram uma busca e começaram uma operação pente-fino no campus.

Eles procuraram em bares, becos nos arredores da Main Street, alguns dormitórios e no Departamento de Inglês. Depois de muitas horas, desistiram e voltaram para o apartamento, onde encontraram Steve na sala lendo um livro. “Ele estava sentado em uma poltrona de três pernas, com os pés apoiados em um aquecedor a querosene, que estava a ponto de derreter suas galochas, sem se dar conta de nada”, disse MacLeod. “Acho que ele estava lendo *Psicose*. Com essa droga, ninguém era capaz nem de virar as páginas, mas Steve estava sentado lá lendo, totalmente seguro em seu casulo literário.”

Mais tarde, Steve daria detalhes sobre seu consumo de drogas nos anos da universidade. “Tomei um bocado de LSD, peiote e mescalina, mais de sessenta viagens ao todo”, ele disse. “Nunca tentei converter ninguém para o ácido ou outras drogas alucinógenas, porque algumas pessoas encaram bem as viagens, outras têm uma viagem ruim, e esta última categoria pode sofrer sérios danos emocionais.”

Não importava a droga que os rapazes do apartamento tomassem, se batesse a larica eles estavam a poucos passos da Pat’s Pizza e do Shamrock, dois dos pontos habitualmente frequentados pelos estudantes em Orono. Na Pat’s havia pizza e comida barata para encher a barriga de um universitário durango, enquanto no Shamrock só havia cerveja, a qual Steve costumava chamar de Valium de pobre.

“O Shamrock só tinha mesas e cerveja”, disse MacLeod. “Era num porão sem janelas, sem luz, apenas três chopeiras e os jogadores de futebol que as manuseavam.”

Um dia, entre drogas e idas a Pat’s e Shamrock, Steve chamou MacLeod a seu quarto, onde puxou uma gaveta da cômoda com centenas de revistas vagabundas. Era tudo que ele havia lido quando era garoto. Ele pegou um exemplar de *Startling Mystery Stories* com sua história e disse a MacLeod que pretendia passar para o próximo nível. MacLeod, que também queria ser escritor, ficou fascinado com as outras revistas, que ele viu serem pelo menos de uns vinte anos atrás. O entusiasmo de Steve por escrever e por literatura popular iria contaminar George, e eles com frequência iam para o escritório do jornal da universidade para usar uma máquina de escrever, já que nenhum deles tinha uma; Steve deixara a sua em casa.

“Íamos para lá tarde da noite ficar batucando naquelas máquinas manuais, e isso se tornou uma rotina”, disse MacLeod. “Quando se sentava diante da máquina de escrever, ele se largava. Ficava tão concentrado que, se você o acertasse com um tijolo, provavelmente ele nem iria reparar.”

A mesma concentração e confiança estavam presentes quando Steve estava na sala de aula. Já naquela época ele acreditava em seu trabalho. Sempre que um professor ou aluno criticasse seu texto por ser muito contemporâneo, ele não se perturbava.

“Este sou eu e quem eu sou”, respondia Steve. E, se ficasse chateado, ele escrevia um ensaio ou artigo para o jornal da universidade, o *Maine Campus*.

Considerando assistir às aulas, ler, escrever e ter uma vida social, muitos amigos de Steve se perguntavam quando ele dormia.

E ele ainda assistia a tantos filmes como quando era garoto. Ele havia começado o terceiro ano da universidade quando estreou *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968), e uma tarde ele foi ver o filme. Quase todos os assentos estavam tomados por garotos, e mais tarde Steve diria que foi a primeira vez em sua vida que se sentou em um cinema cheio de crianças tão quietas como se nem estivessem lá. “Eles estavam simplesmente atordoados com o sangue e a violência”, disse ele. “Foi o melhor argumento para a classificação etária dos filmes que já vi. Não tenho nada contra os filmes da série dos mortos-vivos, ou contra *O Massacre da Serra Elétrica* (1974),[35] mas não é algo que você simplesmente possa dar a crianças. Você tem de ter idade o bastante para lidar com isso, e aqueles garotos não estavam preparados.”

Ele jurou que, quando tivesse filhos, não faria assim. Ainda que ele tivesse aprendido cedo com filmes de terror, os filmes de dez anos antes eram totalmente diferentes de *A Noite dos Mortos-Vivos*. Ele achou que o filme era muito explícito, e que seria melhor se você tivesse de imaginar algumas coisas. E seguiu essa mesma filosofia em seus livros.

Ele também estava começando a cristalizar outras ideias sobre o que a escrita deveria ou não fazer pelo leitor. “A literatura deve ser algo tórrido e próximo”, disse. “Quero que ela alcance a pessoa, agarre-a e a prenda em um abraço ardente, sem deixá-la partir. Sempre busquei machucar o leitor e, ao mesmo tempo, diverti-lo. Acho que um livro deve ser uma coisa realmente viva e perigosa, em várias maneiras.”

Ele estava se tornando um estudioso apaixonado da personalidade humana. E não tinha medo de perguntar às pessoas a razão de elas fazerem

determinadas coisas, porque esperava, eventualmente, usar isso em seus livros.

Um dia, ele encontrou uma garota com quem estudara no ensino médio, e ela estava com um machucado no rosto. Ele perguntou o que acontecera, mas ela se recusou a falar. Ele insistiu, chamando-a para tomar um café.

"Ela contou que tinha saído com um cara e que ele quis fazer coisas que ela não queria, e então ele bateu nela", disse Steve. Ele ficou ao mesmo tempo fascinado e revoltado, então ele a interrogou gentilmente.

"Eu me lembro de ter-lhe dito que é preciso coragem para sair com um cara", contou ele. "Talvez você se sinta atraída por ele, mas basicamente o que você faz é dizer 'Vou entrar no seu carro, vou a algum lugar, e tenho confiança de que você me levará de volta para casa inteira'. É preciso coragem, não? E ela respondeu 'Você nunca saberá.'"

"Nunca me esqueci deste episódio. Tornou-se inspiração de muitas das histórias que escrevi."

Depois de escrever algumas reportagens e ensaios para o *Maine Campus*, Steve decidiu falar com o editor, David Bright, sobre ter uma coluna semanal. Bright deu-lhe o sinal verde, e a primeira coluna foi publicada em 20 de fevereiro de 1969. Steve batizou sua coluna de " The Garbage Truck" ("O Caminhão de Lixo") porque, como explicou, "você nunca sabe o que vai encontrar em um caminhão de lixo".

Desde o início, Bright gostou do que Steve escrevia, mas não era muito fã do estilo exasperador com que este produzia suas colunas. Uma hora antes do prazo final, sem qualquer sinal de coluna, Steve aparecia na redação. Bright, contorcendo as mãos, dizia a Steve de quantos centímetros de texto precisava para aquela edição. Steve, então, se sentava em frente a uma das enormes máquinas de escrever verdes na redação e martelava sua cópia, sem erros tipográficos, sem alterações, sem correções, sem rascunhos rasgados, a poucos segundos do prazo final.

Suas colunas cobriam todos os assuntos, e ele claramente as usava para descobrir o que as pessoas achavam de sua visão do mundo. Na coluna de 18 de dezembro de 1969, ele escreveu: "Talvez haja um buraco em nosso mundo, talvez no tecido de nosso Universo, pelo qual as Coisas vêm e vão. Pode ser que em algum outro mundo todos os nossos antigos bichos-papões existam, andem e falem – e ocasionalmente se percam em nossa esfera".

Nessa mesma coluna, ele contava a história de uma aldeia no estado de Vermont chamada Jeremiah's Lot, que aparentemente teria sumido do mapa

no início do século XIX, e ainda descreveu uma teoria de Shirley Jackson, uma de suas escritoras prediletas, de que casas e edifícios podem ser inerentemente maus. Algumas colunas depois, ele se derramou em elogios ao grêmio da universidade por ter programado uma supersafra de filmes de horror naquele semestre. *O Bebê de Rosemary* (1968), *Psicose* (1960), *Drácula* (1931), *Frankenstein* (1931), *A Mansão do Terror* (1961) e *O Corcunda de Notre Dame* (1939), entre outros, estavam na mostra.

Era bastante evidente que ele não ligava para o que os outros estudantes e os professores pensavam de sua coluna; ele a via como uma pedra no sapato das pessoas do campus, e seu objetivo era fazer com que elas pensassem, não importando que discordassem de suas ideias.

Outra possibilidade é que ele a usasse para descobrir quem eram seus verdadeiros amigos. Esse parecia o caso de sua coluna de treze de novembro, na qual ele primeiro admitiu que gostava de policiais, depois afirmou que, por outro lado, não gostava muito de esquerdistas e liberais. No barril de pólvora das universidades norte-americanas nos anos 1960, não importa em que parte do país você estivesse, isso era equivalente a atirar um galão de gasolina em uma fogueira.

Ele então criticou os colegas estudantes que apoiavam Huey Newton, líder dos Panteras Negras,[36] que atirara e matara um policial em 1967.

"Os tiras são as pessoas que ficam entre você e o caos de uma sociedade insana", escreveu ele. "Para mim, o sujeito que chama os tiras de porcos é, ele mesmo, um porco, com uma boca suja e uma mente insípida."

Ele também assumiu uma posição surpreendente com relação a sexo e controle da natalidade. "Os métodos contraceptivos aviltam o ato sexual", escreveu. "É como entrar no seu carro, ligar a ignição e sair dirigindo feito louco em ponto morto. O controle da natalidade é uma covardia. Não parece certo livrar-se deles com uma risível coisinha plástica. O aborto é a única forma moral pela qual isso pode ser feito. No mínimo, vai forçar a pessoa envolvida a tomar uma decisão séria sobre métodos contraceptivos."

Mas ele nem sempre fazia sua coluna para cutucar a onça com vara curta ou testar suas visões sobrenaturais do mundo. Ocasionalmente, Steve fazia uma lista de suas canções, discos e filmes prediletos. No fim de 1969, ele dedicou toda uma coluna àqueles que considerava os melhores discos do ano – *Nashville Skyline*, de Bob Dylan, e *Abbey Road*, dos Beatles – bem como as canções "The Boxer", de Simon & Garfunkel, e, surpreendentemente,

“Sugar Sugar”, dos Archies. Ele detestava qualquer coisa de Blood, Sweat & Tears ou de Glen Campbell.

Ele também contribuiu com contos para as revistas literárias da universidade, como *Onan* e *Moth*. “As histórias que ele publicou nas revistas estudantis tinham alguma força”, recordou Rick Hautala. “Você não podia ignorá-las, mas, ao mesmo tempo, havia uma vozinha que dizia ‘Uau, elas são violentas. Esse cara é doente mental? Por que as histórias têm de ter tanto sangue e violência?’” Hautala ressaltou que as histórias de Steve se destacavam tanto das demais que pareciam estar impressas em outra letra e cor diferente.

Por causa da coluna “ The Garbage Truck”, Steve era bastante conhecido no campus, e até a cúpula da universidade se interessava por ele. O reitor, Winthrop Libby, até conversou com um dos professores, Ted Holmes, sobre as perspectivas de Steve para ganhar a vida como escritor. “Ted não foi muito cortês nesse ponto”, disse Libby. “Ele afirmou que, apesar de Steve certamente ter habilidade para contar histórias, ele desejava que Steve escrevesse algo além de contos de terror.”

Alguns estudantes convenceram Steve a expandir sua plataforma do papel para o palco. Ele tocava guitarra e cantava tão bem quanto praticava esportes no ensino médio, mas desfrutou da chance de se apresentar no palco.

Um lugar fora do campus, chamado Coffee House, atraía os beatniks. As pessoas subiam no palco e liam poesia – de sua própria autoria ou de outros – e histórias metafísicas. Uma noite Steve foi convidado a ler e escolheu uma história que havia escrito sobre um sujeito que tinha olhos em suas mãos, e o público aplaudiu polidamente. Da próxima vez, ele foi convidado para a performance do Dia das Bruxas, na qual leu algumas de suas histórias de terror. Quando o público começou a rir em algumas partes, Steve ficou consternado e pensou que havia algo errado em suas histórias, mas, em grande parte, o público ria de desconforto e ansiedade, bem como porque as histórias eram completamente diferentes das demais que haviam sido lidas no evento.

Depois disso, Steve não voltou ao Coffee House, preferindo ir às noites de microfone aberto no Ram’s Horn, um café no campus. Mas, em vez de ler histórias, Steve levava sua guitarra e cantava. "Steve cantava sempre canções country sobre um tremendo perdedor que nunca dava sorte”, disse Diane McPherson, uma colega de turma que participou de uma das oficinas de poesia de Burt Hatlen com King. “Eu me lembro de pensar, na ocasião,

que Steve estava cantando sobre uma versão de si próprio que parecia verdadeira.”

Devido a seu palanque semanal no jornal da universidade, outros estudantes começaram a ver Steve não apenas como um colunista, mas como um líder no campus.

“Ele era uma metralhadora giratória no que diz respeito à política”, disse MacLeod. “Era um radical barulhento que se opunha ao Vietnã, mas, ao mesmo tempo, era uma pessoa estranha: de um lado muito reservado, ainda que público de uma maneira ruidosa.”

“Quando o movimento contra a guerra surgiu, Steve simplesmente pulou dentro e se tornou um líder”, disse Rick Hautala. “Sempre que havia uma greve de estudantes, ele nunca parecia ter quaisquer escrúpulos de pegar o microfone e se manifestar.”

Houve uma convocação militar na ocasião, à qual muitos universitários se opuseram com veemência, apesar de estarem protegidos do alistamento, ainda que por um tempo, pois estudantes de graduação e pós-graduação eram automaticamente dispensados. No entanto, o desempenho acadêmico fazia parte do acordo: o Serviço de Seleção espalhou um boato de que eles não hesitariam em convocar estudantes com média inferior a B.

Quando as dispensas para universitários foram suspensas, em 1969, os protestos que vinham ocorrendo pelos campi de todos os Estados Unidos desde meados da década se multiplicaram imediatamente. Más condições físicas ou qualquer problema sem tratamento, como miopia ou pé chato, eram imediatamente classificados como 4-F – a condição perfeita era 1-A – e automaticamente garantia a dispensa do candidato.

Mais tarde, em 1971, foi instituído um sorteio para acelerar o processo de alistamento, de acordo com a data de nascimento. Esta era escolhida ao acaso e recebia um número de 1 a 365. Quanto mais baixo o número, maior a chance de ser convocado.

Enquanto alguns estudantes fugiam dos protestos no campus na esperança de que, se mantivessem a discrição e uma média de notas elevada, não seriam percebidos nem marcados para o alistamento, outros, como Steve, não se importavam e não hesitaram quando se tratava de atiçar os demais. Ele talvez já suspeitasse que era um 4-F e, consequentemente, isento do serviço militar devido a sua vista ruim, o que pode ter sido a razão para que se sentisse livre para fazer escândalos e se manifestar.

Além de sua coluna, ele posou para uma foto de capa do *Maine Campus* de 17 de janeiro de 1970 segurando uma arma de dois canos, de cabelos compridos e despenteados e um brilho selvagem no olhar que lhe valeu várias comparações a Charles Manson, com a legenda “Estude, droga!”

Quando estava no terceiro ano, Steve foi eleito para o Senado Estudantil, com o maior número de votos jamais registrado. Um dos deveres do cargo era comparecer regularmente às reuniões das comissões de assuntos estudantis. Libby, o reitor da universidade, respeitava as tendências e o senso de justiça de Steve no que dizia respeito a lidar com professores e estudantes, e compreendia algumas das tensões que brotavam entre eles, mas logo percebeu o verdadeiro caráter de Steve. “Ele era basicamente uma pessoa muito gentil que fazia o papel de um homem muito louco”, disse Libby.

Não surpreendeu que assuntos acadêmicos tomassem uma posição secundária em todas as demais coisas que estavam acontecendo no campus, e no mundo, no fim dos anos 1960. Na verdade, muitos estudantes tinham problemas em manter suas mentes nos estudos. E com todas as suas diversas atividades, dentro e fora da universidade, Steve não necessariamente parecia a seus amigos um estudante particularmente brilhante. “Nós não falávamos muito sobre isso”, disse MacLeod. “Todos nós estudávamos, mas estava muito em segundo plano. Tudo girava em torno de política, poesia, drogas e rock.”

Com estudantes em cidades maiores e universidades famosas em todo o país fechando os campi e fazendo greve, Steve usou sua posição como diretor da coalizão estudantes/professores para fazer demandas à faculdade e à administração que, em sua essência, reorganizariam a universidade. Uma noite, ele organizou uma marcha de protesto até a casa do reitor para apresentar uma série de demandas feitas por vários grupos no campus, que iam desde estudos mais independentes e opções de financiamento até cursos gratuitos para quem fizesse um mínimo de trabalhos acadêmicos. Ele até acolheu sugestões dos Estudantes por uma Sociedade Democrática, um dos grupos estudantis mais radicais do país, que defendiam várias das propostas incluídas no pacote que Steve apresentaria a Libby.

Em uma noite úmida e fria de primavera de 1969, Steve comandou a marcha pelo campus carregando uma lanterna e usando um casaco comprido de feltro, velho e molhado, seguido por um grupo mal-ajambrado de

manifestantes. Um grupo que se opunha ao protesto gritou palavras de ordem e jogou ovos e vegetais podres nos estudantes que marchavam.

No fim, Libby ouviu as demandas e prometeu reunir-se com Steve e outros estudantes para negociar um acordo, mas o protesto logo perdeu a importância para Steve, pois ele voltou sua atenção para duas coisas muito mais urgentes: o quarto ano e Tabitha Spruce.

Steve King e Tabitha Jane Spruce se encontraram pela primeira vez no seminário de escrita de Jim Bishop, apesar de ambos trabalharem meio período na Biblioteca Folger. “Achei que ela era a melhor escritora daquele seminário, melhor inclusive que eu, porque sabia exatamente o que estava fazendo”, ele contou. “Ela entendia a sintaxe e as diversas estruturas da prosa e da poesia, de uma forma que os outros não compreendiam. Eles queriam viajar em delírios metafísicos sobre como estavam libertando a voz de suas almas e outras babaquices do gênero.”

Ela o tinha notado desde que ele chegara ao campus como calouro, no outono de 1967. Antes de começar com sua coluna, ele havia escrito uma carta ao editor do *Maine Campus*, e o jornal a publicou. Ela leu a carta e pensou “puxa, esse cara sabe escrever”. “Mas, ao mesmo tempo, fiquei possessa com o fato de que ele tinha conseguido publicar uma carta no jornal antes de mim”, ela contou.

“Ele era essa coisa rara, um Grandalhão do Campus que não era um atleta”, disse Tabby. “Era, literalmente, o estudante mais pobre que jamais conheci. Usava galochas de borracha cortadas porque não podia pagar sapatos. Era incrível que alguém fosse à universidade nessas circunstâncias, e mais incrível ainda que não ligasse.”

“Desde o início, achei que ele era tão bom quanto qualquer autor publicado que eu conhecia. Acho que ele ficou impressionado com o fato de que eu gostava do que ele fazia. Ele também tinha tesão nos meus peitos.”

“Tabby parecia uma garçonete”, concordou ele. “Ela agia, e ainda age, como uma garota durona.”

George MacLeod conta algo dos bastidores: “Quando Steve e Tabby se conheceram, ela já havia se envolvido com outro estudante da oficina, mas este a largara, então ela estava sozinha quando encontrou Steve. Alguns de nós ficaram com a impressão de que Steve sentia pena dela, mas eles realmente se davam bem; eram dois solitários e dois escritores que realmente se compreendiam e se juntaram”.

Eles logo começaram a passar todo o tempo livre juntos. Em alguns meses, ela se mudou com ele para um pequeno apartamento em Orono.

Tabitha Jane Spruce nascera em 24 de março de 1949, filha de Raymond George Spruce e Sarah Jane White, em Old Town, no Maine, perto de Orono. Tabby, como era chamada, era a terceira de oito filhos de uma família católica e frequentou uma escola primária católica e depois a John Bapst Memorial High School. Seu pai trabalhava no armazém da família, o R.J. Spruce & Sons, na Main Road, em Milford, só separado de Old Town pelo rio Penobscot. O avô de Tabby, Joseph Spruce, havia comprado a loja com seu irmão no início dos anos 1900.

Os Spruce eram franco-canadenses e mudaram seu nome original, Pinette, no fim dos anos 1800 porque estes eram um alvo fácil de discriminação naquela época. Na época a Ku Klux Klan estava ativa na Nova Inglaterra, e imigrantes do Quebec – um termo depreciativo usado contra eles era "sapo" – dificilmente conseguiam emprego nas fábricas locais.

Todas as crianças da família Spruce trabalhavam na loja. "Cresci ouvindo as pessoas falarem junto a aquecedores a lenha", contou Tabby. "Eu cortava pedaços de tabaco para mascar para velhotes. Meu pai cortava carne bovina em uma sala nos fundos. Em determinado período, minha avó teve até uma agência dos correios dentro da loja."

Tabby cresceu, segundo suas próprias palavras, solitária, introspectiva e independente, e adorava escrever: ela tinha um diário e escrevia cartas para os amigos. Assim como Steve, ela era uma leitora inveterada. "Depois que descobri a biblioteca pública, eu raramente ficava em casa", contou. "Uma vez, a bibliotecária ligou para minha casa para contar que eu estava lendo livros adultos, e minha mãe respondeu que se eu os entendia não tinha problema, e se não os entendia não iam me prejudicar."

Também como Steve, Tabby não ligava se ela nunca mais visse uma lagosta na vida. Quando adolescente, ela trabalhou no Lobsterland, um restaurante de frutos do mar perto de Bangor, e muitas vezes cuidava de passar no moedor os restos de lagosta deixados pelos fregueses, para serem usados no dia seguinte como recheio de rolinhos ou em saladas. Ela cresceu detestando o cheiro de frutos do mar estragados, que impregnava na pele, no cabelo e nas roupas, mas era o único trabalho disponível para ela na ocasião.

"Quando cresci em Old Town, não havia nenhum movimento feminista", disse Tabby. "Aprendi muito cedo que, o que quer que eu fizesse, o problema estava em ser mulher, e ser uma mulher que usava óculos era

realmente deprimente. Quando meus peitos cresceram, isso também não ajudou.” Ela terminou a John Bapst Memorial High School, em Bangor, em junho de 1967. Depois foi para a Universidade do Maine, o típico caminho de estudantes inteligentes cujas famílias não tinham dinheiro para mandá-los para uma universidade em outro estado. Como Steve, ela frequentou o curso com a ajuda de bolsas e trabalhos de meio expediente no campus. Lá ela esperava se livrar das limitações que impediam seu desenvolvimento intelectual. Em vez disso, deu de cara com novas formas de sexismo. Ela se lembra de como um professor costumava rabiscar no alto dos trabalhos das alunas “Desista e se case”.

Perseverando, ela ignorou tais desfeitas, apesar de não estar segura de seus objetivos acadêmicos. Durante algum tempo, mudava de curso todos os semestres. No fim, acomodou-se ficando com Inglês e História. Ela planejava, depois de se formar, fazer um mestrado em Biblioteconomia e se tornar bibliotecária em tempo integral.

Pelo menos era esse o plano. Conhecer Steve mudou tudo.

“Eu sabia que Tabby era minha leitora ideal da primeira vez que lhe dei algo para ler, antes de nos casarmos, uma história chamada ‘ I Am the Doorway’ (‘Eu Sou o Portal’), e ela disse que era realmente boa”, contou Steve. “Essa é normalmente a extensão de seus comentários, se ela gosta de algo.” Com o tempo, claro, ele descobriria que, quando ela não gostava de algo, não hesitava em falar, dando ainda sugestões sobre como ele poderia melhorar o trabalho.

Desde a primeira vez que se encontraram – Steve ficou chapado no primeiro encontro –, eles grudaram e não se soltaram mais. Eles compreendiam um ao outro e tinham interesse nas mesmas coisas.

Ao namorar Tabitha, Steve imediatamente passou a fazer parte de uma grande família, do tipo que ele nunca teve, mas com a qual sempre sonhou.

Como parte dos requisitos para obter um certificado para ser professor do ensino médio, Steve começou a dar aulas em janeiro de 1970 em Hampden Academy, uma escola pública de ensino médio em uma cidade próxima, Hampden. Apesar de ter elevado muito sua carga de trabalho, ele continuou a assistir às aulas, estudar, ler e escrever, ao mesmo tempo que ensinava inglês.

Na época, ele e Tabby moravam juntos em Springer Cabins, junto ao rio Stillwater, em Orono. Eram acomodações notoriamente baratas, mas como ambos estavam na universidade e o dinheiro era escasso, era só o que

podiam pagar. Isso era extremamente importante, porque Tabby já estava no terceiro mês de gravidez. Ela continuou a frequentar as aulas apesar dos olhares de desaprovação, especialmente dos professores homens. Ainda que Roe vs. Wade[37] só fosse ser resolvido dali a três anos, era possível abortar tendo-se as conexões certas. Com o amor livre desenfreado no fim dos anos 1960 e início dos 1970, muitas mulheres optaram por abortar em vez de ter filhos, já que a maternidade era vista como careta em muitos círculos na época.

E careta era a descrição exata de Steve e Tabby. Ainda que Steve tivesse tomado mais drogas do que devesse, e liderado protestos até a casa do reitor para apresentar demandas absurdas, sua visão de mundo não tinha se afastado muito daquela de sua infância conservadora. O aborto não era uma opção. Além disso, Tabby havia sido criada como católica, e eles planejavam casar-se depois que Steve terminasse a universidade.

Provavelmente abortar uma criança para Steve seria igual a abandoná-la, e ele jurara nunca fazer nada que se assemelhasse ao comportamento de seu pai para com sua família. Então Steve e Tabby decidiram encarar as dificuldades. Ainda que Steve nunca tivesse tido problema para encontrar motivação para escrever, agora ele tinha ainda mais incentivos. Escrever, para ele, seria a porta de saída de uma vida difícil. Recentemente ele começara a mandar seus contos para revistas masculinas, como *Gallery* e *Cavalier*, e conseguia vender uma ou outra história. Eles pagavam apenas cerca de duzentos dólares, mas, para Steve, era uma fortuna.

Um dia, em março, Steve estava trabalhando na biblioteca quando o bibliotecário apareceu com várias resmas de um papel verde brilhante para distribuir. Era fácil saber por que o papel não tinha utilidade para a equipe: as folhas eram grossas como papelão e não encaixariam fácil em uma máquina de escrever. Elas mediam 18 por 25 centímetros, um tamanho irregular que horrorizava os professores.

A maior parte dos estudantes declinou, mas Steve pegou o máximo que pôde. Ele sabia que a maioria das pessoas via uma folha em branco com um terror abjeto, mas para ele essa folha de papel trazia grandes promessas. Ele considerou o papel, com seu tamanho e cor peculiares, como um presente. Ele queria guardá-lo para algo especial, correndo seus dedos pelas resmas, levianamente se comparando a “um alcoólatra contemplando uma caixa de Chivas Regal, ou um maníaco sexual recebendo a visita de uma centena de jovens virgens loucas para dar.” Ele levou o papel de volta para seu

alojamento, colocou a primeira folha na mesma máquina Underwood que usava desde a infância – ele finalmente a trouxera de Durham – e datilografou a primeira linha de um romance cuja ideia lhe fora inspirada por um poema de Robert Browning, “Childe Roland”, sobre a jornada de um jovem por uma torre distante em uma terra estranha e sombria.[38]

“O homem de preto fugiu pelo deserto, e o pistoleiro o seguiu.”

Além do vício em livros policiais, de horror, ficção científica e quadrinhos, King estava explorando outro gênero popular na ocasião: fantasia, principalmente a série *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), de Tolkien.[39]

“Fiquei maravilhado com a mágica da história, com a ideia da jornada, a sua amplitude, e pelo tempo gasto em contar as lendas”, disse. Naturalmente, ele pensou em escrever seu próprio livro seguindo essas coordenadas, e, enquanto trabalhava no primeiro de uma série de sete, ele estava consciente de que precisava evitar o estilo e as histórias de Tolkien. Ao mesmo tempo, sabia que queria que os livros tivessem um pé na fantasia e outro no mundo real.

Enquanto começava a explorar o mundo do personagem Roland Deschain, ele trabalhava febrilmente em outros contos e romances, ao mesmo tempo que terminava os cursos necessários para se formar. Ele continuava a afirmar, a quem estivesse disposto a ouvir, que seu objetivo era viver de seus livros. Ao contrário de muitos de seus colegas estudantes, que estavam sucumbindo ao pessimismo da época da Guerra do Vietnã, Steve era incrivelmente otimista em relação ao seu futuro. Em consequência disso, ele via oportunidades e ideias em tudo que cruzasse seu caminho, até em um monte de papel que ninguém mais queria.

Ainda demoraria mais doze anos, mas aquele estranho papel verde serviria como a gênese de sua série *A Torre Negra*.

STEPHEN KING

CAPÍTULO IV

DESESPERO

Um mês antes de sua formatura na faculdade, Steve foi preso pela polícia de Orono em um incidente bizarro envolvendo mais de trinta cones de sinalização de plástico. Ele tinha bebido todas em um bar local, e em seu caminho para casa atingiu um cone de tráfego com tanta força que o escapamento do utilitário Ford detonado que ele dirigia na ocasião caiu. Mais cedo naquele dia, ele havia visto que o departamento de trânsito local estava pintando novas faixas de pedestre por toda a cidade e colocara os cones para que carros e pedestres tomassem cuidado com a tinta fresca.

Não Steve. Ele ficou tão indignado com o fato de que teria de comprar um escapamento novo para seu carro que decidiu dar uma lição à prefeitura. "Com a lógica de um bêbado, decidi atravessar a cidade e pegar todos os cones", recordou. "No dia seguinte, eu levaria todos os cones, junto com meu escapamento, à prefeitura, em uma demonstração de raiva justificada."

Ele juntara uma centena de cones na traseira do carro, mas sabia que estava longe de terminar, então voltou ao apartamento para deixar os cones antes de voltar às ruas para recolher o restante deles. Steve já havia juntado um bom número quando um policial o viu e ligou a sirene. O policial encontrou cones suficientes em seu carro para prendê-lo por furto. "Se eu tivesse sido pego com os cem cones que já havia escondido no apartamento, seria muito pior", afirmou.

A data do julgamento foi marcada para agosto.

Stephen King formou-se na Universidade do Maine na primavera de 1970, com bacharelado em Inglês e um certificado que o qualificava como professor do ensino médio. Um exame feito pelo conselho das Forças Armadas logo após a formatura declarou-o como 4-F e inadequado para o serviço militar devido à pressão alta, à visão limitada, aos pés chatos e aos tímpanos perfurados. Sem dúvida, pela primeira vez em sua vida, em vez de pensar no médico sádico de sua infância com raiva, ele talvez tenha sido um pouquinho grato.

Apesar de não ser mais estudante, Steve continuou a escrever para o *Maine Campus*. Um dos contos foi “ Slade”, que começara a escrever nas folhas de papel verde um mês antes.

Tabby deu à luz a Naomi Rachel em 1º de junho de 1970, logo após a formatura de Steve, mas um ano antes da sua. Apesar de ele e Tabby estarem emocionados, também estavam compreensivelmente nervosos sobre como conseguiriam sustentar um filho quando tinham dificuldade para sustentar a si próprios. Como havia planejado, Steve se candidatou a um cargo de professor na Hampden Academy e, quando soube que não havia vagas, procurou outras escolas da área, apenas para ouvir a mesma resposta.

Ele precisava ganhar dinheiro, mas não queria voltar a trabalhar na Worumbo Mills, então conseguiu uma vaga de frentista em um posto de gasolina em Brewer. Os funcionários eram obrigados a se manter em estado de alerta. Se um cliente completasse o tanque, Steve tinha de se transformar em vendedor.

“Com um tanque cheio você podia escolher entre O Copo – um feio, mas durável jogo de copos de vidro – e O Pão – uma bisnaga extralonga de um pão branco esponjoso”, contou. “Se nos esquecíamos de perguntar se podíamos checar o óleo, você levava o tanque cheio de graça. Se nos esquecíamos de agradecer, a mesma coisa. E adivinhe quem tinha de pagar por esse tanque cheio? Exato, o operador da bomba esquecido.”

Depois de pagar a conta do tanque cheio de vários clientes, Steve aprendeu sua lição, ainda que o trabalho fosse incrivelmente maçante. Em agosto, ocorreu seu julgamento pelo furto dos cones, e ele tirou um dia para ir ao tribunal. Mas não queria que seu chefe pensasse que havia contratado um celerado, então disse que precisava da folga para ir ao enterro de um parente de Tabby.

Ele foi à Corte Distrital de Bangor, defendeu-se sem a ajuda de um advogado e acabou considerado culpado. O juiz multou Steve em cem

dólares, mas ele havia acabado de vender para a revista *Adam* uma história de horror chamada “The Float” (“A Balsa”, em tradução livre)[40] – sobre quatro estudantes universitários que nadam até uma balsa no meio de um lago, em um dia de outono, e acabam encontrando uma criatura nas águas escuras –, então ele usou o cheque para pagar a multa. Se o juiz soubesse de onde tinha vindo o dinheiro...

No dia seguinte, quando apareceu no posto, ele foi demitido por ter mentido sobre o motivo de sua ausência. Um dos parentes de sua patroa tinha visto Steve na lista de processos judiciais e disse a tia que seu funcionário havia estado no tribunal aquele dia.

Ele precisava achar outro emprego imediatamente, então se candidatou a vários, acabando por conseguir uma vaga que pagava 1,60 dólares a hora na lavanderia New Franklin, que lavava roupas para empresas e estabelecimentos comerciais.

Ele pensou muito antes de aceitar. Afinal de contas, sua mãe havia trabalhado em uma lavanderia, e a última coisa que ele queria fazer era replicar a vida da mãe, algo com que ela concordaria de todo o coração.

Apesar de seu diploma universitário, estava seguindo o triste caminho de Ruth: sustentar uma esposa e uma filha recém-nascida causava um bocado de estresse para Steve. Ainda que, no fundo, ele soubesse que o mais fácil seria imitar a vida de seu pai, pedindo desculpas um dia após o jantar e sair para comprar cigarros, de cabeça baixa, andando sem olhar para trás, ele sabia que nunca tomaria esse caminho.

Além disso, havia contatado um editor em Nova York que gostara de seu trabalho e pensava que ele tinha futuro como escritor.

Desde sua formatura, Steve vinha trabalhando em um romance chamado *Getting It On* (*Fazendo Sexo*, em tradução *muito* livre), a história de um estudante de ensino médio que mata dois de seus professores e mantém toda a turma de álgebra como refém. Ele havia terminado o romance durante o verão e pensava que era tão bom – ou melhor – quanto muitos dos livros que estava lendo na ocasião, então decidiu enviá-lo a um editor. Steve havia acabado de ler um romance chamado *Parallax View* (1970), de Loren Singer, que admirava. Ele via semelhanças entre seu romance e o de Singer, que fora publicado pela Doubleday, então o enviou para o “Editor de *Parallax View*”, na Doubleday, em Nova York. Só que Steve não sabia que aquele editor havia deixado a empresa, então seu romance caiu na mesa de um editor de ficção chamado Bill Thompson.

Thompson respondeu dizendo ter gostado do romance de Steve, mas que este precisava ser aprimorado, apontando as modificações que queria que o jovem escritor fizesse. Excitado além da conta, Steve fez as mudanças e enviou os originais revisados de volta para Thompson. Depois de alguns meses, o texto voltou com um bilhete explicando que os outros editores queriam mais algumas mudanças. Steve alterou o romance pela segunda vez e o mandou de volta.

Thompson o devolveu pela terceira vez, desculpando-se pelo fato de que o conselho editorial havia pedido outras mudanças adicionais. Steve hesitou, mas imaginou que o mundo editorial era assim, então obedientemente acatou as sugestões do conselho e mandou o texto de volta.

Quando o grosso pacote voltou pela quarta vez com o endereço da Doubleday como remetente, os ânimos de Steve fraquejaram. Ele rasgou o envelope para descobrir que, depois de todo aquele trabalho duro e apesar de ter feito todas as modificações pedidas pelos editores, *Getting It On* fora recusado.

"Foi um golpe doloroso para mim", escreveu ele mais tarde, "porque durante muito tempo me permiti certo grau de esperança."

Cuidar de suas feridas não tomou muito tempo antes que ele começasse um novo projeto. Afinal, Thompson gostava de seu trabalho e lhe tinha dito que teria aceitado *Getting It On* há muito tempo, se dependesse somente dele. Além disso, Steve não se sentia totalmente desanimado, já que havia aprendido um bocado sobre o processo editorial e as ninharias às quais alguns editores davam atenção e que outros detestavam. Mais tarde Steve descobriria que Bill havia mandado o romance para algumas pessoas que conhecia em outras editoras, na esperança de vê-lo publicado, o que custaria sua demissão se a diretoria soubesse.

Bill pedira a Steve que o tivesse em mente caso estivesse trabalhando em outros romances, então Steve pegou o próximo texto da pilha e o enviou. *A Longa Marcha* tratava de um grupo de uns cem rapazes que participavam de uma marcha anual de punição com uma infinidade de regras – nenhuma interrupção era permitida, a velocidade da caminhada não podia ser inferior a seis quilômetros por hora –, que durava até que apenas uma pessoa sobrasse. Mais uma vez, repetiu-se o padrão: Bill pediu algumas mudanças, então outros editores também quiseram dar palpite, seguidos pelo conselho editorial, o que finalmente resultou na recusa do texto.

Tudo isso acontecia enquanto Steve trabalhava em horário integral na lavanderia e escrevia contos para revistas masculinas, nas quais seu desempenho era melhor que na Doubleday.

Steve fizera sua primeira venda para a *Cavalier* no verão, e " Graveyard Shift" ("Último Turno")[41] foi publicado na edição de outubro de 1970. A história tratava de ratos gigantes que viviam no porão de uma velha fábrica e dos homens encarregados de limpar o local. O conto se baseava nas histórias que ele havia escutado da equipe de limpeza da Worumbo Mills no 4 de julho. Maurice DeWalt era o editor encarregado de peneirar os contos que chegava, sem qualquer solicitação, à *Cavalier*, uma versão alternativa da *Playboy*, que começou a ser publicada no fim dos anos 1960. Apesar das reportagens e contos, o principal apelo da revista eram as fotos de modelos escassamente vestidas.

Um dia DeWalt chamou o editor-chefe, Nye Willden, para contar que havia acabado de ler uma história surpreendente de um escritor chamado Stephen King. "Mas", contou Willden, "ele também disse que tinha pouca ou nenhuma relação com o tipo de história que publicávamos na revista. Disse-lhe para trazê-la, de qualquer modo, e, quando li, ela realmente me deu calafrios."

Ele escreveu a Steve aceitando o conto e disse que pagaria cem dólares. Steve respondeu imediatamente para aceitar a oferta e aproveitou para enviar mais algumas histórias para a análise de Willden.

Claro, era uma revista pornô, mas Steve sabia que precisava pagar as contas, e ele continuava otimista sobre seu futuro. Ele ainda lia vorazmente qualquer coisa que lhe caísse nas mãos, quanto mais popular o gênero e mais vagabunda a capa, melhor. Mas às vezes se surpreendia ao pegar um livro na biblioteca, onde não eram exibidas as capas originais. "Eu abria e na primeira página via algo do tipo 'O autor deseja agradecer a Fundação Guggenheim pelos recursos para escrever este livro', e pensava: 'Seu maldito merdinha, onde você conseguiu descolar essa grana para sentar em alguma cabana em New Hampshire, enquanto eu tento escrever um livro à noite e tenho queimaduras de alvejante nas mãos? Quem diabos é você?'"

"Saía fumaça das minhas orelhas, de tanta raiva e inveja desses caras", disse Steve. "E achava que isso era porque eles se reuniam e ficavam lambendo as botas um do outro, no sentido literário. Algum professor de Inglês diria para seu aluno da graduação 'Você precisa ler Nathaniel Hawthorne',[42] e o garoto voltava e dizia 'Uau, chefe, Nathaniel

Hawthorne é sensacional. Será que o senhor assinaria meu pedido de bolsa para a Guggenhein?' Isso me deixava louco."

No front caseiro, Steve e Tabby planejavam se casar, mas ela tinha uma condição: que ele arrumasse um emprego melhor que o da lavanderia. Ele prometeu se candidatar a vagas de professor na primavera.

"Casei com ela por causa de seu corpo, apesar de dizer que foi por causa de uma máquina de escrever", disse ele tempos depois. Realmente, a Olivetti de Tabby era uma melhoria significativa em relação à velha Underwood na qual ele batia seus textos desde o fim dos anos 1950. Mas a máquina de escrever era só um atrativo adicional. "O tipo de sua letra era meio quadrado, um tipo de letra de saudação nazista."

Steve e Tabby se casaram em 2 de janeiro de 1971 em Old Town, onde Tabby cresceu. Steve pagou 15,95 dólares por um par de alianças na Day's Jewelers, em Bangor. A cerimônia foi na igreja católica – a religião de Tabby –, e a recepção, na igreja metodista, na qual Steve fora criado.

Apesar de Steve ter procurado por outros empregos, estes eram escassos, então ele continuava trabalhando na lavanderia quando se casou. Eles escolheram a data para que não houvesse problemas com os horários de Steve na lavanderia New Franklin. "Casamos em um sábado porque o lugar fechava nas tardes de domingo", disse ele. "Todos me desejaram felicidades, mas ainda fui descontado por não trabalhar na tarde daquele dia."

Tabby se formou em História na Universidade do Maine em junho de 1971. Foi difícil e estafante, já que ela ia às aulas grávida e, mais tarde, tendo de cuidar de um bebê recém-nascido.

Assim que se formou, ela deu de cara com o mesmo problema de Steve: não conseguia encontrar um emprego adequado a suas qualificações, e para os demais ela era mais do que preparada. Tabby se candidatou a uma vaga na rede Dunkin' Donuts. Inicialmente o gerente não queria contratá-la porque ela tinha diploma de bacharel, mas depois acabou cedendo.

Durante esse período, Steve e Tabby passaram a ver o cheiro dos doces da mesma maneira como viam o de lagosta. "No início era um cheiro agradável, sabe, fresco e açucarado", disse Steve, "mas logo se tornou insuportavelmente enjoativo. Desde então não sou mais capaz de encarar um *donut*."

Tabby só pretendia trabalhar até que eles conseguissem equilibrar o orçamento. "Assim que quitássemos as dívidas, eu deixaria de trabalhar,

porque Steve trabalhava de dia, eu trabalhava à noite, sem ver Naomi, sem nos vermos, não era bom", contou ela.

"Acho que minha mulher e eu tínhamos um bocado de valores tradicionais desde o início", disse Steve. "Pelos padrões de muitos de nossos amigos, nós éramos dois velhos antiquados. Tivemos nossos filhos, e os criávamos nessa vida caseira tradicional."

King se deu conta de que seu sonho de viver de seus livros não se realizaria tão cedo, então, quando apareceu uma vaga de professor na Hampden Academy – a escola onde ele obteve sua formação de professor enquanto estava na faculdade – para começar no outono de 1971, ele aceitou o emprego, com um salário inicial de 6.400 dólares, um patamar acima do da lavanderia.

Na ocasião, Steve, Tabby e Naomi viviam em um trailer alugado na Rota 2 em Hermon, cerca de onze quilômetros da escola. Steve se deslocava em um Buick Special 1965. Antes de virar a chave na ignição pela manhã, ele cruzava os dedos para que o motor pegasse; o carro se mantinha inteiro com pouco mais do que arame e fita isolante.

Como professor de inglês do ensino médio, ele estava finalmente colocando em uso seu diploma de graduação, apesar de rapidamente descobrir que ensinar não era aquilo que imaginara. "Eu pensava que dar aulas me garantiria uma vida de classe média, não imaginava que fosse significar pobreza", afirmou. "Ser professor do ensino médio é como ter cabos para bateria conectados nas suas orelhas, sugando toda a energia que há em você. Você chega em casa, tem provas para corrigir e fica sem vontade de escrever. Pretendíamos ter um carro, esperava-se que fôssemos ter uma vida decente, mas estávamos piores do que quando eu trabalhava na lavanderia."

Ele apaziguava as frustrações do emprego vendo como os estudantes agiam. Ele voltava com várias histórias e ideias a partir da observação dos estudantes e do fato de atormentá-los, ainda que sempre de uma maneira divertida.

Às vezes ele ameaçava os estudantes que participavam pouco de uma discussão em aula com um castigo insólito. "Quando eu me preparava para dar aulas, minha supervisora tinha uma cura certeira para a Turma dos Mortos-Vivos", dizia ele a seus estudantes. "'Alguém tem alguma ideia de por que a depressão de Willy Loman parece tão profunda em *A Morte do Caixeiro-Viajante*?',[43] perguntava ela. 'Se ninguém responder em quinze

segundos, eu tiro um sapato. Se ninguém responder em trinta segundos, eu tiro o outro', continuava. Quando ela estava a ponto de abrir o zíper do vestido, alguém sempre aparecia com uma opinião sobre a depressão de Willy Loman."

Entre dar aulas, corrigir trabalhos e passar algum tempo com Tabby e sua filha, Steve ainda arrumava algumas horas para dar forma a um romance, apesar de ter descoberto que escrever contos era mais lucrativo, pelo menos a curto prazo. Ele continuava a manter contato com Bill Thompson na Doubleday, mas depois de revisar longamente os dois romances que haviam sido rejeitados, decidiu se concentrar em escrever contos para revistas masculinas, que conseguia terminar em algumas horas e vender por pelo menos uma centena de dólares.

Além da *Cavalier* e da *Adam*, ele escrevia para revistas com títulos como *Dude*, *Gent*, *Juggs*, *Swank* e *Gallery*. Quando contou a sua mãe que estava vendendo histórias com regularidade, ela ficou entusiasmada e, compreensivelmente, quis vê-las impressas. Mas, mesmo que as histórias fossem de mistério, e não a pornografia que aparecia no resto das revistas, ele não queria que ela soubesse em que tipo de publicação estavam. Então Tabby fazia cópias das histórias impressas, cuidando em antes tapar os anúncios de filmes pornôs, lubrificantes e brinquedos eróticos que vinham nas laterais das páginas.

Na verdade, os editores gostavam tanto de seu trabalho que lhe pediram que tentasse escrever algumas histórias pornôs, pelas quais pagavam mais que pelas de horror. Ele bem que tentou, mas simplesmente não tinha as ferramentas emocionais para escrever sobre sexo. Ele chegou a escrever cinquenta páginas antes de desistir. "As palavras estavam lá, mas eu não conseguia lidar com elas. Era tão estranho, eu acabava caindo na gargalhada", contou. "Eu fui até o ponto de escrever sobre gêmeos fazendo sexo em um pequeno chafariz."

Ele disse que isso não se devia ao fato de se sentir desconfortável com sexo, mas por não conseguir escrever sobre sexo fora de uma relação monogâmica. "Sem fortes relações desse tipo como base, é difícil imaginar cenas de sexo que tenham credibilidade e impacto, ou avançar na trama, e eu apenas estaria colocando o sexo de forma arbitrária e superficial", afirmou. "É como 'Já foram dois capítulos sem uma cena de sexo, então é melhor colocar uma agora'."

A decisão de Steve de se concentrar em escrever contos foi acertada. Em 1972, a *Cavalier* publicou quatro histórias suas: “ Suffer the Little Children”, “The Fifth Quarter”, “ Battleground” e “The Mangler”.[44] Era dinheiro certo e seu nome aparecendo com regularidade, e quando Nye Willden lhe disse que os leitores estavam começando a pedir histórias suas, Steve ficou entusiasmado. Ele não tinha abandonado totalmente seu sonho de escrever um romance que uma editora quisesse comprar e ocasionalmente ainda se correspondia com Bill Thompson, mas Steve não tinha nada para lhe enviar e se sentia traumatizado depois de suas extensas revisões terem sido inúteis.

Steve tinha escrito “The Fifth Quarter” – sobre um criminoso comum que queria vingar a morte de um amigo ocorrida em um assalto frustrado – sob o pseudônimo de John Swithen. Ele escolheu outro nome porque o conto era diferente dos demais que ele havia escrito para a revista. Era mais uma história policial durona que um conto de horror sobrenatural, no qual ele usou os escritores das revistas dos anos 1950 como modelo. “Eles usavam muitos nomes diferentes porque escreviam em profusão”, explicou. “E como era a minha vez de escrever em profusão, usei o nome John Swithen, mas foi a única vez, porque não gostei dele.”

Quando chegaram as férias de verão na escola, Steve voltou a trabalhar em tempo integral na lavanderia New Franklin, que, mesmo sendo um serviço calorento, sem reconhecimento e exaustivo, tinha um lado positivo. Assim como acontecia quando trabalhava na Worumbo Mills durante o ensino médio, o ambiente da lavanderia e seus funcionários eventualmente davam ideias para novas histórias.

Na lavanderia, um dos colegas de Steve tinha perdido as mãos e os antebraços e usava próteses com ganchos na ponta. Ele trabalhava lá há quase trinta anos e um dia estava operando a máquina de passar e dobrar. Os empregados tinham apelidado a máquina de Mutiladora porque era o que acontecia se alguém chegasse muito perto. Naquele dia infeliz, a gravata do sujeito ficou presa por acidente na máquina. Ele tentou puxá-la, e sua mão esquerda ficou presa. Instintivamente ele tentou puxar o braço com a outra mão, que também ficou presa.

Quando Steve trabalhou lá no início dos anos 1970, o sujeito com os ganchos se apresentava aos novos funcionários passando os ganchos em água quente e fria e depois, chegando de mansinho por trás de um colega distraído, encostando os ganchos na nuca deste. Depois de Steve ter visto

esse trote algumas vezes, e de, contra a vontade, ter sido alvo dele, achou que daria uma boa história. O resultado foi “The Mangler”.

Um dia, no verão de 1972, um dos amigos de Steve, Flip Thompson, deu uma passada no trailer dos King em Hermon para uma visita. Ele havia lido alguns dos contos que Steve escrevia, bem como alguns dos que foram publicados nas revistas masculinas, e começou a repreendê-lo. No início dos anos 1970, o movimento de libertação feminina estava com a corda toda, e qualquer homem esclarecido que desejasse conquistar a mulher moderna deveria ser sensível em relação às questões femininas.

Flip perguntou por que Steve continuava a escrever aquela bobagem machista para revistas de mulher pelada.

“Porque a *Cosmopolitan*[45] não compra essas histórias”, respondeu Steve.

Flip acusou Steve de não ter qualquer sensibilidade feminina, e este respondeu que ele podia escrever sobre isso, mas não era o que a *Cavalier* e outras revistas que compravam seus contos queriam.

“Se você é um escritor e um realista sobre o que está fazendo, pode fazer o que bem entender”, replicou Flip. “Na verdade, quanto mais pragmático e aventureiro você for, melhor você pode fazê-lo.”

Ele apostou dez pratas com Steve que este não conseguiria escrever uma história do ponto de vista de uma mulher, e eles fecharam um acordo. Steve vinha acalentando uma ideia que poderia funcionar para a *Cavalier*, sobre uma garota marginalizada, com poderes sobrenaturais, que se vinga dos colegas que a sacanearam por quase toda sua vida. Ele se lembrou dos seus tempos de escola e daquelas colegas marginalizadas: uma garota que só tinha uma roupa para usar o ano inteiro e outra que crescera com um crucifixo em tamanho natural dentro de casa.

Desde que voltara a trabalhar na lavanderia New Franklin, ele sempre observava uma funcionária mais velha, que era uma fanática religiosa, e pensou que poderia usá-la como modelo para a mãe da garota marginalizada da história.

Ele tinha o embrião da história. Agora só faltava sentar-se e escrevê-la.

A primeira cena se passava no vestiário feminino. Ele escreveu as primeiras páginas sobre uma estudante do ensino médio que ficava menstruada pela primeira vez quando estava no chuveiro e começava a gritar desesperadamente porque pensava que ia sangrar até a morte. Ela ignorava

os fatos da vida porque seus pais ultrarreligiosos não acreditavam em conversar sobre sexo com os filhos.

Suas colegas reagiram jogando absorventes nela, e ela se refugiava contra a parede. Como elas conseguiram os absorventes? Não vinham eles de máquinas nas quais era preciso pôr uma moeda? Ele não sabia. Afinal, só estivera em um vestiário feminino uma vez, quando trabalhara com seu irmão, David, em um emprego temporário de faxineiro na Brunswick High School.

Então ele perguntou a Tabby sobre as máquinas. Ela riu e lhe disse que os absorventes eram gratuitos.

"Era uma história difícil", disse ele. "Tratava de garotas, vestiários femininos e menstruação, várias coisas sobre as quais eu não sabia nada. O iceberg era maior do que eu imaginava. Eram mulheres! Eram garotas! Mulheres já eram complicadas o bastante! Garotas eram ainda mais misteriosas."

Ele continuou a ralar com a história, mas depois de escrever quinze páginas com espaço simples, desistiu e jogou tudo no lixo. Além de ter problemas com a parte feminina da história – talvez Flip, no fim das contas, estivesse certo –, ela não podia ser contada em três mil palavras, o limite dos contos para a *Cavalier*. Ele só havia vendido uma história além desse limite.

"Um conto é como uma banana de dinamite com um pavio curto", explicou. "Você acende, e é o fim. De repente me ocorreu de que eu precisava de um pavio maior. Eu queria que o leitor visse a que essa garota estava sendo submetida, que ela não era realmente má, nem mesmo vingativa, e sim que essa era a maneira pela qual você revidava quando estava realmente magoado."

Depois de jogar aquelas páginas fora, ele precisava relaxar. Na época, a ideia de paraíso para Steve – além de passar o dia inteiro na máquina de escrever – era tomar um banho de banheira enquanto fumava um cigarro, tomava uma cerveja e escutava um jogo dos Red Sox no rádio em cima da pia. Foi assim que Tabby o encontrou quando entrou no banheiro. Ela desligou o rádio e sacudiu as folhas amassadas na cara dele. "Você tem de prosseguir com isso", falou, "é bom."

"Mas eu não sei nada sobre garotas", ele respondeu.

"Eu vou ajudar."

Mesmo que Flip provavelmente tivesse razão, ele não sabia que Steve tinha outra fonte para ajudá-lo a entender a psique feminina.

Tabby também lhe disse que a história merecia mais do que três mil palavras, podendo ser até um romance. Não era à toa que Steve a tinha visto, desde cedo, como sua melhor leitora, "ávida e uma crítica feroz", disse ele. "Ela dirá 'Essa parte não funciona', explicará o porquê e, então, sugerirá algumas maneiras de consertar a história."

Então ele desamassou as páginas e retomou a história. Ele empacou ao chegar à cena do baile de formatura, quando Carrie detona seus poderes telecinéticos. "Eu realmente queria espalhar destruição sobre aquelas pessoas, mas não sabia como isso iria acontecer", disse. " Tabby sugeriu usar os amplificadores e o equipamento elétrico da banda de rock."

Ele também recorreu a sua própria experiência como professor de ensino médio. "Há algo de Carrie White em mim", confessou. "Eu vi a sociedade do ensino médio sob duas perspectivas, como qualquer professor do ensino médio. Você vê uma vez da turma, em que as bolinhas de papel passam voando, e você vê uma segunda vez de detrás da mesa."

Steve seguiu o conselho de Tabby e aumentou a história, e em apenas três meses havia escrito um texto de setenta mil palavras. Ele se sentia encorajado por seu progresso e por como o romance havia se desenvolvido, mas nem tudo ia bem. Não apenas tinha de trabalhar na lavanderia de segunda a quinta-feira, lidando com toalhas de restaurante com restos de lagosta e marisco, bem como com lençóis de hospital manchados de sangue e infestados de larvas, como a família tinha passado por várias mudanças. Desde que Naomi nascera, eles haviam morado em dois apartamentos em Bangor – um em Pond Street e outro em Grove Street – e em um trailer na Klatt Road, em Hermon.

Ainda que Steve gostasse de dar aulas e ansiasse pelo reinício do ano escolar em setembro, ele estava começando a ter pesadelos de que seria professor de Inglês pelo resto da vida, com uma pilha de originais enfiados em uma gaveta de escrivaninha ou em um armário no corredor. "Houve momentos, quando estava escrevendo *Carrie*, *a Estranha* em que me senti deprimido, realmente pra baixo", afirmou.

Depois de terminar o texto, pensou em mandá-lo para Bill Thompson, mas hesitou. Afinal, a Doubleday já havia rejeitado dois romances de Steve, por que seria diferente com esse? Então, em vez disso, ele o guardou em uma gaveta e começou a pensar em uma ideia para o próximo romance.

Em suas turmas do primeiro ano na Hampden Academy, Steve estava dando aulas sobre *Drácula* (1897),[46] bem como sobre *Our Town* (1938),

de Thornton Wilder.[47] É claro que ele adorava falar de vampiros com seus alunos, mas também gostava de explorar as descrições de Wilder sobre como as pessoas interagiam umas com as outras em uma cidade pequena e como uma cidade não costuma mudar. Sendo de uma cidade pequena, Steve rapidamente se identificou com os personagens.

Depois de um longo dia na escola, mas antes de ir para o quartinho que usava como escritório no trailer, ele conversou sobre os dois livros com Tabby no jantar.

"Já imaginou se Drácula viesse para Hermon?", ela perguntou.

O cérebro de Steve engrenou e ele teve uma ideia para um romance sobre uma pequena cidade do Maine invadida por vampiros, com o título provisório de *Second Coming* (*O Advento*, em tradução livre).[48]

Ele adorava escrever romances, mas sabia que os contos que vendia para as revistas masculinas eram seu ganha-pão. Então ele continuou a mandar histórias para Nye Willden. E, naquela época, precisava disso, porque Tabby estava grávida de novo. O segundo filho dos King, Joseph Hillstrom King, nasceu em 4 de junho de 1972.

Tabby escolheu o nome em homenagem a Joe Hillstrom, mais conhecido como Joe Hill, um sindicalista e compositor do início do século XX. Hill foi executado em 1915 por um crime que pode ou não ter cometido, e inspirou vários escritores a fazerem canções e poemas sobre sua vida. Um desses poemas, escrito pelo poeta Alfred Hayes no ano de mil novecentos e trinta, foi transformado na canção "I Dreamed I Saw Joe Hill Last Night" pelo compositor Earl Robinson, da época da Grande Depressão, e que o ícone dos anos 1960 Joan Baez cantou em Woodstock.

Steve voltou a dar aulas na Hampden Academy no outono de 1972. Ele era um bom professor, mas os demais percebiam que sua atenção estava em algum outro lugar.

"King era um professor promissor", disse Robert Rowe, diretor de Hampden. "Era raro vê-lo sem um livro debaixo do braço, e, se tinha algum tempo livre, ficava lendo. Mas ele sempre aproveitava os intervalos das aulas para escrever."

Brenda Willey foi aluna de King em Hampden. "Ele era um bom professor, que dava sete aulas por dia e supervisionava uma sala de estudos", contou. "Ele nos disse que gostava de escrever, e acho que queria que nós escrevêssemos. Era divertido e tinha um ótimo senso de humor."

Durante o outono ele dava aulas o dia inteiro, voltava para casa e corrigia trabalhos, preparando as aulas do dia seguinte antes de se retirar para o quartinho para escrever. Durante várias horas, à noite, ele ficava sentado no cubículo batendo suas histórias.

Um dia, Steve e Tabby pegaram as crianças e foram a Durham visitar a família de Steve. Naomi tinha um histórico de infecções no ouvido, e na volta para casa começou a dar sinais inequívocos de que estava ficando doente, chorando e gemendo o tempo todo. De outras experiências, Steve sabia que eles precisavam de amoxicilina – o que chamavam de coisa rosa –, mas esta era cara, e naquele dia eles estavam quebrados. Steve sentiu raiva e impotência brotarem em sua garganta como bile.

Quando chegaram a Hermon, Tabby tirou as coisas do carro e pegou as crianças enquanto Steve olhava a caixa de correspondência, na qual encontrou uma carta e um cheque de quinhentos dólares por uma história que havia mandado para a *Cavalier* algumas semanas antes. Quando Tabby chegou à porta com as duas crianças chorando, ele disse que ela não deveria se preocupar, pois eles conseguiriam a coisa rosa.

"Tempos depois houve outros cheques, de valor muito maior", contou ele anos depois, "mas aquele foi o melhor. Ser capaz de dizer para minha mulher: 'Podemos cuidar disso. E o motivo pelo qual podemos cuidar disso é que nós escrevemos para sair dessa situação'."

Apesar dos cheques ocasionais que pareciam cair do céu, durante os primeiros anos do casamento nunca havia dinheiro suficiente. A cada dois ou três meses eles tinham de chamar a companhia telefônica para cortar a linha porque simplesmente não tinham dinheiro para pagar a conta. Ele sabia que poucas esposas eram tão compreensivas como Tabby. "Era uma época em que se esperava que ela dissesse: 'Por que você não para de passar três horas por noite no quartinho, fumando cigarros e bebendo cerveja pelos quais não podemos pagar? Por que você não arruma um emprego de verdade?'"

As coisas estavam tão ruins que, se ela lhe tivesse pedido que arrumasse um emprego noturno, ele o faria. Naquela época, havia boas perspectivas de empregos temporários para Steve. O clube de debates de Hampden precisava de um novo assessor docente, e o nome de Steve fora citado. A vaga pagava 300 dólares pelo ano escolar, uma quantia apreciável que viria a calhar – mas seria necessário que ele trabalhasse à noite.

Quando contou a Tabby sobre a vaga no clube de debates, ela perguntou se o emprego adicional o deixaria com tempo para escrever, e ele respondeu

que teria muito menos tempo disponível.

"Bem", ela disse, "então você não pode aceitar."

Ele era agradecido pelas bênçãos de sua mulher, mas Steve ainda se sentia andando na corda bamba. O estresse de um trabalho do qual não gostava e de nunca ter dinheiro suficiente para pagar as contas aumentava cada vez mais. As duas únicas coisas que ajudavam eram escrever e, cada vez mais, beber.

"Comecei a beber demais e a jogar dinheiro fora com pôquer e sinuca. É a clássica cena: é sexta-feira à noite, você desconta o cheque do pagamento da semana no bar e começa a virar, e, quando se dá conta, já se foi metade do orçamento semanal para comprar comida. Para mim, o objetivo era sempre ficar tão chapado quanto possível. Nunca entendi o que chamam de beber socialmente, para mim parecia com beijar sua irmã. Até hoje não consigo imaginar por que alguém quer beber apenas socialmente."

"Eu me via aos cinquenta anos, com cabelo grisalho, papada, uma rede de vasinhos vermelhos no nariz decorrentes do uísque – tatuagem de bêbado, é como chamamos no Maine –, com uma montanha de romances não publicados enchendo de poeira no porão, dando aulas de inglês no ensino médio pelo resto da minha vida, garimpando meus últimos diamantes literários ajudando no jornal da escola ou dando cursos de escrita criativa."

Ele obviamente amava sua família. "Por um lado, tudo o que eu queria era protegê-los e garantir seu sustento, mas, ao mesmo tempo, eu também sentia várias coisas ruins, de ressentimento a raiva, passando até por ódio puro e simples. Era um círculo vicioso: quanto mais desprezível e incapaz eu me sentia em relação ao que via como meu fracasso em ser escritor, mais eu tentava escapar pelo álcool, o que só exacerbava o estresse doméstico e me deixava ainda mais deprimido. Tabby se irritava por causa da bebida, é claro, mas ela dizia que me entendia."

"Eu ficava com mais raiva por causa das cinco pratas que iam toda semana por causa do pacote de cigarros do que por qualquer outra coisa", contou ela. "Era o fato de literalmente queimar dinheiro que me enlouquecia."

"A única coisa que evitava nossa falência eram os contos para as revistas masculinas", admitiu ele. "Autografei várias delas ao longo dos anos, e sempre me dava um arrepio ao lembrar como eu estava quando os escrevi. Naquela época, minhas cuecas tinham furos."

Um dia, Steve chegou em casa depois do trabalho e Tabby estava na porta, com a mão estendida. “Dê-me sua carteira”, ela falou. Ele a entregou e ela retirou todos os cartões de crédito, de gasolina, de lojas. Daí ela pegou uma enorme tesoura e cortou os cartões ao meio.

“Mas estamos pagando nossas contas”, protestou Steve.

Ela respondeu: “Não, estamos pagando os juros. Não podemos continuar assim, temos de pagar tudo à vista”.

Tabitha deixou que seu marido passasse um bom tempo se lamuriando, depois disse que era hora de parar. “Ela me disse para economizar minha autopiedade e gastar minhas energias com a máquina de escrever”, contou ele. “Assim o fiz, porque ela tinha razão e porque eu descarregava melhor minha raiva ao direcioná-la para uma dezena de contos.”

George MacLeod, seu antigo colega de apartamento, ocasionalmente visitava Steve e Tabby quando estes viviam em Bangor. “Era um apartamento horrível, as crianças corriam por todo lado, e Steve ficava na outra ponta do corredor datilografando”, disse MacLeod. “O barulho simplesmente não o perturbava. Ele podia ficar em um aposento cheio de gente, que apenas jogaria uma capa sobre si mesmo e se refugiaria no casulo seguro do mundo da prosa, conectando-se com a história e com os personagens. Mentalmente, seus dedos estavam no teclado o tempo todo.”

Steve ainda estava concentrado em bolar contos para as revistas masculinas, já que era quase certo que estes rendessem uma ou duas centenas de dólares, mesmo ainda pensando em seus romances, aqueles que ele já tinha escrito, aqueles que estava escrevendo, e aqueles cujas ideias, por enquanto, só estavam boiando em sua mente. Apesar de ele e Bill Thompson, da Doubleday, ainda manterem contato, há meses o editor não tinha notícias de Steve, então Bill decidiu procurá-lo. Ele perguntou por que Steve não lhe mandara nada recentemente, acrescentando que não queria descobrir que ele havia assinado um contrato com outra editora.

Pensando que não tinha nada a perder, Steve cavou os originais de *Carrie, a Estranha* da sua gaveta e mandou-os para Bill, ainda que não tivesse muitas esperanças de que aquele livro mudasse sua sorte. Na verdade, ele imaginava que, de todos os seus romances, *Carrie, a Estranha* era o menos vendável.

“Enquanto eu trabalhava nele, ficava dizendo a mim mesmo que tudo era ótimo, mas que ninguém ia querer ler uma história inventada sobre essa

garotinha em uma cidade no Maine", disse. "É para baixo, depressivo, e ainda é inventado."

Quando Thompson leu o texto, porém, gostou e pensou que daquela vez conseguiria vendê-lo. Mas, como das outras vezes, precisava de alguns retoques. Ainda que estivesse relutante em pedir a Steve que o reescrevesse, ele sabia que aquele tinha todas as chances de decolar. Ele prometeu àquele autor ainda inédito que, se fizesse as alterações, faria tudo o que estivesse a seu alcance para publicar o livro.

Afinal de contas, histórias de fantasmas e de horror eram populares. *O Exorcista* fora publicado, numa edição em capa dura, em junho de 1971, e havia grandes expectativas cercando o filme baseado no livro, que seria lançado em dezembro de 1973. *A Inocente Face do Terror*, um filme sobre gêmeos idênticos, um bom e outro mau, fora lançado em 1972 e virara campeão de bilheteria. E ainda se falava em *O Bebê de Rosemary*, que havia chegado aos cinemas em 1968. Editores e produtores de filmes clamavam pelo próximo grande sucesso de horror, e Bill Thompson desconfiava que *Carrie, a Estranha* acertaria o alvo. Os romances que Steve havia mandado antes para Bill não se encaixavam na categoria de horror. *Carrie* sim.

Apesar de suas dúvidas, Steve obedientemente mexeu no texto, mandando-o de volta para Bill algumas semanas depois, e logo se esqueceu disso e voltou a escrever alguns contos para mandar para Nye Willden, da *Cavalier*, em troca de dinheiro rápido. Enquanto isso, ele também voltou a trabalhar em *Second Coming*, que rebatizou de *Salem's Lot* (*A Hora do Vampiro*).[49]

Naquele dia frio e cinzento de fim de inverno em março de 1973, o humor desagradável de Steve refletia o tempo. Ele estava de volta à escola, dando aulas para estudantes renitentes, e os King estavam de novo sem telefone.

Steve foi avisado, pelo sistema de alto-falantes da escola, de que havia uma ligação de sua mulher para ele – ela usava o telefone do vizinho quando havia uma emergência. Ele correu, com dois pensamentos na cabeça: ou uma das crianças estava realmente muito doente ou a Doubleday queria comprar *Carrie, a Estranha*.[50]

Quando ele pegou o telefone, Tabby contou-lhe que Bill Thompson mandara um telegrama para avisar que o livro seria publicado e oferecendo um adiantamento de 2.500 dólares. O casal ficou extasiado.

Mais tarde Bill contou a Steve que não somente adorou a novela como, assim que ela começou a circular no escritório, as coisas pegaram fogo,

especialmente por causa da cena inicial, em que Carrie fica menstruada pela primeira vez no vestiário e é “apedrejada” com absorventes. As mulheres editoras fizeram cópias do texto e deram para suas secretárias, que por sua vez o surrupiaram para levar para os amigos.

O texto não necessitava de muitas correções ou revisão, mas Steve quis fazer uma mudança essencial. Quando escreveu *Carrie, a Estranha*, ele localizou a história em Massachusetts, nas cidades de Boxford e Andover, porque imaginava que ela nunca seria impressa. Quando Bill a aceitou, Steve disse que queria mudar o cenário para o Maine.

Assim que *Carrie* foi vendido, Steve comprou um Ford Pinto azul, o primeiro carro novo dos King, por pouco mais de dois mil dólares, e eles se mudaram para um apartamento de quatro quartos na Sanford Street, 14, em Bangor, pelo qual pagavam 90 dólares mensais.

E o melhor de tudo foi que o estresse que Steve estava sentindo por pensar que falhara em seu papel básico de provedor da família desaparecera. “Não sei o que teria acontecido com meu casamento e com minha sanidade se a Doubleday não tivesse aceitado *Carrie*”, disse ele.

Assim que se mudaram para o novo apartamento, eles encomendaram outra linha telefônica. O que se mostrou uma boa ideia.

Depois que a Doubleday comprara os direitos para a edição em capa dura, Bill Thompson disse que a editora pensava em vender os direitos para uma edição de bolso, e que eles poderiam esperar entre cinco mil e dez mil dólares da venda, cujo valor seria dividido igualmente entre editora e autor, conforme determinava o contrato.

Ainda que Steve se sentisse tentado a abandonar seu emprego de professor para escrever em tempo integral depois da venda dos direitos para a edição em capa dura, sabia que não podia se dar a esse luxo. Ele estava resignado a ensinar inglês para adolescentes emburrados pelo terceiro ano consecutivo.

Mas, no Dia das Mães de 1973, tudo mudou. Tabby havia levado as crianças para visitar sua família, em Old Town, enquanto Steve passou a tarde no apartamento aproveitando o tempo livre para burilar *A Hora do Vampiro*.

O telefone tocou. Bill Thompson estava na linha, e Steve pensou que era estranho ele telefonar logo em um domingo. Ele perguntou se Steve estava sentado.

“Deveria?”

Thompson contou-lhe, então, que os direitos da edição de bolso de *Carrie, a Estranha* haviam sido vendidos para a New American Library (NAL).

“Por quanto?”

“Quatrocentos mil.”

Steve pensou que ele havia dito quarenta mil, o que já era muito mais dinheiro do que ele jamais havia visto na vida.

“Quarenta mil é ótimo!”

Foi quando Thompson o corrigiu. “Não, Steve, quatrocentos mil dólares. São seis dígitos.”

Metade disso – duzentos mil dólares – seria de Steve.

Steve não havia seguido o conselho de seu editor para se sentar. O telefone ficava preso na parede da cozinha, e quando ele se deu conta do valor, subitamente perdeu toda a força nas pernas. “Fui deslizando pela parede até que a camisa saísse das calças e eu ficasse de bunda no chão”, contou. Eles continuaram conversando por cerca de vinte minutos, mas, ao desligar, Steve não conseguia se lembrar de nenhuma palavra, exceto dos 400 mil dólares.

Ele mal podia esperar pela volta de Tabby. Ficou dando voltas na cozinha por algum tempo, até que decidiu que deveria comprar um presente para ela. É claro, um rosário de preocupações começou a dominar sua imaginação hiperativa.

“Enquanto eu atravessava a rua, pensava que aquele era o momento em que um bêbado apareceria em um carro e me mataria, e assim colocava as coisas em perspectiva”, ele disse. Ele foi direto para a drogaria LaVerdiere, a algumas quadras dali, e gastou 29 dólares em um secador de cabelos para sua mulher, que havia ficado do seu lado e acreditado em seu talento como escritor, mesmo quando ele próprio duvidava. “Eu corria pelas ruas, olhando para os dois lados antes de atravessar.”

Quando Tabby voltou para casa com as crianças algumas horas depois, Steve deu-lhe o secador com um imenso sorriso no rosto. Ela ficou aborrecida, dizendo que eles não podiam gastar com aquilo. Ele então disse que podiam, sim, e explicou o motivo. E aí os dois começaram a chorar.

Depois, Thompson disse a Steve que a primeira oferta da NAL pelos direitos sobre a edição de bolso tinha sido de 200 mil dólares, o que surpreendeu a todos na Doubleday. Segundo Thompson, Bob Bankford, o diretor encarregado da venda dos direitos, era um excelente jogador de pôquer, e quando a NAL fez sua primeira oferta, ele hesitou, então disse

pausadamente que esperavam um pouco mais. A editora, então, elevou sua proposta.

O dinheiro comprou a liberdade de Steve. Ele agora podia abandonar o magistério de uma vez por todas e fazer aquilo para o qual tinha nascido: escrever romances.

E o melhor de tudo é que Bill Thompson agora estava clamando pelo próximo romance de Steve. Ele concentrou toda sua atenção em terminar *A Hora do Vampiro*.

Steve e Tabby mal podiam acreditar em sua sorte. “Era como abrir as portas da prisão”, ele disse. “Nossas vidas mudaram tão rapidamente que, por mais de um ano depois disso, nós andávamos com enormes sorrisos tolos no rosto, mal ousando acreditar que estávamos fora daquela ratoeira para sempre.”

Antes da venda dos direitos da edição de bolso, Steve só havia comprado um único livro de capa dura na vida: *Death of a President*, de William Manchester, que ele comprara para dar de presente. Agora ele podia se vingar comprando quantos livros de capa dura quisesse.

Naquele época, a mãe de Steve estava trabalhando em Pineland Training Center, uma casa para deficientes mentais em New Gloucester, no Maine, 32 quilômetros ao norte de Portland. “Ela servia refeições, limpava merda e usava um uniforme verde”, disse Steve. Ele foi a Pineland para contar sobre a venda dos direitos da edição de bolso. “Ela estava empurrando um carrinho com pratos”, recordou. “Parecia extremamente cansada; ela havia perdido vinte quilos e estava morrendo de câncer, mas a doença não havia sido diagnosticada. Eu ainda não tinha recebido o dinheiro, mas tomei um empréstimo bancário e ela foi viver com meu irmão em México, no Maine.”

A notícia de uma venda de direitos daquela magnitude de um autor iniciante significava que não ia demorar para Hollywood aparecer bisbilhotando. Os direitos para filme foram vendidos à Twentieth Century-Fox, que os passou, então, à United Artists.

Apesar do súbito afluxo de mais dinheiro do que ele jamais havia imaginado ver na vida, Steve descobriu que tinha dificuldades para gastar. Tabby disse que ele estava sendo ridículo; depois de todos aqueles anos de pobreza, ele era um sucesso e deveria gastar algum dinheiro e se divertir.

“ Tabby e eu discutíamos mais sobre dinheiro depois de *Carrie, a Estranha* do que jamais havíamos discutido antes”, disse ele. “Ela queria

comprar uma casa e eu dizia que não, que não me sentia seguro. Ela ficou muito irritada comigo."

Depois de anos contando tostões e de tantas falsas esperanças com romances revisados que não foram vendidos, ele não acreditava totalmente no que estava acontecendo. "Meu pensamento era que o sucesso jamais se repetiria, então eu precisava controlar o dinheiro", disse. "Talvez as crianças fossem comer cereal Cheerios e manteiga de amendoim no jantar, mas ok, deixe-os! Eu ficarei escrevendo."

Depois de apenas mais um mês de aulas, ele encerrou o ano letivo em Hampden e, tendo passado os primeiros anos de casado em torno de Bangor, ele e Tabby decidiram se mudar para o sul do Maine, a fim de ficarem perto da mãe de Steve. Eles alugaram uma casa no Lago Sebago, em North Windham, a cerca de 25 quilômetros de Portland e a cerca de duzentos quilômetros de Bangor, e se mudaram no fim do verão de 1973.

Steve pediu ajuda a seu colega de faculdade George MacLeod, que ficou surpreso ao saber que Steve literalmente não sabia fazer uma mudança, apesar de ter se mudado de um apartamento em ruínas para o outro diversas vezes.

MacLeod pediu emprestada a velha caminhonete de um amigo, prendeu a ela um pequeno trailer e encheu-o com todas as coisas de Steve. MacLeod foi dirigindo, com os King apertados na cabine, e não podia deixar de pensar que ele estava na série de TV *A Família Buscapé*, versão Maine. "Descemos a Interestadual 95 e descarregamos as poucas coisas que ele tinha naquela casa esplêndida, embaixo de uma chuva torrencial", disse MacLeod. "Era um imóvel enorme e estava totalmente vazio."

Assim que se mudaram, Steve adotou uma rotina de escrever muitas horas por dia, entremeadas por algumas visitas a sua mãe.

Ele terminou de escrever *A Hora do Vampiro* e mandou-o para Bill Thompson, junto com *Roadwalk* (*A Autoestrada*),[51] outro romance que havia escrito na universidade, sobre um homem que é expulso de seu lar quando a cidade decide construir uma nova autoestrada passando por sua casa e por seu local de trabalho, uma lavanderia. Quando Steve perguntou a seu editor qual queria publicar primeiro, Bill disse que ele não ia gostar da resposta. "Ele disse que *A Autoestrada* era um romance mais honesto, um romance de romancista, mas que ele preferia editar *A Hora do Vampiro* porque pensava que teria um sucesso comercial maior", disse Steve. Bill alertou Steve de que ele ia ficar estereotipado como autor de histórias de

horror. “Como Edgar Allan Poe e Mary Shelley? Eu não ligava. Eles realmente me classificaram como escritor de terror, mas consegui fazer todo tipo de coisa dentro desse enquadramento.”

Mas antes, como de hábito, Bill pediu a Steve que fizesse algumas pequenas mudanças. “Ele sugeriu que eu reescrevesse um pouco do início do livro, para tentar manter o leitor no escuro por algum tempo, e respondi que qualquer um que lê esse tipo de livro sabe de cara que se trata de vampiros”, disse Steve.

Educadamente, seu editor discordou. “Você está escrevendo para um público de quarenta mil pessoas”, explicou. “Queremos ver você arrebentar, com apelo a milhões de pessoas, que não leem *Contos da Cripta*.” Steve fez as mudanças e, mais tarde, deu razão a Thompson.

Ele também pediu que Steve reescrevesse uma das cenas em que Jimmy Cody, o médico local, é comido vivo por um bando de ratos. “Eu os havia colocado pulando sobre ele, como um tapete peludo que se movia, mordendo e mastigando, e quando o médico tenta gritar para chamar seus colegas no andar de cima, um dos ratos pula em sua boca aberta e Jimmy fica se contorcendo enquanto tem a língua devorada”, disse Steve. “Eu adorava a cena, mas Bill deixou claro que a Doubleday *nunca* ia publicar algo parecido, e acabei empalando o pobre Jimmy com facas. Mas, porra, não foi a mesma coisa.”

Quando Steve estava escrevendo *A Hora do Vampiro*, ele via Ben Mears como o ator Ben Gazzara, ainda que em seus textos ele deixasse as características físicas propositadamente vagas. “Normalmente não descrevo os personagens sobre os quais escrevo porque não acho necessário”, disse. “Se os leitores pensarem neles como pessoas de verdade, colocarão neles o rosto que desejarem. Tudo o que eu disse sobre Ben Mears era que seu cabelo era preto e meio oleoso. Então alguém me falou que Gazzara era muito velho para ser Ben Mears, e eu o vi em algum filme de gângster pouco tempo depois e pensei, nossa, ele é muito velho.”

Bill Thompson fez uma oferta por *A Hora do Vampiro* antes mesmo de *Carrie, a Estranha* ser publicado e ainda assinou com Steve um contrato para vários livros. Ao mesmo tempo, a saúde de Ruth estava piorando, e ela não tinha muito tempo mais pela frente. Steve se sentia traído. Depois de tudo o que sua mãe fizera por ele, apoiando seu desejo de escrever, ficando sem comida para que ele tivesse algum dinheiro para gastar na faculdade,

agora ela não viveria tempo suficiente para ver seu primeiro livro publicado, mesmo que tivesse visto as provas tipográficas, que Steve lera para ela.

No dia 18 de dezembro de 1973, Ruth King morreu de câncer no útero, e naquela noite aconteceu algo que parecia saído dos livros que Steve crescera lendo. “Na noite em que minha mãe morreu de câncer – praticamente no mesmo minuto – meu filho teve um terrível sufocamento quando estava na cama”, contou. “Ele já estava ficando roxo quando Tabby finalmente conseguiu que ele expelisse o que estava obstruindo sua garganta.” Steve nunca sentira medo de se sufocar antes, mas se resignou e acrescentou mais este à lista.

STEPHEN KING

CAPÍTULO V

ANDANDO NA BALA

Carrie, a Estranha foi publicado em uma edição de capa dura em abril de 1974, ao preço de 5,95 dólares. Steve estava emocionado em finalmente ver seu primeiro romance disponível nas livrarias, mas seu contentamento fora muito reduzido com a morte de sua mãe. Naquele mês, os romances na lista de mais vendidos do *New York Times* eram *Tubarão*, de Peter Benchley, e *The First Deadly Sin*, de Lawrence Sanders. Mas *Carrie, a Estranha* não estava na lista. A primeira edição do livro fora de trinta mil cópias, mas apenas treze mil foram vendidas.

Ainda que Steve sempre tivesse sido muito bom de copo, a depressão que se instalou após a morte de sua mãe fez com que bebesse ainda mais. Ele também mergulhou em seus escritos: pouco depois de sua mãe morrer, escreveu "The Woman in the Room" ("A Mulher no Quarto"), a história de um filho adulto que ajuda sua mãe, uma doente terminal, a acabar com sua vida.

Tabby e Steve pensaram que uma mudança de ares faria bem e decidiram morar em outra parte do país, pelo menos temporariamente. Afinal, agora eles podiam viver em praticamente qualquer lugar que quisessem. Eles pegaram uma cópia do *Rand McNally World Atlas* e abriram no mapa dos Estados Unidos. Steve fechou os olhos e apontou para um ponto na página; era o Colorado.

Com a venda dos direitos de *Carrie, a Estranha* para o cinema e um contrato para vários livros com a Doubleday, Steve finalmente relaxou um pouco e gastou um pouquinho do seu maná comprando um Cadillac

conversível vermelho, azul e branco, tinindo de novo. Mas, quando decidiu ver seus amigos em Durham, se sentiu desconfortável e decidiu fazer as visitas a sua cidade natal em um Dodge Dart 1964 enferrujado.

Em agosto de 1974, a família embarcou em seu novo Cadillac e tomou o caminho de Boulder, Colorado. Eles alugaram uma casa na South Forty-second Street, 330, e Steve saiu em busca de ideias para novos livros e histórias.

Em Boulder, Steve teve dificuldades em se concentrar no trabalho. Ele começava uma história atrás da outra, mas nada parecia funcionar. Pensando que alguns dias de folga ajudariam, ele perguntou a alguns vizinhos onde ele e Tabby poderiam passar um fim de semana tranquilo. Eles recomendaram o Stanley Hotel, em Estes Park.

Na véspera do Dia das Bruxas, Steve e Tabby deixaram Naomi e Joe com uma babá e foram para Estes Park, a cerca de 64 quilômetros dali. Não demorou para a imaginação de Steve engrenar. A caminho do hotel, eles passaram por uma placa que informava: A ESTRADA PODE FECHAR DEPOIS DE OUTUBRO. A antena de Steve ficou ligada. Quando ele e Tabby entraram no hotel, Steve observou que três freiras estavam indo embora, como se o lugar estivesse prestes a ficar sem Deus, e quando fizeram o check-in, Steve e Tabby descobriram que aquele era o último fim de semana da temporada e que o hotel fecharia para o inverno.

Enquanto o atendente lhes mostrava o quarto, de número 217, eles viram no corredor um extintor de incêndio com uma longa mangueira enrolada, pendurada na parede. Imediatamente Steve pensou: “Poderia ser uma cobra”.

Para aumentar seu regozijo, eles descobriram que eram os únicos hóspedes do hotel aquela noite. No jantar, a orquestra tocou, ainda que somente para eles. Todas as outras mesas do restaurante estavam com as cadeiras viradas de cabeça para baixo sobre elas. Ventava, e um dos postigos da janela havia se soltado e batia contra o vidro, com um ritmo regular que se manteve por toda a noite.

Depois do jantar, quando voltaram para o quarto, a excitação de Steve aumentou. “Eu quase me afoguei na banheira, devo ter arranhado as bordas, de tão funda que era.”

Algumas semanas antes da viagem para Estes Park, Steve estava acalentando a ideia para uma história sobre uma criança com percepção extrassensorial em um parque de diversões. Mas quando viu o cenário assustador e os maravilhosos adereços do hotel, uma nova ideia surgiu em

sua mente, e ele mudou a ambientação da história do parque para o Stanley Hotel. “No momento em que deitei aquela noite, já tinha o livro todo em minha cabeça”, disse. Ele imediatamente começou a escrever a história de um garotinho com percepção extrassensorial que é extremamente sensível ao mal que ronda o Overlook Hotel e que tem de lidar com seu pai alcoólatra, que quer matá-lo.

É claro que o dinheiro ajudou a tornar a vida deles muito mais fácil, mas Steve continuava surpreso com a irritação e o rancor que sentia, especialmente em relação a seus filhos. Isso veio à tona de modo marcante quando eles moravam no Colorado; era a primeira vez que ele vivia fora do seu Maine, e fora de território familiar ele se sentia perturbado. “Eu me sentia hostil para com meus filhos lá”, disse. “Eu queria agarrá-los e bater neles. Mesmo nunca tendo feito isso, eu me sentia culpado por causa desses impulsos brutais.”

Depois de ter se tornado pai, Steve descobriu que tinha de criar seu próprio manual de paternidade. As séries de TV dos anos 1950 *Papai Sabe Tudo* e *Leave it to Beaver* eram o que ele conhecia do assunto: “Eu pensava que entraria pela porta à noite e gritaria ‘Querida, cheguei!’, e as crianças sentariam à mesa e comeriam seus legumes enquanto contavam suas pequenas aventuras do dia. Eu não estava preparado para a realidade de ser pai”.

Naomi nasceu quando Steve tinha 22 anos, e Joe chegou uns dois anos depois. Sem planejar, ele começou a escrever livros sobre ser pai para que ele conseguisse, pelo menos, entender melhor as coisas. “Eu tinha para com meus filhos sentimentos de raiva que nunca havia imaginado”, admitiu.

Um dia, quando Joe estava com três anos, pegou um dos originais de Steve e pensou que poderia escrever como o papai. Então ele pegou seus lápis de cor e fez pequenos desenhos sobre o trabalho de Steve, ainda em andamento. “Quando Steve viu, ele pensou: ‘Eu podia matar esse pequeno filho da puta’.”

As palavras da mãe de Steve ecoaram em sua mente enquanto ele trabalhava na história que se tornaria *The Shining* (*O Iluminado*).[52] Assim como ela lhe falou para dizer alguma coisa três vezes seguidas a fim de evitar que acontecesse, Steve esperava que se ele escrevesse sobre algo ruim – especialmente um rancor que habitava no fundo de seu ser – ele nunca se sentiria compelido a extravasar esse sentimento.

“Nunca escrevi coisas sobre crianças por sadismo, raiva ou algo parecido; era mais a sensação de que, se escrevesse sobre isso, não aconteceria, como se eu estivesse tentando afastar o feitiço”, explicou.

Ele ficou surpreso porque a raiva permanecia. Mas isso ocorria porque, ainda que o sucesso financeiro tivesse facilitado muitas coisas, não havia necessariamente erradicado os demônios que viveram nele por quase toda a sua vida: a vergonha pelo fato de seu pai tê-los abandonado.

Ele escreveu a maior parte de *O Iluminado* incrivelmente rápido, mas, ao chegar a uma determinada cena, empacou. Por mais que tentasse, ele estava apavorado demais para escrever uma cena na qual uma mulher que morrera há anos em uma banheira subitamente se senta e olha para o garoto. “Eu não queria ter de olhar aquela coisa indescritível na banheira tanto quanto o garoto”, afirmou. Por muitas noites, antes de escrever a cena, ele teve pesadelos com uma explosão nuclear. “A nuvem de cogumelo se transformava em um enorme pássaro vermelho que me perseguia, mas, quando terminei a cena, isso passou.”

Ele tinha consciência de que estava escrevendo *O Iluminado* para manter seus impulsos violentos para com seus filhos à distância. No entanto, apesar de ele não ter percebido isso na ocasião, ele também estava escrevendo sobre seu alcoolismo, que, em meados dos anos 1970, havia se tornado uma parte indissociável de sua rotina.

“Eu havia escrito *O Iluminado* sem perceber que estava escrevendo sobre mim mesmo”, disse. “Nunca fui a pessoa mais autoanalítica do mundo. As pessoas sempre me pedem para analisar o significado de minhas histórias, para relacioná-las com a minha vida. Ainda que eu nunca tenha negado que elas... têm alguma relação com a minha vida, eu sempre fico perplexo quando me dou conta, anos mais tarde, de que de alguma maneira eu estava delineando meus próprios problemas e, de certa forma, me autopsicanalisando.”

Em um determinado momento, *O Iluminado* ficou tão próximo de sua vida que passou a incomodá-lo. Então, ele fez uma pausa e começou a trabalhar em outro romance, inspirado pelo sequestro de Patricia Hearst.[53] “Eu estava convicto de que a única maneira de alguém realmente entender o caso Hearst era mentir sobre ele”, explicou. O título provisório era *The House on Value Street* (*A Casa na Value Street*), e, como costumava acontecer com Steve, a história sem querer cresceu quando outra notícia de jornal cruzou seu caminho: ele lera algo sobre um vazamento de produtos

químicos em Utah que matara o gado, o que levou um pregador do Meio-Oeste a dizer aos quatro ventos que, como resultado, o mundo ia acabar.

Ele já estava trabalhando nesse romance, que se tornaria *The Stand* (*A Dança da Morte*),[54] há um par de anos paralelamente a outros projetos, quando subitamente empacou e parecia que não conseguiria terminar. Um dia ele estava fuçando uma livraria quando encontrou um novo livro, chamado *Survivors* (1976), do escritor galês Terry Nation, autor da série *Doctor Who* (1963-1989). "Era sobre um vírus que dizimava a população mundial e sobre os sobreviventes que restaram, e pensei 'Ótimo, esse cara acaba de escrever meu livro'", afirmou.

Ele retomou e completou *O Iluminado*, e então terminou *A Dança da Morte*, apesar do livro concorrente. "Eu sentia que meu sangue estava enchendo meu estômago e que se não terminasse o livro e interrompesse essa hemorragia, morreria."

A família viveu em Boulder por cerca de um ano antes de voltar para o Maine, no verão de 1975. Lá eles compraram a primeira casa de suas vidas, por 150 mil dólares, na Kansas Road, em Bridgton, uma cidade a sessenta quilômetros de Portland. "Não nos sentíamos bem no Colorado", disse Steve. Quando ele parou para analisar os livros que escrevera lá – *O Iluminado* e *A Dança da Morte* –, viu que os personagens ainda carregavam a sensibilidade dos trabalhadores com os quais havia crescido. "Estávamos no Colorado, mas eu realmente levei o meu Maine comigo", disse. "Você leva o seu lugar de origem para onde quer que vá."

A Hora do Vampiro foi lançado, em edição de capa dura, em outubro de 1975; os direitos para a edição de bolso foram vendidos por quinhentos mil dólares. Mais uma vez, Stephen recebeu a metade. Seus dois primeiros romances lhe renderam quase meio milhão de dólares, o que era excepcional para um novo autor, e havia a promessa de mais grana com a venda dos direitos para o cinema. No entanto, a Doubleday publicou apenas vinte mil exemplares de *A Hora do Vampiro*, já que os treze mil exemplares vendidos de *Carrie, a Estranha* ficaram abaixo das projeções da editora. Para ajudar nas vendas, pouco antes de o livro ir para o prelo, o departamento de vendas decidiu baixar o preço em um dólar, de 8,95 para 7,95 dólares. *A Hora do Vampiro* não entrou em lista alguma de best-sellers, mas Steve realmente não ligava. Ele agora vivia dos seus romances e não tinha mais qualquer preocupação com o sustento da família. Era seu sonho tornado realidade.

No inverno de 1976, Steve foi a uma festa de editores em Nova York, na qual encontrou um agente literário que trabalhava, basicamente, com escritores de fantasia e horror. Kirby McCauley, que havia se mudado recentemente para Nova York, vindo do Meio-Oeste, só tinha lido um dos dois livros de King, *A Hora do Vampiro*, quando eles se encontraram, mas depois de conversar com Steve descobriu que ambos compartilhavam interesse nos mesmos escritores obscuros dos anos 1940 e 1950. Enquanto falavam sobre autores como Frank Belknap Long e Clifford Simak, McCauley percebeu que quase todos os outros escritores na festa estavam fazendo fila para falar com o escritor James Baldwin, que estava em um canto da sala. Mas Steve estava contente em ficar com McCauley e ficou impressionado quando o agente citou alguns de seus clientes, como Frank Herbert, Piers Anthony, Robert Silverberg e Peter Straub. Quando Steve lhe contou que não tinha um agente, McCauley lhe disse para manter seu nome em mente.

"Um dos serviços de um agente é pensar o que há pela frente, para que a carreira de um escritor fique protegida", disse ele a King. Na época, Steve não pensava em uma carreira a longo prazo, já que seu único objetivo então era escrever o máximo de livros e contos que pudesse. Mas Steve guardou a informação para o futuro.

Assim que a família voltou para o Maine, Steve ficou mais produtivo que nunca e agradecido pelo fato de os livros continuarem a vender e de os leitores pedirem mais. "O dinheiro deixa você um pouco mais são", disse. "Você não tem de fazer coisas que não quer."

Ele comprou um processador de textos Wang, de modo que não precisasse redatilografar seus originais, o que lhe daria mais tempo para criar histórias. Ele deu a Olivetti cinza de Tabby – a máquina na qual havia escrito *Carrie*, *a Estranha* e *A Hora do Vampiro* – para Naomi, que começava a mostrar interesse em escrever histórias. À medida que ele estava desfrutando de seu sucesso, alguns probleminhas de saúde começaram a aborrecê-lo, ainda que nem tivesse completado trinta anos.

Ele tomava remédios para pressão alta e ocasionalmente se queixava de insônia. Além disso, começou a sofrer de enxaqueca, a qual chamava de "sintoma de trabalho". E continuava bebendo muito.

Em novembro, *Carrie, a Estranha*, o primeiro filme baseado em um livro de Steve, foi lançado. O diretor era Brian De Palma, que já havia feito alguns filmes de mistério de baixo orçamento, e o produtor era Paul Monash.

O diretor de arte era Jim Fish, casado com a atriz Sissy Spacek. Ela havia sido chamada para testes para os papéis de Sue Snell e Chris Hargensen, mas De Palma pensou que ela ficaria melhor como Carrie e pediu que ela lesse o papel.

O filme arrebentou nas bilheterias. *Carrie, a Estranha* foi feito por menos de dois milhões de dólares, mas acabou arrecadando trinta milhões de dólares só nos Estados Unidos. E apresentou Steve a um novo público. "O filme *Carrie, a Estranha* tornou King conhecido de uma maneira que um livro simplesmente não faria", disse George Beahm, autor de vários livros sobre King. "Atraiu para as livrarias pessoas que normalmente não entravam nelas." Uma vez lá, elas compravam *Carrie, a Estranha* e *A Hora do Vampiro,* e também compraram *O Iluminado* quando este foi lançado, apenas dois meses depois.

Steve adorou a maneira como Brian De Palma transpôs o livro para a tela. "Ele lidou com o material de forma muito hábil e artística, e obteve uma excelente performance de Sissy Spacek", disse Steve. "Sob muitos aspectos, o filme é mais estiloso que meu livro, que ainda considero uma leitura arrebatadora, mas que é estorvado por certa opressão, uma qualidade Sturm und Drang[55] que não está presente no filme."

Para o filme, algumas coisas tiveram de ser alteradas. No livro, enquanto voltava para casa em estado de choque após o baile de formatura, Carrie mandava pelos ares alguns postos de gasolina, o que deixou toda a cidade em chamas. De Palma não colocou isso no filme, porque os efeitos especiais custariam muito caro.

Em janeiro houve mais boas notícias, quando Sissy Spacek foi indicada para o Oscar de Melhor Atriz, e Piper Laurie, que fazia a mãe de Carrie, para o de Melhor Atriz Coadjuvante.

O filme puxou as vendas dos livros de Steve e atraiu um público maior, que queria saber mais sobre as motivações e a vida do autor. "Começaram a aparecer perguntas do tipo 'Onde foram enterrados todos os corpos, Steve?'", recordou ele. "Ou então me perguntavam sobre a minha infância, se me batiam ou me queimavam com cigarros. E eu dizia 'Sério, eu sou igualzinho a você', e eles se afastavam."

Sempre que os entrevistadores traziam essa questão à tona, ele fazia uma piada e começava a dar sua explicação habitual: "Basicamente, o que faço é falar coisas que as outras pessoas têm medo de dizer. Esse trabalho não é muito diferente do de um autor de comédias. Do que é que ninguém quer

falar, o equivalente a pegar um garfo e arranhar um quadro-negro com ele, ou fazer com que alguém morda um limão? Quando descubro que coisa é essa, geralmente a reação dos leitores ou espectadores é ‘Obrigado por dizer isso, por articular esse pensamento’”.

Vendas em alta e um nome cada vez mais conhecido deram a Steve confiança para pedir à Doubleday que publicasse os livros que haviam sido rejeitados antes do lançamento de *Carrie, a Estranha*. Stephen estava louco para ver *Getting It On* publicado, o romance que escrevera ainda na faculdade. Era a história de um estudante que toma a escola de assalto e mantém seus colegas reféns, mas a Doubleday não queria saturar o mercado com o nome dele.

Ele tinha vários rascunhos de romances completos e de outras coisas que havia escrito antes de *Carrie, a Estranha*. Enquanto alguns escritores teriam considerado esses romances como simplesmente livros de treinamento, oportunidades de aprendizado impublicáveis, Steve queria que eles tivessem a chance de ver a luz do dia como livros completos. Naquela época, as editoras não queriam publicar mais de um livro de um mesmo autor por ano, por acreditarem que cada novo livro reduziria as vendas dos anteriores. Mas Steve estava aborrecido com a atitude da indústria editorial do tipo “Fazemos isso dessa maneira porque é assim que sempre foi feito”.

Então, em vez de mandá-lo para a Doubleday, Steve enviou *Getting it On* para Elaine Koster, sua editora na empresa que publicava seus livros de bolso, a New American Library. O credo do livro único não era um problema porque, desde o início, Steve afirmou que queria publicar o romance sob um pseudônimo, para ver se conseguiria encontrar um público próprio sem a crescente atração estelar de seu nome.

“Deixei bem claro que não queria publicidade em torno do livro”, disse. “Queria que ele simplesmente fosse lançado, e então encontraria seu público ou desapareceria em silêncio. A ideia era não apenas publicar um livro que eu achava bom, mas para honestamente tentar criar outro nome que não estivesse associado ao meu, como uma conta secreta na Suíça.”

O pseudônimo originalmente escolhido para o livro era Guy Pillsbury, o nome de seu falecido avô. Koster mostrou os originais para outros editores e para o departamento de marketing para saber suas opiniões, mas logo se espalhou o rumor de que King era o autor. Ele ficou tão exasperado que levou o livro de volta e decidiu fazer algumas mudanças, para que isso não acontecesse de novo.

Em primeiro lugar, ele mudou o título para *Rage* (*Fúria*),[56] depois buscou inspiração para outro pseudônimo em seu escritório. Ele viu um livro de Richard Stark na estante – o pseudônimo do autor de mistério Donald Westlake, cujo trabalho Steve admirava muito – e no aparelho de som estava tocando um disco do Bachman-Turner Overdrive, uma de suas bandas favoritas.

Seria então Richard Bachman.

Koster recebeu o romance com o aviso de que ninguém na editora deveria saber quem realmente era o autor.

O Iluminado, publicado em janeiro de 1977 com uma edição inicial de cinquenta mil exemplares em capa dura, foi verdadeiramente o primeiro best-seller de Steve. Ele agora fazia parte de outro time. Críticos literários do *New York Times* a *Cosmopolitan* elogiaram a habilidade de King em conquistar o leitor para um dos primeiros romances a realmente explorar a fundo as atitudes de um pai violento.

Ele baseara o título em uma canção de John Lennon e Plastic Ono Band chamada "Instant Karma", cujo refrão é "*We all shine on*" ("Todos nós brilhamos"). Mas ele teve de mudar para *O Iluminado* (*The Shining*, no original) depois que a editora afirmou que *shine* era usado como termo pejorativo para negros norte-americanos.

Mas o livro era assustador demais para alguns. Foi o primeiro dos livros de King a ser banido das bibliotecas escolares, quase sempre a pedido de pais e de alguns professores, pelo fato de retratar um pai como sendo verdadeiramente mau. Alguns bibliotecários escolares ligaram para Steve – era uma época em que ele ainda atendia ao telefone – e pediram sua opinião.

Ele disse que tudo bem se alguns pais se sentissem daquele jeito, já que eram eles que pagavam os impostos que mantinham a biblioteca, e já que a escola era legalmente responsável pelas crianças durante as horas de estudo, era seu direito banir o livro. Ele, então, deu um alerta: "Mas acho que todas as crianças da escola deveriam saber que o livro foi banido e deveriam ir imediatamente à livraria ou biblioteca pública mais próxima para descobrir o que seus pais não querem que elas saibam. Essas são as coisas que as crianças realmente deveriam saber: o que as pessoas não querem que elas saibam".

Leitores e críticos se queixaram do homicida Jack Torrance e perguntaram por que Steve tinha compulsão por escrever sobre coisas desse tipo. Ele explicou suas motivações para escrever o livro, descrevendo os impulsos que

habitam em cada ser humano, dando como exemplo uma típica manchete de tabloides sensacionalistas como o *National Enquirer* ou o *Weekly World News* no fim dos anos 1970: “Bebê é pregado na parede”. “Você pode dizer que nunca fez isso com seus filhos, ainda que você tenha tido vontade de fazê-lo algumas vezes, e é daí que nasce o horror”, disse ele com sinceridade. “Não no sentido de pregar um bebê na parede, mas você pode se lembrar de várias vezes em que teve vontade de arrancar a cabeça do seu filho porque ele não parava de berrar.”

Ainda que Steve fosse famoso por dizer aos entrevistadores que apenas escrevia suas histórias, sem parar para analisá-las, *O Iluminado* foi uma das primeiras em que declarou abertamente que o personagem Jack Torrance era atormentado por seu pai, embora não tivesse acrescentado que havia sofrido o mesmo problema.

“As pessoas perguntam se o livro se trata de uma história de fantasmas ou se as coisas só se passam na cabeça desse sujeito. É claro que é uma história de fantasmas, porque o próprio Jack Torrance é uma casa mal-assombrada. Ele é assombrado por seu pai. Isso surge de novo, de novo e de novo.”

Steve, no entanto, nada mencionou sobre o tema do alcoolismo, presente no livro, já que não estava pronto para admitir – para si próprio e para os outros – que compartilhava algo mais em comum com Jack Torrance.

Como esperado, Hollywood apareceu correndo, especialmente devido ao sucesso do filme *Carrie, a Estranha*, que havia sido lançado dois meses antes.

Apesar de seu sucesso desenfreado e de agora ter dinheiro suficiente para viver pelo resto de sua vida, Steve continuou a escrever contos para revistas masculinas, que haviam ajudado a comprar remédio para seus filhos quando ele e Tabby viviam na verdadeira pobreza, há apenas alguns poucos anos. Em parte, era uma forma de agradecer às revistas e aos editores que o haviam ajudado no começo da carreira, mas ele também apreciava o fato de que as revistas representavam um escoadouro para as histórias que continuavam a brotar dele.

Desde seu primeiro conto publicado na *Cavalier*, em outubro de 1970, Steve mandava histórias para seu editor, Nye Willden. Desde a publicação de “Último Turno”, uma dezena de contos de King havia aparecido na revista. Um dia, Willden pensou que seria uma ótima ideia ter um concurso de contos na *Cavalier.* Steve escreveria a primeira metade de uma história de

horror, e os leitores seriam convidados a terminá-la, com prêmios para aqueles que apresentassem os melhores finais, de acordo com King.

Willden encontrou uma fotografia em close de um gato estranho, com um olhar enlouquecido, e pensou que a imagem seria capaz de fornecer uma grande ideia para Steve fazer a primeira metade da história. Ele adorou a proposta, e o editor então lhe mandou uma cópia da foto.

Algumas semanas depois, chegou um texto chamado “The Cat From Hell” (“O Gato dos Infernos”), com o seguinte bilhete: “De maneira alguma eu conseguiria escrever só metade de uma história”, dizia Steve, “então escrevi uma história completa. Corte-a onde quiser para os concorrentes, e talvez, depois de premiar o vencedor, você queira publicar minha história completa, para mostrar como fiz”.

As primeiras quinhentas palavras de “The Cat From Hell” foram publicadas no exemplar de março de 1977 da *Cavalier,* com o texto completo de Steve aparecendo no número de junho, junto com as histórias dos vencedores e de alguns dos finalistas.

Depois do sucesso de *O Iluminado*, a Doubleday queria publicar outro romance de King no ano seguinte. Mas King já tinha começado a trabalhar em *A Dança da Morte*, e sabia que ele não ficaria pronto a tempo. Ele então propôs à Doubleday que publicasse uma seleção dos contos que havia vendido à *Cavalier* e a outras revistas masculinas nos últimos sete anos, e chamou-o de *Night Shift* (*Sombras da Noite*).[57] O livro incluía, entre outras, as histórias “ A Máquina de Passar Roupas”, “Campo de Batalha”, “Caminhões” e “As Crianças do Milharal”.

Ele teria oferecido à Doubleday um dos romances de Richard Bachman, mas King achava que os livros de seu pseudônimo tinham uma qualidade diferente, e, além disso, ele já havia prometido seus romances mais antigos – *A Longa Marcha*, *Fúria* e *A Autoestrada* – para a New American Library, que publicava suas edições de bolso e os livros de Bachman.

A Doubleday concordou com a coletânea de contos, ainda que a editora acreditasse que o interesse em tal tipo de livro fosse limitado. Então, em fevereiro de 1978, foram publicados quinze mil exemplares de *Sombras da Noite*. O primeiro lote ficou abaixo daquele de *A Hora do Vampiro*.

Para a surpresa de todos, *Sombras da Noite* teve de ser reimpresso logo depois, e a Doubleday foi pega desprevenida pela demanda. Eles tiveram de recorrer ao estoque de livros a serem distribuídos para os clubes de leitura – incluindo aquele da própria editora, o Literary Guild – e distribuíram

exemplares impressos com papel mais barato para satisfazer a demanda de livrarias e distribuidores.

Ainda que Steve amasse seu trabalho e ficasse emocionado cada vez que via um livro com seu nome em uma estante de livraria, percebeu que estava começando a ficar esgotado e passou a falar em fazer uma pausa.

"Fico dizendo a mim mesmo que vou relaxar um pouco ao acabar um livro, mas depois de alguns dias eu penso que seria divertido trabalhar uma das ideias que coloquei de lado enquanto trabalhava no romance anterior", disse. "Claro, escrever é divertido. Afinal de contas, você também está se divertindo, entende?"

Mas ele acabou tendo um incentivo extra para reduzir sua carga de trabalho, porque, em 21 de fevereiro de 1977, nasceu o terceiro filho de Steve e Tabby: Owen Phillip King.

Desde o princípio eles suspeitaram que seu terceiro filho não seguiria um caminho tão tranquilo como o dos outros dois. A cabeça de Owen ao nascer era extremamente grande em relação ao seu corpo, e Steve e Tabby pensaram que ele poderia ter hidrocefalia, uma condição congênita na qual fluidos aumentam anormalmente o tecido cerebral, criando uma pressão que pode causar hemorragia, coma e paralisia cerebral.

Por várias semanas, eles levaram Owen ao hospital para uma bateria de exames médicos. Ainda que os testes não fossem conclusivos, Steve ficou obcecado pelo medo de que um de seus filhos morresse.

"Eu sempre imaginei como pais lidavam com uma criança deficiente", disse. "Fiquei surpreso ao constatar que não apenas eu amava Owen a despeito de sua enorme cabeça em forma de cogumelo, mas por causa dela. É um choque rever nossos filmes caseiros e ver que estranho patinho era aquele bebê, aquela criatura magrela, pálida, com seu pequeno rosto debaixo daquela testa de para-choque. Ele não tinha hidrocefalia, era apenas um garoto com uma cabeça gigantesca, mas atravessamos um período assustador, em que temíamos tanto pela morte como pela vida de Owen."

Apesar de agora poder publicar dois romances por ano – um sob seu nome verdadeiro, pela Doubleday, e um pela NAL sob seu pseudônimo, Richard Bachman –, Steve estava ficando cada vez mais inquieto na Doubleday, que publicava as edições de seus livros em capa dura, especialmente por causa da maneira como os executivos da editora estavam tratando seu autor mais vendido. Outros grandes autores da editora eram Alex Haley, que escrevera

Roots (1976) e Leon Uris, de *Trinity* (1976), e ambos pareciam ser tratados com mais respeito.

"Sempre que ele vinha a Nova York se reunir comigo ou tratar de originais, alguns dos chefões apareciam, sem reconhecê-lo. Eu tinha de apresentá-lo todas as vezes", disse Bill Thompson.

Em setembro de 1978, *A Dança da Morte* foi publicado com uma tiragem inicial de 35 mil exemplares. Steve considerava o livro sua primeira obra-prima, um romance apocalíptico sobre uma supergripe que mata quase toda a população. Os sobreviventes, então, se engalfinham numa batalha do bem contra o mal. Ele via o livro como sua versão de *O Senhor dos Anéis*, passada nos Estados Unidos. Ele jogava o mocinho Stu Redman contra Randall Flagg – dublê do demônio – e ainda colocava Harold Lauder, de dezesseis anos, no meio deles, para ver que lado ele escolheria.

"Escrevi a sentença 'Um homem sombrio sem face' e, então, combinei-a com aquele ditado pavoroso 'A cada geração uma praga cairá sobre eles', e assim foi", disse. "Passei os dois anos seguintes escrevendo um livro aparentemente interminável chamado *A Dança da Morte*. Em um determinado ponto, comecei a descrevê-lo para os amigos como meu Vietnã particular, porque eu vivia dizendo que, com mais uma centena de páginas, eu começaria a ver a luz no fim do túnel."

"Em grande medida, Harold Lauder se baseia em mim. Em qualquer personagem que um escritor cria, você tenta olhar para as pessoas e senti-las, para entender como elas pensam. Mas Harold é terrivelmente solitário, e ele é alguém que se sente totalmente rejeitado por todos que o cercam, e se sente gordo, feio e desagradável a maior parte do tempo."

Steve também disse que o lado destrutivo de sua personalidade estava em uma época especialmente boa quando estava escrevendo *A Dança da Morte*. "Adoro queimar coisas, pelo menos no papel, e não acho que ser um incendiário na vida real seria tão divertido como na ficção", disse, citando uma de suas cenas favoritas, quando o Trashcan Man ateia fogo em tanques de uma refinaria de petróleo. "Amo o fogo, amo a destruição. É sensacional, é sinistro e é excitante. *A Dança da Morte* me trouxe muita satisfação porque nele tive uma chance de remover a raça humana, e uau, foi divertido! Boa parte do sentimento compulsivo e de urgência que tive enquanto trabalhava em *A Dança da Morte* vinha da emoção de imaginar toda uma ordem social estabelecida destruída de um só golpe. É a faceta de bombardeador maluco da minha personalidade, suponho."

Steve observou: “Ainda que muitas pessoas vejam em *A Dança da Morte* uma antologia da epidemia de aids, a doença nem havia sido identificada quando o livro foi lançado. Quando a aids começou, eu não podia acreditar como tudo se parecia com *A Dança da Morte*. Era quase como se eu a tivesse inventado”.

Quando King entregou os originais de *A Dança da Morte*, com mil e duzentas páginas e mais de seis quilos, a Doubleday disse que o livro era grande demais. As impressoras da Doubleday, na época, só podiam imprimir livros de no máximo oitocentas páginas, não havia outro jeito. Eles disseram a Steve que ele teria de cortar quatrocentas páginas, acrescentando que isso poderia ser feito por ele ou pela editora.

Ele disse que o faria, apesar de estar se sentindo cada vez mais irritado com sua editora. Tendo em vista os milhões de dólares que seus livros haviam gerado para a Doubleday, ele se sentia no direito de ditar suas próprias regras. Mas eles insistiram em cortar um terço do livro, senão não o publicariam. Para piorar a situação, por causa do primeiro contrato que ele havia assinado, que estabelecia a distribuição do dinheiro em pequenas parcelas anuais, ele nem ao menos estava vendo sua parte dos ganhos. O contrato original especificava que a editora investiria os lucros do autor com royalties, pagando-lhe até cinquenta mil dólares por ano. A maior parte dos autores, tanto naquela época como hoje, nem chega perto de gerar esse montante de renda anual. Mas Steve sim. E ele pediu à Doubleday que alterasse essa cláusula. Eles se recusaram, ainda que ele lhes rendesse milhares de dólares por ano graças aos direitos para o cinema e às edições em outros países. Ele sentia que a Doubleday estava roubando-o descaradamente. Ele estava no limite com a editora que o emocionara em 1973 ao anunciar que publicaria *Carrie, a Estranha*. Com base na renda que a editora estava obtendo apenas com a venda dos direitos da edição de bolso de seus livros, King achava que merecia não apenas mais respeito, mas mais dinheiro. *A Dança da Morte* era o último livro que King, por contrato, devia à editora, então ele propôs um acordo.

A Doubleday teria seus próximos três romances se lhe desse um adiantamento de 3,5 milhões de dólares.

Thompson, sempre um defensor de seu autor-estrela, pressionou seus chefes para que aceitassem o pedido de Steve, mas eles se recusaram. A editora ofereceu 3 milhões de dólares.

Steve se lembrou do agente literário Kirby McCauley, que havia conhecido no ano anterior, e perguntou-lhe o que deveria fazer. McCauley sugeriu que eles buscassem a editora mais lógica, uma que estivesse familiarizada com a receita que seus livros podiam gerar: aquela que editava seus livros de bolso, a New American Library. Eles concordaram com as demandas de Steve e, ainda que só publicasse livros de bolso, a NAL se tornou a editora de Steve, vendendo os direitos das edições em capa dura para a Viking.

Steve terminou sua relação com a Doubleday, contratou McCauley como agente literário e Thompson se tornou uma baixa no fogo cruzado. “Quando saí da Doubleday, eles lhe deram um pé na bunda”, contou Steve. “Era a velha história: vamos matar o mensageiro que trouxe as más notícias.”

Steve pensava que a mudança de editora e as notícias do acordo milionário dariam um gás às vendas de seus livros, incluindo o primeiro publicado como Richard Bachman, *Fúria*, editado em formato de bolso em setembro de 1977 pela NAL. Ainda que fosse uma grande história, King esquecera que seu nome não estava nele, e sim seu pseudônimo.

O livro desapareceu sem deixar rastros um ou dois meses depois. Afinal de contas, o mundo não estava procurando por um livro de Richard Bachman, e sim pela obra de Stephen King. Mesmo satisfeito com o fato de seu trabalho mais antigo ter sido impresso, obviamente as vendas não chegaram nem perto daquelas de *O Iluminado*. Steve estava visivelmente frustrado, ainda que tivesse deixado claro que preferia que *Fúria* fosse bem ou mal por seus próprios méritos.

Passadas as dificuldades com a Doubleday, Steve e Tabby pensaram que estava na hora de mudar de ares. “Achei que as pessoas ficariam cansadas de tudo se passar no Maine”, disse. “A Inglaterra era a terra das histórias de fantasmas, então pensei que poderia ir para lá e escrever uma história de fantasmas. Aí matriculamos as crianças em uma escola fora por um ano.” Eles alugaram uma casa que atendia pelo nome de Mourlands,[58] na Aldershot Road, 87, Fleet, em Hampshire. O escritor George Beahm contou que os King procuraram uma casa por meio do seguinte anúncio: “Procura-se uma casa vitoriana no interior, cheia de correntes de ar, com um sótão escuro e tábuas rangendo, de preferência mal-assombrada”.

Quase de imediato, Steve descobriu que a mudança fora um enorme erro: seu trabalho ficou prejudicado. “Fiquei totalmente sem ação quando estava fora. Foi como se meu cordão umbilical tivesse sido cortado.”

Uma coisa boa que resultou da viagem foi ter encontrado Peter Straub, um escritor americano que vivia em Londres na ocasião. Straub havia escrito diversos romances que foram bem recebidos, como *Julia*, *Under Venus* e *If You Could See Me Now*, e seu livro *Ghost Story* estava para ser publicado quando ele e Steve se conheceram. Uma noite os escritores e suas mulheres, Tabby e Susie, reuniram-se para um jantar na casa dos Straub na Hillfield Avenue, em Londres, e os homens ficaram acordados até tarde bebendo e tagarelando, muito depois de suas mulheres terem ido dormir. “Devíamos escrever um livro juntos”, disse Steve, e Peter imediatamente concordou. No entanto, quando eles compararam seus planejamentos, viram que ambos estavam tão ocupados que a primeira chance que teriam de começar seria dali a quatro anos. Eles fecharam um acordo e marcaram a data em suas agendas.

No primeiro ano que viveram no Reino Unido, os King não conseguiam se manter aquecidos. A casa alugada na qual viviam era fria e úmida, e eles nunca conseguiam aquecê-la de forma adequada. Depois que Steve e Tabby voltaram para os Estados Unidos, Susie Straub escreveu-lhes uma carta dizendo: “Realmente leva tempo para se habituar à noção inglesa de aquecimento. Eu juro, eles não gostam de ficar aquecidos”.

Os King pretendiam ficar um ano inteiro na Inglaterra, mas, depois de apenas três meses, decidiram voltar em meados de dezembro e compraram uma nova casa, de frente para o lago, em Center Lovell, no Maine, onde a maioria dos moradores só ficava na cidade durante o verão.

Em 1978, Steve estava em uma ótima fase, produzindo romances e contos, apesar de, com o sucesso de *A Dança da Morte*, estar aprendendo rapidamente o que significa ser um escritor famoso nos EUA.

Alguns fãs estavam começando a segui-lo no banheiro masculino de restaurantes, empurrando livros por baixo da porta para que ele assinasse, ainda que ele reconhecesse que, no Maine, as pessoas normalmente o deixassem em paz. “É diferente no Maine, você conhece as pessoas para quem dá autógrafos, mas em alguns lugares aonde vou as pessoas nem podem acreditar que eu existo”, disse. “Não há como explicar, você se sente um *freak*.”

Apesar de em 1978 Steve ter ganho, com seus três primeiros romances, a coletânea de contos e a venda para o cinema de dois livros, dinheiro o bastante para garantir um futuro confortável, isso não significava que fosse desperdiçar a grana. Ele não conseguia escapar da modéstia de sua infância.

E, mais ainda do que antes, não gostava de sentir que alguém tirava vantagem dele.

Seu colega de ensino médio Pete Higgins lembra-se de uma noite em que eles saíram por uma ronda de bares. “Apesar de ele já ter seu Cadillac naquela época, ele ainda andava com seu velho Dodge Dart por todo lado”, disse Higgins. Juntos, eles foram a um bar vagabundo em Lisbon, sentaram e pediram duas cervejas. A garçonete avisou que se eles quisessem ir para a pista de dança teriam de pagar uma taxa em torno de dois dólares. Eles não tinham qualquer intenção de dançar, mas era o princípio da coisa, pensou Steve. Então eles terminaram suas cervejas e foram para um bar em Lewiston, a vinte minutos dali.

“A taxa lá era de cinco dólares”, disse Higgins. “Eu olhei para ele, ele me olhou de volta e disse ‘Eu não vou pagar isso’, e eu respondi ‘Nem eu’. Então saímos e acabamos em outro lugar, que não cobrava taxa. Sentamos e tivemos uma ótima noite falando dos velhos tempos e tomando uns goles. Mas a questão era que ele já tinha algum dinheiro e poderia facilmente ter pago as taxas para todos no salão. Mas ele se recusou.”

Em 1978, ele decidiu ajudar sua antiga faculdade, a Universidade do Maine, em Orono, dando aulas por um ano. Era sua maneira de agradecer a universidade, especialmente o Departamento de Inglês, por tudo o que fizeram por ele quando ainda era um jovem estudante que estava tentando achar um caminho para entender mais sobre literatura e se tornar escritor.

Samuel Schuman, hoje chanceler emérito na Universidade de Minnesota, fazia parte do corpo docente do Departamento de Inglês da Universidade do Maine quando Steve voltou. Ele conta que as principais responsabilidades de Steve eram dar aulas para duas ou três turmas de calouros, incluindo a matéria Introdução à Escrita Criativa. “Ele não fez muitos desses eventos literários que se espera de um romancista de sua estatura, como leituras e autógrafos”, disse Schuman. “Ele assumiu a carga de responsabilidades acadêmicas que acompanhavam o cargo, como trabalhar nos comitês dos departamentos e ajudar a planejar currículos.”

Segundo Schuman, no princípio os estudantes o trataram com certa reverência, mas isso acabou assim que eles começaram a trabalhar com ele e ver sua conduta na sala de aula, e, pelo que tudo indica, passaram a tratá-lo como qualquer outro professor.

“Ele não era, nem com muita imaginação, uma figura atemorizante, e naquela época ele ainda era razoavelmente jovem e se vestia de modo

informal, com maneiras simples", disse Schuman, acrescentando que Steve aparecia na sala de aula com a camisa abotoada incorretamente ou com uma meia diferente em cada pé. "Ele parecia esses caras que pegam a primeira roupa que veem de manhã." O que provavelmente o tornava menos ameaçador para seus alunos.

"Achei interessante vê-lo voltar como uma pessoa famosa, relacionando-se com aqueles que haviam sido seus professores", prosseguiu Schuman. "Ele se mostrava mais respeitoso com seus antigos professores que estes com ele. Ele os tratava da mesma maneira que qualquer estudante formado trata seus antigos professores, e estes o tratavam como um ex-aluno."

Um dos comitês no qual Steve trabalhou estava encarregado de decidir que estudantes seriam nomeados para prêmios do departamento, como Melhor Novo Escritor e Melhor Dissertação do Ano. "Não era um comitê no qual as pessoas disputassem uma vaga, então eles apontaram Steve, que não sabia de nada sobre essas escolhas", disse Schuman. "Mas os outros professores ficaram felizes com o fato de que ele estava disposto a pôr mãos à obra e fazer o mesmo trabalho que todo mundo."

Schuman ficou impressionado porque King não parecia ter deixado que seu rápido sucesso e sua fama cada vez maior subissem à cabeça. "Ele realmente parecia ter todos os parafusos no lugar no que dizia respeito a seus valores e a quem ele era."

É claro que Steve aproveitou sua experiência dando aulas no ensino médio enquanto terminava seu curso na Universidade do Maine, mas ele logo percebeu a diferença entre aqueles alunos e estudantes universitários: "A questão sobre o ensino médio é que os estudantes olham para a escola de maneira diferente, porque são forçados a ir para lá, e muitas vezes a atitude deles é de que podem até curtir e arrancar das aulas o que puderem. Na universidade, vários de meus alunos de Escrita Criativa realmente queriam ser escritores, então seus egos estavam mortalmente envolvidos na história. Depois de algum tempo eu fiz a pior coisa que um professor de Escrita Criativa pode fazer, especialmente numa aula de poesia. Comecei a ficar muito cauteloso com minhas críticas, porque tinha medo de que algum estudante fosse para casa e cometesse o equivalente a um haraquiri. Eu não queria ser responsável por destruir completamente o ego de alguém".

Apesar da mudança de cenário e do fato de seu dia ficar tomado por suas responsabilidades como professor, ele continuou a trabalhar em seus livros

de maneira constante. Tudo o que precisava fazer era seguir a mesma rotina que mantivera durante anos.

“Há algumas coisas que faço quando sento para escrever”, explicou. “Eu pego um copo de água e uma xícara de chá. Há um horário certo para sentar, entre oito e oito e meia, em algum momento desse intervalo de meia hora todas as manhãs. Tenho minhas vitaminas e minha música, sento na mesma cadeira, e os papéis ficam dispostos nos mesmos lugares. O objetivo é fazer as coisas da mesma maneira todas as manhãs, é dizer para a mente ‘Você estará sonhando em breve’.”

“Não é diferente da rotina para dormir. Você vai para a cama de um jeito diferente toda noite? Há um lado da cama no qual você dorme? Quero dizer, normalmente escovo meus dentes, lavo minhas mãos. Por que alguém lavaria suas mãos antes de se deitar? Não sei. E os travesseiros têm de estar em uma determinada posição. O lado aberto da fronha tem de estar voltado para dentro, para o outro lado da cama. Não sei por quê.”

Enquanto Steve dava aulas na universidade, os King moravam em uma casa alugada na Rota 15, em Orrington, nos arredores de Bangor. A casa ficava em uma estrada de tráfego intenso, que, logo perceberam, era traiçoeira. Eram tantos animais de estimação a morrerem atropelados por caminhões em alta velocidade que as crianças da vizinhança acabaram criando seu próprio cemitério, em um bosque nos fundos do terreno.

“Nosso filho John e uma garotinha da vizinhança chamada Bethany Stanchfield criaram o cemitério de bichinhos”, conta Noreen Levesque, que ainda mora no local. “Começou com um passarinho ou esquilo morto que eles encontraram na estrada, e no início eles o enterravam em nosso quintal.” Mas logo cães e gatos entraram na lista de baixas, e eles transferiram o cemitério para o alto da colina.

“Um dos meninos tinha um carrinho, aí colocava o animal nele e o levavam para o cemitério”, disse a vizinha Alma Dosen. “Eles faziam uma cerimônia, cavavam uma pequena sepultura, enterravam o animal e faziam uma lápide. Depois faziam uma festinha pós-funeral.” Pelo menos trinta crianças cuidavam do cemitério.

Como sempre acontecia quando via ou ouvia algo fora do comum, Steve pensou que poderia usar isso em uma história ou romance algum dia. Enquanto isso, ele e Tabby levavam algumas espreguiçadeiras para o local do cemitério, e ele sempre ia para lá em busca de tranquilidade quando

queria escrever. Sempre que estavam no jardim brincando com seus filhos, porém, as coisas eram diferentes.

"Como todas as crianças que estão aprendendo a andar, Owen achava que sair correndo de mamãe e papai era hilariante", disse Tabby. "Logo depois de nos mudarmos para Orrington, Owen fez uma tentativa séria de fuga, correndo pelo gramado na direção da Rota 15, um trecho de estrada realmente apavorante. Nós o alcançamos, mas ficamos arrasados. Owen apenas caiu na gargalhada quando viu mamãe e papai desabarem no gramado."

Apesar de uma imensa lista de medos de todos os tipos, o incidente confirmou que o maior medo de Steve era o de perder um de seus filhos.

Smucky, o gato de Naomi, foi atingido por um caminhão na estrada uma tarde em que ela e Tabby tinham saído para fazer compras. Quando voltaram, Steve puxou Tabby de lado para contar o que acontecera e dizer que ele já havia enterrado o gato no cemitério de animais. "Ele queria dizer a Naomi que o gato havia fugido, mas insisti para que fosse franco", disse Tabby. A família fez um funeral, preparou uma lápide e colocou flores na sepultura do gato. "E foi o fim da história", disse Tabby de maneira irônica. *"Quase."*

Steve usou a experiência para começar a escrever o romance que classifica de o mais assustador de todos. *Pet Sematary* (*O Cemitério*)[59] era a história de um pai que traz seu filho de volta do reino dos mortos. Ele ficou apavorado com o que escrevera.

Ele mostrou o texto a Tabby para que ela lesse, e ela detestou. "Quando o menino de dois anos foi atropelado na estrada, no livro, achei aquilo muito, mas muito difícil de ler e de lidar", disse ela. Até seu amigo Peter Straub achou que o livro era horrível e que Steve deveria enfiá-lo em uma gaveta e esquecê-lo.

Foi exatamente o que Steve fez. Como sempre, não demorou para que ele encontrasse outra distração. Em 1º de outubro de 1978, *O Iluminado* ganhou uma edição popular, de bolso. Com o lançamento do filme, dois anos depois, a edição de bolso atingiria a marca de 2,5 milhões de exemplares vendidos.

Depois de ter colocado *O Cemitério* de lado, Steve começou a escrever *The Dead Zone* (*A Zona Morta*),[60] que qualificou como uma história de amor, mas que na verdade era uma resposta à crescente preocupação com os problemas que a fama estava começando a trazer para sua vida, bem como para sua família, e tudo por causa de seu raro dom para contar histórias e

apavorar as pessoas. Fãs estavam começando a bater em sua porta pedindo autógrafos e dinheiro, e estavam ficando cada vez mais agressivos. Steve não sabia exatamente como garantir sua privacidade, mas continuava querendo viver como um sujeito comum.

Durante esse período, um original reapareceu muitos anos após ter sido escrito e posto de lado. Mas, ao contrário de *O Cemitério*, ele tinha muito apreço por esse texto: "The Gunslinger" ("O Pistoleiro").[61] Ele o encontrou por acaso, após uma inundação no porão. "As páginas estavam todas amarfanhadas, mas ainda se podia lê-las, e pensei que podia vender a história para uma revista de contos." Ele redigitou o texto, enviou-o, e a *Revista de Fantasia e Ficção Científica* publicou " O Pistoleiro" em seu número de outubro de 1978.

Para Steve e Tabby, a vida era muito mais confortável que em seus sonhos mais loucos. Mas eles haviam lutado por tanto tempo que ainda era difícil se habituarem a essa nova segurança.

"O dinheiro nunca foi real", disse Tabby. "Eu tenho um caiaque. Steve tem guitarras. Contudo, é isso, como um elefante na sala. Crescemos na pobreza e as pessoas nos ajudaram. Então ajudamos os outros."

"A ideia é cuidar da família e ter dinheiro o bastante para comprar livros e ir ao cinema uma vez por semana", disse King. "Como objetivo na vida, ficar rico me parece totalmente ridículo. A meta é fazer aquilo para que Deus nos criou para fazer e não ferir ninguém se você puder evitar."

Ele era obviamente uma pessoa motivada. Mas não estava claro o quão obsessivo ele poderia ser até um dia em 1979.

Depois que Owen, seu último filho, nascera, Steve decidiu fazer uma vasectomia. Ele foi ao consultório fazer o procedimento, que levava meia hora, e o médico lhe disse para descansar nos próximos dois dias. Steve foi para casa. Tudo estava bem até o dia em que ele estava no meio de uma furiosa sessão de escrita e começou a sangrar da incisão. Ele estava terminando um capítulo de seu novo romance, *Firestarter* (*A Incendiária*), [62] quando percebeu que estava sangrando, mas não queria parar até terminar o capítulo, já que o trabalho estava indo tão bem.

Quando Tabby entrou no escritório e o viu sentado em uma poça de sangue, entrou em pânico. "Qualquer outro estaria gritando, mas ele só falou 'Espere, deixe-me terminar esse parágrafo!'", contou ela. Ele continuou a escrever até terminar o parágrafo. *Só então* Tabby levou-o para o hospital.

STEPHEN KING

CAPÍTULO VI

O SOBREVIVENTE

Steve passava boa parte de seus dias no Maine, mas editores, produtores de cinema e repórteres começaram a demandar cada vez mais seu tempo. Ainda que se considerasse tímido e preferisse se refugiar em casa com sua família e seu processador de texto, Steve começou a viajar mais. Ele ainda achava divertido o fato de, depois de todos aqueles anos de dificuldade, as pessoas estarem exigindo novos livros seus.

No mundo da mídia e do cinema no fim dos anos 1970, as drogas eram parte dos negócios tanto quanto o álcool, e era comum ver Valium, Mandrix e cocaína em abundância nas festas e eventos. À medida que Steve começou a passar mais tempo nesse mundo – e considerando-se que ele havia tomado drogas na universidade –, era inevitável que também as experimentasse, então naquela época ele cheirou cocaína pela primeira vez. Afinal, parecia que todo mundo também fazia isso. Mas com a personalidade adicta e obsessiva de Steve, essa não foi uma boa ideia.

“Com a cocaína, foi uma cheirada e ela dominou meu corpo e minha mente”, disse ele. “Era como o elo perdido. A cocaína era meu botão de *liga* e parecia uma droga realmente energética. Você experimenta e pensa ‘Uau, por que não comecei a tomar isso há anos?’ Então você toma mais um pouco e escreve um romance, decora a casa, corta a grama e já está pronto para começar outro romance. Eu só queria melhorar o momento pelo qual estava passando. Eu achava que a felicidade não bastava: deveria haver uma maneira de melhorar a natureza.”

Enquanto não tinha escrúpulos de beber na frente de outras pessoas, mesmo quando elas sabiam que ele tinha um problema com o álcool, Steve sempre tinha o cuidado de esconder a cocaína de seus amigos e de sua família. Como ocorre em qualquer família em que há um alcoólatra, cada um aperfeiçoou seu papel de codependência e negação. Ao longo dos anos, de vez em quando Tabby lhe pedia para ficar limpo, mas desistia assim que percebia estar desperdiçando saliva. E assim como havia ficado ao lado dele nos bons e nos maus tempos, ela também sabia manter a fachada em público. "Ele não é e nunca foi um alcoólatra", afirmou ela em 1979, o mesmo ano em que Steve ficou viciado em cocaína.

Mas a cocaína não substituiu a cerveja; ele no mínimo tomava-a junto com as dúzias de latas de cerveja que entornava todas as noites, para rebater o barato da cocaína, de modo que pudesse dormir.

Ele havia fumado maconha na universidade, mas perdera o gosto pela droga porque tinha medo de que ela fosse "batizada". "Qualquer um que quiser pode colocar qualquer coisa nela, e isso me assusta."

"Minha ideia do bagulho ideal é algo que te deixe tranquilo", disse. "O que faço, se ainda fumo algo, é, ao ir para o cinema, fumar uns dois baseados bem rápido para sentar na primeira fila. Fica interessante, e eles ainda têm comida boa para a larica."

Depois da faculdade, Rick Hautala, o colega de Steve da Universidade do Maine, estava trabalhando em uma livraria local e escrevendo em seu tempo livre. Steve ia à livraria com frequência, e eles ficavam jogando conversa fora. Um dia, Steve perguntou se Rick continuava escrevendo, e este respondeu que estava trabalhando em um romance. Steve disse que gostaria de dar uma olhada e, como gostou do que viu, passou o texto para McCauley. O resultado foi que Hautala assinou um contrato com Kirby, que logo vendeu o romance de horror de Rick, *Moondeath*, para a editora Zebra, que o publicou em 1981. King escreveu a orelha daquele livro e do segundo de Hautala, *Moonbog*, lançado no ano seguinte.

Eles também renovaram sua amizade visitando bares em Bangor e próximos da cidade. "Fiquei assustado com a velocidade com que ele bebia uma cerveja", disse Hautala. "Eu gostava de tomar algumas cervejas, mas ele entornava seis ou oito enquanto eu tomava duas. No início, achei que ele estivesse derramando a cerveja no chão."

Chuck Verrill, um editor que começara a trabalhar com King na Putnam naquela época, percebeu a mesma coisa: "Sempre que íamos a um bar, eu

tomava uma cerveja e Steve, três".

O que incomodava Rick ainda mais era que Steve beberia durante as noites de autógrafo. "Bebendo em público no Maine Mall com centenas de fãs em volta", disse Hautala. "Você conhece a velha expressão 'idiota instantâneo, basta adicionar álcool'? Quando Steve tomava seus goles, ele podia ficar bastante desagradável."

King, basicamente, ficava sóbrio quando tinha de dar aulas na universidade. Os estudantes gostavam dele por causa de seu estilo informal de ensinar – além disso, eles tinham como professor uma verdadeira celebridade – e porque ele ainda se considerava como um deles. Ele podia usar roupas das melhores marcas, mas, é claro, não se fazia isso no Maine, pelo menos não em sua cidade. Então sua jaqueta jeans parecia saída da lixeira do Exército da Salvação e, com suas calças Levi's e camisa de flanela – o código oficial de moda do estado do Maine – ele se encaixava perfeitamente.

Ele também não parecia mais velho que seus alunos, que tinham no mínimo dez anos a menos, e tinha uma teoria muito perspicaz sobre isso.

"Há muitos escritores que parecem crianças", disse. " Ray Bradbury tem... o rosto de uma criança. A mesma coisa com Isaac Singer, ele tem os olhos de uma criança naquele rosto velho." Pela teoria de Steve, isso se devia ao fato de escritores e outros artistas usarem a imaginação à maneira das crianças: por isso seus rostos sempre mantêm um ar jovial.

Ele prontamente reconheceu, no entanto, que não tinha outro talento vendável ou útil para o mundo: "Não tenho qualquer habilidade que melhore a qualidade de vida em um sentido físico. Não posso nem arrumar o encanamento da minha casa quando congela. A única coisa que consigo fazer é dizer 'eis uma forma de olhar algo de uma nova maneira'. Pode ser apenas uma nuvem para você, mas, veja bem, não parece um elefante? E as pessoas me pagam para mostrar isso a elas, porque elas perderam essa capacidade. É por isso que as pessoas pagam escritores e artistas, é a única razão pela qual existimos. Somos excesso de bagagem. Sou só um passarinho nas costas da civilização."

Steve continuou a escrever contos e enviá-los às mesmas revistas que o haviam publicado em sua época de pobreza, pré- *Carrie, a Estranha*. Ele contava com os direitos de reimprimi-los como uma coletânea de contos, principalmente depois que a primeira, *Sombras da Noite,* fora muito bem de

vendas. E ele ainda tinha o prazer do desafio da forma do conto em comparação à do romance.

"The Crate" ("A Caixa") viu a luz do dia na edição de julho de 1979 da revista *Gallery*. Como sempre, a ideia para a história chegou a Steve de maneira casual, quando ele ouviu no rádio uma notícia sobre alguns objetos antigos que haviam sido guardados embaixo de uma escada movimentada no prédio de um laboratório de química por pelo menos um século. Eles incluíam uma velha caixa de madeira. A notícia mencionava alguns dos outros itens, mas a imaginação de Steve já tinha disparado.

"O que me pegou foi a ideia de estudantes subindo e descendo aquelas escadas por cem anos com aquela caixa bem ali", disse. "Provavelmente não havia nada nele exceto revistas velhas, mas o que me bateu foi que podia haver algo realmente sinistro ali." Então a história tomou esse rumo, e quando chegou a hora de Steve descrever a criatura que surge quando o caixote é aberto, tudo o que vinha a sua mente era Taz, o diabo-da-tasmânia dos desenhos do Pernalonga. "Todo dentes! Um dia meus filhos estavam assistindo a um desses desenhos, e pensei: 'Merda, isso não é engraçado, isso é horrível!'"

Seu segundo romance como Richard Bachman, *A Longa Marcha,* também foi publicado em julho. Assim como o primeiro, *Fúria,* sumiu de vista depois de poucos meses. Já *A Zona Morta,* seu primeiro romance pela nova editora, a Viking, seria lançado no mês seguinte, com uma tiragem de cinquenta mil exemplares em capa dura.

"Foi realmente o primeiro romance que escrevi", disse ele. "Até então, os outros não passavam de exercícios. Foi o primeiro romance com personagens de verdade, uma grande trama principal e outras secundárias."

A Zona Morta foi seu primeiro livro passado em Castle Rock, uma cidade no Maine para a qual ele afirmou ter se inspirado em Durham e Lisbon Falls. Ele tirou o nome de *O Senhor das Moscas* (1954), de William Golding, um de seus livros prediletos quando criança. Castle Rock é a parte rochosa da ilha onde se passa a história de Golding.

Para promover o livro, King partiu em sua primeira grande turnê naquele outono, indo a sete cidades em seis dias. Quando acabou, ele disse: "É como se você estivesse em uma guerra de travesseiros na qual todos os travesseiros foram tratados com gás venenoso de má qualidade". Stephen King estava rapidamente se tornando um nome conhecido de todos, apenas cinco anos depois de seu primeiro romance ter sido publicado. Ele frequentemente se

sentia assoberbado, mas estava feliz. Era por isso que tinha trabalhado duro, era isso que queria, pensou.

O próximo passo foi a estreia na televisão. *A Hora do Vampiro* foi transformado em uma minissérie de quatro horas, exibida no canal CBS em duas partes nos dias 17 e 24 de novembro de 1979. Steve poderia ter optado por se envolver com o filme, mas preferiu se concentrar em escrever livros. É possível que tenha decidido ficar de fora por achar que seria difícil passar a história pelos censores do canal, ou então ele já sabia que ficaria frustrado com os cortes. O produtor Richard Kobritz disse que a equipe estava trabalhando num ritmo ensandecido porque outra minissérie prevista para a temporada de outono havia sido cancelada logo após o término das filmagens, então eles tinham apenas oito semanas para fazer tudo.

"Trabalhávamos sete dias por semana apenas para editar, sonorizar e colocar a trilha sonora", disse Kobritz. "Steve nunca apareceu no set, então mandamos um videoteipe com um primeiro corte para que ele tivesse uma ideia do que estávamos fazendo. Acho que ele gostou de não ter se envolvido, apenas vendo a minissérie como um produto acabado."

Kobritz disse que um dos maiores desafios que enfrentou foi escolher quem faria o vampiro líder, bem como o papel do protagonista, Richard Straker. Anteriormente, naquele mesmo ano, dois filmes de vampiro haviam feito enorme sucesso nas bilheterias, e ambos os atores eram belos homens de meia-idade, sensuais e articulados: George Hamilton estrelou a comédia *Amor à Primeira Mordida*, lançado em abril, e Frank Langella fez o papel-título de *Drácula*, uma adaptação quase fiel do romance de Bram Stoker, que chegou aos cinemas em julho.

Para que o papel do vampiro Kurt Barlow ganhasse mais destaque, Kobritz decidiu que Barlow não diria uma só palavra o filme todo e que todas as suas falas iriam para Straker, seu mensageiro humano, interpretado por James Mason. Ele também buscou adiar o máximo possível a primeira aparição do vampiro, a fim de atrair as pessoas para a história; Kobritz disse que o vampiro só apareceu quase na metade do filme, aos noventa minutos. A versão completa sem cortes tem cento e oitenta e quatro minutos, sem os comerciais.

Antes de passar na TV, a minissérie teve uma exibição prévia em um grande cinema de Beverly Hills, e o palpite de Kobritz estava certo. "Na primeira vez em que o vampiro apareceu, a plateia começou a gritar, e gritou de novo quando o garotinho que havia sido morto e enterrado pula do

caixão”, contou. Quando enterraram uma estaca no coração do vampiro, os censores da rede de TV lidaram com a violência escurecendo a imagem da tela. No ano seguinte, a minissérie foi reprisada durante a eleição para prefeito de Los Angeles, então os episódios foram interrompidos algumas vezes para boletins sobre as eleições. “A rede de TV recebeu um número recorde de chamadas para reclamar das interrupções”, contou Kobritz.

A Hora do Vampiro foi indicada para três prêmios Emmy e um Edgar,[63] por melhor programa ou minissérie de TV. E o melhor de tudo é que Steve ficou contente com a minissérie.

Como resultado de sua crescente visibilidade, Steve também estava ficando bastante familiarizado com aquela parte da vida que muitos autores nas listas de mais vendidos adoram e que outros, como ele, detestam: as entrevistas na mídia, a publicidade e os afagos nos repórteres, tudo para vender livros.

“Quando era criança, eu não falava muito, eu escrevia”, disse. “Um dia de entrevistas com repórteres é duro para mim porque, em geral, não sou bom em falar. Não estou acostumado a externar meus pensamentos, a não ser no papel, o que é típico de escritores. Quando alguém tenta dar muita importância ao fato de ser escritor, já é ruim o bastante. Pior ainda é quando as pessoas chamam você de autor, e você as deixa fazer isso.”

Ainda assim, havia um lado bom. Ele disse ter sido surreal quando estava em Nova York para uma reunião no hotel Waldorf-Astoria com os produtores de *O Iluminado* para discutir quem seria melhor para o papel principal, Jack Nicholson ou Robert De Niro.

Voltar para o Maine era voltar para a realidade – e um alívio.

“Volto para casa, recolho os brinquedos e vejo se as crianças estão escovando os dentes de trás, e estou fumando cigarros demais e mastigando aspirina sozinho neste escritório, e o pessoal glamouroso não está aqui”, disse. “Há uma solidão curiosa em minha vida. Eu tenho de produzir diariamente e lidar com minhas dúvidas sobre se o que estou fazendo é banal, e talvez não muito bom. Então, de certa forma, quando vou a Nova York, eu sinto que mereci isso.”

Além disso, o bom do Maine era que, lá, a maioria das pessoas não o perturbava. Em sua cidade, não enfiavam livros na sua cara o tempo todo, nem o bajulavam. E apesar de ele tentar escrever todos os dias quando estava viajando, por mais ocupado que estivesse, as ideias simplesmente não apareciam da mesma maneira como no Maine, especialmente no Maine rural. “É como se a realidade fosse mais escassa no interior. Há um sentido

de infinito que está muito, muito próximo, e apenas tento comunicar isso na minha obra", explicou.

Ele também estava ficando cansado de se mudar tanto; isso o deixava desconfortável, as constantes mudanças estavam começando a fazê-lo lembrar-se de sua infância peripatética. Ele queria encontrar um lugar e se acomodar, e, de preferência, nunca mais se mudar de novo.

Assim que Steve deu por terminadas suas responsabilidades como professor na universidade, os King passaram alguns meses em sua casa à beira do lago em Center Lovell, até saber para onde ir.

Ele e Tabby já tinham debatido a ideia de viver em outro lugar, talvez algum lugar mais glamouroso que o Maine, mas descobriram que nem o Colorado nem a Grã-Bretanha se encaixavam nessa ideia. Eles eram naturais do Maine, era a maneira como viviam, e era onde se sentiam mais confortáveis. Então eles decidiram comprar outra casa, para não ter de viver o ano todo na residência em Center Lovell, uma área basicamente habitada por veranistas e que ficava virtualmente deserta durante nove meses no ano. Tabby queria que Naomi, Owen e Joe vivessem perto de outras crianças, em um lugar onde elas pudessem sair correndo, jogar bola e brincar de pique-esconde apenas atravessando o jardim.

A escolha foi reduzida a Bangor ou Portland.

" Tabby queria ir para Portland, e eu para Bangor, porque era uma cidade de operários durões – nada de *nouvelle cuisine* quando você está ao norte de Freeport", disse Steve. Ele também achava que havia alguma grande história escondida em algum lugar da cidade, a qual ainda ignorava. Ele imaginava reunir tudo o que sabia sobre monstros e sabia que não encontraria isso em Portland, porque lá era o mesmo tipo de lugar que Boulder, cheio de tipos executivos.

Então, quando escolheram Bangor, começaram a procurar uma casa onde se sentissem à vontade. Não demorou para que encontrassem.

Como no clichê do velho ianque de cara comprida respondendo a um forasteiro que lhe pedia informações sobre Bangor: "Daqui você não pode ir pra lá".[64]

Bem, você pode, mas vai levar mais tempo do que imagina. Bangor, uma velha e estagnada cidade operária, é um oásis em si. Mas muitos visitantes imaginam que quem vive lá se sente preso, como se não houvesse lugar para ir porque tudo é tão longe, ou então que achou o refúgio perfeito para um recluso.

Stephen King, sem dúvida, se encaixa na segunda categoria. Quando se entra no Maine pela I-95, leva-se uma hora até Portland, a maior cidade do estado, e mais outra hora até Augusta, a capital. A viagem é interessante, nada tediosa, pontuada por vilarejos e convites para atrações costeiras próximas. Entre Augusta e Bangor, no entanto, as coisas mudam, e rapidamente.

A vista nos últimos 120 quilômetros só tem árvores, um motorista ocasional e avisos sobre travessia de alces.

Como Steve colocou, ou você quer ir tanto para Bangor que vai aguentar a viagem ou você vai ficar muito longe. Se você for de avião, só há dois voos diários, a partir de Boston. E se você quer voar de Portland para Bangor, aí é realmente impossível, porque não há voos diretos entre as duas cidades.

"Uma das razões pela qual moro em Bangor é que, se alguém quer me alcançar, tem de se esforçar muito", disse Steve. "Eles têm de realmente querer vir aqui. Não é como se eu morasse em Nova York ou L.A. e qualquer um pudesse se aproveitar de mim sempre que quisesse. Então eu fico aqui porque não há qualquer tipo de distração."

Bangor, por muito tempo chamada de Cidade Rainha, já foi uma pujante cidade madeireira, tendo como principal matéria-prima os pinheiros brancos das florestas que a cercam por centenas de quilômetros em todas as direções. A cidade teve seu pico industrial em 1872, ano em que 22 navios entraram no porto, embarcando quase 590 mil metros cúbicos de tábuas de madeira para exportar para todo o mundo. Naquela época Bangor era conhecida como a Capital Mundial da Madeira, mas à medida que as pessoas começaram a migrar para o oeste e derrubar as florestas do Meio-Oeste e das Montanhas Rochosas, caiu a demanda pelo pinheiro branco do Maine. Em 1870, a população de Bangor era de 18.289 pessoas, caindo para 16.857 apenas uma década depois. Desde então, voltou a crescer. No ano 2000, a população era de 31.473.

Em 1980 os King compraram a William Arnold House na West Broadway, 47, a única *villa* de estilo italiano de Bangor, construída entre 1854 e 1856. A torre quadrada à direita, voltada para a rua, é original da casa; a torre octogonal à esquerda foi acrescentada em algum ponto no fim dos anos 1880. A mansão tem 24 quartos e ocupa 28 mil quilômetros quadrados.

Quando era adolescente, Tabby ficava do lado de fora da casa, passeando com uma amiga, e imaginava que a casa era dela. Mas, para uma garota de Old Town, uma das oito crianças cuja família gerenciava o armazém geral,

ela sabia que isso não passaria de um sonho. Mas quando Steve e Tabby começaram a procurar uma casa em Bangor e descobriram que a mansão vermelha com as duas torres díspares estava à venda, eles correram.

“Achei que fosse o destino”, disse Tabby.

Depois da compra, os King se ocuparam transformando-a na casa de seus sonhos. Eles contrataram uma pequena equipe de carpinteiros, pintores, eletricistas e serralheiros por três anos, para renovar a casa do chão ao teto, e do portão da frente até os fundos.

Para a cozinha, foram unidos seis aposentos menores para criar um amplo espaço com um balcão feito sob medida, mais elevado que o normal, para que Steve pudesse cortar vegetais e sovar pão sem esforço. Há um forno a lenha, cujos tijolos foram fabricados perto de Durham. Há ainda uma gigantesca pia, da cor de sangue fresco, ladeada por blocos de madeira como as de açougueiro e um pequeno elevador elétrico que manda as toalhas e panos de prato sujos diretamente para a lavanderia, no segundo andar.

Steve, ainda agradecido pelo fato de Tabby ter ficado ao seu lado durante os cruéis anos de pobreza no início dos anos 1970, perguntou o que ela queria mais do que qualquer coisa neste mundo.

Ela tinha aprendido a nadar alguns anos antes e disse que tudo o que queria era uma piscina.

“Está feito”, disse Steve, e uma piscina de 14 metros, com 3,5 metros em sua parte mais funda, foi construída no celeiro que era perpendicularmente ligado à casa nos fundos. Durante as obras, ficaram as pequenas janelas quadradas que iluminavam as estrebarias, mas foi acrescentada uma nova janela, bem maior, com um vitral – com a imagem de um morcego voando – ao aposento que dava para a piscina. Esse aposento é usado por Steve como escritório e só pode ser alcançado por uma passagem que fica escondida. Do interior de seu escritório, tem-se a impressão de que não há saída; a porta é, na verdade, uma pesada estante. O garoto que cresceu sem encanamento dentro de casa agora tem uma piscina de catorze metros dentro de casa.

No mais puro estilo Stephen King, há morcegos dentro e fora da casa – tanto reais como de mentira. Ele deixa Tabby cuidar dos de verdade. “Temos morcegos na casa porque ela é velha”, explicou ela. “Fico encarregada do controle de morcegos. Capturo o morcego e o coloco para fora, enquanto ele apenas grita.”

E há a grade de ferro. Sim, *aquela* grade.

O ferreiro arquitetônico Terry Steel projetou e construiu a elaborada cerca de ferro forjado em volta da casa. “Era importante que a grade e os portões acompanhassem a arquitetura da casa, que fossem graciosos e atraentes, além de refletir as personalidades de seus ocupantes”, disse Steel. “Steve queria morcegos na grade e Tabby, aranhas e teias.” Os King também queriam que ela transmitisse uma mensagem ainda mais importante: “Olhe o quanto quiser, mas nem pense em entrar”.

Quando Steel se reuniu com os King na casa deles para discutir o projeto, ele viu inúmeros exemplares das revistas *Super-Homem* e *Batman* espalhados pela casa. Ele decidiu usar o símbolo do morcego do *Batman* para o formato de seu morcego. “Eu queria super-heróis, não personagens demoníacos”, explicou Steel.

No total, foram dezoito meses para fazer a grade, e no fim ela tinha 82 metros de ferro batido, que pesavam mais de cinco mil quilos. Além dos morcegos, aranhas e teias pedidos pelos moradores, Steel adicionou algumas cabeças de bode.

Assim que a família se mudou para a casa, além das passagens secretas, Steve e Tabby descobriram outra característica inesperada do imóvel: um morador fantasma. Se Steve diz nunca ter visto o fantasma – aparentemente seria de um tal general Webber, que teria morrido na casa um século antes de os King se mudarem – ele admite que às vezes, quando está escrevendo tarde da noite e todos já foram dormir, começa a se sentir assustado, com a sensação de que não está sozinho no escritório.

Tabby, porém, já percebeu a presença do fantasma em barulhos súbitos, que não são aqueles que casas velhas costumam fazer, e em um forte cheiro de charuto que ela sente às vezes, ao andar pelos corredores.

Algumas outras coisas assustadoras foram observadas na casa da West Broadway. Era o terceiro lugar consecutivo onde os King moravam em que alguém havia se suicidado. Quando Tabby foi procurar mobília para a casa, ela comprou um conjunto para quarto em um brechó. Ao escrever a nota, o lojista disse que era a terceira vez que vendia aquele conjunto: nas duas primeiras vezes, os maridos morreram na cama e as viúvas não aguentaram ter a mobília por perto. Quando ela contou a história a Steve, ele não ficou incomodado, por acreditar que a terceira vez dá sorte. E assim foi… *até agora*.

Ainda que Steve nunca tenha visto o general Webber, ele testemunhou uma estranha aparição em outra casa velha na Grove Street, em Bangor,

onde teve lugar um evento para arrecadação de fundos para a campanha do ex-senador George Mitchell, pouco depois de os King se mudarem para a mansão na West Broadway.

Steve havia colocado seu casaco e o de Tabby em um quarto no segundo andar, em uma cama destinada a isso. Eles ficaram no local por cerca de meia hora, até decidirem jantar no restaurante Sing's Polynesian, o favorito deles para comida chinesa. Ele subiu para pegar os casacos – a pilha na cama havia crescido exponencialmente no curto período em que ficaram lá – e começou a fuçar no monte. Nesse momento, pelo canto do olho, ele viu um homem sentado em uma cadeira do outro lado do quarto, com as mãos cruzadas.

"Ele usava óculos e um terno azul de risca-de-giz e era careca", contou Steve, que imediatamente ficou nervoso porque pensou que o homem acharia que ele estava fuçando na pilha de casacos para roubar algo. "Comecei a falar algo sobre como era difícil encontrar seu casaco nessas ocasiões, e de repente não havia mais ninguém ali. A cadeira estava vazia."

Steve acreditava em fantasmas, mas tinha seus limites: "Não participaria de uma sessão espírita em hipótese alguma, nem se minha mulher morresse e um médium dissesse que tinha uma mensagem dela". Ele também acredita em videntes e percepção extrassensorial: "Temos documentação o bastante, então qualquer um que duvide de experiências mediúnicas está no mesmo nível de alguém que continua a fumar de dois a três maços de cigarro por dia e nega que haja uma relação entre o fumo e câncer no pulmão".

Quando Stanley Kubrick mostrou, pela primeira vez, interesse em dirigir *O Iluminado*, Steve não acreditou.

"Eu estava de cuecas no banheiro, fazendo a barba, e minha mulher entrou com os olhos arregalados. Eu pensei que uma das crianças estava passando mal na cozinha. Ela diz 'Stanley Kubrick está no telefone!' Eu nem tirei o creme de barbear da cara."

Steve já tinha ouvido histórias sobre o lendário diretor, que haviam corrido Hollywood. Quando Kubrick estava procurando um livro para transformar em filme, sua secretária costumava ouvir um barulhão dentro da sala dele a cada meia hora, mais ou menos. Kubrick pegava um livro e começava a ler, mas depois de quarenta ou cinquenta páginas desistia e jogava o livro contra a parede antes de pegar o seguinte, apenas para fazer a mesma coisa pouco tempo depois. Então, na ocasião, em uma bela manhã os barulhos pararam, e a secretária ligou para ele pelo interfone. Como ele não

respondeu, ela correu para a sala porque pensou que ele poderia ter tido um enfarto. Ela o encontrou lendo *O Iluminado*. Ele levantou o exemplar e disse: “Este é o livro”.

Kubrick era conhecido por seus hábitos perfeccionistas, adquiridos quando trabalhou como fotógrafo da revista *Look*. Ele manteve suas tendências obsessivas ao começar a dirigir filmes nos anos 1960, incluindo *Laranja Mecânica* (1971), *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968) e *Dr. Fantástico* (1964). Ele exigia controlar cada aspecto de seus filmes posteriores e com frequência rodava centenas de tomadas de uma cena antes de passar para a seguinte.

Com um orçamento de 22 milhões de dólares e Kubrick fazendo o roteiro com a romancista Diane Johnson, Steve acreditava que o filme seria tão bom quanto *Carrie, a Estranha* e *A Hora do Vampiro*. Ainda que *O Iluminado* acabasse dando um lucro superior a 64 milhões de dólares, ele ficou muito desapontado com o que Kubrick fizera com sua história: “É um Cadillac sem motor. Não se pode fazer nada com ele, exceto admirá-lo como escultura”.

Seu maior problema era com a escolha de Jack Nicholson para o papel de Jack Torrance. Ele preferia Michael Moriarty – hoje mais conhecido por seu papel como o promotor Ben Stone na série de TV *Law & Order* no início dos anos 1990, mas que também teve grandes papéis, como no filme *Who’ll Stop the Rain*, de 1978 – ou Jon Voight, que trabalhara em filmes de sucesso nos anos 1970, como *Voltando Para Casa* (1978), *Amargo Pesadelo* (1972) e *Ardil 22* (1970). “ Nicholson era muito sombrio desde o início do filme”, disse Steve. “O horror no romance vem do fato de Jack Torrance ser um cara legal, não um ‘estranho no ninho’.[65] Não havia qualquer embate moral.”

Algumas cenas foram filmadas no Timberline Lodge, em Mount Hood, Oregon. Kubrick alterou o importantíssimo número do quarto de 217, como estava no livro, para 237. O Timberline tinha um quarto 217, e os proprietários ficaram com medo de que outros hóspedes evitassem o aposento depois que o filme fosse lançado, mas não havia quarto 237, então Kubrick fez a mudança.

Depois que o filme *O Iluminado* foi lançado, as perguntas sobre o passado de Steve aumentaram exponencialmente. “As pessoas sempre queriam saber o que acontecera em minha infância”, queixou-se ele. “Eles têm de encontrar alguma maneira de discriminar, eles acham que tem de haver alguma razão para que eu escreva todas essas coisas terríveis. Mas me considero uma

pessoa bastante alegre. Minhas lembranças da infância são felizes, de uma maneira solitária.”

Ele tentou deixar sua decepção com *O Iluminado* para trás escrevendo mais romances, contos e roteiros. Em setembro de 1980, foi publicado *A Incendiária*, o primeiro dos livros de King a ganhar uma edição limitada, da qual ele mais tarde se arrependeria por seu preciosismo e preço elevado. Livros em edição limitada são normalmente feitos por pequenas editoras, em tiragens de até cem exemplares, e costumam ter belíssimos projetos gráficos. Eles custam bem mais que os livros produzidos em massa, já que são comprados e vendidos basicamente por fãs do autor. *A Incendiária* é um romance sobre Charlie McGee, uma garota que é pirocinética, ou seja, que pode iniciar um incêndio apenas com sua vontade, e o texto não ajudou a diminuir a saraivada de perguntas de leitores e jornalistas sobre o que acontecera a Steve quando ele estava crescendo. Se antes ele educadamente explicaria aos curiosos que havia tido uma infância bastante normal e que não havia apanhado de sua mãe nem sido trancado no armário, agora ele estava começando a se desviar das perguntas falando de seus próprios filhos e de sua experiência como pai, na esperança de dar a impressão de ser o cara simples que acreditava ser.

“Para mim, o verdadeiro propósito de ter filhos não tem nada a ver com perpetuar a raça ou com o imperativo de sobrevivência: é uma maneira de terminar sua própria infância”, explicou. “Ao ter filhos, você é capaz de reviver tudo aquilo pelo que passou como criança, só que de uma perspectiva mais madura.” Somente então, ele sentia que poderia finalmente deixar sua infância para trás.

“ Charlie McGee foi conscientemente moldada em minha filha, porque sei como ela é, de que modo ela anda, sei o que a deixa louca de raiva. Fui capaz de usar isso, mas somente até certo ponto. Além deste, você fica amarrado a suas próprias crianças, você limita seu alcance. Então tomei Naomi como base, depois fui para onde queria.”

Ele também estava enfrentando o fogo cerrado dos críticos por usar marcas famosas em seus livros, como quando o personagem Royal Snow toma uma Pepsi em *A Hora do Vampiro*, ou quando Miss Macaferty dirige um Volkswagen em *Carrie, a Estranha*. Ele se defendeu afirmando que “Cada vez que o fiz, senti que havia acertado. Às vezes a marca é a palavra perfeita, que vai cristalizar uma cena para mim”.

Os jornalistas logo aprenderam que uma maneira de quebrar o gelo com King era começar falando sobre seu amado Red Sox e sua devoção obsessiva ao time. Fãs ficavam fascinados em saber os detalhes da dedicação de King, como o fato de ele parar de se barbear no outono, após o último jogo da World Series,[66] só fazendo as pazes com o barbeador quando começa o treino da primavera. “Uma parte de mim morre quando acaba a World Series”, disse.

Ele recorreu a sua cor para justificar sua lealdade imortal ao Red Sox: “Sou branco. Não quero soar racista, mas Boston sempre teve um time branco. O Red Sox dá a brancos malucos algo pelo qual torcer. Ele mostra que, talvez, os brancos possam fazer algum esporte”. Apesar de algumas mudanças raciais óbvias no time nos últimos anos, Steve permaneceu um fã inabalável.

Ainda que a maioria dos fãs se contente em ler sobre sua vida e desfrutar de seus livros, Steve estava começando a ver que alguns poderiam ser tão obsessivos sobre ele quanto ele era obsessivo sobre beisebol e, em alguns casos, mais ainda.

“Às vezes eu olho em seus olhos, e é como olhar dentro de casas vazias”, disse o escritor. “Eles não sabem por que querem um autógrafo, apenas querem. Aí percebo que a casa não está somente vazia, está mal-assombrada.”

Ele contou que, em uma ocasião, estava atrasado para um compromisso e esbarrou com um fã implorando seu autógrafo, gritando que era o maior fã de Steve e que tinha lido todos os seus livros. Steve pediu desculpas e entrou no carro, e o fã subitamente se transformou e o chamou de filho da puta estúpido. “O peso coletivo dos fãs é esmagador. Eles querem coisas suas, toneladas delas”, afirmou. “A linha entre amor e ódio é muito tênue. Eles amam você, mas parte deles quer ver você cair da maior altura possível.”

Talvez King tenha se dado conta de quão longe pode ir um fã em 8 de dezembro de 1980, quando John Lennon foi assassinado. Quando ouviu a notícia, Steve se lembrou de maio daquele ano, quando estivera em Nova York em uma turnê promocional de *O Iluminado*. Ao deixar o Rockefeller Center após uma entrevista para a TV, uma pessoa que se apresentou como seu fã número um correu para ele e pediu um autógrafo. King assinou um pedaço de papel, então o fã entregou sua câmera Polaroid para um passante e pediu que tirasse uma foto deles juntos. *Aí* o fã pediu que ele também autografasse a foto, dando a Steve uma caneta própria para escrever na foto.

“É óbvio que o fã havia feito isso várias vezes”, disse Steve, com uma vaga lembrança de ter escrito na foto “Com os melhores votos para Mark Chapman, de Stephen King”. Mas, mais tarde, Steve percebeu que não podia ser ele.

“Eu nunca poderia ter encontrado Chapman, as datas não batem”, afirmou, explicando ter feito uma pesquisa que apontou que Chapman estava no Havaí quando King estava em Nova York no fim de maio. Na época, no entanto, ele realmente tinha um fã extremamente obsessivo “que estava sempre pedindo que eu assinasse coisas”, lembrou. “E ele tinha esses pequenos óculos redondos, como os que Lennon costumava usar.”

Desse turbilhão de obsessão de fãs, começou a brotar uma ideia. Algo que o homem-que-poderia-ser-Chapman havia dito começou a rodar na cabeça de Steve: “Sou seu fã número um”.

Tabby começou a se preocupar: “Fico nervosa, temo por sua segurança. Sempre há a possibilidade de que alguém tente fazer com ele o que fizeram com John Lennon. Ele é muito conhecido, e há gente muito louca lá fora”.

Às vezes ela se sentia prisioneira do sucesso dele.

Steve disse a ela que não havia nada com que se preocupar.

CAPÍTULO VII

QUATRO ESTAÇÕES

Com o sucesso de seu marido, a vontade de Tabby de escrever voltou com toda força. Mas, tendo de cuidar de três crianças, entre quatro e onze anos, tinha dificuldade para encontrar um tempo para si própria. Ela começava contos que nunca terminava e se queixava a Steve sobre a falta de tempo. Depois de ouvir muitas queixas de Tabby, Steve deu-lhe de presente uma máquina de escrever novinha em folha e lhe disse para alugar um escritório fora da casa, onde pudesse trabalhar sem ser interrompida. Depois que eles se mudaram para a casa na West Broadway, ela começou a ir regularmente a um escritório para trabalhar em uma história que acabaria se tornando *Small World* (*As Miniaturas do Terror*), seu primeiro romance publicado.

Tabby nunca teve vergonha de admitir que estava pegando carona na aba de seu marido, pelo menos em termos de conseguir que um editor examinasse seu trabalho, enquanto os originais de outros romancistas acabariam na pilha das baboseiras de alguma editora, contando com a sorte para serem lidos. “Ser mulher de Steve ajudou, seja me proporcionando um agente que prestasse ou talvez alguma editora pensando que poderia lucrar com a novidade”, disse. Steve passou *As Miniaturas do Terror* para seu editor, George Walsh, na Viking, que mais tarde contou a Tabby que aceitara de má vontade ler o livro, como um favor a seu marido, e que não esperava nada além de um esforço inicial bom, mas impublicável. Porém, ele gostou, aceitou e programou a publicação para 1981.

Ainda que Steve ficasse orgulhoso de sua mulher, acabou admitindo que se sentiu um pouco ameaçado quando Tabby voltou a escrever, algo que ela

vinha negligenciando desde que saíra da universidade.

“Eu senti um ciúme dos diabos”, afirmou. “Minha reação era a de uma criança. Eu tinha vontade de dizer ‘Ei, esses são *meus* brinquedos, você não pode brincar com eles’. Mas isso logo se transformou em orgulho quando li o texto final e descobri que ela tinha feito um trabalho danado de bom.”

Como sempre, Tabby tinha uma opinião mais prosaica: “Acho que ambos estamos prontos a afirmar que eu investi dez anos ajudando-o a avançar de todas as maneiras que podia, desde socializar a ler os originais e dar sugestões, assim como ele fez comigo. Era uma proeza escrever quando as crianças eram pequenas. Por sorte, elas se acostumaram a ser ignoradas. Crianças precisam ser um pouquinho ignoradas, assim como precisam de uma pitada de tédio. Ser ignorado faz você perceber que é insignificante, e o tédio quase sempre leva ao ato de pensar, a explorar, a descobrir coisas”.

Que agora fosse a vez dela de brilhar tinha tanto a ver com sua relação com a escrita quanto com a maneira como criava os filhos.

Enquanto Steve podia escrever em meio a um tornado e teria uma crise de abstinência se não pudesse escrever, Tabby nunca foi tão obsessiva assim. “Para mim, o problema sempre foi começar”, contou ela. “Eu sou uma das maiores procrastinadoras do mundo. Mas assim que começo é difícil parar.”

Além da diferença em suas motivações, seus estilos de trabalhar também diferem muito. Tabby ama se enterrar em pesquisas antes de escrever uma palavra. “Eu tenho minhas compulsões, mas elas não estão direcionadas para trabalhar todo dia”, disse. “Elas estão mais voltadas para pesquisar uma porcaria estimulante, e aí entrar na história.”

Steve, por outro lado, como já comentado, odeia pesquisar. “Se leio algumas poucas notícias, pego o jeito da coisa”, disse ele. “Vou sentar e escrever o livro, fazendo a pesquisa depois, porque, quando estou escrevendo, minha atitude é ‘Não me confunda com fatos...’.”

Tabby é obcecada em fazer esboços, mas Steve raramente faz algum esquema prévio. “Começo com uma ideia e sei para onde estou indo, mas não faço esboços”, explicou. “Eu normalmente tenho uma ideia do que vai acontecer daqui a dez páginas, mas nunca escrevo antecipadamente porque isso meio que te deixa de fora de uma interessante viagem paralela que pode aparecer. Theodore Sturgeon[67] me disse uma vez que o único momento em que o leitor não sabe o que vem depois é quando o escritor não sabia o que aconteceria. É nessa situação que sempre escrevi. Nunca tenho certeza de para onde a história vai ou do que vai acontecer com ela.”

Na edição original em capa dura da Doubleday de *A Dança da Morte*, Harold Lauder deixa uma impressão digital de chocolate em um diário depois de comer uma barra de PayDay. Só que na época o PayDay não tinha chocolate, e muitos fãs escreveram dando uma bronca em Steve, junto com barras de PayDay para provar que ele estava errado. Nas edições de bolso posteriores, ele mudou o doce para uma barra de Milky Way, só que mais tarde foi lançado um PayDay com chocolate. Os fãs sempre mandam toneladas de cartas para ele, depois do lançamento de cada livro, apontando os erros, e ele sempre os conserta. Há até quem ache que ele coloca informações erradas de propósito, a fim de ver se os fãs estão prestando atenção.

Depois que o primeiro editor de Steve, Bill Thompson, deixou a Doubleday, foi trabalhar em uma pequena editora chamada Everest House. Bill pediu a Steve que escrevesse um livro que fosse parte uma recordação de suas primeiras influências de livros de terror e parte uma história da fascinação dos norte-americanos pelo gênero do horror. Steve adorou a ideia e começou a trabalhar em *Danse Macabre* (*Dança Macabra*),[68] seu primeiro livro de não ficção.

Quando ele começou a escrever o livro, uma ideia que havia estado por perto há anos – e tinha sido sempre ignorada – voltou a bater em sua porta. No verão de 1981, Steve percebeu que finalmente precisava encará-la de frente e começar a escrever.

“Eu tinha de escrever sobre o monstro embaixo da ponte ou abandoná-lo – *A Coisa* – para sempre”, afirmou. “Eu me lembro de sentar na varanda, fumando, perguntando-me se eu realmente já era velho o bastante para não ter medo de *tentar*, de apenas pular e sair acelerado. Saí da varanda, fui para o meu estúdio, botei um rock and roll para tocar e comecei a escrever o livro. Eu sabia que ia demorar, mas não sabia *quanto* tempo.”

Cujo (*Cão Raivoso*)[69] foi publicado alguns meses antes de Steve começar a escrever *IT* (*A Coisa*).[70]

Ele teve a ideia para *Cão Raivoso* graças a seu velho hábito de conectar dois assuntos aparentemente não relacionados. Com *Carrie, a Estranha* foi “crueldade adolescente e telecinética”.

Com *Cão Raivoso,* foram dois incidentes separados por algumas semanas. Ao levar sua motocicleta para o conserto em um mecânico localizado em uma rua afastada, ele entrou no pátio, chamou por alguém, mas, em vez de um ser humano, um gigantesco São Bernardo saiu correndo da garagem em

sua direção, rosnando sem parar. O mecânico apareceu, mas o cachorro continuou. Quando o cão ia saltar em cima de King, o mecânico o acertou no traseiro com uma enorme chave de roda.

“Ele não deve ter ido com a sua cara”, disse o mecânico, e então perguntou a Steve sobre a motocicleta.

Mesmo que agora estivessem cheios da grana, Steve e Tabby ainda dirigiam o Ford Pinto que haviam comprado com os 2.500 dólares do adiantamento de *Carrie,* apesar de o carro ter apresentado problemas desde o início. Umas duas semanas depois do encontro de Steve com o São Bernardo, o carro aprontou mais uma das suas e a imaginação delirante de Steve pensou o que teria acontecido se Tabby tivesse levado o carro ao mecânico e o cachorro tivesse pulado nela. E se não houvesse nenhum ser humano por perto? Pior ainda, e se o cão estivesse com raiva?

Só mais tarde Steve teve a ideia de fazer do cachorro o personagem principal. No início, alimentava a ideia de uma mãe e um filho confinados em um espaço pequeno. Um ângulo que ele havia começado a trabalhar era o de que a mãe teria raiva, e o suspense no livro giraria em torno de sua luta para não machucar seu filho enquanto a doença a dominava.

Mas Steve teve de voltar atrás após pesquisar sobre a raiva e descobrir que o período de desenvolvimento da doença era mais longo. “Então o jogo passou a ser se eu conseguiria colocá-los em um lugar em que ninguém os achasse pelo tempo que levaria para eles resolverem o problema.”

Steve estava a toda e, antes que se desse conta, já havia escrito quase cem páginas, sempre com a sua bandeira de não deixar que os fatos atrapalhassem uma boa história. Isso mostra como uma história surge como uma semente na cabeça de Stephen King: “Você vê algo, aí isso se junta a outra coisa e faz uma história”, explicou. “Mas você nunca sabe quando isso vai acontecer.”

Cão Raivoso foi uma experiência para King, o primeiro livro que ele escreveu em que a história é contada em um único capítulo. Não começou assim; no início, ele imaginara o livro em termos de capítulos tradicionais. Mas, à medida que a história se desenvolvia, junto com a sensação do horror, ele mudou sua abordagem. “Eu amo *Cão Raivoso* porque ele faz o que eu quero que um livro faça. É como uma pedra jogada na janela de alguém, um trabalho realmente invasivo. Tem algo de anárquico, como um disco de punk rock: é curto e é mau.”

Steve ouviu um bocado dos leitores, que lhe mandaram toneladas de cartas criticando-o por deixar uma criança morrer em um livro, ainda mais uma que era inocente e apenas estava no lugar errado na hora errada, ao contrário das dezenas de adolescentes que foram mortos em *Carrie, a Estranha*, que pelo visto mereceram por causa de seus atos.

Mas os personagens de *Cão Raivoso* estavam a anos-luz do universo de Steve por outra razão: o enredo secundário mostrava uma mulher que tinha um caso e o que acontecia quando seu marido descobria. Assim como Steve havia procrastinado escrever a difícil cena da mulher na banheira em *O Iluminado*, ele adiara a escrita de uma cena em *Cão Raivoso*.

"A cena mais difícil que tive de escrever na minha vida foi quando o marido chega em casa e confronta a mulher", disse. "Eu nunca passei por essa situação, nem mesmo com uma namorada, mas queria que funcionasse de maneira justa para ambos, de forma que nenhum deles se transformasse em vilão." Ele lutou com os personagens, o diálogo, a ação. "Era fácil reagir ao homem, porque sei como seria isso. O difícil foi ter uma reação de empatia para com a mulher."

Ele levou dois dias para terminar a cena, quando normalmente ele teria feito uma cena dessa duração em noventa minutos. "Passei um bom tempo sentado, olhando para a máquina de escrever e para o papel", recordou. "Mas não era por estar tentando encaixar uma frase, era mais como 'Por que ela fez isso?' E as respostas para essa pergunta no livro não são perfeitas. Mas o que está lá é honesto o bastante."

Seis anos de dependência de cocaína e álcool estavam cobrando a conta. Durante suas maratonas escrevendo a noite toda, ele cheirava cocaína madrugada adentro, ocasionalmente tendo de retirar as bolas de algodão ensopadas de sangue que enfiava nas duas narinas para evitar que pingasse em sua camisa e no teclado.

Ele depois admitiria que não tinha qualquer lembrança de ter revisado os originais de *Cão Raivoso*, o que fez no início de 1981.

Com seu crescente sucesso e a consagração internacional, Steve continuava a mandar seus contos para as revistas, porque estas sabiam que colocar seu nome na capa lhes daria o impulso nas vendas de que tanto precisavam. Às vezes isso significava até a diferença entre continuar a publicar ou fechar as portas. Quando *Cão Raivoso* estava prestes a ser lançado, Steve contatou Otto Penzler, um editor de histórias de mistério que estava dirigindo uma

pequena editora chamada Mysterious Press, propondo que este publicasse uma edição limitada do livro. Ele aceitou a generosa oferta de Steve e imprimou 750 exemplares, com preço de 65 dólares, em 1981.

"A receita daquele único livro cobriu os custos de impressão de *Cão Raivoso*, bem como de nosso livro anterior, e ainda sobrou dinheiro para imprimir outro", disse Penzler. "Eu provavelmente teria fechado as portas se não fosse por *Cão Raivoso*." Ele ouvira histórias semelhantes de outras pequenas editoras, que não tinham dinheiro e lutavam para sobreviver. Quando Steve oferecia os direitos para a edição limitada de um livro, elas não apenas voltavam rapidamente a ficar de pé, como prosperavam e cresciam. A editora de Penzler se associou à Warner Books em 1984, que acabou a comprando cinco anos depois.

Steve e Tabby também ganharam um novo amigo e uma alma gêmea. Penzler comandava a Mysterious Bookshop em Manhattan, e os King costumavam visitar a livraria juntos para comprar livros e pedir a Penzler conselhos sobre o que ler depois. Ele achava os gostos do casal um pouco estranhos. "Eu sempre achei um pouco bizarro que ela gostasse de livros sobre *serial killers* realmente violentos, enquanto ele apreciava P.D. James", [71] disse Penzler.

Uma das vantagens de trabalhar em casa era que Steve podia passar um bom tempo brincando e lendo com seus filhos.

Quando soube que a maioria dos pais passa uma média de 22 minutos com cada um de seus filhos por semana, Steve achou isso patético. "Os meus estão grudados em mim o tempo todo", disse. "E gosto que seja assim."

Quase soava como se ele estivesse em sua segunda infância, ou a primeira que ele realmente tinha, na qual agora possuía o controle e o poder, para não falar de dinheiro, que sempre lhe faltara quando era garoto. "É como estar em uma máquina do tempo. Se você não tem filhos, há uma série de coisas que você nunca terá a chance de reviver: levar as crianças para ver filmes da Disney, ver *Bambi* e dizer 'Jesus, que porcaria vagabunda'. E aí você começa a chorar, porque o filme toca em velhas emoções."

Joe, com nove anos na época, estava se tornando uma versão em miniatura de seu pai. Eles adoravam ver filmes de terror juntos, e Joe disse que quando crescesse queria ser escritor como seu pai. Tabby disse: "O garoto pode escrever uma história, ele realmente tem a estrutura para isso". Owen, cinco anos mais novo, não estava muito distante. As paredes de seu quarto estavam abarrotadas de pôsteres de super-heróis e aventuras espaciais, e um monstro

do lago Ness dominava a sua cama. Mesmo em tão tenra idade, ele, como seu irmão, parecia ter uma afinidade natural com filmes de horror, quanto mais sangrentos, melhor. “Você sabe de que parte eu mais gostei? Aquela com saaaaaangue!”

Enquanto seus pais claramente se beneficiavam da abundância de tempo que lhes permitia conviver como família, era impossível evitar por mais muito tempo pensar nas desvantagens: a fama de seu pai.

“Um dia eles vão se dar conta de que algumas pessoas só querem sua amizade porque o pai deles é famoso”, disse Tabby em 1982. “Eles ainda não chegaram à pior parte, o momento de decidir se vão se rebelar contra nós ou imitar-nos. Todos nós enfrentamos isso, mas é mais difícil quando seus pais são conhecidos. Será interessante ver o que vai acontecer.”

Era pouco provável que a fama de Steve diminuísse a curto prazo. Em agosto de 1981, ele entrou para a história editorial como o primeiro escritor a ter três títulos simultaneamente na *Publishers Weekly*: *A Incendiária* em capa dura, *A Zona Morta* e *O Iluminado* em edição de bolso.

A pressão continuava a aumentar em torno dele, não apenas de seus fãs, mas de seu editor. Michael Pietsch hoje comanda a editora Little, Brown e é responsável pelos livros de James Patterson.[72] As palavras de Pietsch sobre Patterson poderiam ser aplicadas aos anos iniciais de King como campeão de vendas.

Pietsch disse que a pior parte de editar um autor famoso é a pressão que vem dos lados editorial e comercial: “Quando um autor atinge um nível muito alto de sucesso, ele se torna parte do planejamento financeiro da empresa, basicamente do orçamento mensal. Então as pressões de tempo podem se tornar mais urgentes porque realmente se conta com esses livros para publicação em um determinado momento, como parte da estratégia da empresa no mais alto nível”.

King sabia que tinha muita sorte em construir uma carreira bem-sucedida em tão pouco tempo. Em 1982, ele decidiu dar uma força a artistas e escritores batalhando pelo reconhecimento, deixando-os usar o poder de seu nome. Ele escrevia textos para a quarta capa de livros de romancistas e dava os direitos de filmagem de seus contos para cineastas amadores em troca de apenas um dólar, com a condição de que os filmes não fossem exibidos comercialmente nos cinemas, bem como que ele recebesse uma cópia da versão final. Ele se referia aos filmes como Dollar Babies, e o primeiro, *The Boogeyman* foi

dirigido por Jeffrey C. Schiro e lançado em 1982, com base em um conto que aparecera em *Sombras da Noite*.

Além da Mysterious Press, Steve também ajudava algumas outras pequenas editoras a sobreviverem. Donald M. Grant dirigia uma pequena editora chamada Donald M. Grant, Publisher, quando leu o conto " O Pistoleiro", de Steve, na *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, em outubro de 1978. Ele disse a Steve que queria publicar o conto em um livro de edição limitada. King concordou, mas antes queria dar um polimento no texto, transformando-o em capítulos de um romance, como planejara anteriormente. O livro nasceu quatro anos depois, com uma tiragem de dez mil exemplares e uma edição limitada de mil exemplares autografados, os quais foram rapidamente vendidos. Todos ficaram satisfeitos com o produto final, e ninguém pensou mais no assunto. Ainda que Steve quisesse que *O Pistoleiro* fosse o primeiro de sete livros de uma série projetada, sabia que tinha muita coisa no momento e que não poderia retornar ao mundo de Roland Deschain tão cedo.

Além do mais, o livro era muito diferente de seus best-sellers. "Eu não pensava que alguém fosse querer ler aquele livro", disse. "Era mais uma fantasia à la Tolkien de algum outro mundo. E não estava completa. Havia muita coisa a ser resolvida, incluindo o que é essa torre e por que esse cara precisa ir para lá?"

Em maio de 1982, *The Running Man* (*O Sobrevivente*),[73] o quarto livro escrito sob o pseudônimo de Bachman, foi publicado e teve o mesmo destino dos três anteriores: lançado sem grande fanfarra, despareceu das estantes de edições de bolso em dois meses.

Naquele outono, foi lançado o filme *Creepshow – Show de Horrores*. O lendário diretor de filmes de horror George Romero, um dos heróis da infância de King, que fizera *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968), se juntara a Steve. O filme apresentava cinco de seus contos: "The Crate", " Father's Day", " Something to Tide You Over", " They're Creeping Up on You" e "The Lonesome Death of Jordy Verrill",[74] este com King no papel principal. O filme era uma homenagem às amadas revistas da EC Comics de sua juventude.

Os dois haviam se conhecido no verão de 1979, quando Romero foi ao Maine com o produtor Richard Rubinstein discutir *A Dança da Morte* com Steve, do qual eles adquiriram os direitos. Steve estava ansioso para começar a versão cinematográfica de *A Dança da Morte*, mas os três concordaram em

primeiro se porem à prova com um projeto menor, de baixo orçamento, que poderiam apresentar a um estúdio como um sucesso e, então, justificar os gastos com um filme caro de *A Dança da Morte*. No entanto, assim que eles começaram a discutir o projeto e decidiram que o elenco precisava de atores conhecidos, como Leslie Nielsen, Adrienne Barbeau e Ted Danson, o orçamento saltou de menos de dois milhões para mais de oito milhões de dólares.

Romero e King encontraram, um no outro, almas gêmeas. “Acho que nos demos bem automaticamente porque ambos somos caras que vivem ali pelo meio, evitando Nova York e L.A.”, disse Romero, que começou sua carreira dirigindo comerciais até fazer o clássico cult de horror *A Noite dos Mortos-Vivos*, em 1968. “Nós dois podemos sentar e dar risada das visões mais horripilantes, provavelmente porque nenhum de nós pode disfarçar seu prazer – e sua surpresa – com o fato de não ser uma vítima. Acho que ambos jogamos ao público nossos pesadelos para que este os consuma.”

E tanto o escritor como o diretor – sete anos mais velho que Steve – amavam filmes de terror desde que eram crianças. “Se você ama filmes de terror, você tem que amar um bocado de *merda* pura”, disse Steve. “Você se torna o tipo de pessoa que veria *Attack of the Crab Monsters*[75] quatro vezes.”

Ainda que King sempre tivesse gostado de ver como um diretor e os atores interpretavam suas histórias, ele não estava muito satisfeito em tomar parte do processo, em seu papel como Jordy Verrill, principalmente por causa do tempo que tinha de passar com maquiagem e roupas. No final das filmagens de seu segmento, ele tinha de passar seis horas com uma substância verde, parecida com grama sintética, em seu corpo.

Em uma das cenas, Steve põe sua língua para fora e ela está coberta por fungos, mas antes o diretor de arte Tom Savini teve de fazer um molde de sua língua. “Ele lambuzou minha língua com uma porcaria qualquer, e eu tive de ficar parado dez minutos, com a língua para fora e cerca de cinco quilos pendurados nela”, disse Steve. Savini conseguiu um molde perfeito da língua, a partir do qual fez quatro línguas de látex verde, finas como luvas cirúrgicas, que King colocava em sua língua verdadeira. Talvez por causa do árduo processo, Steve resolveu se divertir um pouco.

Um dia, no intervalo das filmagens, ele foi passear em um shopping center próximo e levou uma das línguas com ele. Quando uma vendedora perguntou se ele precisava de alguma ajuda, ele pôs a língua para fora. Ela

gritou e chamou os seguranças. Steve riu e explicou que era apenas um acessório de filmagem. “Valeu a pena, foi muito engraçado.”

Ele gostava de ficar no set, ainda que às vezes fosse tedioso. Trabalhar em cooperação com outras pessoas estava a anos-luz de sua rotina habitual, de escrever sozinho na frente de um computador. “Não que não me divertisse fazendo o papel de Jordy, mas eu realmente penso nisso como trabalho”, disse. “Você apenas tenta fazê-lo, e sabe quando está fazendo um trabalho bom ou ruim.”

No início, como esperado, seu desempenho era péssimo em comparação ao de outros atores de *Creepshow*, como Adrienne Barbeau, Ted Danson e Leslie Nielsen. Romero ajudou Steve a encontrar o tom certo. “Ele queria a caricatura de um lavrador, não um de verdade, e eu estava com problemas para conseguir isso”, disse Steve. Depois de uma cena particularmente ruim, Romero o puxou para um canto e lhe falou para pensar nos desenhos do Papa-Léguas. “Sabe a cara do Willy Coiote quando ele cai do abismo?”, perguntou Romero. Claro, respondeu Steve, e George lhe disse que era assim que ele devia atuar. A partir daquele momento, Steve acertou sua interpretação.

Steve não foi o único membro da família com um papel de destaque no filme. Romero observou que Joe parecia com o garoto desenhado no pôster promocional do filme e perguntou a Steve se podia testá-lo para o papel de Billy, o filho de um pai agressivo que aparecia no prólogo e no epílogo lendo um gibi. Steve concordou. Joe, então com nove anos, fez o teste e Romero o colocou no papel.

O começo foi um pouco desanimador. “Ele ficou ansioso por algum tempo”, disse Steve. “Para um garotinho, ficar de pijama com um bando de gente em volta da cama dele em um set de filmagem, com todas aquelas luzes, era bastante perturbador. Mas ele chegou ao ponto em que ou ficava apavorado ou trabalhava, então ele foi trabalhar.”

Estar em um set de filmagem de uma produção de terror era definitivamente algo atraente para um garotinho. Tendo puxado ao pai, Joe há tempos mostrava adoração por coisas horripilantes, e as pessoas no set o deixavam brincar com tudo. O garoto de nove anos estava como em uma excursão. “Havia todos aqueles pedaços de monstro em borracha, geniais”, contou Joe anos depois. “Para um garoto, era uma farra.”

Um dia, não muito depois do início das filmagens, Steve perguntou ao filho o que ele estava achando da experiência.

Todo contente, Joe contou que colocaram vermes rastejando sobre seu corpo em uma cena enquanto batiam um prego na cabeça de sua mãe. Quem os visse de longe pensaria que se tratava apenas de uma afável conversa entre pai e filho. Eles poderiam estar falando da Liga Infantil de beisebol.

Após mais um dia de filmagem, Steve e Joe voltaram para o hotel onde estavam hospedados, parando para pegar um lanche no caminho. Joe ainda estava com a maquiagem do filme – com hematomas, cortes e feridas – quando pararam na janela do *drive-thru* do McDonald's. Na época, Steve estava barbudo e, ele mesmo admitia, parecia um tipo bastante grosseiro. A garota do *drive-thru* olhou para eles e chamou a polícia, depois enrolou Steve por alguns minutos. "Quando me dei conta", disse Steve, "estávamos no banco de trás da radiopatrulha, com Joe comendo suas batatas fritas e dizendo 'É só um filme', e eu repetindo 'É isso, senhores, é só um filme'."

Em agosto de 1982, saiu *Different Seasons* (*Quatro Estações*),[76] a primeira coletânea de contos de King a ser publicada desde *Sombras da Noite*, de quatro anos antes. Uma das histórias do livro era " The Body" (" O Corpo"). Seu antigo colega de universidade, George MacLeod, comprou o livro e o leu, como tinha feito com todos os outros livros de Steve. Quando chegou a " O Corpo", sorriu ao ver que Steve lhe havia dedicado o conto. Mas, ao começar a ler, congelou.

Um dia, quando estavam na faculdade e dividiam um apartamento na North Main Street em Orono, Steve perguntou a MacLeod no que ele estava trabalhando, e este lhe contou a trama e os detalhes de um conto baseado em um incidente de sua própria infância. Ele e alguns amigos tinham ouvido falar que havia um cadáver perto da linha do trem e foram para lá tentar encontrá-lo. Apesar de ter descrito a história em detalhes e de saber exatamente como ela deveria acabar, MacLeod nunca terminou de escrevê-la.

"Ele a roubou de mim", disse MacLeod. "Eu reconheci o potencial literário daquela história, e Steve também, ainda que não de maneira consciente. Mais tarde ele disse que havia tomado minha história emprestada para escrever o conto. Todos aqueles acontecimentos foram tirados da minha história e a diferença, basicamente, é que ele tinha um homem morto na dele e eu tinha um cachorro morto na minha. Fora isso, são essencialmente iguais."

Em entrevistas, King descrevera " O Corpo" como sua história de amadurecimento. "Muito de ' O Corpo' é verdade, mas a maior parte são

mentiras", disse. "Como escritor, você conta as coisas da maneira como elas deveriam ter acontecido, não da maneira como ocorreram."

MacLeod admitiu que Steve estava sempre antenado para uma boa história, viesse ela de um livro, de um filme ou de um amigo. "Se ele estiver perto de alguma, vai absorvê-la como uma esponja", disse MacLeod. "Ele é como velcro quando se trata de cultura popular, pega tudo. É sua força e, naturalmente, também sua fraqueza."

Sandy Phippen, autor de vários romances e contos e amigo dos dois, foi testemunha: "Steve a publicou como sua própria história, e claro, o que você vai dizer? Mas Shakespeare fez a mesma coisa; o que quero dizer é que a história pertence a quem a conta melhor". Phippen acrescentou que não foi a primeira vez que ouviu falar que King havia se apoderado da história de outro escritor, fosse apenas contada ou já publicada.

"Não sei se chamaria isso de plágio", disse Phippen, mas ele ouviu falar de uma escritora que tinha um bom histórico de livros vendidos e diversos contos em uma das antologias de *Twilight Zone*,[77] de Rod Serling. Um deles era sobre um carro inerentemente mau que matava qualquer um que atravessasse seu caminho, a trama exata do romance *Christine*,[78] de Steve, publicado em 1983. Phippen mencionou isso para um amigo que era primo de Serling e perguntou se eles sabiam da história. O primo disse que sabiam, sim, mas que preferiram não mexer em casa de marimbondo.

MacLeod ainda se sentia como se tivesse levado um soco no estômago. Ele deixou as coisas rolarem até que, alguns anos depois, viu um anúncio na TV de *Conta Comigo*,[79] o filme baseado em " O Corpo".

Segundo Phippen, MacLeod entrou em contato com Steve, que perguntou o que ele queria. MacLeod disse que queria seu nome no filme e alguma grana. Steve não concordou, e foi o fim da amizade dos dois.

Não foi a primeira vez que uma relação com um velho amigo fora cortada porque ele esperava que Steve o levasse em sua aba, ao menos um pouquinho. Chris Chesley, amigo de infância de Steve, também se gabava de ser escritor, e quando Steve leu alguns dos textos que Chesley tinha escrito na idade adulta, recusou-se a passá-los a algum editor ou agente que ajudasse. Supostamente, Chesley ficou irritado e passou a rejeitar qualquer contato posterior com Steve.

Steve não atraía apenas fãs extremamente zelosos, mas algumas mulheres que só queriam uma coisa dele.

“Há um bando de mulheres que querem trepar por fama ou poder ou seja lá o que for”, disse ele. “Às vezes, a ideia de uma trepada anônima é até atraente quando alguma garota chegava em uma noite de autógrafos e me convidava para ir na sua casa antes de partir na manhã seguinte. Fico até tentado a dizer: ‘Claro, vamos derramar óleo de canola um no outro e foder feito loucos’.”

Mas ele afirma que nunca arriscaria seu casamento por uma aventura de uma noite. “Além disso, sexualmente falando, não sou muito aventureiro, não há orgias na minha vida”, admitiu. “Meu casamento é importante para mim e, de qualquer forma, a maior parte da minha energia vai para o ato de escrever, assim eu realmente não preciso pular a cerca.”

Ele acrescentou que Tabby não é uma pessoa para se trair. “Não acredito necessariamente no casamento”, afirmou ele de forma enigmática, “mas acredito em monogamia. Ela é uma rosa com espinhos, e eu já me espetei neles várias vezes no passado, então nem *ousaria* enganá-la!”

“Infidelidade justifica um tiro”, Tabby concordou.

Ele já lidou com vários de seus maiores medos até agora, mas afirmou que ainda não enfrentou um medo sexual: “Eu gostaria de escrever uma história sobre a *vagina dentata*, a vagina com dentes, na qual você está fazendo amor com uma mulher e de repente ela se fecha e corta fora seu pênis.”

Em vez de escrever sobre isso ele deu os retoques finais em outro livro, dessa vez sobre uma maldição cigana. Quando estava escrevendo *Thinner* (*A Maldição*),[80] ele não sabia se o publicava como um livro de King ou de Bachman. Ainda que seus primeiros livros como Bachman fossem mais nervosos e não tão bem acabados, pois haviam sido escritos em seus dias pré-*Carrie*, *A Maldição* era diferente.

A ideia para o livro surgira quando ele foi ao consultório médico para seus exames anuais, e as notícias não eram boas. Ele sabia que havia engordado, e quando entrou no consultório a primeira coisa que o médico falou foi para ele subir na balança. “Eu me lembro de que fiquei extremamente irritado porque ele não me deixou tirar as roupas e dar uma cagada antes de eu subir na maldita balança.” Depois dos exames, o médico lhe deu as más notícias: ele estava muito acima do peso e o nível de seu colesterol havia disparado, então ele precisava emagrecer e parar de fumar.

A reação de King – possivelmente porque o mundo inteiro o amava, ele podia escrever uma longa lista qualquer e isso acabaria nos mais vendidos do *New York Times*, e ninguém além de Tabby ousava dizer “ai” para ele – foi a

mais absoluta fúria. Ele deixou o consultório e hibernou, enfurecido, por alguns dias: “Eu pensei em quão babaca o médico era para me fazer todas essas coisas horríveis a fim de salvar minha vida”.

Depois que a raiva passou, ele decidiu seguir os conselhos do médico e perder peso e parar de fumar, ou pelo menos dar uma reduzida na quantidade de cigarros. Steve começou a perder alguns quilos e, se por um lado se sentia feliz com isso, ficou surpreso ao perceber que também estava angustiado. “Quando os quilos realmente começaram a ir embora, percebi que, de alguma forma, eu me sentia preso a eles, que na verdade não queria perdê-los. Aí comecei a pensar no que aconteceria se uma pessoa começasse a perder peso e não conseguisse parar.”

Outra experiência ou comentário ao acaso, outro livro. Apenas mais um dia na vida de Stephen King.

“Na verdade, eu não preparo meus romances de uma forma consciente”, disse. “Alguns livros germinaram por um bom tempo, as ideias simplesmente não iam embora. Minha mente é como um lago muito fundo: algumas coisas afundam e outras ficam boiando. Com o tempo comecei a ver isso de outra maneira. Mais cedo ou mais tarde tudo vem à tona, então uso tudo.”

Quando Steve assinou seu primeiro contrato com a Doubleday, em 1974, este continha uma cláusula sobre o Plano de Investimento do Autor (AIP, na sigla em inglês) da companhia, que permitia à editora ficar com todo o dinheiro do escritor, à exceção de cinquenta mil dólares anuais, e investi-lo. É claro que, tanto na época como hoje, poucos escritores ganhavam tanto assim, mas os livros de King vendiam tão bem que ele e seus contadores sabiam que a editora estava ganhando dinheiro a rodo.

Isso continuava ocorrendo, apesar de Steve ter trocado de editor em 1977. No fim de 1982, havia milhões de dólares no fundo AIP, mas Steve recebia meros cinquenta mil dólares por ano. King pediu à Doubleday que cancelasse o acordo e lhe entregasse todo o dinheiro que lhe era devido. Mas, de acordo com o contrato que ele assinara há quase uma década, a editora não era legalmente obrigada a fazer qualquer coisa.

Quando King ameaçou com um processo, McCauley propôs outra ideia. Ele sugeriu que King desse à Doubleday um romance para publicação em troca da liberação do dinheiro. Como os livros de Bachman já haviam sido prometidos para a NAL, só sobrava um: *O Cemitério*. Ainda que Steve

estivesse irritado com sua antiga editora, ele concordou em dar-lhes o romance que havia escrito e que não queria ver publicado nunca.

"Eu nunca poderia imaginar que publicaria *O Cemitério,* era tão horrível", disse. "Mas os fãs adoraram. Não é possível chocar o público americano, ou o britânico, porque eles também gostam disso."

Desde seu primeiro best-seller, em 1977, *O Iluminado,* uma vozinha na cabeça de Steve sempre dizia que talvez Donald King, o pai que ele nunca conheceu, iria aparecer, admitir seus erros e pedir para fazer parte da vida de seu filho.

Steve continuava escrevendo, sempre mantendo a expectativa de que seu pai podia aparecer um dia, assim como sua mãe manteve essa esperança, só perdendo-a no fim de sua vida.

O que Steve faria se Donald King aparecesse? Ele tinha várias ideias sobre como reagir, e cada uma delas poderia servir de embrião para um novo romance ou conto.

1. Viu o que eu fui capaz de fazer por minha própria conta depois de você ter nos abandonado?

2. Talvez os livros de Steve fariam com que seu pai voltasse e pedisse perdão, e Steve o aceitaria de volta em sua vida.

3. Ou talvez Donald voltasse depois de seu filho ter se tornado uma pessoa famosa, pedisse para ser aceito em sua vida, e seu filho dissesse não.

As perguntas não paravam de surgir quando as pessoas descobriram o que havia de comum entre muitas das histórias de Steve e seu abandono na infância. No fim das contas, Steve nunca saberia se seu pai ao menos sabia que Stephen King era seu filho.

"Há muitos pais em minhas histórias. Alguns são violentos e outros tentam ser amorosos e protetores, que é como eu sempre esperei ser como pai", disse Steve. "Mas meu pai foi só uma ausência. E você não sente falta do que não está lá. Talvez, de alguma forma imaginativa, eu esteja em busca dele, ou talvez isso seja só um monte de baboseira, não sei. Parece haver um alvo para onde tudo isso aponta. Sempre acalentei a ideia de que muitos escritores escrevem para seus pais, porque estes foram embora."

Realmente, depois de ler algum de seus primeiros livros, de *A Hora do Vampiro* a *O Iluminado,* é fácil ver por que o leitor pensaria que Steve parte do princípio de que lá no fundo, dentro de cada homem que aparenta ser normal, há um monstro assassino tentando sair.

Steve concorda até certo ponto: “Eu não penso que seja em todos os homens, mas na maioria. Acho que os homens são programados para atos de violência, e penso que ainda somos criaturas muito primitivas, com uma verdadeira tendência a sermos violentos”.

Michael Collings, um acadêmico conhecido de King que escreveu vários livros analisando a sua obra, acredita que a questão de uma criança abandonada permeia cada palavra que ele escreve: “A questão do abandono por seu pai está em tudo, mas nunca domina totalmente”, explica. “É raro haver um pai atuante em suas histórias. Quando há um, é como Jack Torrance, que quer pegar o filho. Em cada uma de suas histórias há a sensação de que, de alguma forma, o pai, e às vezes a mãe, renunciaram a seu papel crucial. Isso é uma coisa consistente em todo o seu trabalho.”

Steve admitiu que já pensou em tentar descobrir o que acontecera a Donald, mas sempre acabara hesitando: “Alguma coisa sempre me contém, como o velho ditado aconselhando a não mexer em casa de marimbondo. Para falar a verdade, eu não sei como reagiria se o encontrasse e ficássemos cara a cara. Mas mesmo que um dia eu decida abrir uma investigação, não acredito que daria resultado, porque tenho certeza de que meu pai morreu”.

Talvez Steve já soubesse disso pelos poucos laços que ainda tinha com a família de seu pai, e apenas não quisesse que toda a mídia se ocupasse do assunto. Afinal, isso chamaria atenção para Steve, não para seus livros, que é onde ele prefere que o foco se mantenha.

Ao mesmo tempo que tinha consciência de seu passado, também estava prevendo seu legado. Já no início dos anos 1980, Steve tinha uma percepção sobre como sua obra seria vista pelas futuras gerações e se mostrava otimista com todas as resenhas críticas e negativas que haviam aparecido em sua primeira década como autor publicado:

“Depois de algum tempo, se você vive bastante, quando fica velho e começa a se parodiar, e tanto você como seus contemporâneos tiveram derrames e ataque cardíacos, aí as pessoas começam a falar bem de seus livros, em grande parte porque você é um sobrevivente da corrida de demolição. É nessa hora que você consegue resenhas favoráveis, depois de ter feito sua obra importante.”

Isso em parte podia se dever ao fato de que ele estava produzindo mais livros do que as pessoas sabiam, sob seu pseudônimo de Bachman, além de escrever artigos e contos e viajar para promover os livros publicados. Cuidado com o que você deseja, porque quanto mais ele escrevia, mais sua

editora queria, o que significava que a qualidade era afetada pelo caminho. No caso dele, isso decorreu de cronogramas acelerados de publicação.

Steve normalmente escrevia três rascunhos para cada livro. Para os dois primeiros, ele ainda seguia os conselhos que John Gould, seu editor no *Lisbon Weekly Enterprise*, havia lhe dado no ensino médio: “Quando você escreve uma história, está contando para si mesmo, e quando reescreve, sua principal tarefa é tirar tudo que não seja a história”. O terceiro rascunho de Steve vinha depois que ele recebia os comentários de seu editor, incorporando aqueles que ele queria manter, ao mesmo tempo que dava um polimento final às outras mudanças que havia feito. “À medida que os sucessos proliferavam, ficou mais difícil conseguir dos meus editores tempo para o terceiro rascunho”, afirmou. “Temo realmente que um deles acabe dizendo que o texto está perfeito apenas porque se encaixa no cronograma de publicação. A cada ano tenho de acelerar mais. Tenho de ler as provas em cinco dias. E se passar um monte de erros estúpidos? Vamos foder com tudo um desses dias, e as pessoas então poderão dizer ‘Steve King escreve por dinheiro’, e nesse momento elas estarão certas.”

Christine foi lançado em abril de 1983 e atingiu o topo da lista dos mais vendidos já na primeira semana. Como há muito tempo era visto como um automóvel americano perfeitamente esquecível, Steve escolheu um Plymouth Fury 1958 para servir como o carro que era inerentemente mau, já na linha de montagem. “Era o carro mais sem graça dos anos 1950 do qual posso me lembrar”, disse ele. “Eu não queria um carro que já carregasse uma história, como o Thunderbird ou o Ford Galaxie. Mas ninguém nunca mais falou do Plymouth.”

Richard Kobritz, que havia produzido a minissérie *A Hora do Vampiro* em 1979, comprou os direitos de filmagem de *Christine*. O filme seria lançado em dezembro de 1983.

Assim como ocorrera com *A Hora do Vampiro*, King não tinha qualquer controle sobre a produção ou o roteiro. Em dezembro de 1982, Kobritz recebera um roteiro de Bill Phillips – seu único trabalho fora *Summer Solstice* (1981), um filme para a TV que acabou sendo o último papel principal de Myrna Loy, atriz da época do cinema mudo –, e o sinal verde para o início da produção veio em abril. John Carpenter, que havia dirigido alguns dos filmes prediletos de King, incluindo *Halloween – A Noite do Terror* (1978) e *A Bruma Assassina* (1980), terminou as filmagens dois meses depois.

Os desafios que Kobritz enfrentou como produtor de *Christine, O Carro Assassino* foram diferentes daqueles de *A Hora do Vampiro*, mesmo que houvesse algumas semelhanças. “A parte difícil de fazer um filme de terror é que muito do suspense está na imaginação do escritor e na descrição do autor”, disse Kobritz. “A luz que vem por baixo da porta, a vibração que a pessoa sente do outro lado e o que está lá, expressar isso em termos visuais, sem ser banal ou repetitivo, sempre foi um problema. Isso não pode ser expresso em um diálogo, isso está no ambiente, na luz e, às vezes, nos efeitos especiais. Às vezes funciona, às vezes não.”

Kobritz, Carpenter e Phillips se viram com um problema específico em *Christine, O Carro Assassino*. “Estávamos trabalhando no roteiro quando perguntei se o carro havia nascido mau ou se tornado mau posteriormente, e nenhum de nós tinha uma resposta”, disse Kobritz. “Liguei para Steve e perguntei. Ele respondeu que não sabia e que podíamos fazer o que quiséssemos, então decidimos fazer o carro inerentemente mau. É por isso que o carro mata um homem na linha de montagem, o que não estava no livro. Mas mostra ao espectador que o carro nasceu mau.”

Kobritz comprou 24 modelos Plymouth Fury, Belvedere e Savoy, que tinham uma estrutura semelhante – de 1958 com duas portas –, enviando-os para Santa Clarita, na Califórnia, onde ocorreu quase toda a filmagem. Em 1958, apenas 5.303 Furies saíram da linha de montagem. Os técnicos do filme canibalizaram partes de cada um dos 24 carros, conseguindo montar dezessete carros para trabalhar, cada um marcado para um propósito específico no roteiro: um era o carro que queimava, outro ganhou um capô de borracha, e assim por diante. Depois das filmagens, só sobraram dois carros: um foi doado para uma estação de rádio pública em Santa Cruz, na Califórnia, para o leilão anual deles, e o outro foi dado como prêmio ao vencedor de um concurso de um novo canal a cabo chamado MTV.

Quando Steve viu o copião de *Christine, O Carro Assassino*, disse a Kobritz que estava satisfeito com a maneira como este contara a história. O filme baseado em *A Zona Morta*[81] havia sido lançado alguns meses antes, e Steve também estava satisfeito com ele.

“Considerei Christopher Walken tão bom para [o papel de] Johnny como qualquer outro ator famoso de Hollywood em que pudesse pensar”, disse Steve.

Apesar de não ter qualquer ingerência sobre o filme, ele tinha conseguido que o elenco passasse por sua aprovação, e sua primeira escolha fora Bill

Murray. Dino De Laurentiis, o produtor italiano por cujas mãos passaram sucessos dos anos 1970 como *Serpico* (1973), *Lipstick* (1976) e *King Kong* (1976), estava produzindo o filme e também pensou que Murray funcionaria no papel principal, mas o ator já havia assumido um compromisso. Então De Laurentiis sugeriu Christopher Walken, e Steve pensou que era uma ótima escolha.

Nos dois filmes lançados em 1983, Steve estava indo muito bem, mas mostrava cautela em suas apostas. Afinal, ele ainda se sentia desconfiado em lidar com Hollywood depois de *O Iluminado*. Em sua maioria, os críticos fizeram observações favoráveis sobre *A Hora da Zona Morta*. O crítico Roger Ebert afirmou que o filme "faz o que só um thriller sobrenatural pode fazer: faz-nos esquecer que é sobrenatural".

Ainda que estivesse conversando com Hollywood pelo telefone e fazendo acordos com alguns dos maiores nomes da indústria do entretenimento, Steve preferia sair com seus velhos amigos. Ele era grato por seu sucesso e só em parte estava brincando quando se dizia feliz por ter escapado do rumo que temera seguir pelo resto de sua vida.

Ele brincava com seu amigo Sandy Phippen, que dava aulas de inglês no ensino médio, dizendo que a vida de Phippen era seu pior pesadelo. Além de ser professor, Phippen também era o editor da seção de livros da revista *Maine Life*. Ele estava quatro anos à frente de Steve na Universidade do Maine, então seus caminhos só foram se cruzar tempos depois.

No início dos anos 1980, Steve começara a ganhar bastante dinheiro com direitos para filmes, acordos para edições de bolso, edições em outros países, audiolivros, royalties e adiantamentos. Nessa época ele já havia relaxado um pouco sobre gastar dinheiro, mas sua primeira extravagância depois de ter comprado a casa em Bangor e alguns carros foi gastar algumas centenas de dólares em uma boa guitarra, algo que ele sempre quis, mas nunca pôde pagar. Ele deixou a etiqueta de preço na guitarra para se lembrar de quanto ela havia custado.

No entanto, quando se tratava de gastar dinheiro com outras pessoas e ajudá-las, nunca hesitava. "Ele e Tabby eram sempre muito generosos com todos", disse Phippen. "Eles pagavam por um novo jogo de pneus para o carro de um amigo, cobriam o aluguel, você podia pedir qualquer coisa. Uma vez eu precisava de algumas centenas de dólares emprestados e vi que Tabby estava dando autógrafos em uma livraria em Bangor. Fui para lá e

fiquei na fila, e depois que ela autografou o livro eu disse que precisava de dinheiro. Ela simplesmente pegou a bolsa e fez um cheque."

Steve não alterou seu estilo de vida em um milímetro, pelo menos não em Bangor. Na verdade, ele circulava tanto que algumas pessoas criaram um jogo: quantas vezes você viu Stephen King *esta* semana? "Eu ia ao shopping, e lá estava ele", disse Phippen. "Ou eu ia ao cinema, e ele estava lá. Ele costuma andar de ônibus por toda a Bangor, lendo livros. Alguns de meus estudantes me contavam: 'Stephen King estava no ônibus esta manhã. Ele era o famoso da região'."

Enquanto isso, a fama de Tabby também aumentava, com seu segundo romance, *Caretakers* (*Caseiros*), sendo publicado no outono de 1983. A história, passada no Maine, explorava um caso de amor secreto entre um homem e uma mulher que pertenciam a classes sociais diferentes. É claro que uma das primeiras perguntas que os repórteres faziam era sobre seu marido famoso, e às vezes eles conseguiam entrevistá-lo quando o encontravam andando pela cidade. A pergunta óbvia era se ele tinha ciúmes.

"Nossos trabalhos seguem caminhos totalmente diferentes, então isso não é um problema", ele disse. "Mas às vezes ela me acusa de roubar uma de suas ideias."

Ainda que seus romances girassem em torno de histórias pessoais que não envolviam terror, Tabby admitia que cavava sua matéria-prima dentro de si, da mesma maneira que seu marido fazia: "Cada personagem que crio tem raízes em algum aspecto de mim mesma, incluindo os desagradáveis. Não estou dizendo que sou uma estupradora ou uma alcoólatra, mas é meu dever imaginar como seria uma pessoa assim".

Outra pergunta óbvia era se ela queria ser tão famosa quanto seu marido. Sua resposta era um inequívoco *não*.

"Steve publicou antes de mim porque é melhor que eu e mais concentrado no trabalho, e porque eu estava ocupada tendo filhos", explicou ela. "Ele é intensamente ambicioso e sempre teve um fantástico sentido de prioridades. Eu tenho sentimentos conflitantes com relação à ambição, me distraio facilmente e não escrevo de tudo, como ele faz."

Ela também relutava em se dedicar mais a sua carreira porque temia que isso afetasse sua vida: "Eu resisto à máquina de fazer famosos porque sou testemunha da quase total falta de privacidade que meu marido tem de enfrentar. Eu dou entrevistas, mas sempre com certa reserva, que vem crescendo ao longo dos anos. As pessoas inevitavelmente ficam

desapontadas quando descobrem que alguém que pensavam conhecer e amar é só outro ser humano cheio de defeitos".

Suas opiniões feministas continuavam tão fortes como na época da faculdade. "A esposa de um homem bem-sucedido ainda é basicamente vista como propriedade dele", observou ela. "Uma das razões pelas quais eu raramente dou entrevistas tem a ver com essa presunção de que meus livros são um hobby. Perguntar para ele se estava tudo bem em escrever um livro seria tão estranho como perguntar se eu podia tomar café da manhã."

Quando Steve viajava para se reunir com seus editores ou para fazer turnês promocionais, ele gostava de partir do aeroporto Logan, em Boston, em parte porque, quando voltava para casa, a viagem de carro de quatro horas lhe permitia relaxar o suficiente para que pudesse gradualmente atravessar a fronteira entre a vida frenética da figura pública Stephen King e a vida radicalmente diferente, bem mais calma, da pessoa privada Stephen King.

No Dia das Bruxas de 1983, ele saiu do avião e tomou um carro alugado, que só sintonizava uma rádio AM. Steve sempre gostara de rock pesado, quanto mais barulhento e malcriado, melhor. A volta para casa parecia interminavelmente longa já que, naquela época como agora, o rádio AM era um verdadeiro deserto habitado por talk-shows, esportes, estações religiosas, notícias, talvez algumas estações que tocavam músicas antigas, mas nada de rock. Bangor só tinha uma estação de rock, a WACZ, e ela era AM. Steve havia feito amizade com Jim Feury, também conhecido como Mighty John Marshall, um dos DJs da estação, e ao chegar em casa Steve se queixou sobre a viagem ao volante. Marshall guardou a observação.

Um dia Marshall perguntou a Steve se ele estaria interessado em comprar a estação, que acabara de ser posta à venda. Se ela fosse comprada por outra pessoa, a única maneira de a WACZ obter algum lucro seria passar a operá-la por controle remoto, com máquinas automáticas e paradas Top 40 programadas.

Steve não titubeou. Ele comprou a estação porque não queria que Bangor ficasse sem uma estação de rock. Era egoísta, mas, de certa forma, ele o fez pela mesma razão pela qual escreve textos de quarta capa para autores desconhecidos cujo trabalho aprecia: "Se ninguém tocar grupos como os BoDeans e os Rainmakers, eles não vão obter contratos. Se isso acontecer, minha vida perderá parte da graça, essa sensação de liberdade que só um rock jovem, direto e à toda pode dar".

De certa forma, ele via a estação, rebatizada de WZON, como mais uma maneira de se expressar, além da escrita. “Vamos fazer algumas coisas para torná-la uma estação interessante, e eu poderei aproveitar alguns de meus talentos nela”, disse ele em 1983, logo depois da compra, admitindo ainda que era novato no que dizia respeito a comandar uma estação de rádio. “Estou analisando como as coisas andam, é como se eu estivesse tirando carteira de motorista.” Se tudo fosse bem com a rádio, ele pensava até em comprar uma estação de TV, que só passaria filmes de terror, 24 horas por dia.

No mês em que comprou a estação de rádio, o livro que ele nunca quis ver publicado, *O Cemitério*, foi lançado. Seu acordo com o demônio, a Doubleday, tinha sido cumprido.

“Aquele saiu de um verdadeiro buraco da minha psique”, afirmou. “Pela minha vontade, eu até hoje não teria publicado *O Cemitério*. Não gosto dele. É um livro terrível, não em termos de escrita, mas porque apenas desce na escuridão. Parece dizer que nada funciona e nada vale a pena, e eu não acredito nisso.”

Em *O Cemitério*, na parte onde são informados os livros anteriores do autor, fãs perspicazes perceberam um livro do qual nunca tinham ouvido falar, *O Pistoleiro*. Quando *O Cemitério* foi lançado, o escritório de King foi inundado por telefonemas e cartas de leitores que queriam o livro desconhecido e ficavam enfurecidos quando descobriam que não podiam tê-lo, pois a editora de Donald Grant tinha vendido toda a tiragem. O escritório de Grant, assim como o da Doubleday, também recebeu uma enxurrada de queixas de leitores irritados. Grant perguntou se poderia imprimir mais dez mil exemplares, e Steve concordou.

Steve aprendeu uma importante lição sobre fãs que eram tão obcecados em ler todas as palavras que ele havia escrito: ele poderia, realmente, publicar sua lista de compras de mercado e ganhar milhões.

STEPHEN KING

CAPÍTULO VIII

COMBOIO DO TERROR

Se Steve vinha pensando em reduzir seu crescente consumo de cocaína e álcool, a publicação de *O Cemitério* acabou com essa ideia. Ele ficou tão aborrecido com o lançamento do livro – e ainda estava irritado com a maneira pela qual a Doubleday o tinha, basicamente, chantageado para obter o livro – que elevou em alguns níveis seu já considerável consumo de cerveja e pó. Apesar de Tabby e as crianças às vezes tentarem convencê-lo a fazer algo, Steve continuava a negar que tivesse um problema.

Cycle of the Werewolf (*A Hora do Lobisomem*)[82] fora publicado originalmente em 1983 em edição limitada por uma pequena editora, chamada Land of Enchantment. Contando a história de uma pequena cidade do Maine que enfrenta a súbita aparição de um lobisomem que começa a aterrorizar os moradores, *A Hora do Lobisomem* é ridiculamente pequeno pelos padrões de Steve (tem 128 páginas), e foi publicado em edição de bolso dois anos depois com um novo título, *Silver Bullet* (*Bala de Prata*), ligando-o ao filme baseado no livro. King escreveu o roteiro e foi a estreia na direção de Daniel Attias, que mais de vinte anos depois iria dirigir uma das séries de TV prediletas de Steve, *Lost*.

King passou os primeiros seis meses de 1984 fazendo campanha para o candidato à presidência Gary Hart, e no inverno deu um jantar em sua casa para angariar fundos. Hart estava presente e Steve bancou o anfitrião orgulhoso, convidando todos os seus amigos para conhecer o candidato e doar dinheiro para a campanha.

Sandy Phippen notou que Steve agia de modo diferente durante o evento. “A casa estava cheia, havia muita gente, e ele simplesmente mudou para sua personalidade pública Stephen King”, disse Phippen, descrevendo esta como oposta à personalidade privada de Steve. “Ele estava interpretando um papel. É o que você aprende a fazer depois de algum tempo, e é o que as pessoas querem ver.”

Até Owen sabia que havia dois Stephen King. Sempre que Steve estava para deixar Bangor para ir a uma turnê ou para se reunir com produtores de cinema ou donos de livraria, seu filho de sete anos dizia: “Papai está saindo para ser Stephen King de novo”.

Uma enxurrada de filmes baseados em seus livros foi lançada no outono daquele ano, incluindo *A Criatura do Cemitério* e *IT – A Obra-Prima do Medo* (*Graveyard Shift* e *IT*, respectivamente, no original), que se tornou uma minissérie para a TV.

Em maio de 1984, foi lançado o filme *Chamas da Vingança*, baseado em *A Incendiária*. Um produtor egípcio de 25 anos chamado Dodi Al-Fayed havia comprado os direitos para o filme por um milhão de dólares. Anos depois, ele ficaria conhecido como o homem que morreu com a princesa Diana no acidente de carro em Paris, em 31 de agosto de 1997.

Dino De Laurentiis considerava Drew Barrymore, então com oito anos, como a Shirley Temple de sua geração e decidiu colocá-la no papel principal, de Charlie McGee. Barrymore já conhecia o livro; quando este fora lançado, sua mãe achou que a garota na ilustração da capa parecia com a filha. Elas compraram o livro e Drew começou a ler. Depois de alguns capítulos, a menina disse para a mãe: “Eu sou a Incendiária, eu sou Charlie McGee”.

De Laurentiis foi o produtor e Mark Lester, cujas obras anteriores incluíam *Roller Boogie* (1979) e *Truck Stop Women* (1974), dirigiu *Chamas da Vingança*. Quando viu o filme, Steve, que não fizera o roteiro, considerou-o do mesmo nível que *O Iluminado*. “*A Incendiária* era um de meus romances mais visuais e um retumbante fracasso como filme”, afirmou. O desagrado de Steve com o filme resultou em uma briga pública entre escritor e diretor.

“Fiquei horrorizado com algumas das coisas que ele falou”, disse Lester, ressaltando que antes King lhe havia dito que gostara de como o filme tinha ficado. “É simplesmente chocante que um homem rico como ele possa se

rebaixar fazendo esses comentários difamatórios sobre as pessoas, atacando esses filmes.”

“A afirmação de Mark de que eu vi o filme e gostei é errônea”, retrucou Steve. “Eu vi *parte* de um copião inicial. Quando vi a montagem final meses depois, fiquei muito deprimido. As partes estavam lá, mas o total era muito menos que a soma dessas partes.”

Apesar de *Chamas da Vingança* ter sido detonado tanto por Steve como pelos críticos – Roger Ebert escreveu que, a despeito dos personagens interessantes, “o mais surpreendente do filme é o quão chato ele é” –, o nome de King continuava em alta, e começaram a surgir propostas para que ele fizesse aparições às vezes surpreendentes.

Uma das poucas aparições com o qual ele concordou foi em um comercial de TV para o cartão de crédito American Express. No início dos anos 1980, a empresa havia criado uma campanha apresentando pessoas famosas cujos rostos não eram necessariamente conhecidos. Algumas das outras celebridades da época, que perguntavam aos telespectadores “Você me conhece?” nos anúncios, incluíam John Cleese, Tip O’Neill e Tom Landry. Usando um smoking, Steve caminhava pelo cenário de uma casa assombrada, com tudo a que tinha direito, de música fantasmagórica de órgão a muita névoa e trovões.

Mais tarde ele admitiria que fora um grande erro fazer o anúncio. “Ele achou que tinha criado seu próprio Frankenstein com aquele comercial”, disse Stanley Wiater, autor de vários livros sobre Stephen King, porque sua imagem nos anúncios recorria ao estereótipo de como as pessoas achavam que ele atuava.

Sim, ele tinha prática, embora em um palco muito menor. “Esse homem é um ator frustrado”, disse Tabby. “É só dar uma espiada quando ele está lendo para as crianças. Pode ser algum gibi da Marvel, *O Senhor dos Anéis* ou algo que escreveu para eles. Ou talvez ele faça um show de marionetes, com um palco improvisado e alguns bonecos da Vila Sésamo, junto com nosso próprio repertório de dragões, vampiros e monstros variados.”

Depois do anúncio para a American Express, as ofertas continuaram surgindo. Se Steve tivesse vontade, poderia ter feito uma participação especial na série *The Love Boat* ou incorporado o espírito de Rod Serling apresentando uma nova versão do seriado *Além da Imaginação*. Ele declinou por várias razões: apesar de sua crescente visibilidade, ainda preferia que as pessoas e a mídia prestassem atenção em sua obra, não nele. Ele também

sabia, por sua experiência com a minissérie *A Hora do Vampiro*, que os censores da televisão lhe fariam demandas absurdas a fim de enfraquecer seu texto.

“Você não pode mostrar uma pessoa levando um soco na cara mais de uma vez em uma hora no horário nobre, e você quer colocar o horror na TV?”, perguntou Steve de forma retórica. “Eu não queria fazer esses programas, pois não desejava estar na TV por seis semanas e depois ser detonado porque todos os telespectadores desligaram o programa ao descobrir que não havia nada para ver.”

Ele ainda se surpreendia com a maneira pela qual as pessoas o viam apenas porque era famoso. “Fico um pouco surpreso com tudo isso, realmente não entendo. Escritores não são astros, eles não deveriam ser astros. É algo que vai se esgotar com o tempo. Vai passar.”

Famosas últimas palavras. De qualquer forma, Steve viu que havia atingido o ponto de saturação ao receber um telefonema de um produtor perguntando se ele queria aparecer no game show *Hollywood Squares*. Ele dispensou a oportunidade, mas pouco depois estava lendo uma reportagem no *Boston Globe* sobre o Red Sox, e o repórter comparava uma determinada partida a um de seus romances.

“Eu meio que me tornara aquilo sobre o que escrevia”, disse Steve. “De certa forma, é o derradeiro horror e a derradeira comédia, ao mesmo tempo.” Mas ele encarou isso com humor. “Acho que a América precisa do Papai Noel, e até certo ponto do coelho da Páscoa, e precisa muito do Ronald McDonald hoje mais que do Papai Noel. Mas a América também precisa de um bicho-papão. Como Alfred Hitchcock está morto, assumi o trabalho por algum tempo.”

Mesmo que ele continuasse a levar uma vida o mais normal possível, sua exposição internacional significava que as coisas haviam mudado definitivamente quando se tratava de aparecer em público. Ele lamentava particularmente ir ao shopping. Se chegasse antes da hora para uma sessão de autógrafos, dava algumas voltas no local para olhar vitrines. Era quando começavam os murmúrios: “É Stephen King!” Ele tentava ignorar, mas frequentemente as pessoas começavam a segui-lo.

As revistas e os editores que o publicaram nos primeiros tempos – os quais Steve continuava a ajudar com um conto ou uma introdução para um livro aqui e ali – também não escapavam de buscar tirar vantagem do poder da celebridade de Steve. As revistas colocavam seu nome em letras garrafais

na capa, e antologias como *Stalking the Nightmare* e *Tales by Moonlight*, bem como coletâneas anuais de fantasia, rapidamente se tornaram os piores casos. Ele não podia culpá-las inteiramente, já que essas coletâneas de contos de vários autores precisavam de alguns nomes famosos para atrair os leitores.

Mas Steve achou que elas estavam indo longe demais. “Meu nome vem sendo usado com tanto destaque em tantas capas que eu me sinto um pouco como a garota que se exibe na vitrine de uma casa de shows de sexo ao vivo”, afirmou.

Ele anunciou que, a partir daquele momento, iria se recusar a fazer “trabalho de puta para algum cara do marketing” e alterou todos os contratos de antologias para determinar que seu nome aparecesse alfabeticamente na lista de participantes, bem como no mesmo tamanho dos demais na capa.

Com tantas pessoas atrás de Steve tentando se beneficiar de seu sucesso, ele se retraiu ainda mais na vida caseira. Bangor era um dos poucos lugares em que sentia ser possível baixar a guarda completamente e ser ele mesmo. Mas também tinha sentimentos ambivalentes sobre o lugar onde crescera e que o alimentara como escritor.

“Eu amo e odeio o Maine”, disse. “Há um sentimento amargo em relação ao verdadeiro Maine. A maior parte das pessoas pensa no Maine como lagostas e Bar Harbor. Mas a verdadeira terra é representada por pessoas pobres e desdentadas, carros enferrujados na frente das casas e gente que vive no meio do mato em tendas minúsculas, com enormes TVs coloridas dentro.”

Ele não via motivo para procurar histórias em outros lugares quando havia o bastante embaixo de seu nariz, em Bangor: “Uma cidade pequena é um ótimo cenário para uma história de suspense, porque sabemos que nela há um microcosmo. Em Nova York deve haver cem mil bêbados locais. Só precisamos de um. Em uma cidade pequena, só se tem um”.

Refugiando-se em Bangor, Steve passava mais tempo com Tabby e as crianças. Um dos passatempos prediletos da família era sentar à mesa de jantar e compartilhar um livro, com cada um lendo um trecho antes de passar para o outro.

Eles também tinham um jogo em que Steve dava o cenário e as primeiras linhas de uma história, e as crianças tinham de continuá-la. Mais tarde, Owen e Joe fariam uma versão própria da brincadeira, chamada Jogo da Escrita, em que um escrevia uma página e o outro continuava.

Joe, especialmente, já mostrava sinais de que puxara a seu pai. Aos doze anos ele escreveu um artigo e mandou-o para o *Bangor Daily News*, que o publicou alguns dias depois. “Achei que estava prestes a virar uma grande celebridade”, ele contou. Mas sua percepção mudou. “Quando li o artigo no jornal, percebi que estava cheio de ideias banais, e o estilo era frouxo. Embaixo, eles acrescentaram um texto que informava ‘Joseph King é filho do autor de best-sellers Stephen King’, e eu me dei conta de que essa era a única razão pela qual eles publicaram o artigo. Naquela idade, o medo da humilhação provavelmente é maior que o medo da morte, e pouco tempo depois comecei a pensar que deveria escrever sob outro nome.”

Steve e Tabby nunca censuraram a escolha de livros e filmes de seus filhos. No caso de Joe, isso resultou em uma tolerância acima do normal para os filmes apreciados por seu pai. Quando Joe fez doze anos, ele disse a seus pais que queria chamar os amigos para ver *O Despertar dos Mortos* (1978), de George Romero. Era a décima vez que Joe via o filme, mas muitos de seus convidados nunca o tinham assistido. Lentamente, seus amigos foram saindo da sala, ficando apenas dois, mudos e brancos como fantasmas.

Steve descobriu, com a inclusão de *O Pistoleiro* na lista de seus livros publicados na edição de *O Cemitério*, um número cada vez maior de pessoas que queria adquirir tudo o que ele tivesse escrito, fosse uma edição limitada de *Cão Raivoso* ou uma cópia de uma das revistas masculinas que publicavam seus contos. Eles eram conhecidos como “completistas”: colecionadores que querem possuir tudo o que ele publicara, e talvez até mais.

Já em 1984, a lista não oficial de “Todo King” era longa. Além das primeiras edições em capa dura, havia primeiras edições em brochura, livros de bolso e todas as traduções, em todos os formatos, para línguas estrangeiras. Na categoria edição limitada, havia os exemplares assinados e numerados e aqueles autografados com dedicatórias. E os audiolivros, videogames, roteiros, pôsteres e outros materiais promocionais dos filmes de Stephen King, para não falar das edições de clubes do livro, tanto nos Estados Unidos como em outros países, e, por fim, os romances de Tabby.

Nos anos seguintes, o desafio dos “completistas” só aumentaria, para incluir até uma edição limitada e assinada de uma guitarra Stephen King. Em 1997, uma fabricante de guitarras ressuscitou o modelo de nogueira escura que aparecera na versão cinematográfica de *Cão Raivoso*, fazendo 250

exemplares. Cada guitarra tinha, em seu interior, um adesivo com a assinatura de King.

Apesar de ele mesmo ter autorizado edições limitadas de seus livros, voltadas para colecionadores, principalmente para ajudar editoras pequenas que lutavam para sobreviver, Steve começou a ter conflitos sobre essa tendência: “As pessoas me traziam livros embrulhados em celofane e diziam ‘Por favor, seja cuidadoso ao abri-lo, porque essa encadernação nunca foi manuseada!’ E eu dizia, de que diabos vocês estão falando, é só um livro! Não é a porra da Mona Lisa”.

King continuava participando de convenções de horror e fantasia, que começara a frequentar no fim dos anos 1970, mas passou a reduzir essas participações em meados dos anos 1980. Em sua opinião, os fãs estavam se tornando mais assustadores: “Fui a algumas convenções de ficção científica, e aquelas pessoas estavam na porra de um vácuo. Havia pessoas que estavam literalmente separadas da realidade. O que me parecia, essencialmente, é que todas elas se sentiam alienígenas, talvez por isso gostassem de ficção científica”.

Mas ele foi à Quinta Conferência Internacional sobre o Fantástico e as Artes em março de 1984, na qual vários acadêmicos e professores estudiosos da obra de King iriam apresentar ensaios e dar palestras. Tony Magistrale, na época professor associado de Inglês na Universidade de Vermont, havia escrito um ensaio intitulado “A Alegoria do Vietnã de Stephen King: Uma Interpretação de ‘As Crianças do Milharal’”, sobre elementos relativos ao Vietnã no conto de King.

Steve depois saiu com alguns dos participantes da conferência e detonou o estudo de Magistrale. “Ele me disse que em nenhuma hipótese pretendia fazer daquela história uma alegoria sobre o Vietnã”, disse Magistrale, que achou que isso não importava, ressaltando o principal critério de professores de inglês: “A crítica literária não trata daquilo que você pretendia dizer, mas daquilo que eu posso provar”.

Magistrale observou: “Para mim, há muitas coisas que se destacam no conto: o cara foi médico no Vietnã, as crianças eram mortas aos dezoito anos, a terra havia ficado contaminada e poluída, e a escola foi batizada de JFK. Steve não me deu razão, mas nós passamos a borracha nisso e rimos”.

Magistrale incluiu o estudo em seu primeiro livro sobre King, *Landscape of Fear: Stephen King’s American Gothic* (1988).

Em novembro de 1984, *A Maldição*, o quinto livro de Richard Bachman, foi publicado, mas era o primeiro livro dele a ganhar uma edição em capa dura teve uma forte campanha promocional, com anúncios e uma apresentação especial na Convenção da American Booksellers Association (Associação dos Livreiros Americanos), em maio de 1984. Também foi fortemente promovido nas livrarias de todo o país.

"Como editora de alguns dos melhores romances de terror jamais escritos, é difícil ficar entusiasmada com um novo autor do gênero. Mas apareceu um autor assim", afirmou efusivamente Elaine Koster em uma carta promocional aos livreiros, enviada com exemplares de divulgação.

"Eu queria dar pulos e dizer 'Este é Stephen King!' Mas não podia", disse Koster. "As pessoas nos faziam muitas perguntas, mas nunca levei ninguém a acreditar que era Steve. Montamos uma barreira, ainda que pudéssemos ganhar mais não o fazendo. Para mim tornou-se uma missão proteger a privacidade de Steve." A foto na capa de trás do livro era de Richard Manuel, um amigo de Kirby McCauley que vivia perto de St. Paul, no estado de Minnesota, e ganhava a vida construindo casas. "Tínhamos de encontrar alguém que morasse bem longe de Nova York", disse McCauley. "Havia a chance de que alguém em Nova York reconhecesse Manuel na rua."

Manuel, por sua vez, achava divertido. Depois que o livro foi lançado, alguns amigos e parentes ligaram para ele para contar da surpreendente semelhança com o autor do novo sucesso do mundo do terror.

Logo depois da publicação, os leitores começaram a mandar cartas raivosas a Bachman, acusando-o deliberadamente de copiar Stephen King. "Muitos deles ficaram irritados comigo por causa disso", disse Steve, que leu as cartas enviadas a Bachman. 'Você *não pode* copiá-lo', afirmavam." *A Maldição* acarretou um novo interesse pelos livros anteriores de Bachman. Com exceção de um, *A Longa Marcha*, todos continuavam sendo reimpressos há seis anos, fato incomum para um escritor desconhecido de thrillers voltados para o mercado das edições de bolso, em que a maioria dos livros tem vida curta.

Mas depois que *A Maldição* foi lançado, as perguntas sobre se Bachman era, na verdade, King surgiram com toda a força. Todas as vezes King negava, embora dissesse que conhecera Bachman em ocasiões sociais e que ele criava galinhas, era tímido e desprezava a publicidade. "O pobre coitado é um sujeito muito feio", dizia ele a repórteres.

King e sua editora continuaram a negar os fatos por alguns meses, em meio a uma enxurrada de telefonemas de todos os principais programas da TV, de *Good Morning America* a *Entertainment Tonight*. Até um gerente de compras da B. Dalton's, na época uma grande rede de livrarias, ligou para a New American Library contando de suas suspeitas e prometendo comprar trinta mil exemplares se eles confessassem. Um dos grandes clubes de leitura do país, a Literary Guild, aceitou *A Maldição*, e King achou graça quando um dos antigos leitores observou: "É assim que Stephen King escreveria se Stephen King realmente pudesse escrever".

O esquema foi descoberto por Stephen P. Brown, que trabalhava em uma livraria em Washington, D.C. Um grande fã de King, Brown também tinha lido todos os livros de Richard Bachman. Depois de ler um dos exemplares de divulgação de *A Maldição* que havia chegado à loja alguns meses antes do lançamento, ele suspeitou que Bachman e King fossem a mesma pessoa. "Eu tinha 80% de certeza de que Bachman era Stephen King", disse Brown.

Ele examinou as páginas de copyright de cada um dos quatro primeiros romances, e *Fúria* apontava Kirby McCauley como o detentor dos direitos. Ele mandou uma carta a King contando sua descoberta, na ansiosa expectativa de receber uma resposta negando isso e expressando ultraje. No entanto, um dia ele atendeu ao telefone na livraria e ouviu o seguinte:

"Steve Brown? Aqui é Steve King. OK, você sabe que eu sou Bachman, eu sei que eu sou Bachman, o que vamos fazer sobre isso? Vamos conversar." "Todos os livros de Bachman são tristes, todos eles têm finais deprimentes", disse Brown, o que contraria a filosofia de King sobre seus livros, de que eles devem terminar em um tom positivo. *O Cemitério* e *Cão Raivoso* são as exceções, enquanto *A Maldição* lembrava mais um livro de King, com seu final otimista, o que talvez tenha sido o que levou as pessoas a suspeitarem de que Bachman fosse King.

"Os livros de Bachman não se encaixavam muito bem na carreira de King", disse McCauley. "Ele era conhecido por seus romances de horror sobrenatural, e seu medo era que isso afastasse seus leitores." King se revelou oficialmente como Bachman no *Bangor Daily News* de 9 de fevereiro de 1985, em uma reportagem intitulada "Pseudônimo manteve cinco romances de King um mistério".

Quando o segredo foi revelado, o número de exemplares impressos de *A Maldição* decuplicou de 28 mil para 280 mil. Sobre a revelação de ser Richard Bachman, Steve afirmou: "Eu nunca quis que isso fosse revelado.

Eu pensava que conseguiria escapar". Bachman "morreu de câncer no pseudônimo". "Quando escrevo como Richard Bachman, abre-se uma parte da minha mente. É como um transe hipnótico, que me libera para ser outra pessoa, um pouco diferente. Acredito que todos os romancistas são atores inveterados, e foi divertido ser outra pessoa por algum tempo, nesse caso, Richard Bachman." Mas ainda que ele tivesse escrito o livro como Bachman, alguns dos hábitos de King permaneceram. Em várias partes da história os personagens falam entre si em romani, a língua dos ciganos. "Eu catei na estante algumas edições tchecoeslovacas dos meus livros e apenas copiei frases ao acaso, e acabei sendo pego", admitiu. "Os leitores apontaram o engodo, e mereci porque fui preguiçoso."

The Talisman (*O Talismã*),[83] sua primeira parceria com Peter Straub, foi lançada no mesmo mês que *A Maldição*, com uma tiragem inicial de seiscentos mil exemplares. O romance é a história de um garoto de doze anos, chamado Jack Sawyer, que parte em uma marcha costa a costa, de New Hampshire à Califórnia, em busca de um talismã que irá salvar a vida de sua mãe, que está morrendo. Pelo caminho, ele acaba caindo nos Territórios, um universo paralelo na era medieval. Como sempre, colocar o nome de King no projeto resultou em uma verdadeira corrida do ouro.

"O livro está cheio de pequenas brincadeiras entre nós, nas quais tentamos enganar o leitor para que ele pense que foi o outro que escreveu aquela parte", disse Peter Straub. "Se você está seguindo algo que pensa ser uma pista certa, é uma brincadeira." "Uma das maiores peças que eles pregaram foi imitar um ao outro", disse Bev Vincent, amigo de King e autor de *The Road to the Dark Tower*. "Quando você lê uma parte de *O Talismã* que tem algo a ver com jazz, naturalmente assume que Peter a escreveu, quando na verdade foi Steve. E se há uma parte rock, foi provavelmente Peter fingindo ser Steve."

"Nós dois concordamos que seria bom fazer o livro sem costuras", disse King. "Não deveria ser como um jogo para que os leitores tentassem adivinhar quem escreveu o quê. Quando fiz minha parte da revisão dos originais, passei por várias partes do texto sem ter certeza de quem tinha escrito o quê."

Depois que *O Talismã* foi lançado, Straub ficou surpreso com o aumento de sua visibilidade, especialmente entre os fãs. "Ele provou a vida de Steve quando os fanáticos por Stephen King começaram a segui-lo por toda parte, tentando descobrir como realmente era Steve", contou Stanley Wiater. "As

coisas saíram de controle por algum tempo, com as pessoas batendo a sua porta e ligando para ele para testá-lo. Ele não sabia se conseguiria lidar com isso.”

O ano de 1985 foi uma rápida sucessão de sucessos e elogios. *Skeleton Crew* (*Tripulação de Esqueletos*),[84] outra coletânea de contos, saiu em junho. E devido a sua revelação como Richard Bachman no início do ano, uma coleção com os quatro primeiros livros editados com o pseudônimo foi publicada em outubro, sob o título *The Bachman Books* (*Os Livros de Bachman*),[85] com *Fúria*, *A Longa Marcha*, *A Autoestrada* e *O Sobrevivente*.

O único problema era o crescente número de fãs que iam todo ano a Bangor para ver a famosa mansão na expectativa de encontrarem seu ídolo, bem como o correspondente aumento das cartas. Steve teve de contratar dois assistentes para ajudá-lo não só a lidar com a enxurrada – na época, eram mais de quinhentas cartas de fãs por semana –, mas para tratar de contratos, acordos e correspondência comercial à qual Steve tinha de responder. Em determinado momento, Shirley Sonderegger, uma de suas assistentes, sugeriu que King lançasse uma newsletter mensal, a *Castle Rock*, na esperança de que isso satisfizesse os mais fanáticos e reduzisse a quantidade de cartas que ele e sua equipe tinham de responder. Ele concordou, mas não queria fazer nada na publicação, exceto contribuir ocasionalmente com um artigo.

Ele nunca esqueceu o fato de que seu sucesso se devia não apenas a seu talento, mas a estar no lugar certo na hora certa. “Acho que se eu tivesse começado a publicar em meados dos anos 1960, teria me tornado um escritor razoavelmente popular”, afirmou. “Se eu tivesse começado em meados dos anos 1950, eu teria sido John D. MacDonald, alguém que vinte milhões de trabalhadores conheciam, que levavam em seus bolsos para o trabalho.” Ele apenas não seria Stephen King, marca famosa.

Há anos que Hollywood – e, particularmente, Dino De Laurentiis – vinha perturbando Steve para dirigir um filme baseado em uma de suas histórias, mas ele sempre recusava a proposta. A situação, no entanto, chegou ao limite quando ele entregou o roteiro de um filme baseado em seu conto “Caminhões”, no qual caminhões, tratores e máquinas de todos os tipos se voltam contra os humanos, matando todos em seu caminho.

No roteiro, que escreveu sem qualquer intenção de dirigir, Steve incluiu centenas de tomadas específicas de câmera, o que sugeriu a De Laurentiis que o escritor seria um diretor competente. Steve recusou, mas Dino não aceitava um "não" como resposta. Relutantemente, Steve aceitou, mas com uma condição: se em algum momento De Laurentiis sentisse que Steve estava deixando a peteca cair, Dino não hesitaria em substituí-lo. Ambos se puseram de acordo, e a produção começou em julho nos Estúdios De Laurentiis, em Wilmington, estado da Carolina do Norte.

Assim que Steve se acostumou com a ideia, ficou feliz de que sua primeira vez como diretor fosse com *Maximum Overdrive* (*Comboio do Terror)*, o nome que eles escolheram para o filme. "Fiz *Comboio do Terror* porque pensei que não teria problemas com um ator dando ataque se este fosse um caminhão Mack", disse. "Ou que a faca elétrica fosse dizer que não poderia fazer uma cena pelada porque estava menstruada. Achei que trabalhar basicamente com máquinas fosse se mostrar mais fácil que com humanos."

Só que as coisas não saíram como ele esperava. "Os caminhões e as máquinas eram verdadeiras prima-donas!", reclamou. "Eles fodiam tudo, enquanto meus atores sempre me deram mais do que eu pedia."

Tudo que podia dar errado deu, e não apenas por causa da inexperiência de King. Os caminhões se recusavam a pegar, uma faca elétrica quebrou e Armando Nannuzzi, o diretor de fotografia, perdeu um olho quando um cortador de grama endemoninhado atropelou uma pilha de pedaços de madeira e atirou uma lasca nele. Mas também houve momentos engraçados. A parada de caminhões construída para o filme parecia tão autêntica que, pelo menos uma vez por dia, um caminhão de verdade aparecia no set e o motorista descia na expectativa de arrumar uma gororoba.

Em uma cena estava previsto que um caminhão de cerveja explodiria, mandando centenas de engradados pelos ares. Só que as latas de cerveja – que haviam sido doadas pela Miller para o filme, como merchandising – voam pelos ares bem melhor quando estão vazias. Decidiu-se que o elenco e a equipe levariam enormes quantidades de cerveja para casa, voltando com as latas vazias no dia seguinte. Mas eles não conseguiam enxugar latas suficientes. Steve adiou a cena o quanto pôde, mas, quando o dia fatal chegou, a equipe entornou o resto da cerveja no ralo.

Apesar de ter avisado tanto De Laurentiis como a equipe de que o tratassem como qualquer diretor iniciante, na maior parte das vezes eles o

deixavam sossegado. “Assim que você conquista um determinado sucesso, junto com ele vem uma percepção de poder, então pessoas que sabem que você está emporcalhando tudo vão recuar e meio que deixar você emporcalhar tudo”, afirmou, descrevendo isso como a síndrome da “roupa nova do imperador”.

“Eu gostaria que alguém me tivesse dito o quão pouco eu sabia e o quão estafante seria. Eu ignorava o quão pouco sabia sobre a mecânica e a política de se fazer um filme. As pessoas andam em volta do diretor com aquela atitude de ‘não acorde o bebê’. Ninguém quer lhe contar isso ou aquilo se forem más notícias.”

Para piorar as coisas, a equipe, basicamente de italianos, quase não falava inglês – De Laurentiis havia trazido o pessoal da Itália – e Steve não falava italiano, o que significava que comentários e instruções que normalmente durariam um minuto facilmente se expandiam para dez ou vinte minutos.

Mais tarde ele contaria ter detestado a experiência: “Parecia demais com trabalho de verdade. Demorava muito, e eu ficava tempo demais fora de casa. Isso tornou as coisas difíceis para Tabby e as crianças, e não consigo me ver passando por isso de novo”.

Quando o filme foi lançado, um ano depois, Steve foi chamado para ser VJ convidado na MTV por uma semana inteira, coincidindo com o lançamento. Entre seus vídeos prediletos que ele apresentou naquela semana estavam “Who Made Who”, do AC/DC; “Come on Feel the Noise”, do Quiet Riot; e “Addicted to Love”, de Robert Palmer.

Durante as filmagens, entrou em vigor uma lei antipornografia na Carolina do Norte. Steve, um perpétuo defensor da liberdade de expressão – afinal de contas, a censura é uma ameaça direta a seu sustento – viu em primeira mão os efeitos da lei de obscenidade: “Quando o estatuto antipornografia se tornou lei, entre a noite de terça e a manhã de quarta-feira, todas as revistas *Playboy* e *Penthouse* desapareceram das lojinhas de conveniência em que eu comprava o jornal da manhã e a cerveja da noite. Elas se foram num instante, como se a Fada Pornô tivesse passado por lá no meio da noite”.

Obviamente, outro problema no set de filmagens era o crescente uso de drogas por Steve. “O problema com aquele filme é que eu estava cheirado além da conta durante toda a filmagem, e realmente não sabia o que estava fazendo”, afirmou. Durante a pós-produção de *Comboio do Terror*, Chuck Verrill, seu editor, visitou-o e ficou chocado em ver a transformação em seu

autor. “Ele estava fazendo gargarejos com Listerine e engolindo pílulas”, disse Verrill. “Ele continuava gentil e coerente, mas realmente parecia chapado.”

Sandy Phippen viu o problema se agravar, descrevendo como Steve uma noite acabou na cela dos bêbados na delegacia de Bangor. Steve também chegou a morar por algum tempo em um apartamento em Brewer depois que Tabby atingiu o limite de sua paciência e o chutou para fora de casa.

Assim como Steve gostava de tomar cerveja durante as noites de autógrafo, ele levava uma dúzia de latinhas quando ia fazer leituras para arrecadação de fundos. Phippen era bibliotecário em Hancock Point, uma colônia de verão a cerca de sessenta quilômetros de Bangor. Em 1982, ele convidou Steve para falar em um evento na capela local, que visava a obter recursos para reformar o teto da biblioteca. Sandy colocou cerveja em um jarro de louça branca a fim de que a plateia pensasse que Steve estava bebendo água. Mas era óbvio, e algumas das senhoras presentes ficaram tão chocadas com o fato de ele estar bebendo cerveja em uma igreja que deixaram o local.

Aconteceu a mesma coisa durante uma palestra que ele deu no Pavilhão da Biblioteca de Virginia Beach, em 1986. Quinze minutos depois de começar a falar, ele puxou uma lata de cerveja do bolso e gritou para a plateia “Quem vai ao Silver Bullet esta noite?” Assim que acabou a primeira lata, ele abriu a segunda e acendeu um cigarro. No dia seguinte, algumas pessoas ligaram para a biblioteca para reclamar.

Com doze anos de carreira, King parecia indestrutível e nada nem ninguém poderiam pará-lo. Certamente a bebida e a cocaína não estavam interferindo em sua produção.

Steve continuava a insistir que não tinha qualquer problema com drogas e álcool, que ele poderia largá-los assim que quisesse. Mas parte dele ainda precisava ficar chapada. Ele não via uma razão para parar. E até que fosse forçado, não pararia.

Em outubro de 1985, King bateu seu próprio recorde ao colocar, ao mesmo tempo, quatro livros na lista de mais vendidos do *New York Times*: *Tripulação de Esqueletos*, em capa dura, além das edição de bolso de *A Maldição*, *O Talismã* e *Os Livros de Bachman*.

Seu agente literário, Kirby McCauley, também ganhou notoriedade ao negociar um acordo de dois livros por dez milhões de dólares com a New American Library – com uma inovação. Em lugar do acordo padrão,

cedendo os direitos à editora pelo tempo que vigorarem os direitos autorais, King decidiu licenciar os livros para uma editora por quinze anos. Se no fim desse período ele estivesse satisfeito com a maneira pela qual a editora comercializava e promovia os livros, o acordo seria renovado por mais quinze anos. Se não, ele procuraria outra editora.

"Não estamos mais vendendo livros, estamos alugando", disse Steve.

Era um acordo inédito até mesmo entre autores de best-sellers, e muitas editoras não gostaram, por temer que outros escritores de fama internacional exigissem um acordo semelhante no futuro.

Mesmo com todo esse dinheiro, porém, Steve não conseguia acreditar em sua riqueza. "Basicamente, eu gostaria de ser que nem o Tio Patinhas: colocar todo o meu dinheiro em sacolas de supermercado e levar para uma caixa-forte para brincar com ele", afirmou. "Aí pareceria real."

Ele também falava sobre parar de escrever: "Quero jogar tudo fora, tirar tudo do caminho e não assumir mais compromissos. Vou apenas ficar por aí". Ele descreveu seu dia perfeito: "Quando acordar de manhã, vou apenas pegar um livro e sentar em algum lugar para ler o dia inteiro – exceto talvez por uma caminhada de manhã e uma pausa para comer alguns hambúrgueres no McDonald's, depois outra caminhada à tarde".

Mas ele sabia que era um sonho. "Eu morreria de tédio. Ficaria realmente infeliz se fizesse isso. Mas esse é o tipo de objetivo que sempre tenho em mente."

Então, em 1986, ele levou seu escritório de sua casa para uma antiga caserna da Guarda Nacional na Avenida Flórida, em Bangor, perto do aeroporto, atrás de uma fábrica da General Electric e logo depois de uma empresa de processamento de atum. Para seu amigo Tony Magistrale, o lugar escolhido era totalmente adequado: "Esse é o coração de Bangor, o que é perfeito para Steve, que veio da pobreza e tem fortes raízes operárias". Quando Magistrale visitava King em Bangor, ele queria encontrá-lo no escritório, não em casa, porque sentia que o escritório dava um quadro mais claro do verdadeiro Stephen King.

"Há dois Stephen King", explicou Magistrale. "Há o Stephen King que é uma história estilo Horatio Alger[86] da América, e o outro Stephen King, o herói da classe operária que pode criar personagens de bom coração como Stu Redman e Dolores Claiborne."

Steve disse repetidas vezes, em entrevistas e a quem estivesse disposto a ouvir, que usa seus escritos como uma válvula de escape para seus medos, na

esperança de que estes, se não desaparecessem completamente, ficassem pelo menos mais fracos. O engraçado é que, com cada livro e roteiro que produzia, seus medos não apenas não iam embora como, em alguns casos, ficavam mais vívidos. Ele chegou até a desenvolver novos medos.

“Eu ainda posso encontrar o medo. Posso encontrar mais medos do que antes”, disse. “Não consigo dormir em um hotel sem pensar que no quarto abaixo do meu tem uma pessoa completamente bêbada, fumando um cigarro e prestes a cair no sono e provocar um incêndio no quarto, e quando será que foi a última vez que trocaram as baterias dos detectores de fumaça?”

Seus maiores medos diziam respeito a seus filhos. “Como tenho certa grana, fico preocupado se alguns bandidos vão aparecer e sequestrar meus filhos, pedindo um resgate. Tenho medo do que isso está fazendo com as vidas deles, tenho medo do que isso está fazendo com a minha vida.”

É claro que os filhos acham os medos dos pais exagerados. O que mais incomodava Naomi na adolescência era quando os professores a escolhiam na aula e quando desconhecidos a bajulavam só porque ela tinha um pai famoso. “É como reconhecer Robin só porque ele é o companheiro de Batman”, ela disse. “Deixa algumas pessoas muito impressionadas, mas coloca você em um pedestal.”

Era evidente que o desejo dos King de criar a família da maneira mais normal possível e longe do deslumbramento dos holofotes, ao escolher viver em Bangor, fora uma escolha acertada, tanto para as crianças como para os adultos. “Há muitas pessoas que não sabem quem eu sou, e é isso que eu adoro no oeste do Maine”, disse Tabby. “E se eles sabem, não ligam. Para eles, sou apenas outra mulher dirigindo por aí com um cachorro no carro.”

Steve parecia especialmente protetor em relação a Owen, mas também mais calmo. Afinal, ele estava chegando aos quarenta, seu sucesso parecia bastante arraigado, e seus três filhos estavam indo muito bem. Como fizera vasectomia, ele não teria mais filhos, então certa ternura se apossou dele em relação a seu filho mais novo.

“Nos últimos tempos, meu filho caçula tomou horror a ir à escola em dias de chuva”, contou. “Não sei o que é, talvez não o deixem entrar no prédio antes da hora. Ele só tem seis anos e isso está em sua cabeça, mas ele não consegue verbalizar, é difícil demais. Então eu fico com ele no carro nos dias de chuva até que toca a sineta da escola e é hora de entrar. Um psiquiatra diria que estou tratando o sintoma, e não a causa, mas não dou a mínima

para a causa. Se mantê-lo no carro até a sineta tocar faz com que ele se sinta melhor, então tudo bem.”

Um dia Owen estava reclamando de que, sempre que precisava ir ao banheiro, tinha de levantar a mão. “Todo mundo sabe que eu vou fazer pipi”, disse ele a seu pai. Steve começou a lhe dizer que não deveria se sentir assim, mas de repente parou porque se sentia da mesma maneira quando estava no ensino fundamental, décadas antes. Ele consolou seu filho o melhor que pôde e imediatamente começou a pensar em como poderia usar essa experiência em uma história, recorrendo à ideia de “velhos professores malvados que fazem você levantar a mão na frente de todas essas crianças, e todas elas riem quando você está saindo da sala porque *sabem* o que você vai fazer”.

O resultado foi “Here There Be Tygers” (“ Aqui Há Tygres”),[87] publicada em *Tripulação de Esqueletos* em junho de 1985. Steve dedicou o livro a Owen.

À medida que tratava seu caçula com mais compaixão, Steve começou a se lembrar da própria infância. “Nenhum de nós, adultos, se lembra da infância”, disse. “Nós *pensamos* que lembramos, o que é ainda mais perigoso. As cores são mais vivas, o céu parece maior. As crianças vivem em um estado de choque constante. As informações são tão diferentes e fortes que quase assustam. Elas olham para uma escada rolante e pensam que, se não derem um passo muito grande, serão sugadas por ela.”

Em 1986, pela primeira vez desde 1980, King publicou apenas um romance. Mas devido ao tamanho e escopo de *A Coisa*, lançado em setembro, isso é compreensível. O livro era um calhamaço de mil cento e trinta e oito páginas, com mais de meio milhão de palavras, o maior de King até então, ainda que *A Dança da Morte* deveria ter sido do mesmo tamanho, ou ainda maior.

“No que me diz respeito, é minha prova final”, afirmou. “Eu não tenho *mais nada* a dizer sobre monstros. Coloquei todos os monstros naquele livro.”

A ideia para *A Coisa* veio de diferentes lugares. Em primeiro lugar, ainda criança, um de seus trechos prediletos de desenho animado era quando todos os personagens do *Show do Pernalonga* apareciam juntos nos créditos de abertura. Ele queria escrever um livro no qual todos os monstros que ele amou na infância – Drácula, a criatura de Frankenstein, o lobisomem e outros – estivessem também no mesmo lugar.

Então, lembrou-se de um conto de fadas norueguês chamado “Os Três Cabritos Rudes” e da ponte que os personagens têm de atravessar. “O que eu faria se um *troll* gritasse abaixo de mim ‘Quem está passeando na minha ponte?’”, disse ele. “E de repente eu queria escrever uma história sobre um *troll* de verdade embaixo de uma ponte de verdade.”

Assim que ele passou a trabalhar em *A Coisa*, alguns fatos surpreendentes começaram a acontecer. Por exemplo, ao começar a explorar as histórias dos garotos no livro, memórias de sua própria infância emergiram, então ele incorporou algumas delas. Mas, para sua aflição, embora normalmente soubesse para onde estava indo uma história com certa antecedência, com *A Coisa* houve um branco, e ele não tinha ideia do que viria depois.

Steve havia escrito cerca de oitocentas páginas e tinha de escrever uma cena na qual era encontrado o corpo de uma menina. Enquanto escrevia as cenas anteriores, não conseguia ter uma ideia de qual seria o destino da garota e ia ficando cada vez mais ansioso. Na noite anterior ao dia em que deveria escrever a cena, ainda não tinha ideia, então, ao deitar, torceu para que a ideia aparecesse pela manhã quando acordasse.

Ele adormeceu e começou a sonhar que era a menina sobre a qual estava escrevendo, e estava em um ferro-velho cheio de geladeiras. Ele abriu a porta de uma delas e viu o que parecia ser pedacinhos de macarrão pendurados nas prateleiras. De repente, um deles criou asas e voou para sua mão. “Num instante, essa coisa passou de branca a vermelha, e o resto das conchinhas voou e cobriu meu corpo. Eram sanguessugas. Quando acordei, estava muito assustado, mas também muito contente, pois sabia o que ia acontecer. Peguei o sonho e joguei-o no livro, sem mudar nada.”

Ele sabia que precisava de uma opinião externa, então procurou Michael Collings, autor de vários livros sobre King, além de ser professor aposentado de Inglês e diretor de Escrita Criativa na Universidade Pepperdine. Eles já trocavam cartas há algum tempo, e Steve gostava de como Collings analisava sua obra de um ponto de vista acadêmico, então lhe enviou os originais de *A Coisa* na primavera de 1986 com um conselho: “Nunca escreva um livro cujos originais sejam maiores que a sua própria cabeça”.

“Ele me disse que *A Coisa* era sua obra-prima e que o romance seria não apenas o ápice de sua exploração do tema da infância em perigo, como seria o último romance voltado para monstros que ele jamais escreveria”, disse Collings, que leu os originais, sugeriu algumas alterações e o mandou de

volta. Quando o livro foi publicado, seis meses depois, ele ficou grato ao ver que King havia incorporado seus conselhos.

"Eu tenho um sentimento de injustiça que vem da minha mãe", disse Steve. "Nós éramos arrastados de um lado para outro. Éramos crianças com a chave de casa[88] antes que houvesse crianças com chave de casa, e ela trabalhava em uma época em que as mulheres praticamente só arrumavam a bagunça alheia. Ela pouco se queixava, mas eu não era idiota nem cego, e percebia quem estava sendo explorado e quem era o senhor absoluto. Muito dessa injustiça permaneceu dentro de mim e ainda hoje pode ser vista em meus livros."

"Toda a sua obra tem raízes em traumas de infância ou em algum tipo de ataque à infância", disse Collings. Talvez Steve continue repisando esse tema em seus livros em um esforço para apagar isso – afinal, ele tende a esquecer as coisas ruins de sua vida quando escreve –, mas também para experimentar diferentes *personas* e vivenciar a vida de outros garotos, que no fim das contas encontraram uma maneira de serem poderosos, ao contrário da vida real de Steve, na qual ele era sempre lembrado da falta de poder que ele e sua família empobrecida tinham em comparação ao resto do mundo.

Assim que começou a escrever *A Coisa*, ele deliberadamente se colocou em um estado de espírito que lhe permitisse voltar à infância. De início, lutava para se lembrar de algo. "Mas, pouco a pouco, fui capaz de retornar, e quanto mais escrevia, mais nítidas ficavam as imagens", afirmou. "Comecei a me lembrar de coisas que havia esquecido. Eu me coloquei em um estado de quase sonho e comecei a recuperar muito do passado."

Após escrever mais de uma dezena de romances, uma coisa não havia mudado: Steve raramente dava descrições físicas detalhadas sobre os personagens que criava. "Para mim, o ser físico dos personagens não aparece. Se estou dentro de um personagem, eu não me vejo porque estou dentro daquela pessoa", explicou. "Se um personagem passa por um espelho ou se há uma situação em que as características físicas dele ou dela são importantes, aí então eu forneço uma descrição."

E depois de acabar de escrever *A Coisa*, anunciou que havia colocado um ponto final nas histórias de crianças traumatizadas. "Quando escrevi os livros dos quais as pessoas se lembram tão bem, como *O Iluminado*, *A Hora do Vampiro* e *A Incendiária*, eu tinha crianças de fraldas o tempo todo",

disse. “Agora meu filho mais novo tem nove anos, e não acho que eu tenha mais muita coisa a dizer sobre crianças.”

King parecia inclinado a repousar sobre os louros de sua obra-prima, mas os quatro meses seguintes mudaram esse cenário, já que outros quatro livros vieram em rápida sucessão: *The Eyes of the Dragon* (*Os Olhos do Dragão*), [89] *em* fevereiro de 1987; *The Dark Tower: The Drawing of the Three* (*A Torre Negra v. 2: A Escolha dos Três*),[90] em maio; *Misery* (*Angústia*),[91] em junho – este, com uma tiragem inicial de novecentos mil exemplares, foi o quarto livro em capa dura mais vendido do ano, segundo a lista do *New York Times* –; e *The Tommyknockers* (*Os Estranhos*),[92] em novembro de 1987 cuja tiragem inicial foi de 1,2 milhão. Ele manteve seu ritmo frenético de aparições públicas e eventos para arrecadar fundos, além de contribuir para revistas pequenas. A revista *Time* o colocara na capa de sua edição de outubro de 1986, chamando-o de “O mestre do horror pop”.

Mas parecia que, quanto mais o mundo ultrapassava os limites de sua privacidade, mais ele se recolhia. Ocasionalmente, o estresse de todos querendo um pedaço dele se tornava algo duro demais para suportar, e Steve simplesmente desaparecia por algum tempo. Stanley Wiater recordou uma dessas ocasiões, quando estava tentando contatá-lo devido a algumas questões pendentes em uma entrevista, então ligou para Peter Straub, considerado pelas pessoas próximas de Steve como seu melhor amigo.

“Onde está Steve?”, perguntou Wiater.

Straub não sabia e ressaltou que Steve não estava nem respondendo a seus telefonemas. “Ele está em um de seus períodos de total reclusão”, disse-lhe Straub.

Wiater contou que King uma vez lhe disse que, com frequência, a fama pesava e ele tinha de sumir. “Ele é um homem ansioso, compulsivo e obsessivo. Se não escreve todo dia, fica de mau humor”, disse Wiater. “Já conheci outros escritores que eram assim, mas eu não sou um deles. Steve convive com um livro por meses, às vezes por anos. Basicamente, ele apenas tem de sair do seu rumo e, de vez em quando, se fechar.”

King continuou a usar seu nome para ajudar outras pessoas, especialmente quando se tratava de educação.

Ele e Tabby haviam doado centenas de milhares de dólares para amigos, desconhecidos e organizações de caridade desde que *Carrie, a Estranha* fora publicado, e em 1987 eles decidiram criar sua própria fundação – a

Fundação Stephen e Tabitha King – para tornar isso algo oficial, bem como para simplificar a contabilidade para fins fiscais. Dessa forma, organizações sem fins lucrativos podiam fazer pedidos de doação diretamente, sem que o amigo de um amigo perguntasse se os King podiam ajudar com um evento de arrecadação de fundos para uma caridade específica.

Steve criou um fundo para conceder quatro bolsas universitárias, no valor de dois mil dólares por ano, a estudantes da Hampden Academy. Quando uma estudante do ensino médio da Califórnia escreveu-lhe dizendo que ela não poderia ir para a universidade devido aos recentes cortes nos fundos federais de educação, King solicitou seu histórico escolar e decidiu pagar para que ela frequentasse a Universidade do Sudeste da Califórnia por quatro anos.

Influenciado pelos efeitos do estatuto antipornografia, que ele havia testemunhado na Carolina do Norte um ano antes, King começou a usar sua fama para ter influência política em seu estado. Na primavera de 1986, a Liga Cívica Cristã do Maine conseguiu passar um referendo para a proibição da venda de material pornográfico em todo o estado. Steve se manifestou fortemente contra o projeto de lei, bem como contra outras formas de censura, e os eleitores derrubaram a proposta em uma votação em 10 de junho.

Talvez com *A Coisa* terminado, e Steve prometendo nunca mais escrever livros sobre a vida de crianças que foram agredidas ou sofreram privações, ele tenha se voltado para ajudar seus próprios filhos a escreverem. Estava claro que o gene da escrita se fizera presente em seus três rebentos.

Aos dezesseis anos, Naomi já escrevia reportagens especiais para *Castle Rock*, a newsletter para os fãs de King. E assim como o pai era regularmente inundado com perguntas pouco inteligentes de seus fãs, isso ocorria com os filhos. Steve ensinou-lhes a encarar essas perguntas da mesma forma como ele fazia: com o máximo possível de sarcasmo e ironia sofisticados.

Em resposta à questão mais comum, “Como é ser a filha de Stephen King?”, Naomi dizia: “Ele é amável, atencioso e bom. Ele não bate em nós nem nos molesta, e nós não ficamos trancados em armários escuros”.

Em lugar do aquário no qual a família residira por toda a vida, Naomi, não muito disfarçadamente, desejava que seu pai tendesse mais para o estilo J.D. Salinger.[93] “Há gente que pensa que meu pai pode andar sobre as águas”, disse ela. “Sinto desapontá-los, mas ele não pode, e isso é a mais pura verdade.”

Joe buscava sua própria carreira de escritor. Quando tinha doze anos, mandou um roteiro para a publicação *Try-Out Book*, da Marvel Comics, que dava a autores aspirantes de histórias em quadrinhos um princípio de enredo para que eles escrevessem o final, assim como Steve havia feito em 1977 com a história "O Gato dos Infernos". Joe trabalhou em sua história e a mandou, apenas para receber uma carta padronizada de recusa pouco depois. Mas, como seu pai, que ficara emocionado quando um editor escreveu à mão uma curta observação na carta, Joe ficou extasiado com o fato de o chefe de redação, Jim Shooter, ter assinado a tal carta. "Fiquei eufórico com a ideia de que ele lera parte do meu roteiro e senti que estava no caminho certo", disse Joe. "Isso definitivamente me motivou a escrever mais."

Até Owen entrou na onda. Um ávido colecionador de tudo o que dissesse respeito ao boneco G.I. Joe,[94] ele escreveu à fabricante Hasbro sugerindo que eles criassem um boneco que pudesse prever o futuro, cujo nome seria Cristal Ball G.I. Joe. A empresa gostou da ideia e no ano seguinte lançou o Sneak Peek G.I. Joe.[95] Como pagamento pela sugestão, Owen recebeu várias caixas de bonecos e diversos acessórios.

Os garotos também estavam mostrando de quem eram filhos em relação a outra das obsessões de seu pai: o beisebol, especialmente os Red Sox. Uma das lembranças de maior solidão de King era de quando ele tinha nove anos, e sua família vivia em Stratford, Connecticut. Steve estava sentado sozinho na frente da TV no dia 8 de outubro de 1956, quando viu o lançador Don Larsen, do New York Yankees, fazer um lance perfeito contra o Brooklyn Dodgers no quinto jogo da World Series daquele ano. Quando o jogo acabou, ele estava extasiado, mas triste por não ter com quem celebrar tão significativa ocasião. Ele sentia não apenas a ausência de seu irmão, mas, de forma mais dolorida, a de seu pai – Steve sabia que os pais de seus colegas comemoravam com eles – e isso era muito para um garotinho suportar. Ele desligou a TV e ficou aguardando no apartamento silencioso até que sua mãe e seu irmão voltassem.

Exatas três décadas depois, King levou Owen, então com nove anos, ao Fenway Park em Boston para ver um jogo da World Series, no qual o Red Sox enfrentava o New York Mets. Steve observou cuidadosamente seu filho. "Seus olhos estão em toda parte, tentando captar tudo de uma vez", disse King. Ele estava dolorosamente consciente da "maneira quase cerimonial na qual a alegria do jogo é transmitida de uma geração a outra. Além disso",

afirmou, sem tentar disfarçar o tremor em sua voz, “dessa vez havia um pai na foto”.

Infelizmente, o Red Sox perdeu para os Mets por 7–1.

Owen não esperava ficar tão desapontado com a derrota, e enquanto pai e filho deixavam Fenway, ambos foram surpreendidos pelas lágrimas de Owen. King lhe contou daquele dia solitário, trinta anos antes, quando ele viu o lance perfeito de Don Larsen. Vinte minutos depois, a derrota do Red Sox não parecia mais tão ruim. E, possivelmente, as arestas daquela memória ainda dolorosa haviam sido aparadas.

STEPHEN KING

CAPÍTULO IX

A LONGA MARCHA

Ainda que Steve já estivesse decidido a não mais escrever *sobre* crianças, ele resolveu escrever *para* crianças, mais especificamente para sua filha.

Se Joe lera avidamente *A Dança da Morte* e *A Hora do Vampiro* quando tinha onze anos, Naomi não se sentia atraída pelos livros de seu pai. “Minha filha é uma criatura mais meiga”, disse ele. “Ela praticamente não se interessa por meus vampiros, demônios e coisas lamacentas que se arrastam.” Em vez disso, Naomi preferia romances fantásticos como os de Piers Anthony[96] e os livros de John Steinbeck, Kurt Vonnegut[97] e Shakespeare.

“Ela nunca lê nada que eu tenha escrito, e, de certa forma, isso dói. Então pensei, tudo bem, se ela não vem até mim, eu vou até ela.” Em 1983 ele se sentou para escrever uma história de rivalidade entre irmãos que se passava em um reino mítico, chamado originalmente *The Napkins,* e deu a Naomi para que ela lesse. Ela gostou, e ele ficou tão contente que decidiu enviar a história na sua correspondência anual de Natal em 1984. Ele a renomeou para *Os Olhos do Dragão*, publicando-a por meio de sua própria pequena editora, a Philtrum. Ele criara a Philtrum, em 1982, para publicar a primeira parte de *The Plant* (*A Planta*).[98] Uma edição de mil exemplares numerados com uma caneta preta foi vendida a fãs escolhidos em um sorteio, e uma segunda edição de 250 exemplares assinados, numerada em vermelho, foi enviada para quem constava da sua lista de cartões de Natal. A Philtrum depois cresceu para publicar edições limitadas de contos ou novelas

que Steve considerava muito curtos ou muito distantes de seu estilo típico para serem entregues a seus editores em Nova York.

Ainda que não tivesse escrito *Os Olhos do Dragão* para o público em geral, em 1987 Steve resolveu que a história merecia ser lida por mais gente e deu permissão à Viking para publicar uma edição comercial do livro. Deborah Brodie, uma editora *freelance* que já tinha trabalhado com as renomadas autoras de livros infantis Jane Yolen e Patricia Reilly Giff, foi contratada para editar o livro e ficou impressionada com a maneira com que King lidou bem com suas instruções editoriais.

Ela pediu que ele introduzisse o melhor amigo de Peter, Ben, mais cedo na história; no original, Ben só aparecia na metade. “Steve costurou várias referências em cenas iniciais do livro e aí criou uma nova cena, com uma corrida de saco de três pernas, para explicar a gênese da amizade deles”, contou ela. “É um momento muito excitante para um editor, fazer as perguntas certas e ver o autor fazer mais do que respondê-las.”

No início ela temeu se sentir intimidada por trabalhar com King, mas seus medos se dissiparam quando ele lhe disse: “O livro é que manda”.

Em março de 1987, Stephanie Leonard – irmã de Tabby e editora do *Castle Rock* – jogou uma bomba no colo dos fãs de Stephen King. Ele já havia sinalizado que poderia parar de escrever, mas agora parecia que realmente faria isso. Em seu editorial, Leonard anunciou que Steve tiraria uma folga dos livros. “Ouvimos dizer que ele vai parar por cinco anos”, escreveu ela.

A reação foi imediata. Os fãs inundaram o escritório de telefonemas e cartas para reclamar e implorar que ele reconsiderasse a decisão, e a história rodou o mundo. Para acalmar os fãs, Steve retrocedeu um pouco.

“Achei que seria uma boa ideia”, disse ele, rindo, “mas não sei se consigo. Tabby diz que não consigo. Ela diz que eu não poderia parar de escrever, da mesma forma que não poderia parar de respirar.”

A reação e a raiva fizeram com que Stephanie Leonard corrigisse seu editorial alguns números depois. “Stephen não está realmente se aposentando, ele espera reduzir o trabalho para passar mais tempo com a família. Tão cedo não haverá outro ano com cinco livros. Ele pretende continuar escrevendo, mas vai publicar menos.”

Seus fãs ficaram um pouco mais tranquilos alguns meses depois, quando *Angústia* foi lançado... pelo menos os leitores que não consideraram um romance sobre uma fã digna de um pesadelo como algo pessoal.

Como de costume, King havia tirado o argumento de sua própria vida para criar um romance. Ele vinha pensando em se expandir para além de sua costumeira obra de horror – *Os Olhos do Dragão* fora o primeiro passo verdadeiro nessa direção –, mas percebeu que alguns de seus fãs lutariam contra isso com todas as armas, o que foi particularmente evidente após seu recente anúncio de aposentadoria. *Angústia* é a história de um autor de histórias românticas que quer trabalhar em um gênero totalmente diferente daquele no qual estava enquadrado há anos e de uma fã obsessiva que o sequestra e exige que ele escreva outro romance no estilo antigo.

Alguns fãs ficaram muito irritados ao interpretar a mensagem do livro – originalmente escrito como uma obra de Bachman – como King mostrando a língua para eles. Como o personagem de Annie Wilkes foi composto como uma caricatura exagerada, alguns dos fãs de Steve acharam que ele os desprezava.

Ao dar entrevistas à imprensa sobre o livro, ele teve o cuidado de dizer que ainda amava seus fãs e que não estaria onde estava se não fosse por eles. No entanto, como havia tido uma experiência em primeira mão de um lado obscuro de alguns fãs, ele decidiu falar sobre isso publicamente pela primeira vez: “Fãs ainda compram a comida que ponho em minha mesa. Por um lado, ainda me surpreende que pessoas sintam prazer com o que faço, então não posso evitar amá-las. Mas se você compra o livro e leva dois ou três dias para lê-lo e realmente gosta dele, é tudo o que você terá. É tudo o que os seus 17,95 dólares vão comprar. Você não ganha um bilhete para a minha casa ou para o meu quarto ou qualquer outra coisa”.

“Tenho sido um para-raios para certo número de malucos. Mantemos arquivos sobre eles. Os fãs mais devotados têm uma necessidade desesperadora de se identificarem emocionalmente com o objeto de sua adoração.” O realmente assustador, disse, eram os momentos em que a adulação descambava para o ressentimento. “Eles sentem que o que eu consegui deveria ser, na verdade, deles.”

Como sempre, Tabby mostrou não ter papas na língua quando deu um aviso aos fãs de Steve nas páginas de *Castle Rock* dois meses depois do lançamento de *Angústia*: “De uma maneira muito real, vocês, leitores, conhecem esse homem muito bem. Eu gostaria de sugerir que vocês não o conheçam em nada. Em dezessete anos de casamento, eu ainda estou descobrindo coisas que não sabia sobre Steve e espero que ele ainda esteja descobrindo o desconhecido em mim”.

Steve disse a mesma coisa sobre Tabby: “Penso na minha esposa como alguém que tem um baralho de 52 cartas. Se você me perguntar quantas ela está me mostrando, eu não saberia dizer. Somos tão próximos um do outro como duas pessoas podem ser, mas ninguém nunca pode ter certeza sobre o quanto conhece ou não de outra pessoa.”

Sua ideia original para *Angústia* era mais visual: Annie Wilkes planejava assassinar Paul Sheldon, dá-lo como comida para seu porco – batizado de Misery em homenagem à heroína dos livros de Paul – e usar sua pele para encadernar o livro que ele escrevera para ela. O título original? *A Primeira Edição de Annie Wilkes*.

Mesmo que Annie fosse um amálgama dos fãs mais assustadores de King, ele se afeiçoou muito a ela enquanto escrevia o livro. “Dos personagens que criei conhecidos pelos leitores, Annie Wilkes é minha predileta. Ela sempre me surpreendia, nunca fazia exatamente o que eu pensava que faria, e é por isso que gosto dela”, explicou. “Ela tinha muito mais profundidade e realmente provocou muito mais simpatia em meu coração do que eu esperava.”

Na verdade, porém, Annie Wilkes era um substituto dos vícios de Steve. “Eu estava escrevendo sobre meu alcoolismo e nem me dava conta.”

O livro seguinte de King foi *Os Estranhos*, publicado em novembro de 1987, a história de uma escritora que encontra uma nave alienígena enterrada em seu quintal e sobre como a maldade inerente a essa espaçonave afeta as pessoas de sua cidade. Até seus fãs mais leais disseram que não era um de seus melhores livros – e os críticos o detonaram.

A reação a *Os Estranhos* reforçava uma crítica a sua obra que ele já ouvia há algum tempo. Os livros de King haviam ficado inchados pelo fato de ele sempre escrever demais, e sua obra precisava desesperadamente de um editor. Steve uma vez brincou dizendo que sofria de uma doença crônica chamada *elefantíase literária*. “Realmente tenho um problema de inchaço. Eu escrevo assim como mulheres gordas fazem dieta.”

“O sujeito é uma máquina”, disse Stephen Spignesi, autor de vários livros sobre King, incluindo *O Essencial de Stephen King*. “Ele é um criador muito prolífico e às vezes tende a escrever demais. Ele não olha para sua obra e diz: ‘Isso poderia ser mais curto e mais eficaz’. Por exemplo, em duas páginas ele fica descrevendo um quarto ou alguma outra coisa, enquanto o leitor só quer ação.” Mas Spignesi reconhece que há tesouros escondidos em

meio a esse inchaço: “Com muita frequência a descrição excessiva é onde King se sobressai em imaginação literária”.

“Ninguém pode me fazer mudar nada”, disse Steve certa vez em relação a seu estilo. “Onde se senta um gorila de quinhentos quilos? A resposta é: onde ele quiser. É muito fácil eu me enforcar. Tenho toda essa liberdade, e isso pode levar à autoindulgência.” Ele estava bastante ciente das críticas. “Acho que sou mais desleixado do que era. Tenho 44 anos, meu editor tem 35, e fico pensando: ‘Que diabos ele sabe? Não me diga como fazer um chapéu, garoto, eu faço chapéus desde quando você estava na barriga da sua mãe’.”

“Mas o maldito chapéu ficou sem aba ou está do avesso, e ele realmente sabe muito. Eu tento escutar e penso: ‘Se você for o maior macaco da floresta, é melhor ter muito cuidado’.”

Nem Steve ficou satisfeito com *Os Estranhos*. “Apenas foi indo. Foi um livro difícil de escrever, de manter o rastro de todas as pessoas na história. Quando terminei o primeiro rascunho, parecia a Marcha da Morte de Bataan, [99] de tantas cruzes. Eu me tranquei no banheiro e ri de maneira histérica, chorei e ri de novo. Eu nunca havia feito isso com um livro.”

Mas é claro que o problema podia se dever ao fato de Steve ter atingido o fundo do poço de seu vício em drogas e de seu alcoolismo. Depois de lidar durante anos com as bebedeiras e os apagões do marido, Tabby estava próxima a dar-lhe um ultimato. Steve percebeu que estava em um terreno perigoso e admitiu que não confiava em si próprio e que era por isso que ele continuava a se forçar, a produzir os livros, a empurrar as pessoas para além do ponto de náusea com o qual elas se acostumaram em seus romances anteriores.

Sua vida de escritor começara a parecer particularmente árida depois que ele entregou os originais de *Os Estranhos*, no início de 1987, ocasião em que teve um severo bloqueio criativo. “Era *terrível*”, contou. “Tudo o que escrevi no ano seguinte se desmanchava como lenços de papel.”

No outono de 1987, Stephen King deveria estar no topo do mundo. Apesar da reação negativa a *Os Estranhos*, *Angústia* recebeu mais aplausos do que seus livros normalmente recebiam. O *New York Times*, um jornal que não era conhecido por considerar favoravelmente os romances de Steve, chamou o livro de “um trabalho intrigante”, enquanto o *USA Today* o proclamou “o melhor de King”. *O Sobrevivente*,[100] com Arnold Schwarzenegger no papel principal, arrecadou mais de oito milhões de dólares no primeiro fim

de semana de exibição, em meados de novembro. Mas talvez o momento mais emocionante de todo o ano para Steve tenha sido em outubro, em um show de Johnny Cash no Bangor Auditorium, quando o escritor foi convidado a subir ao palco pelo próprio Man in Black para tocarem juntos "Johnny B. Goode".

Ele ficou encantado com a chance de tocar com Cash, mas Stephen King não estava em uma boa posição. Enquanto pensava nos novos horrores que infligiria à vida dos personagens de sua obra em progresso, ele tentava esquecer os horrores de sua própria vida, especificamente seus vícios esmagadores. Quando subiu ao palco com Cash, ninguém na plateia ou na banda podia imaginar que o internacionalmente famoso escritor de livros de terror que estava arrebentando ao microfone só ficava sóbrio três horas por dia e passava a maior parte desse tempo pensando em estourar os miolos.

"Eu amo minha mulher e meus filhos, mas sempre fui, de certa forma, quase suicida a maior parte do tempo, constantemente tentando levar as coisas para além do limite", afirmou.

Seus apagões causados pela cocaína e pelo álcool haviam se tornado mais frequentes nos últimos anos, à medida que ele bebia e cheirava mais, não apenas para manter o ritmo, mas para manter os demônios afastados. "Você acha que o mundo ama você? Nós realmente sabemos o que está acontecendo e não vamos deixar você esquecer que estamos aqui."

Ele disse: "Meu tipo de sucesso não leva você a humildemente responder: 'É, acho que você tem razão. Sou um babaca'. Em vez disso, ele faz você dizer: 'Quem você pensa que é para pedir que eu sossegue? Você não sabe que eu sou o rei da porra do universo?'"

Ele conta uma história que ouviu de sua mãe quando era criança. Quando Ruth estava grávida dele, ela pegava um pedaço de betume da estrada em frente para mascar. Ela não sabia por que se sentia compelida a fazer isso, mas se não conseguisse mascar o betume ficava obcecada até que desistia de tudo e corria para o meio da estrada, onde se ajoelhava para arrancar um pedaço de asfalto com suas unhas. Ela esperava até estar quase em casa para colocar o pedacinho na boca e começar a mastigá-lo sem pensar, como se fosse um caramelo. Imediatamente ela se sentia melhor. Seu marido, Donald, o pai de Steve, ficava enojado e mandava ela parar, mas ela não conseguia. "Havia alguma coisa naquele betume de que ela e eu precisávamos", diria Steve anos depois.

O filho de Ruth afirmaria, brincando, que algo naquele betume seria responsável por sua ânsia por drogas e álcool ou então que ele teria herdado o gene da dependência de sua mãe, modificando-o em algum ponto. Ou talvez fosse responsável pelo gene por trás de sua compulsão por escrever, o que, ele estava convencido, também era um vício.

Tabby tinha dado muito refresco a Steve ao longo dos anos. Ela vira como ele era capaz de continuar escrevendo em meio à confusão provocada pelo álcool e pela cocaína e o havia visto quando ele não estava escrevendo: não era nada bom. Sua mulher também temia que, se parasse de vez, ele não fosse mais capaz de escrever uma linha, e aí a convivência ficaria muito mais complicada.

Como muitos escritores com uma tendência a vícios, Steve acreditava que, se parasse de cheirar cocaína e beber, sua produção assumiria um passo de tartaruga. Ele tinha a mesma sensação com relação à análise: a de que falar sobre seus demônios internos automaticamente diluiria as ideias e terrores que pareciam alimentar seus contos e romances.

Mas até ele percebia que as coisas estavam fugindo do controle. Os apagões estavam ficando mais frequentes. Tabby há muito tinha se acostumado a dormir sozinha noite após noite, descendo a esplêndida escadaria de mogno da mansão vitoriana de 24 quartos cada manhã para encontrar seu marido desmaiado em uma poça de vômito em seu escritório. A criatura deitada no chão, seu marido, estava começando a se parecer com Jordy Verrill, do filme *Creepshow* (1982), interpretado por Steve, que via seu corpo ser tomado aos poucos por um fungo verde nojento até a asfixia total.

Agora, a mesma coisa estava acontecendo com o alcoolismo de Steve – sim, Tabby finalmente estava usando essa palavra para descrever um dos vícios de seu marido. Ele estava ficando sufocado.

À parte as ressacas que se esticavam pelas tardes, enquanto ele vestia sua máscara de mestre do horror para o público e de despreocupado para a família, ele *estava* começando a temer que a bebida e o pó estivessem afetando o trabalho. A saraivada de críticas a *Os Estranhos* já era um alerta.

Além dos vícios estarem interferindo na produção, eles também estavam começando a sobrepujar o senso comum: Steve começava a pensar que era imortal. Seu volume de trabalho tinha na verdade aumentado ao longo dos anos paralelamente ao consumo de entorpecentes, apesar dos apagões.

Tabby finalmente tinha chegado ao limite. Um dia ela passou o pente-fino no escritório de Steve, juntando tudo o que não estava sendo usado com moderação ou para seu objetivo original. Parte estava bem à vista: latas de cerveja vazias e garrafas vazias do remédio para gripe NyQuil e de Listerine. Outra parte ela teve de procurar, porque Steve continuava a negar que estivesse usando cocaína.

“Eu não tinha só um problema com cerveja e cocaína, eu tinha uma personalidade de viciado e ponto”, ele admitiu mais tarde. “Eu fumava dois maços de cigarro por dia, adorava Listerine, adorava NyQuil, o que fosse. Se alterasse a consciência, eu virava fã.”

Tabby vasculhou as estantes e descobriu, enfiada em pastas de arquivo e por baixo de material de escritório, a parafernália da droga: sacos plásticos com resíduos de pó branco, colheres para cocaína, tudo. Ela jogou tudo em uma lata de lixo e, em um exercício de confronto saído do manual dos Alcoólicos Anônimos (AA), reuniu as crianças e alguns amigos e virou o conteúdo da lata no chão, na frente de seu marido.

Ela não estava mais em estado de negação. Tabby deu, enfim, a palavra final: ou continuava no caminho atual ou ficava limpo. Se ele escolhesse se matar, de maneira alguma sua família ficaria perto para ver.

“O pior efeito colateral de um vício é a incapacidade de ver o que você está fazendo a si próprio e aos outros”, ela afirmou. “Eu fiz com que Stephen admitisse isso. Aí ele decidiu se salvar.”

Steve ficou sentado lá, aturdido, olhando as provas. Espalhadas e escondidas pela casa, não pareciam grande coisa. Mas agora que via os detritos de vinte anos de abusos, tomavam mais espaço do que ele imaginava. *Muito* mais espaço. Era hora de enfrentar a verdade. Ele sabia que, se não fizesse algo sobre seus vícios, em cinco, no máximo dez anos, estaria morto.

Quando Tabby lhe disse que há anos ele ficava de ressaca sete dias por semana, até o meio da tarde, e que ele começava a beber assim que o relógio dava cinco da tarde e normalmente só parava sete horas depois, ele não acreditou. Na época, ele estava bebendo e tomando drogas sem parar. Durante o inverno e a primavera de 1986, ele revisou e editou *A Coisa* em estado de semiconsciência.

Então ele começou a pensar em reduzir. Mas era tudo o que fazia, pensar no assunto. Ele brincou um pouco com a moderação: talvez seis cervejas à

noite, ou doze, em vez de dezoito, além de cortar a cocaína à metade, cheirando cinco carreiras em vez de dez.

“Eu buscava um meio-termo, uma maneira de viver com álcool e drogas sem ter de abandoná-los de vez”, disse ele. “Nem precisa dizer que não tive sucesso nisso.”

Ele maneirava por alguns dias, depois voltava ao ponto de partida. A alternativa – nada de drogas, nada de álcool, careta 24 horas por dia – o assustava mais. Ele bebia há quase tanto tempo quanto escrevia. Ele nem sempre escrevia quando estava bêbado ou chapado, mas sua crença primordial era que o álcool tornava possível que ele escrevesse, e sem isso iria suar para obter uma linha. Ele tinha um medo mortal de que, se seu cérebro fosse forçado a se aguentar por conta própria, sem uma muleta, sua capacidade de escrever murcharia e desapareceria.

Foram dois anos inteiros de erros e acertos, tentativas frustradas, promessas rompidas e a lenta compreensão de que ele não conseguiria fazer isso sozinho antes de ficar 100% limpo – e permanecer assim. Ele finalmente entendeu que tinha de enfrentar o choque da abstinência em 1989.

Isso significou duas semanas de absoluta tortura. Assim que riscasse todos os itens de sua jornada pela abstinência – vômitos, náusea, tremores constantes e insônia – Steve saberia que tinha conseguido. Ele nunca mais tomaria uma cerveja ou cheiraria outra carreira de cocaína se isso significasse repetir essas duas semanas miseráveis e nauseantes. Ele se sentia estranho e perturbado, enquanto o corpo e a mente se ajustavam à nova realidade.

“Meu vício em cocaína foi uma bênção disfarçada”, disse. “Sem a cocaína, eu continuaria bebendo até os 55 anos, quando morreria de um derrame. Quando junta a cocaína, você eventualmente entorna o caldo, essa coisa o come de dentro para fora.”

Seu corpo e sua mente não estavam acostumados à sobriedade.

A calmaria era tão estrondosa que zumbia. Para alguém que não estava acostumado a essa sensação – afinal de contas, Steve começara a beber quando era praticamente um adolescente – era enervante. Steve se voltou para a única coisa que o havia salvado todas as vezes ao longo desses anos, que o distraía da doença e da pobreza e que o havia tornado mais rico e famoso do que jamais imaginara:

Ele se sentou para escrever.

Em uma reviravolta de enredo tão horripilante e irônica que poderia ter saído de um de seus próprios livros, seu maior medo se tornou realidade.

Ele não conseguia. As palavras não vinham, suas frases eram totalmente sem nexo, e cada letra podia ser um hieróglifo. Durante anos, ele imaginara que, se parasse de beber e de cheirar, a capacidade de escrever iria murchar e sumir. E finalmente isso tinha acontecido. E agora?

Steve considerou seriamente os prós e contras de uma recaída, voltando aos velhos tempos. Ele sabia que podia viver sem o álcool e a cocaína. Mas não podia viver sem escrever. Ele estava pronto para assinar com sangue um pacto com o diabo, sabendo que cada gota valeria a pena. E daí se morresse cedo? Veja a obra que ele já estaria deixando para trás.

Ele considerou isso *muito* seriamente.

Durante esses frágeis primeiros dias, Tabby podia ler a mente do marido e não aceitava nada daquilo. Ela sentou e chorou com ele e o manteve com rédea curta até achar que o perigo tinha passado. Ela sabia que era muito fácil que ele retomasse seus velhos hábitos.

Ambos sabiam que, se fizesse isso, ela cairia fora. Saber disso era o que bastava para dar-lhe forças nas horas difíceis. Ela o ajudou a escrever uma palavra de cada vez. Ele escreveu muita porcaria enquanto tentava recobrar o ritmo sem a ajuda de estimulantes ou calmantes. Pouco a pouco, sua habilidade em contar uma história voltou.

Em 1988 ele começou a frequentar reuniões dos AA e dos Narcóticos Anônimos (NA) e achou muito irônico – e verdadeiro – o slogan das organizações. “Ninguém vive um dia de cada vez como um viciado em drogas”, disse ele. “Você não pensa em ontem ou amanhã, você só pensa no *agora*.”

Cerca de um ano depois do ultimato de Tabby, Steve estava dirigindo pela I-95 fora de Bangor. Na época, ele ainda estava jogando com a ideia de moderação, equilibrando-se entre a promessa solene de deixar o álcool e a coca para sempre e recorrendo ao bagulho que mantinha escondido, sempre com um olho na porta fechada para se assegurar de que Tabby não aparecesse de repente para impedi-lo.

A parte da autoestrada entre Augusta e Bangor é bastante tediosa, nada além de asfalto e pinheiros para onde quer que se olhe. Era talvez o lugar perfeito para que King vivenciasse a epifania à qual, mais tarde, ele atribuiria a salvação da sua vida.

Ele estava sozinho. O dia estava nublado. Como era de praxe em suas tardes, ele estava pensando em ficar chapado no fim do dia, quando chegasse em casa. De repente, do nada, surgiu uma voz que o mandou reconsiderar sua decisão. “Você não precisa fazer mais isso se não quiser”, foi exatamente a frase que ele ouviu. “Era como se não fosse a minha voz”, ele disse depois.

E assim foi, como ele dizia em seu livros.

Quando decidiu largar as drogas e o álcool, ele pensou que seria uma boa ideia procurar um terapeuta, basicamente porque sentia que precisava aprender a lidar com o enorme vácuo que ficar sóbrio deixaria em sua vida. Apesar de isso realmente ter ajudado, ele decidiu ir com cautela, por temer que isso afetasse sua escrita. “Eu tinha medo de que isso me levasse a um beco sem saída, e aí tudo daria errado”, ele disse. “Não sei se isso iria exatamente me destruir como escritor, mas acho que levaria embora um bocado das coisas boas.”

Assim que ficou sóbrio, ele se voltou para as outras partes de sua vida que precisavam de uma limpeza. Uma das vítimas foi Kirby McCauley, o velho agente literário de King. Steve pôs fim a sua longa relação com McCauley e contratou Arthur B. Greene, um administrador pessoal que lidava tanto com a representação literária como com questões financeiras. A primeira tarefa de Greene foi negociar um novo contrato com a New American Library, com Steve se comprometendo a escrever apenas um livro por ano nos próximos quatro anos. Mesmo tendo voltado a escrever, a sobriedade de King ainda era recente, e ele não sabia o que esperar a cada dia quando acordasse pela manhã.

O ano de 1988 foi tranquilo no que diz respeito à carreira de Steve. A primeira edição de bolso de *O Pistoleiro* foi publicada em setembro. E em novembro, foi lançado *Nightmares in the Sky*,[101] um livro de fotografias de gárgulas do fotojornalista F-stop Fitzgerald, com comentários de Steve.

Reduzir a produção foi uma decisão inteligente, na medida em que as duras verdades sobre seus vícios começaram a emergir aos poucos. Ele finalmente compreendeu no que havia se transformado, bem como o estresse ao qual submetera sua família e seus amigos.

Ele foi viciado em cocaína por cerca de oito anos. “Fiquei chapado a maior parte dos anos 1980. Não é um tempo terrivelmente longo para ser um viciado, mas durou mais que a Segunda Guerra Mundial”, disse. “E era assim que parecia a maior parte do tempo. Nunca escondi que bebia, mas escondia as drogas porque de cara eu sabia que era um problema.”

“As crianças aceitavam o fato de eu beber como parte da vida. Eu não batia nelas nem nada do gênero. Não acho que fosse diferente de vários pais que tomam três ou quatro martínis quando voltam do trabalho.”

“Ele disfarçava bem”, disse Joe mais tarde sobre os problemas com álcool e drogas de seu pai.

Como outra maneira de fazer alguma limpeza em sua vida, King decidiu fazer mudanças na WZON, a estação de rádio que ele tinha havia cinco anos. Em outubro, ele transformou a WZON em um formato não comercial, similar àquele no qual as estações públicas de rádio operam. Em lugar da receita com anúncios e transmissões ao vivo de outros lugares, a estação obteria recursos por meio de contribuições de ouvintes e doações de empresas, e Steve completaria a diferença, se necessário.

No ano seguinte, Stephanie Leonard decidiu encerrar a publicação do *Castle Rock*. A qualidade da newsletter havia se deteriorado seriamente no último ano, em grande parte porque Steve havia parado de contribuir, sobrando apenas contos de fãs e resenhas aduladoras de seus últimos livros. Recém-sóbrio e frágil, ele precisava ter cuidado ao gastar sua energia e seu tempo. Mas, mais do que isso, ele decidiu que não faria nada que não quisesse. Sua família vinha em primeiro lugar, depois seu trabalho.

Naquele ano de 1988 foram ainda publicadas várias edições limitadas que estavam em preparação há algum tempo, incluindo *My Pretty Pony* e *Dolan’s Cadillac*. O único romance completo publicado por King naquele ano foi *The Dark Half* (*A Metade Negra*),[102] lançado em novembro.

My Pretty Pony foi publicado em uma edição com capa metálica e 250 exemplares, pelo Museu Whitney, que lançava edições limitadas uma vez por ano para angariar fundos. Quando o museu o contatou, King mandou “ My Pretty Pony”, um conto inédito, com cem páginas, sobre um homem idoso que conversa com seu neto sobre a rápida passagem do tempo. A capa do livro era de aço inoxidável, com um relógio digital encaixado. Mesmo custando 2.200 dólares, o livro esgotou de imediato. King então repassou os direitos para outra edição à editora Alfred A. Knopf, para uma tiragem de quinze mil cópias, ao custo de cinquenta dólares.

A Metade Negra foi o último romance escrito por King antes de ficar totalmente limpo, e, talvez não por coincidência, a trama gira em torno da dupla personalidade de um homem. “Comecei a jogar com a ideia de múltiplas personalidades, então li que às vezes um gêmeo acaba absorvido pelo outro de modo imperfeito quando estão no ventre”, explicou. “Eu

pensei: ‘Peraí. E se esse cara for o fantasma de um gêmeo que nunca existiu?’ Construí o livro inteiro em torno daquela coluna vertebral.”

A cada novo dia que Steve passava sem álcool ou cocaína, mais escamas caíam de seus olhos. Apesar de ter cedido os direitos para “ My Pretty Pony”, Steve estava começando a se desencantar com a ideia das edições limitadas. “Você acaba de pegar um livro que eu tive em mãos, e assinei meu nome nele. E daí?”, disse. “Só porque o toquei com minha caneta? Eu não consigo entender isso a fundo, só consigo achar que não é normal.”

Ainda que Steve sempre participasse de eventos beneficentes e para angariação de recursos para várias causas, ele decidiu ampliar seus esforços e compromissos para com outros, não apenas por meio de sua fundação, mas ligando sua produção criativa a projetos comunitários e de desenvolvimento econômico local. Ele só concordou em vender os direitos para a adaptação cinematográfica de *O Cemitério* para uma empresa que concordasse em filmar no Maine. O filme *Cemitério Maldito*, lançado em abril de 1989, foi um sucesso comercial e atraiu outras equipes de filmagem nos anos seguintes.

Enquanto isso, a vida relativamente calma e a sobriedade de King prosseguiam. Ele se tornou treinador assistente para o time infantil de beisebol de seu filho Owen, ajudando-os a ganhar o campeonato estadual no verão de 1989. Sua família havia ficado mais unida depois que Steve largara as drogas e o álcool, e ninguém estava mais feliz que Tabby e as crianças.

Em 1990, Steve se viu trabalhando de novo com sua primeira editora, a Doubleday, para a publicação da edição ampliada e sem cortes de *A Dança da Morte*. Ele finalmente teria um dos trabalhos que mais amava publicado na forma pretendida originalmente. Em primeiro lugar, ele restaurou as cem mil palavras cortadas da edição original. Depois atualizou o início e o fim, além de incluir uma dezena de ilustrações de Bernie Wrightson, um conhecido artista de obras de fantasia. Steve admirava seu trabalho há anos e pensou que a arte de Wrightson poderia abrilhantar o livro ampliado.

A Doubleday, claro, era a última escolha de Steve como editora, mas como eles tinham publicado o romance originalmente, ela ainda detinha os direitos. Nesse meio tempo, no entanto, a Doubleday fora comprada pelo grupo alemão Bertelsmann e se fundira com Bantam e Dell, formando a BDD, então Steve estava lidando com todo um novo conjunto de rostos. Muitas pessoas na empresa duvidavam se teriam sucesso com o que era, essencialmente, um livro já publicado com algum material novo. Elas não

levavam em conta a mitologia e a antecipação que tinham surgido, nos últimos anos, em torno de um livro sem cortes. Na primeira semana de vendas, em maio de 1990, a um, na época, vultoso preço de 24,95 dólares e com 1.153 páginas, a nova edição de *A Dança da Morte* disparou para o topo da lista de mais vendidos do *New York Times*, onde ficou por muitas semanas.

Na ocasião em que o livro foi lançado, Steve celebrara um ano completo sem drogas ou álcool. Algumas coisas estavam ficando mais claras para ele. Por exemplo, ele sentia que seu processo de escrita estava muito mais eficaz agora que estava limpo: “Eu realmente me sinto mais criativo. Atravessei um período em que me sentia um pouco sem graça, como um copo de água com gás do qual todas as bolhas já sumiram. Mas agora me sinto eu mesmo de novo, só que com rugas”.

A Coisa passou como uma minissérie de quatro horas no canal ABC em 18 de novembro de 1990, e King ficou emocionado com o fato de aquela que considerava sua obra-prima ser levada às telas no mesmo ano em que a versão integral de *A Dança da Morte* foi publicada. Mas, por mais que batalhasse para reduzir o tamanho de seus livros, ele frequentemente se sentia reprimido, não só pela censura das redes de TV como pelo tempo disponível para um programa. Talvez seja por isso que, nos últimos anos, ele tenha declinado escrever os roteiros para as minisséries baseadas em seus livros. “Se eu tivesse escrito o roteiro de *A Coisa*, teria sido uma minissérie de 32 horas”, brincou.

Four Past Midnight (*Depois da Meia-Noite*),[103] publicado em setembro de 1990, era uma reunião de quatro novelas: “The Langoliers” (“Os Langoliers”), “ Secret Window, Secret Garden”, (“Janela Secreta, Jardim Secreto”) “The Library Policeman”(“O Policial da Biblioteca”) e “The Sun Dog” (“O Cão da Polaroid”).

Como sempre, a ideia para uma delas veio ao acaso, quando Steve estava ocupado com tarefas rotineiras. Uma manhã ele estava tomando café com Owen, quando o menino de doze anos pediu emprestado o cartão de biblioteca de seu pai para pegar alguns livros para um projeto da escola. Quando King perguntou por que ele não podia usar seu próprio cartão, Owen disse que tinha medo.

É claro que isso chamou a atenção de Steve. “De que você tem medo?”, perguntou. Quando o menino tinha seis anos, uma das tias de Owen disse

que ele sempre tinha de devolver os livros à biblioteca no prazo, senão a polícia da biblioteca iria aparecer em sua casa e puni-lo. Quando Steve ouviu essa história do filho, lembrou-se de sua própria infância.

"Quando era jovem, eu sempre checava a data devida nos livros da biblioteca, porque ficava preocupado com o que aconteceria se devolvesse os livros com um ano de atraso", disse, acrescentando que em várias ocasiões ele perdera um livro e ficara em pânico total.

Muitos acadêmicos e fãs que têm intimidade com cada palavra escrita por Stephen King apontam o dia 16 de abril de 1990 como o momento da virada, do escritor de histórias de horror para um que podia contar uma boa história sem recorrer uma única vez ao horror, a sangue e tripas ou ao sobrenatural.

Foi a data em que " Head Down" ("Abaixe a Cabeça"), uma história sobre o time de beisebol infantil de seu filho e a experiência de Steve como treinador assistente, apareceu com seu nome na *New Yorker,* a revista semanal da elite literária norte-americana. Pode-se imaginar o escândalo quando o nome dele apareceu.

"Acho que muitas pessoas no mundo literário consideram o horror um gênero sórdido", disse Chuck Verrill, editor de King. "Você não pensa em Philip Roth[104] e Stephen King na mesma frase, mas acho que a porta finalmente se abriu para ele."

King doou o dinheiro recebido da *New Yorker* para o time de beisebol infantil de Bangor. "Foi o trabalho mais difícil que fiz em dez anos", disse. "Meu método de trabalho quando estou desnorteado é brutalmente simples: abaixo a cabeça e corro o mais rápido que puder, o mais longe que puder. Foi o que fiz nessa história, juntando documentos como um rato enlouquecido e apenas tentando acompanhar o time. Difícil ou não, ' Head Down' foi a oportunidade de uma vida, e, antes que eu estivesse exaurido, Chip McGrath, da *New Yorker,* havia obtido de mim o melhor texto de não ficção que escrevi na vida."

Jonathan Jenkins cresceu em Bangor e se formou na Bangor High School em 1990. Nos dois primeiros verões depois da formatura, ele trabalhou para a Growing Concern, uma empresa de paisagismo com sede em Orono que fora contratada para cortar a grama e cuidar dos jardins da casa de Stephen King em Bangor. Jenkins comparou o serviço a pintar a ponte Golden Gate, em São Francisco. Apesar de usar um cortador de grama motorizado de uso comercial, que corta uma faixa de cerca de um metro e meio, o gramado dos

King era “tão grande que, assim que acabávamos, tínhamos de voltar e começar de novo”, disse Jenkins.

Ainda que Jenkins tivesse crescido em Bangor e soubesse como era a casa dos King, no início ele não estava familiarizado com os elaborados jardins que Tabby havia projetado e plantado, porque a maior parte deles ficava nos fundos do imóvel. Quando Jenkins soube que trabalharia na casa, achou que ia cuidar de jardins saídos diretamente de *O Iluminado*. “Eu ficava lembrando do garotinho correndo pelo labirinto no fim do filme”, contou.

Mas o local era mais humilde, sem topiaria ou cercas-vivas de dois metros de altura. Em vez disso, um bom pedaço da área consistia de elaborados canteiros de flores. Tabby estava começando a perder seu olfato, então talvez por isso ela tenha começado a colocar mais flores anuais ou permanentes, para compensar.

A memória mais vívida de Jenkins do tempo em que cortava o gramado de Stephen King era dos turistas, uma onda infinita de pessoas. Algumas acampavam do lado de fora da casa, agarrando as barras da cerca de ferro, esticando-se para tentar ter uma visão de Steve em uma das janelas da mansão. Outros passavam de carro devagar em frente à casa, debruçando-se pela janela com uma câmera de vídeo mirando as torres. “Eles desciam a rua, davam a volta e passavam de novo pela casa”, contou Jenkins.

“Era uma procissão constante, o dia todo. De vez em quando um sujeito botava a cabeça para fora da janela e gritava: ‘Ei, cara do cortador de grama!’” Outras vezes, as pessoas iam até o portão com fotos de Polaroid da casa e perguntavam a Jenkins se ele conseguiria que Steve as autografasse.

Ocasionalmente Steve caminhava com os cachorros pelo jardim quando os jardineiros estavam trabalhando e trocava algumas palavras com Jenkins e os outros funcionários, mas era Tabby que, visivelmente, estava encarregada de cuidar do local. Ele colocara a maior parte dos canteiros nos fundos da casa a fim de ficar longe da vista dos palermas. “Não me lembro de ela aparecer na frente”, disse Jenkins. “Normalmente, se ela tinha algum problema ou queria falar conosco, era nos fundos ou na lateral da casa.”

Um dia Jenkins estava cortando o gramado da parte da frente quando um carro cheio de adolescentes estacionou na rua. Eles ficaram perguntando se o sr. King estava em casa, quando de repente Steve surgiu à frente do portão automático com seu Chevrolet Suburban. Jonathan olhou para ele a fim de alertá-lo, mas eles seguiram seu olhar e viram Steve quando ele estava passando pelo portão. “Eles correram para o Suburban e quase o alcançaram,

mas ele enfiou o pé no acelerador e fechou o portão o mais rápido que pôde", contou Jenkins.

Além de recordar os insistentes turistas acampados em frente à casa, Jenkins ficou impressionado pela generosidade de Steve e Tabby. Um de seus amigos de escola em Bangor era um aspirante a ator que queria desesperadamente ir para a universidade a fim de obter um diploma em artes cênicas, mas seus pais queriam que ele estudasse medicina. "Ele teve uma briga feia com seus pais, e, quando a história se espalhou, Tabby disse aos pais dele que ela e Steve assumiriam a conta para que ele fosse à universidade", disse Jenkins.

Não era ainda a época para Jenkins estar aparando o gramado quando um homem chamado Erik Keene invadiu a casa dos King, no dia 20 de abril de 1991, às seis da manhã. Tabby era a única pessoa em casa àquela hora e, depois de escutar o barulho de vidro quebrado, ela deu de cara com Keene na cozinha. Ele mostrou uma caixa embrulhada em papel pardo e disse a ela que tinha uma bomba e iria explodir a casa porque, segundo ele, King havia roubado o enredo de *Angústia* de sua tia. Tabby saiu correndo de camisola até a casa do vizinho para chamar a polícia.

Com um cão farejador de bombas a reboque, a polícia fez uma busca na casa e encontrou Keene escondido no sótão. Quando eles abriram a caixa com que ele havia ameaçado Tabby, encontraram cerca de duas dúzias de lápis com clipes enrolados.

Keene foi preso e processado, ficando apenas dezoito meses na cadeia até ser extraditado para o Texas, por violação de condicional.

Depois da invasão, os King aumentaram a segurança da casa, ampliando a cerca para todo o contorno dos jardins, colocando portões com código de segurança e instalando câmeras de circuito fechado. Assustada pelo incidente, a família se escondeu durante quase todo o ano.

Em agosto de 1991, *The Wastelands* (As *Terras Devastadas*),[105] o terceiro livro da série *A Torre Negra*, foi publicado. Fãs ávidos ficaram mais esperançosos de que Steve voltaria a acelerar, lançando os próximos quatro livros planejados para a série em rápida sucessão. Infelizmente, após o lançamento de *As Terras Devastadas*, os leitores que queriam saber mais dos feitos de Roland Deschain teriam de esperar mais seis anos pelo livro seguinte da série.

O romance seguinte de Steve, *Needful Things* (*Trocas Macabras*),[106] o primeiro livro que ele escreveu completamente sóbrio, foi publicado em

outubro de 1991. “Eu estava em uma posição sensível, porque era o primeiro livro que escrevera desde quando tinha dezesseis anos sem beber ou me drogar”, disse ele.

Ele imaginara o livro como uma comédia sobre os anos Reagan, mas nem os leitores nem os críticos pareceram entender a piada. “Pensei que havia escrito uma sátira da Reaganomics[107] na América dos anos 1980”, disse. “A ideia central era esse homem que chegava a uma cidade pequena e abria uma espécie de loja de quinquilharias onde as pessoas podiam comprar qualquer coisa que quisessem, mas acabavam pagando com a própria alma.”

Com uma enorme quantidade de personagens, King considerava *Trocas Macabras* similar, neste aspecto, aos romances *A Hora do Vampiro* e *A Dança da Morte*, porém, mais tarde, sua opinião sobre o livro mudou: “Ao longo dos anos cheguei à conclusão de que talvez não seja um livro muito bom”.

Trocas Macabras foi anunciado como o último romance que King ambientaria em Castle Rock. Ele sabia que ainda escreveria histórias sobre o Maine, mas, na esteira do fato de ele ter chamado atenção para o estado, um novo grupo de escritores havia escrito recentemente romances sobre o Maine. À exceção de uns poucos – como *The Beans of Egypt, Maine* (1985), escrito por Carolyn Chute, também nascida no estado –, Steve não hesitou em detonar todos esses escritores que escreveram sobre seu amado Maine sem entender nada. Ele era provinciano e protetor em relação a seu estado e acreditava que aquele bando de oportunistas não deveria estar escrevendo sobre o Maine.

“Você pode escrever sobre o Maine se é de longe, desde que você escreva uma história sobre alguém que vem de longe para o Maine”, disse Steve. “Mas se você quer escrever uma história sobre o Maine e as pessoas do Maine, acho que é preciso que você tenha crescido aqui.”

No fim de 1991, Tabby finalmente achou que podia respirar melhor. Steve comparecia fielmente às reuniões dos AA e dos NA, a casa estava tão segura quanto possível, ainda que King tivesse deixado claro que não queria “viver como Michael Jackson ou Elvis em Graceland” e que continuaria indo aos jogos de seu amado Red Sox e a noites de autógrafos.

STEPHEN KING

CAPÍTULO X

A GENTE SE ACOSTUMA

Gerald's Game (*Jogo Perigoso*)[108] foi lançado em maio de 1992, e chamar o romance de desvio para Steve era o eufemismo do ano. Leitores fiéis que não tinham qualquer sintoma de náusea ao devorar as costumeiras histórias de horror de King, com assassinato, mutilação, criaturas sobrenaturais e, ocasionalmente, sangue e tripas, atiraram o livro longe com nojo quando souberam que ele tratava de um casal que apelava para jogos sexuais de *bondage*.

A ideia para *Jogo Perigoso* surgiu quando Steve pensou em revisitar o tema central de *Cão Raivoso*, no qual um ou dois personagens ficam presos em um espaço pequeno. O que aconteceria se uma mulher ficasse presa em um quarto sozinha e não pudesse sair? E por que ela estaria ali?

"Ela está algemada na cama", participando de um jogo de *bondage*, foi o primeiro pensamento que surgiu em sua cabeça. "Comecei a pensar no que leva pessoas a fazerem esse tipo de coisa, então li um pouco sobre o assunto e tudo me pareceu muito vitoriano. Havia algo muito Snidely Whiplash[109] nisso tudo."

Ler sobre jogos sexuais não foi a única pesquisa que King teve de fazer, algo pouco usual para um homem que afirmava odiar fazer pesquisas. "Eu me lembro de pensar que Jessie teria sido uma ginasta na escola, e ela poderia simplesmente colocar os pés por cima da cabeça, acima da cabeceira, e ficar de pé." Mas ele tinha suas dúvidas. Então, depois de escrever cerca de quarenta páginas, quis testar a teoria e pediu a seu filho Joe para ser seu porquinho-da-índia.

“Levei-o para nosso quarto e o amarrei com lenços na cabeceira. Lá pelas tantas, Tabby entrou e perguntou o que eu estava fazendo, e respondi que estava fazendo uma experiência”, contou Steve. Depois de tentar algumas posições diferentes, Joe não conseguia fazê-lo. Ainda que tivesse considerado a hipótese de Jessie ter hipermobilidade, King pensou que era uma saída fácil, então voltou para a prancheta.

Todos os fãs leais que se recusaram a comprar o livro por causa do tema ficariam surpresos ao ouvir a opinião de King sobre o assunto: “*Jogo Perigoso* é um livro sobre abuso de crianças. É uma história comum, cruel, de uma garotinha que sofre abuso por parte de seu pai e cresce tornando-se um determinado tipo de mulher. Ela está acorrentada à cama porque foi acorrentada a um determinado tipo de vida”. As críticas foram conflitantes: a *Entertainment Weekly* classificou a luta da personagem principal, Jessie Burlingame, de “as 150 páginas mais excruciantes dos recentes livros de suspense”, ainda que também ridicularizasse King por seu “feminismo grudento”. Como era de se esperar, muitos leitores se sentiram ofendidos pelas conotações sexuais do livro, algo inédito na obra de King.

Assim como a publicação de “ Head Down” na *New Yorker* dois anos antes, *Jogo Perigoso* representou outro desvio na rota de Steve. Mas a história fazia sentido para ele como uma metáfora para suas próprias lutas nos últimos anos. Não apenas o romance se passava em um único aposento, mas dentro da cabeça de uma mulher. Enquanto não se passava um dia sem que ele tivesse vontade de beber um engradado de cerveja ou cheirar infinitas carreiras de cocaína, Jessie lhe ensinou o encanto no lema “um dia de cada vez” do AA. Ele usou a experiência de seus próprios longos dias para esticar ao máximo os minutos de Jessie e tornar sua história o mais horripilante possível para o leitor.

Além de ampliar os horizontes de sua carreira de escritor, outra coisa surpreendente aconteceu: assim que assumiu um controle maior de sua sobriedade, o casamento mudou para melhor. Steve e Tabby se sentiram quase em uma segunda lua de mel.

“As pessoas pensam que essa imagem juvenil do amor – você sabe, romantismo, luz da lua, tudo isso – acaba com o casamento ou logo depois”, ele disse. “Quando o romance retorna, vem como uma surpresa completa. E é muito mais edificante, porque você fica extremamente agradecido por tê-lo de volta.”

Tabby concordou: “Às vezes pessoas criativas ficam criativas sobre seus casamentos e encontram maneiras de revitalizá-lo. Mudanças acontecem, e você tem de deixar que aconteçam. Em última análise, trata-se de contentamento, parceria e amizade. Outra coisa sobre o casamento é que, se você cai fora cedo, você perde as surpresas, e algumas delas são maravilhosas”.

Eles também continuaram suas doações de caridade, basicamente para organizações do Maine. Em 1992, doaram 750 mil dólares para uma nova unidade pediátrica no Eastern Maine Medical Center.

Steve continuava muito envolvido com o beisebol, acompanhando o Red Sox e treinando o time infantil de Owen. Quando este fez treze anos e foi da Liga Infantil para a Sênior, a diferença na qualidade dos campos era gritante: o campo era desigual e cheio de marcas, e o equipamento parecia ter saído de um bazar caseiro.

“Pensei em como era uma vergonha que as crianças tivessem de se ajustar a campos fora dos padrões e equipamentos de qualidade inferior”, disse King. “Não é a mesma coisa que a paz mundial ou acabar com a fome aqui em Bangor, mas me ensinaram que a caridade começa em casa.”

Então, com uma contribuição de 1,5 milhão de dólares da Fundação Stephen e Tabitha King, ele decidiu construir um campo de beisebol conforme os padrões da Associação Americana para adolescentes de Bangor e das cidades próximas. O Estádio Shawn T. Mansfield foi batizado em homenagem ao filho de Dave Mansfield, que morrera com paralisia cerebral.

O estádio, que Mansfield apelidou de “Stephen King’s Field of Screams”, [110] tem capacidade para 1.500 pessoas, é totalmente iluminado para jogos noturnos e tem o que há de mais moderno em sistema de som. O campo interno é feito de barro da Geórgia, e os torrões de grama foram meticulosamente colocados manualmente no campo externo e em torno do monte do arremessador. Um enorme painel eletrônico, com um relógio de dois metros e trezentos quilos, fica atrás da cerca do lado direito.

Além de seus esforços filantrópicos, Steve continuava a ser generoso com pequenas editoras e revistas. Ocasionalmente, ele mandava uma história para um editor sem que este pedisse. Na primavera de 1992, King mandou o conto “ Chattery Teeth” para Richard Chizmar, fundador da revista *Cemetery Dance*. Criada em 1988, era uma revista de terror que prestava homenagem à série de TV *Além da Imaginação*, publicando contos, resenhas de livros e entrevistas com escritores. King lia regularmente a revista, e, quando a

história foi publicada na edição de outono, seu nome ajudou a elevar o perfil da *Cemetery Dance*.

Não haviam se passado dois anos desde que Tabby dera de cara com Erik Keene, e outro fã começou a perturbar King. No verão de 1992, Stephen Lightfoot apareceu em Bangor e montou acampamento em uma van coberta de mensagens culpando King pelo assassinato de John Lennon.

A polícia costumava deixá-lo sossegado, mas avisou-o que ele seria preso se circulasse perto de Steve ou de sua família. Pouco depois de receber o aviso, Lightfoot apareceu em um comício em Portland para o deputado Tom Andrews, e Steve e Tabby estavam na plateia.

Alguns dos voluntários que trabalhavam na campanha de Andrews viram a van de Lightfoot e observaram quando ele abordou algumas pessoas na plateia. Os voluntários chamaram a polícia, que disse estar de mãos atadas porque Lightfoot não havia violado qualquer lei. Só que Steve não era a primeira pessoa famosa a entrar na mira de Lightfoot; ele também havia sido avisado para ficar longe do condomínio da família Bush em Kennebunkport, no Maine, naquele mesmo verão.

Sandy Phippen foi testemunha ocular da determinação absoluta dos fãs de King. Quando Phippen vivia em Orono, uma manhã de domingo ele saiu para comprar o jornal em uma loja próxima e cruzou com um casal que havia vindo de carro desde Oklahoma apenas para tirar uma foto da casa de Steve. “Isso acontece toda hora a qualquer um que viva próximo de Bangor”, contou Phippen. Normalmente ele apenas dizia como chegar lá, mas daquela vez ele os guiou até a casa de Steve.

Com base em sua experiência como resenhista de livros para a revista *Down East*, Phippen começou a oferecer tours literários de Bangor para turistas. “É claro que tudo o que as pessoas queriam ver era a casa de Stephen King”, suspirou. Certa vez ele estava com um ônibus cheio de turistas de Youngstown, Ohio, todos bibliotecários. “Havia vários outros escritores oriundos de Bangor e proximidades, alguns deles medíocres”, contou. “Mas todo mundo só queria ir até a casa de Stephen King e ver a estátua de Paul Bunyan. Até que, como estava ficando escuro e eles não conseguiriam tirar fotos em frente à casa de Steve, eu entreguei os pontos.”

Pouco depois da publicação de *Jogo Perigoso*, Steve participou da convenção anual da American Booksellers Association na cidade de Anaheim, na Califórnia, a maior feira editorial dos Estados Unidos. Naquele

ano, porém, além de conversar com livreiros e repórteres, ele faria algo diferente: tocaria guitarra em uma banda composta apenas de autores na lista dos mais vendidos, para um concerto beneficente.

Ele subiu ao palco como guitarra base em uma banda chamada Rock Bottom Remainders, com colegas como Amy Tan, Dave Barry e Barbara Kingsolver,[111] entre outros. Eles pretendiam fazer duas apresentações durante a convenção – uma na sede da convenção e outra em um clube local. Sua divisa era bastante franca: “Eles tocam música tão bem quanto o Metallica escreve romances”.

A banda tinha sido bolada por Kathi Kamen Goldmark, uma assessora de imprensa de São Francisco que levava escritores de uma entrevista para outra quando eles iam à cidade promover seus livros. As conversas, durante esses longos dias, acabavam tocando em vários assuntos, e Goldmark mencionava o fato de que ela cantava em várias bandas country.

Ela contou que a reação dos escritores era sempre a mesma: todos desejavam poder tocar em uma banda; alguns haviam tocado quando estavam no ginásio, mas deixaram suas aspirações musicais caducarem com os anos.

“Eu ficava ouvindo a mesma história, e estávamos todos em torno dos quarenta e pensando nas coisas que não havíamos conseguido fazer”, contou ela, até que a epifania bateu. Por que não? Ela conversou com uma dezena de escritores sobre formar uma banda. Além de Tan, Barry e Kingsolver, entraram Ridley Pearson e Robert Fulghum.[112] Um amigo que sabia que King tocava guitarra falou com Goldmark e sugeriu que ela o convidasse para a banda. Ele aceitou na hora.

Ela pediu aos membros da banda para mandarem por fax listas de canções que gostariam de tocar, tendo em mente que nenhum deles se conhecia e que tudo o que tinham em comum era o fato de serem amadores. “Rock de três acordes era tudo o que eu tinha em mente”, contou ela.

Assim que se espalhou a notícia de que Steve ia tocar na banda, tudo mudou. As entradas para as duas apresentações marcadas venderam rápido, e os livreiros ligaram para perguntar a Goldmark se ela podia arranjar um jantar privado com King, entre outros pedidos.

A primeira providência era descobrir o quão ruins eles eram. Goldmark e o diretor musical Al Kooper, um compositor e produtor que ajudara a formar o grupo Blood, Sweat, and Tears e tocara órgão no clássico de Bob Dylan

“Like a Rolling Stone”, marcou alguns ensaios em um estúdio perto do centro de convenções.

“Entrei em uma sala de ensaios em Anaheim, na Califórnia, em 1992, e lá estava um grupo de pessoas tocando instrumentos alto e mal”, contou Dave Barry, o premiado humorista e colunista do jornal *Miami Herald*. “No meio deles, destruindo sua guitarra, estava Stephen King. Peguei minha guitarra e comecei a detoná-la também, contribuindo para a música ruim.”

Na ocasião em que Goldmark pediu aos músicos que trocassem por fax suas listas de canções, Barry achou que talvez estivesse sonhando alto demais: “Algumas daquelas pessoas pareciam realmente saber o que estavam fazendo, com quadros de acordes e coisas do gênero voando por toda a parte”. Ainda que tivesse tocado em uma banda nos tempos de faculdade, ele sabia que não era bom. Quando o ensaio começou, porém, Barry relaxou: “Fiquei aliviado quando cheguei lá e vi o quão ruins todos nós éramos”.

Ridley Pearson também chegou um pouco intimidado no primeiro dia, não por causa de suas habilidades musicais, mas porque Steve estava na banda. “Eu era um grande fã dele”, contou. “Eu lia seus livros desde o início.”

Quando eles finalmente se encontraram, Pearson foi desarmado pelo comportamento de King. “Ele acabou mostrando ser esse cara alto, com jeitão adolescente, que não se sente totalmente à vontade consigo próprio, mas incrivelmente esperto e engraçado”, disse Pearson. “De certa forma, eu esperava um sujeito todo vestido de preto. Mas ele é esse cara de jeans e camiseta que nunca passou dos quinze anos, o que se aplica a todos os Remainders, e essa é a razão pela qual nos damos tão bem.”

Assim que passaram a etapa dos dois primeiros ensaios e começaram a sair juntos, Goldmark percebeu a amplitude dos conhecimentos de Steve sobre cultura popular. “Ele sabe tudo”, disse. “Você não consegue citar uma canção ou um artista que ele não conheça. Cite uma canção, ele vai recitar a letra. Não importa se é um sucesso recente ou algo de trinta anos atrás, ele conhece.”

Tabby também participou dos ensaios e apresentações. Para alívio de Goldmark, ela se adaptou perfeitamente. “Ela é bastante simples, nada tola e muito engraçada”, disse Goldmark, que alugou um ônibus para levar a banda pelos dez quarteirões entre o hotel e o concerto, e de volta para o hotel. “Ela comprou um monte de cuecas samba-canção extragrandes e fez com que um

grupo de pessoas as jogassem no palco durante o show. Por mais engraçado que tenha sido o show, acho que o ônibus foi mais divertido."

Durante as apresentações, Goldmark achou que Steve parecia um garotinho no Natal e que agia como um. Apesar de King ter se concentrado mais em tocar a guitarra base, ele cantou algumas canções, como "Last Kiss" e "Teen Angel".[113]

"Steve se entusiasmava e espontaneamente mudava as letras", contou Dave Barry. "Uma vez, em 'Last Kiss', ele cantou 'Quando acordei, ela estava deitada ali e eu tirei seu fígado dos meus cabelos'." Os outros membros da banda caíram na gargalhada e tiveram de interromper o som por vários minutos.

Ninguém – Kathi Goldmark ou os escritores da banda – esperava que a receptividade aos Remainders seria tão grande, tampouco que fossem além dos dois shows programados. Mas a história cresceu, não apenas com a mídia norte-americana, com os programas matinais de TV correndo desesperados atrás de um furo, mas também com a indústria editorial. Depois do último bis da segunda apresentação, a banda deixou o palco, suas cabeças ainda zunindo com a emoção de tocar para centenas de fãs aos berros.

Ridley andava atrás de Steve, quando este de repente olhou para trás e disse "Ridley, não acabamos aqui".

Dentro de alguns dias, os planos para outra apresentação, bem como para uma turnê em 1993, se consolidavam, mas estes precisavam de recursos, então Steve propôs um livro à Viking, e sua editora aceitou de pronto. O título provisório era *Mid-Life Confidential: The Rock Bottom Remainders Tour America with Three Chords and an Attitude* (*Segredos da Meia-Idade: The Rock Bottom Remainders Rodam a América com Três Acordes e Uma Atitude*, em tradução livre). Todos na banda dariam sua contribuição, Tabby tiraria fotos, e Dave Marsh, um crítico musical que havia escrito as biografias de Bruce Springsteen, Elvis Presley e The Who, editaria o livro.

A The Rock Bottom Remainders tocaria de novo.[114]

Depois de *Jogo Perigoso* pegar muitos fãs de Stephen King desprevenidos, ele continuou a surpreendê-los quando *Dolores Claiborne* (*Eclipse Total*) [115] foi publicado. Era a história de uma mulher que havia tido uma vida longa e árida. Quando o livro começa, ela está sendo acusada de assassinato, e não é a primeira vez. Steve disse ter modelado a vida de Dolores pela de

sua mãe e que muitas das coisas que estão no livro foram histórias que ele ouviu de Ruth quando era criança.

Aos fãs antigos que perguntavam o que acontecera com o terror, ele assegurava que este voltaria em breve. “Não digam que estou esticando meu círculo ou que deixei o terror para trás”, disse ele. “Estou apenas tentando encontrar coisas que ainda não fiz para continuar criativamente vivo.”

Por um momento, ele chegou a pensar em juntar *Eclipse Total* com *Jogo Perigoso* em um único romance, já que ambos tratavam do abuso de uma mulher. Mas, depois de trabalhar sob diferentes ângulos, ele decidiu mantê-los separados. Como ele já estava trabalhando em *Jogo Perigoso* quando surgiu a ideia para *Eclipse Total*, ele optou por terminar aquele primeiro.

Além de diversificar o tipo de histórias que escrevia, ele estava mudando pelo menos um de seus hábitos como escritor.

“O pior conselho que já me deram foi ‘Não escute os críticos’. Acho que isso é necessário, porque às vezes eles estão lhe dizendo que algo está quebrado e pode ser consertado”, disse Steve. “Se você enterra a cabeça na areia, não vai ter de ouvir nenhuma má notícia e não terá de mudar a maneira como faz as coisas. Mas se você ouvir, às vezes pode se livrar de maus hábitos. Ei, nenhum de nós gosta de críticos, mas se todos estão dizendo que algo é uma merda, eles estão certos.”

Na maioria de seus romances e em alguns de seus contos, os estúdios e produtoras de cinema agarravam os direitos de filmagem antes mesmo que o livro fosse impresso. *Eclipse Total* não fugiu à regra, mas ele estava começando a perder a paciência com projetos que não eram fiéis à história original.

A única razão pela qual filmes como *Colheita Maldita II*[116] foram feitos foi uma brecha no contrato, por meio da qual os produtores, além de comprar os direitos da história, obtinham os direitos sobre o título. Então, ainda que o primeiro filme fosse fiel à história ou ao romance de King, os filmes subsequentes não o eram.

“São um lixo!”, disse ele. “ *Carrie, a Estranha 2*? Para quê? Há milhares de bons roteiros e roteiristas por aí, mas eles têm de mendigar porque essas pessoas são tão intelectualmente falidas que têm de fazer *Carrie 2* ou *Colheita Maldita VI*.”

Às Vezes Eles Voltam gerou Às Vezes Eles V*oltam 2*,[117] seguido por *Às Vezes Eles Voltam... Para Sempre!* Steve previu que o quarto e o quinto filme

da série se chamariam *Às Vezes Eles Voltam... Para o Jantar* e *Às Vezes Eles Voltam... Atrás de Preços Muito, Muito Baixos*.

"Parece que eles estão andando com um pedaço de papel higiênico no sapato", disse ele. "As pessoas me contam que acharam os filmes uma porcaria. E eu nem soube que eles estavam sendo feitos."

Na maioria dos casos não havia nada que pudesse fazer. Mas ele triunfou em um caso, quando a New Line Cinema lançou *Stephen King's Lawnmower Man* (*O Passageiro do Futuro*, no Brasil), estrelado por Pierce Brosnan. Os produtores tinham um roteiro chamado *Cyber God* e mataram dois coelhos com uma cajadada só ao incorporar alguns elementos da história de King em *Cyber God*, mas o título ficou *Stephen King's Lawnmower Man*.

Steve ficou tão irritado com a maneira pela qual eles abusaram de seu nome e de sua história que processou a New Line para que o nome e o título da história fossem retirados do filme e do material promocional. Dois tribunais decidiram em seu favor, mas a New Line se recusou a alterar o título, e as duas primeiras edições em vídeo saíram com o nome de Stephen King. Só depois que a Justiça determinou que a empresa pagasse a King dez mil dólares por dia e a totalidade dos lucros é que seu nome foi retirado.

Lawnmower Man foi um caso extremo, mas ele ainda brincava com o fato de muitos dos filmes baseados em seus romances ou contos serem uma porcaria: ele chamava isso de o Problema da Toalha do Hotel. "Você rouba todas as toalhas do quarto de hotel e tenta enfiá-las em uma única mala", disse. "Por mais que você arrume as toalhas, a mala não fecha, porque é coisa demais." Outra questão eram os produtores. "Eles são como esses tubarões que você vê nos filmes de terror. Eles não são nada além de máquinas devoradoras que compram os direitos sobre livros, e depois os projetos ficam na mesa deles enquanto pensam que diabos vão fazer com aquilo."

Ainda que algumas pessoas afirmem que ele poderia ajudar a diminuir o número de filmes ruins não vendendo mais os direitos sobre suas histórias, ele se recusa a fazer isso: "Não posso me tornar inflexível, afirmando que não posso mais aceitar qualquer projeto. E se digo que aquelas pessoas não podem fazer isso, enquanto elas teriam feito um filme fantástico?" Por exemplo, muitas pessoas disseram que ele estava cometendo um grave erro ao dar a Frank Darabont os direitos sobre sua novela *Rita Hayworth and Shawshank Redemption* (*Rita Hayworth e a Redenção de Shawshank*),[118] ainda mais por apenas mil dólares. Darabont havia escrito vários episódios

para as séries de TV *Tales from the Crypt* e *O Jovem Indiana Jones*, e sua estreia na direção foi *The Woman in the Room*, um curta Dollar Baby baseado em um conto de King. “Acho que é preciso assumir alguns riscos, e você não pode fazer tudo porque não há vida nem tempo bastante.”

Uma das razões pelas quais Steve decidira se arriscar era que ele tinha feito um ótimo acordo com a produtora Castle Rock Entertainment, uma empresa que o ator e diretor Rob Reiner e alguns executivos de Hollywood haviam criado em 1987. O acordo remontava a *Conta Comigo*. “Eles podem ter meu trabalho por um dólar. O que eu quero em troca é aprovação do roteiro, aprovação do diretor, aprovação do elenco, e quero ter o poder de apertar o botão a qualquer momento, independentemente de quanto dinheiro tiver sido investido”, disse Steve.

“O que eu tenho no fim são 5% de cada dólar: de cada dólar pago na bilheteria, eu recebo cinco centavos. *Trocas Macabras* obteve vinte milhões de dólares nos EUA, e eu recebi meio milhão. Com *À Espera de um Milagre*, obtive 25 milhões.”

Steve também aprendeu a bater pé quando se tratava de outra mídia: fotos dele. “Se vejo filtro vermelho e luzes por baixo quando alguém está me fotografando, caio fora”, disse. “Toda essa porcaria me faz parecer fantasmagórico. Eu pergunto se quando eles estão fotografando um escritor negro eles levam uma melancia e um barril para ele se sentar.”

Ele não se irritou com todos os cineastas; ainda havia um diretor com quem ele queria trabalhar, mas parecia que todos os planetas teriam de estar alinhados para que isso acontecesse.

“Steven Spielberg e eu tentamos trabalhar juntos três vezes, primeiro em cima de *O Talismã*, depois em *Poltergeist*, depois em uma ideia original”, contou King, mas as coisas nunca deram certo. “É um caso de duas fortes personalidades criativas, e Spielberg é ferozmente criativo, e se você não for muito, muito rápido, ele está sempre dois passos a sua frente.” Steve admitiu que, em relação à própria criatividade, se acostumou a ter as coisas do seu jeito. Ele mencionou uma placa em sua garagem que diz: “Se você não for o cachorro que puxa o trenó, sua vista nunca muda”. “Esse era, no fundo, o problema conosco, quem iria puxar o trenó.”

Para Steve e Tabby, exatos vinte anos depois de eles terem ficado sabendo que suas vidas haviam mudado com a venda de *Carrie, a Estranha* tudo corria bem e a família estava tranquila.

O quinto romance de Tabby, *One on One*, foi publicado na primavera de 1993. O livro foi o quarto em sua série Nodd's Ridge, sendo vendido como uma versão moderna de *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951), de J.D. Salinger. Quando ela viu o marido experimentando diferentes gêneros, Tabby ficou inspirada.

"A maior influência que ele teve no meu trabalho foi ter me ensinado a não impor limites a mim mesma, pois eu era a única a poder decidir quais eram os limites", ela disse. "Ele também me mostrou a legitimidade das coisas cotidianas na ficção."

Ela havia retomado um programa regular de escrita, ainda que não chegasse aos pés da produção de seu marido: "Vivo com alguém que escreve muito mais rápido do que eu, então fico me considerando uma escritora muito lenta." Steve continuava como sempre: *Nightmares & Dreamscapes* (*Pesadelos e Paisagens Noturnas v. I* e *II*),[119] uma coletânea de histórias previamente publicadas, incluindo "Abaixe a Cabeça" e "O Cadillac de Dolan", foi publicado em outubro de 1993. O conto "A Quinta Quarta Parte", também no livro, é a única história que King escreveu sob o pseudônimo de John Swithen. O texto apareceu na edição de abril de 1972 da revista *Cavalier*.

Na primavera de 1993, Steve e outros membros da Rock Bottom Remainders partiram em uma turnê de dez dias por cidades da costa leste, de Providence a Miami. Tabby foi junto como fotógrafa para o livro que eles estavam escrevendo em conjunto sobre a experiência, *Mid-Life Confidential.* Depois de alguns dias de ensaio em Boston, a banda caiu na estrada no antigo ônibus das turnês de Aretha Franklin, com uma lista de músicas que incluía Dave Barry cantando "Gloria", Amy Tan com "Leader of the Pack" e "These Boots are Made for Walkin'", e Steve com "Teen Angel" e "Stand by Me". [120]

Ainda que tivessem tido um gostinho no ano anterior, durante as duas apresentações dos Remainders em Anaheim, uma das primeiras coisas que os escritores/músicos notaram foi o quão diferente a vida de Steve era da deles.

"Não importava onde, não importava a hora, nós éramos parados, sacudidos e molestados só porque Stephen King estava viajando conosco", disse Pearson. "O sujeito não tem um minuto de privacidade na vida, mas ele lida com isso de uma maneira fantástica."

Barry concordou: “Ele é surpreendentemente educado, considerando que algumas vezes as pessoas podem ser bastante invasivas. Eu o ouvi explicando às pessoas que ele não podia dar um autógrafo porque não estava trabalhando aquele dia e, se assinasse um, acabaria tendo de assinar quatrocentos. Alguns entendem, mas outros não. Às vezes você vê gente ficar chateada com ele, como se ele tivesse a obrigação de atender a todos”.

Algumas vezes os fãs recorriam aos outros Remainders para conseguir um autógrafo de King. Depois de um show em um clube na Filadélfia chamado Katmandu, todos correram para o ônibus, para a longa jornada até Atlanta, para a próxima apresentação. Barry ficou por último, e ao chegar havia uma enorme multidão cercando o ônibus, todos segurando livros de Stephen King. Steve já estava no ônibus, e imediatamente as pessoas cercaram Barry e imploraram para que ele trouxesse Steve para autografar os livros.

“Então fiz um pequeno discurso, dizendo que eles haviam acabado de vê-lo tocar por duas horas, que ele estava exausto, que estávamos todos exaustos e tínhamos uma longa viagem de ônibus pela frente, obrigado por terem vindo, mas deixem-no sossegado agora”, disse Barry. “Eles ficaram olhando para mim e balançando a cabeça para tudo o que eu dizia, mas assim que acabei eles recomeçaram a pedir que eu o tirasse do ônibus. Al Kooper disse que, se o ônibus batesse, as manchetes diriam ‘Stephen King e 23 pessoas morreram’.”

Mais tarde naquela noite, a algumas horas de Filadélfia, o ônibus parou em uma área de descanso. “Todos nós saímos para dar uma mijada naquela parada de caminhões, às quatro da madrugada, e quando voltamos, uns quinze minutos depois, havia quatro pessoas em frente ao ônibus segurando exemplares de *A Dança da Morte*”, contou Pearson. “Isso significava que os frentistas haviam chamado seus amigos, acordando-os, e eles pegaram seus exemplares do livro, dirigiram até a parada e estavam lá plantados há dez minutos para pegar um autógrafo de Stephen às quatro da manhã.”

O comportamento de alguns fãs dentro dos clubes e das casas de show não era menos bizarro. Em uma das apresentações, um homem que pensou que iria ver uma banda de verdade acendeu um cigarro imediatamente antes de cair fora, irritado. “Alguém perto dele estava bêbado o bastante para pensar ‘É isso aí’ e acendeu seu isqueiro, e logo nós tínhamos aquele velho momento Bob Dylan”, contou Pearson. “Umas mil pessoas se balançando com seus isqueiros acesos para nossa banda de araque.”

Cinco minutos depois, Pearson olhou para a plateia. “Bem em frente a Steve estava uma atraente mulher de seus 45 anos, de boca aberta em atitude de completa adoração, com as duas mãos para cima como se para recebê-lo em um abraço”, disse Pearson. “E todas as suas dez unhas, obviamente de plástico, estavam pegando fogo.

“Eu gritei para Dave: ‘Nunca quero ser tão famoso assim’.”

Goldmark era a primeira a admitir que a banda nunca seria a mesma sem King, e não era apenas por causa dos piromaníacos doidos. “Ele tornou a banda maior”, disse ela. “Ele a tornou diferente e conquistou para a banda um bocado de notoriedade, atraindo o interesse de muita gente.”

Mas, apesar de sua óbvia visibilidade no palco, Steve via a banda como uma espécie de refúgio. “A vida dele é realmente diferente da de qualquer outra pessoa, mas ele se esforça muito para ser um cara comum, levar a vida, pegar um assento comum no avião em vez de arranjar um lugar melhor”, disse Goldmark. “Senti que isso era realmente importante para ele. Ele ficava junto com o grupo, e isso realmente me impressionou.”

As poucas vezes em que Steve e Tabby tiveram de se afastar da turnê para resolver outros assuntos, ainda que apenas por algumas horas, eles lamentaram. Quando foram a Miami para a convenção da American Booksellers Association, ela e Steve não ficaram no mesmo hotel que a banda. “Olhando para trás, foi um erro”, ela disse. “Quando estávamos na Convenção de Livreiros, Steve não era mais parte da banda, e sim a Figura Pública Stephen King, um escaravelho pré-histórico. Da vagabunda que se atirou sobre a limusine para anunciar que estava apaixonada pela mente dele a comer em um restaurante tão cheio de editores que parecia Nova York, parecia que a turnê nunca tinha ocorrido.”

Como fotógrafa da banda, Tabby também considerou a turnê um bem-vindo intervalo em suas vidas públicas. “Depois do primeiro dia, todos nós esquecemos que ela estava tirando fotos”, disse Goldmark. “Já a conhecíamos da primeira vez, e era muito mais lógico tê-la como fotógrafa do que trazer algum desconhecido com uma câmera. Foi tudo muito mais divertido, como um acampamento de verão esquisito e maravilhoso.”

Quando a turnê acabou, em Miami, todos concordaram em se apresentar pelo menos uma vez por ano na American Booksellers Association.

Insomnia (*Insônia*)[121] foi lançado em abril de 1994. É sobre um viúvo que começa a sofrer de uma aguda falta de sono. Essa privação de sono logo se torna tão extrema que ele acredita estar delirando – no início, claro. Aos

poucos ele se dá conta da verdade, e logo o personagem principal, Ralph Roberts, está travando uma batalha contra demônios sobrenaturais que querem tomar à força a cidade de Derry e seus habitantes. Com 832 páginas, contra as comparativamente anêmicas 331 páginas de *Jogo Perigoso* e as 305 de *Eclipse Total*, parecia que King estava de volta em território familiar.

Mesmo que *Insônia* se encaixasse na categoria dos habituais livros de terror de Steve, ele continuava penetrando novas áreas. Com a publicação de *Insônia*, alguns críticos automaticamente enquadraram *Jogo Perigoso* e *Eclipse Total* como trabalhos experimentais na obra de King, com o argumento de que seu mais recente livro só provava que ele continuava entrincheirado no nicho do terror e permaneceria lá até sua última obra ser publicada. King imediatamente rejeitou essa teoria: “Estou certo de que poderia viver com muito conforto sendo apenas Stephen King pelo resto da minha vida. Mas se tudo se resumisse a apenas isso, então seria preferível nem escrever”.

King amargou frequentes crises de insônia ao longo dos anos. Seu momento “E se?” para o livro veio durante uma série particularmente ruim de noites sem dormir, e escrever a obra só exacerbou essa condição: “Enquanto eu o estava escrevendo, quase não dormi”.

Mas por pouco o livro não viu a luz do dia. Depois de passar quatro meses escrevendo, tendo já 550 páginas, ele subitamente achou que o texto não era publicável.

Há muito tempo Steve tinha a teoria de que, ao escrever, tudo o que fazia era desencavar histórias que já existiam, extraindo-as da terra o mais intactas possível. “Eu realmente acho que as histórias são peças encontradas, e que cada uma basicamente conta a si própria”, disse. “Quando estou trabalhando em algo, eu vejo um livro acabado. De algum modo, a coisa já está ali. Mais do que criando, eu a estou desencavando, da mesma maneira que você faria em uma escavação arqueológica. O truque é tirar a coisa inteira, para poder usá-la, sem quebrar nada. Você sempre quebra algo – o que quero dizer é que a coisa nunca vem inteira – mas, se for realmente cuidadoso e tiver sorte, pode pegar quase tudo.”

Ele acredita nisso tão profundamente que fica irritado sempre que alguém afirma que ele criou suas histórias e personagens do nada. “Na verdade, quando sinto que estou inventando algo, tenho a sensação de estar fazendo um trabalho ruim”, disse. “Mais do que um romancista ou escritor criativo,

me sinto um arqueólogo cavando coisas com muito cuidado, tirando o pó delas e observando suas inscrições.”

Dessa forma, ele sentia como se estivesse inventando *Insônia*. E não estava satisfeito. “Considerando-se parte a parte e capítulo por capítulo, é bom”, disse. “Mas não consegui tirar essa história do chão. Ela quebrou. Às vezes eu acho que posso consertá-la, mas aí lembro que isso não é possível, por causa de alguma coisa na história.”

Ele deixou o texto de lado por algum tempo e, um dia, cerca de um ano depois, o retomou e terminou com uma rapidez febril. Quando o livro foi publicado, ele fez uma turnê promocional cruzando os EUA em sua Harley-Davidson Heritage Softail, parando apenas em livrarias independentes pelo caminho para autografar livros. *Insônia* ficou quatorze semanas na lista de mais vendidos da *Publishers Weekly* e a *Booklist* o classificou de maravilhoso.

Apesar de seu sucesso em quase vinte anos com dezenas de livros publicados, Steve ainda enfrentava bloqueios. “Para mim, muitas vezes o verdadeiro impedimento para começar a trabalhar – chegar à máquina de escrever ou ao computador – se inicia antes de chegar lá.” Com frequência, há dias em que ele não está seguro se conseguirá escrever, isso vindo de um homem obcecado com sua escrita e que já falou em parar inúmeras vezes. “Passo por muitos dias assim. Acho realmente engraçado que as pessoas pensem que, só porque sou Stephen King, isso não acontece comigo.” Normalmente essa hesitação aparece quando ele sabe que precisa escrever uma cena difícil, mas, como acontece com vários outros escritores, assim que senta à mesa e coloca seus dedos no teclado, ele se entranha na história.

Em 8 de maio de 1994, *A Dança da Morte* estreou como uma minissérie em quatro partes na rede ABC.

“*A Dança da Morte* é o projeto mais importante, em termos de filme, que jamais fiz”, disse ele. “Representou um grande esforço e mais trabalho que quaisquer dois ou três romances que escrevi em minha vida.”

Quando Steve se preparou para escrever o roteiro baseado no livro, sua intenção original era um filme para o cinema. Mas, por mais que tentasse, ele não conseguia condensar a história o suficiente, então ele e o diretor George Romero pensaram em fazer dois filmes separados, antes de repassar a tarefa para outro escritor. Só que a ABC propôs a Steve transformá-lo em uma minissérie.

Quando o roteiro foi terminado – a duração da minissérie fora estabelecida em mais de seis horas – Steve rompeu com sua habitual postura de não tomar parte ao vender os direitos de adaptação de seus livros e permaneceu no set de *A Dança da Morte* por quase todos os 125 dias de filmagem, trabalhando como coprodutor-executivo. De maneira alguma ele iria perder isso, afinal de contas era o seu filhote.

"Eu estava basicamente me assegurando de que eles estavam fazendo o que deviam", disse, mas ele ocasionalmente encontrava um erro que dificilmente outra pessoa perceberia. Quando Ray Walston, Gary Sinise e Corin Nemec estavam na varanda de Walston, Nemec, que fazia o papel de Harold, queria ir para Stovington, mas Sinise, no papel de Stu Redman, dizia que isso não era necessário, pois estavam todos mortos.

A fala de Nemec no roteiro era "Vamos apenas dizer que sou Missouri". Depois de três tomadas, King interrompeu os atores e pediu que Nemec repetisse a fala. Nemec mostrou o roteiro, que dizia "sou Missouri", o que parecia ser um erro de impressão.

"Você deve dizer 'Vamos apenas dizer que sou *do* Missouri', como se dissesse 'Prove'", disse King. "Este não era o caso de um ator sendo estúpido, era o caso de um ator com excessiva reverência para com o roteiro; aparentemente, ele não queria mudar nem uma palavra."

Joe, o filho de Steve, que se uniu à equipe como assistente de produção durante um semestre fora da universidade, passou quase despercebido no set. E Steve decidiu fazer uma ponta na minissérie, no papel de Teddy Weizak, que dá uma carona a Nadine e ainda trabalha como policial de fronteira.

"Dessa vez eu tenho um papel que não é o de um completo babaca do interior", disse ele. "Começando com *Creepshow* (1982), eu fiquei meio que marcado. Fiz o papel de um bocado de caipiras imbecis em minha carreira."

Um Sonho de Liberdade apareceu nos cinemas naquele outono e recebeu elogios entusiasmados dos críticos, até mesmo daqueles que antes rebaixavam automaticamente um filme ou livro apenas porque o nome de King vinha junto.

O filme se destacou simplesmente porque muitos espectadores não tinham a menor ideia de que Steve havia escrito a história na qual ele se baseava. Não era segredo que muitos dos filmes baseados em seus contos foram um fracasso. Mas as pessoas que não podiam ser subornadas para entrar em um cinema para ver um filme de Stephen King – ou ler um de seus livros – adoraram o filme e arrastaram seus amigos para vê-lo.

Exemplo: Steve fazia compras em uma mercearia em Sarasota quando uma mulher se aproxima e diz estar muito contente em conhecê-lo, mas que nunca leu seus livros ou viu seus filmes porque não gosta de terror. Ele pergunta do que ela gosta, e ela recita uma lista de filmes que inclui *Um Sonho de Liberdade*.

"Eu escrevi esse", ele disse.

"Não, não escreveu", replicou ela.

"Sim, escrevi."

"Não, não escreveu."

Steve pediu licença para pagar suas compras.

Algo que teve menos repercussão na mídia, mas que foi muito discutido no meio literário de Nova York, foi o surgimento de um conto com o nome de Stephen King na *New Yorker*. "The Man in the Black Suit" ("O Homem de Terno Preto"), publicado na edição de 31 de outubro de 1994, foi a segunda aparição de King na revista. Era um novo jogo, mais literário, que King fazia? Ou será que as delimitações entre alta e baixa literatura estavam tornando-se indistintas?

De tempos em tempos Steve mostrava a seu editor, Chuck Verrill, seus contos, para que este analisasse futuras coletâneas. Verrill achou que algumas das histórias que não lidavam com o sobrenatural podiam ser adequadas à *New Yorker*. Verrill as enviou para Chip McGrath, na época editor de ficção da revista, que disse que preferia uma das histórias típicas de King. Verrill mandou "The Man in the Black Suit", que a revista publicou na edição do Dia das Bruxas. A reação de Steve foi conflitante: "Não quero morder a mão que me alimenta, e estou grato pela visibilidade, mas ainda é um pouco como ser uma prostituta e ser colocada à frente do carro alegórico no Dia Nacional da Prostituta."

Ainda assim, as histórias que se afastavam do conhecido caminho do terror eram muito mais difíceis de escrever para ele. "É como ter de aprender a pensar de novo", disse. "Neste ponto da carreira, escrever em um nível que não seja o sobrenatural é como aprender a falar depois de ter tido um derrame."

STEPHEN KING

CAPÍTULO XI

JOVEM OUTRA VEZ

O ano de 1995 foi marcado pela rápida sucessão de lançamentos de filmes baseados em romances e contos de King. Tanto *Mangler, o Grito de Terror* como *Eclipse Total* chegaram à tela grande em março, enquanto *Fenda no Tempo*, uma adaptação de " Os Langoliers", surgiu como um filme feito para a TV dois meses depois. *Rose Madder*,[122] o único romance de Steve publicado naquele ano, veio em julho. Era a história de uma mulher vítima de abusos que foge do marido violento, em busca de uma nova vida, e que, graças a uma pintura misteriosa obtida em uma loja de penhores em troca de sua aliança, descobre seu poder. Obviamente, um crítico da *Entertainment Weekly* não concordou com a nova direção de King e detonou o livro, atribuindo-lhe um C– e perguntando "Quando Stephen King deixou de ser assustador?"

Seguiram-se naquele ano reedições de romances anteriores, audiolivros e a publicação de contos e artigos em jornais e revistas. Talvez a maior surpresa tenha sido quando o conto de Steve "O Homem de Terno Preto", publicado na *New Yorker*, ganhou o primeiro lugar do Prêmio O. Henry.[123] Ele entraria na antologia que acompanhava a premiação, *Prize Stories 1996: The O. Henry Awards*. Sim, era *aquele* Stephen King. Ele formulou a hipótese de que a única razão pela qual ganhara era que os contos eram apresentados ao júri sem o nome dos autores. "Há uma postura de que qualquer um que alcance uma audiência ampla e popular está fazendo porcaria", disse ele. "Você tem esses dois lugares: alta literatura e ficção

popular. No meio está esse enorme rio de mal-entendidos. Há muitas pessoas que estão dedicadas a manter a sede do clube branca."

Ainda que tivesse ficado agradavelmente surpreso com o fato de ter vencido, até ele duvidava do prêmio. "Eu me sentia um impostor, como se alguém tivesse cometido um erro."

Nesse meio-tempo, os filhos de Steve e Tabby estavam começando a fazer suas incursões no mundo da escrita. Durante o ano escolar de 1994–95, Joe estava no seu último ano na Faculdade Vassar quando Owen entrou como calouro. Joe passava a maior parte do tempo livre escrevendo contos e romances, e já tinha começado a enviar trabalhos para revistas literárias, bem como a solicitar bolsas de estudo. Seu primeiro conto publicado, "The Lady Rests", apareceu em uma obscura publicação chamada *Palace Corbie 7*, dois anos depois de sua formatura, sob o nome Joe Hill. Ele ainda obteria vários prêmios, incluindo uma Bolsa de Estudos Bradbury e o Prêmio Mundial de Fantasia por Melhor Novela.

Para Joe, a influência de seus primeiros passos, crescendo como o filho de um romancista internacionalmente conhecido, calou fundo. "Quando éramos crianças, falávamos de livros e escritores à mesa", contou. "Parecia perfeitamente natural para mim passar os dias em um escritório inventando histórias. Era tão normal como se eu viesse de uma família que tinha uma pizzaria e papai e mamãe mexessem na massa todos os dias."

Seu irmão, Owen, também estava desenvolvendo seus dotes de escritor. Ainda que sonhasse com uma carreira de jogador profissional de beisebol, seus verdadeiros talentos estavam em outra parte, e ele teve seus primeiros vislumbres de uma carreira como escritor ainda no ensino médio. "Nunca tive muitas habilidades além de trabalho braçal e escrever, então decidi dar uma chance à escrita primeiro", disse ele. "Este é o negócio da família, em torno do qual cresci, então acho que ninguém ficou muito surpreso."

Enquanto Owen admite prontamente ter vindo de um ambiente privilegiado, ele diz que sua educação o manteve com os pés no chão: "Adoro Bangor, sempre será meu lar. Crescer lá e frequentar a escola pública são coisas que tenho em alta conta. Não evitaram que eu tivesse contato com gente de verdade. Cresci com pais que eram célebres e muito ricos, e ainda assim eles eram tratados como parte da comunidade".

Já Naomi, depois de frequentar algumas universidades, como a de Southern Maine em Portland, no Maine, e a Faculdade Reed em Portland, no estado de Oregon, abriu um restaurante, em julho de 1994, na Free Street,

também em Portland. Sua sócia no bistrô de 24 mesas era Patty Wood, e elas batizaram o restaurante de Tabitha Jean's, uma combinação dos primeiros nomes de suas mães. Wood, uma *chef* experiente, ficava encarregada da cozinha; e Naomi, do salão. Elas descreviam o menu como cozinha norte-americana eclética, com especialidades como entradas grelhadas, frutos do mar e pratos vegetarianos, com uma extensa carta de 150 vinhos diferentes. Seu público-alvo era a comunidade gay e lésbica, ainda que Naomi assegurasse que o restaurante também atraía um número significativo de fregueses héteros.

A maneira como Naomi foi criada transparecia no fato de ela garantir que famosos jantassem de forma totalmente anônima em seu estabelecimento. Nisso ela compartilhava do desdém de sua mãe pela atenção indesejada que seu pai atraía onde quer que fosse. A política oficial era que a equipe alegasse completa ignorância quando perguntada pela mídia sobre os famosos que frequentavam o restaurante.

"As várias celebridades que conheci querem ir a lugares onde elas possam ficar anônimas, e onde a equipe de garçons as proteja de caçadores de autógrafos", assegurou ela, citando sua própria experiência para instituir essa política, ainda que Portland nunca tenha sido conhecida como um celeiro de celebridades. "Eu não tenho a capacidade de ser uma cidadã privada como todos os demais", disse ela, acrescentando que, se pudesse escolher, teria optado por um pai que não fosse famoso. "Acho que qualquer um que passasse por isso preferiria ter sua privacidade."

Assim como sua filha, Tabby sentia que precisava expandir seus horizontes para além de Bangor. Ela estava trabalhando em *Survivor,* seu sétimo romance, e pela primeira vez em dezesseis anos escrevia sobre outro lugar que não fosse Nodd's Ridge: uma cidade universitária no Maine chamada Peltry. "Achei que precisava tirar umas longas férias de Nodd's Ridge", explicou. "Há algumas questões não resolvidas que ainda precisam ser tratadas lá, mas por enquanto é em Peltry que tenho alguns serviços urgentes para fazer."

A ideia para o romance surgiu quando ela estava visitando Owen e Joe na Faculdade Vassar. Ela estava dirigindo pelo campus e, de repente, um estudante atravessou na frente de seu carro. Ela parou a tempo, mas, passado o choque, a imagem permaneceu em sua mente e, antes que percebesse, estava trabalhando em um novo livro. Suas opiniões sobre o casamento aparecem de forma bastante explícita na história de uma mulher chamada

Kissy Mellors, que evita atropelar duas estudantes universitárias com seu carro apenas para ver um motorista bêbado atrás dela acertar as garotas, matando uma delas. O romance explora as consequências disso na vida de Kissy e daqueles que conheciam as garotas.

Assim como seu marido, ela tende a reescrever os primeiros rascunhos. “Eu raramente escrevo um texto com menos de mil páginas, depois corto, corto e corto. Eu gosto de romances grandões. Acho que os leitores também gostam. Só os editores que ficam resmungando, preocupando-se com os custos de produção. Acho muito ruim que haja tanta ênfase em histórias enxutas, porque a vida das pessoas não é assim.”

Também como Steve, ela escreve por três ou quatro horas por dia, apesar de seu estilo de trabalho ser diferente. “Steve reescreve o livro inteiro, mas eu faço uma página de cada vez, por isso minhas revisões após terminado o primeiro rascunho são, normalmente, pequenos toques.”

Quando seu editor pediu que ela alterasse o final de *Survivor,* ela discordou, afirmando que o texto original estava mais de acordo com o que acontece na vida real. Stephen se envolveu e tomou partido do editor – era óbvio que faria isso, ele prefere finais felizes –, então Tabby mudou o final.

Survivor seria publicado em março de 1997.

Em 1996, Steve começou a trabalhar em seu primeiro livro de não ficção em dezoito anos, desde *Dança Macabra*. Ele pensou que o livro proposto, *On Writing*,[124] lhe permitiria não mais responder às mesmas velhas perguntas que seus fãs continuavam fazendo passados mais de vinte anos desde a publicação de *Carrie, a Estranha*. A mais ofensiva delas – “De onde você tira suas ideias?” – ainda provocava um suspiro. Em meio ao projeto, no entanto, ele se distraiu com uma ideia para um romance e deixou *On Writing* de lado. Quando o retomou, alguns anos depois, o livro acabou ficando bastante diferente do que ele havia imaginado inicialmente.

Em meados dos anos 1990, King e sua família viviam uma fase dourada. Seus filhos estavam construindo suas próprias vidas, Steve estava sóbrio há quase uma década, e sua obra estava atingindo o ponto ideal, agradando aos fãs e, de maneira surpreendente, conquistando críticos que antes olhavam seus livros com desprezo. Ele decidira então experimentar com as raízes literárias de sua juventude: ficção em série. Entre março e agosto de 1996, um livro em seis partes, *The Green Mile* (*À Espera de um Milagre*),[125] foi publicado, uma parte a cada mês, sempre em edições de bolso da Signet. Como era de se esperar, todos os livros entraram na lista dos mais vendidos.

De certa forma, era uma estratégia voltada para os fãs que espiavam o final do livro, para saber como acabava, bem como uma homenagem a sua mãe. Quando era garoto, Steve vira como Ruth às vezes abria a última página, para saber qual era o final da história. Com um romance em série, o final só seria publicado dentro de seis meses. Ao mesmo tempo, o projeto era um desafio para si próprio.

"Eu escrevia como um louco, tentando acompanhar o insano cronograma de publicação, de modo que cada parte tivesse seu miniclímax, esperando que tudo se ajustasse, e sabendo que eu seria trucidado se não conseguisse", disse ele. "Havia menos margem para erros, tinha de sair certo na primeira. Eu quero continuar perigoso, e isso significa assumir riscos."

O que tornava a situação mais complicada era que ele não tinha a menor ideia de como a história terminaria, e ele ainda estava escrevendo o último volume quando os dois primeiros foram lançados. Ele incrementou sua apresentação na corda bamba quando, na contracapa do terceiro volume de *À Espera de um Milagre*, anunciaram a publicação, em 1997, do quarto livro da série *A Torre Negra*. Seus fãs ficaram em estado de alerta.

Quando o último volume de *À Espera de um Milagre* foi publicado, em agosto de 1996, todos os seis livros da série entraram na lista de mais vendidos do *New York Times* ao mesmo tempo, provocando uma gritaria no jornal. A partir desse incidente, um livro só poderia aparecer em uma posição na lista, independentemente do número de volumes na série.

King continuou interessado em ficção em série depois de *À Espera de um Milagre* ser lançado, mas de um novo jeito. Dois romances se seguiriam naquele outono: *The Regulators* (*Os Justiceiros*),[126] um livro de Richard Bachman, com pouco menos de quinhentas páginas, e *Desperation* (*Desespero*),[127] com 704 páginas. Ele anunciou os dois como romances associados e insistiu que ambos fossem lançados no mesmo dia: 1o de outubro de 1996. Com os livros da série *À Espera de um Milagre* ainda vendendo bem, King tinha o assombroso número de oito livros diferentes nas listas de mais vendidos ao mesmo tempo, um recorde difícil de ser superado, por ele ou por qualquer outro. Em algumas listas que incluíam a publicação da edição de bolso de *Rose Madder*, ele ocupava nove posições.

King descrevia seus dois novos romances como o equivalente de reflexos em espelhos distorcidos: "Os mesmos personagens povoam os dois livros, mas eles foram sacudidos, virados do avesso, ficaram de ponta-cabeça.

Pense em um grupo de atores apresentando *Rei Lear* em uma noite e *Nunca Fui Santa* na outra."

A ideia para *Desespero* veio de uma viagem, quando Steve estava levando o carro de Naomi do Oregon para o Maine. Em Ruth, Nevada, uma pequena cidade que parecia totalmente deserta, o único sinal de vida era um policial corpulento andando em direção a seu carro parado na rua. De repente, King pensou: "Já sei onde todos estão, aquele guarda matou todos". Ele então escreveu uma história passada em uma cidade chamada Desolation (Desolação, em tradução literal), no deserto de Nevada, com uma população de uma pessoa: o delegado Collie Entragian, que tem um objetivo especial em mente ao arrebanhar motoristas azarados o bastante para atravessar a cidade.

Os Justiceiros teve um tempo mais longo de gestação. No início dos anos 1980, Steve estava trabalhando em um roteiro chamado *The Shotgunners*. Em 1984, Kirby McCauley arranjara um encontro entre Steve e Sam Peckinpah, um cineasta que tinha no currículo os filmes *Meu Ódio Será Sua Herança* (1969), *Os Implacáveis* (1972) e *Comboio* (1978). Peckinpah estava caçando uma ideia para um novo filme, e Steve tinha *The Shotgunners*.

Peckinpah gostou do que viu e deu a Steve algumas ideias para ajustes, já que se tratava basicamente do primeiro rascunho do roteiro, mas Sam morreu de derrame em dezembro de 1984, antes que qualquer coisa fosse fechada. Steve deixou o roteiro de lado até começar a trabalhar em *Desespero*, quando pensou que algumas ideias das duas histórias poderiam funcionar bem em conjunto, em um livro associado.

Alguns leitores se sentiram ofendidos com o fato de Deus ser mencionado abertamente em *Desespero*, especialmente por meio do personagem David Carver, um menino cuja fé e convicção fervorosa o ajudam a liderar os demais.

"A ideia de usar Deus como personagem em *Desespero* foi o motor que moveu o livro", disse Steve. "Ainda que eu não me veja como o estenógrafo de Deus, Ele sempre esteve em meus livros. Isso depende das pessoas sobre quem estou escrevendo." De certa forma, Steve apenas decidiu dar uma pausa na maldade presente na maior parte de seus livros. "Então pensei, e se eu tratasse Deus e o equipamento de Deus com tanta convicção, reverência e detalhe como tratei o mal? Algumas pessoas dizem que consideram as coisas

de Deus entediantes, mas essas pessoas nunca tiveram problemas com vampiros, demônios, *golens* e lobisomens."

Ele ainda mantinha as crenças religiosas da infância: "Sempre acreditei em Deus. Eu também penso que você já vem equipado com a capacidade de acreditar ou, em algum ponto da sua vida, quando se está em uma posição em que realmente precisa de ajuda de um poder maior, você faz um acordo para acreditar em Deus porque isso vai tornar a vida mais fácil e mais rica do que não acreditar. Então eu escolho acreditar".

Devido às demandas e desafios de lançar dois livros no mesmo dia, com uma tiragem combinada de mais de três milhões de exemplares, a Viking implorou a King para publicar os dois livros em separado, mas Steve insistiu no lançamento simultâneo. No fim, a Viking publicou *Desespero*, e a Dutton, outra editora sob o guarda-chuva da Penguin, *Os Justiceiros*. Para complicar mais as coisas, a Dutton estava encarregada de lançar a edição limitada de *Os Justiceiros*, enquanto a editora de Donald M. Grant ficaria com a edição limitada de *Desespero*. Nenhuma editora achou que poderia administrar o lançamento de duas edições limitadas ao mesmo tempo.

Um problema surgiu quando se estava produzindo a edição limitada de *Os Justiceiros*. Quando chegou a hora de Steve assinar as páginas do livro, ele se recusou, como lembra o diretor de produção, Peter Schneider. "Como posso assinar esses livros?", perguntou Steve. "*Os Justiceiros* foi escrito por Richard Bachman, e, como vocês sabem, Bachman está morto. Eu disse que vocês podiam fazer uma edição limitada – eu nunca falei nada sobre assiná-la."

Schneider contatou Joe Stefko, o designer encarregado da edição limitada, e este se lembrou de que outra editora pequena tivera o mesmo problema com uma edição limitada de um livro de Philip K. Dick, que morrera alguns anos antes. "Eles compraram cheques cancelados da viúva de Dick, cortaram a assinatura e usaram no livro", contou Schneider. No prolongamento da história da vida do fictício Richard Bachman, sua viúva havia descoberto alguns originais inéditos depois da morte de seu marido. "E se ela também tivesse achado alguns cheques cancelados?", imaginou Schneider.

No fim das contas, cada um dos exemplares numerados e assinados da edição limitada de *Os Justiceiros* tinha um cheque cancelado assinado por Richard Bachman – com a letra de Stephen King – incluído na primeira página. A piada é que cada cheque não apenas tinha um número diferente, de um a mil, mas cada um havia sido passado para um personagem ou empresa

mencionados em algum romance antigo de King, ou para algum estabelecimento conhecido do passado de King, com a respectiva observação no canhoto. Por exemplo, o cheque número 306, no valor de doze dólares, fora feito no nome de Annie Wilkes; o canhoto dizia “machado e maçarico”. O de número 377 era para a *Cavalier*, no valor de oito dólares, por um número da revista com a história “O Gato dos Infernos”.

Depois de ter oito livros lançados em um ano, compreensivelmente Steve precisava de uma pausa. Realmente, 1997 e 1998 seriam relativamente calmos em comparação, com apenas um livro aparecendo em cada ano: o quarto volume de *A Torre Negra*, *Wizard and Glass* (*Mago e Vidro*),[128] seria lançado em novembro de 1997, e *Bag of Bones* (*Saco de Ossos*),[129] em setembro de 1998. Também em novembro de 1997, ele ganharia o Prêmio Bram Stoker de Melhor Romance, da Associação dos Escritores de Horror, pela série *À Espera de um Milagre*.

No que talvez tenha sido a grande revolução daquele período, com seu último compromisso com a Viking cumprido, King decidiu ir ao mercado em busca de outra editora. A Viking havia ficado sob o guarda-chuva da Penguin quando esta comprou a New American Library, o que significava que ele e Tom Clancy passaram a compartilhar a editora. Clancy estava na Putnam desde 1986, quando esta publicou a edição de bolso de seu segundo romance, *A Caçada ao Outubro Vermelho*,[130] e Steve achava que o marketing da empresa para seus livros era bem menos agressivo qua as campanhas da Putnam para Clancy. Além disso, eles classificavam Clancy como *mainstream*, enquanto King ainda era enquadrado no gênero horror, apesar de seus recentes esforços para diversificar.

Mas talvez o principal motivo para que Steve quisesse mudar foi que, depois de um relacionamento de quase duas décadas, ele e sua editora haviam se tornado condescendentes um com o outro. Ele se sentia fatigado. Nem ao menos deu à Viking a chance de propor uma nova estratégia; só queria cair fora.

No entanto, ele cometeu uma séria gafe na busca por outra editora, em grande parte porque o drama se desenrolou em público. Durante anos, Steve sustentou que o dinheiro não importava, que tudo o que queria era escrever seus livros, mas, exatamente por causa disso, seu movimento seguinte não caiu bem. Ele talvez estivesse blefando, ou então queria tanto largar a Viking que fez uma exigência tão absurda como adiantamento por seu próximo livro que sabia que a editora nunca aceitaria. Ele pediu extraordinários dezoito

milhões de dólares por *Saco de Ossos,* o que nem era tão absurdo assim tendo em vista que seu preço anterior por livro era de quinze milhões de dólares. Um número muito comentado na indústria editorial é que 90% dos livros publicados com um adiantamento tradicional e acordo de royalties nunca vendem exemplares suficientes ou direitos acessórios para recuperar o valor, e King não era exceção. No entanto, quando a Viking negou, ele adotou uma estratégia diametralmente oposta na busca por sua próxima editora.

Depois de quase 25 anos loucamente bem-sucedidos no reino do best-seller, ele não precisava do dinheiro. Então ele atirou outra ideia insana para a rodada seguinte de editoras, propondo um pagamento direto de meros dois milhões de dólares para cada um dos três livros. King bancaria metade dos custos de produção, e os lucros seriam divididos meio a meio. Susan Moldow, responsável pela Scribner, parte da Simon & Schuster, concordou com essa proposta nada ortodoxa, e eles colocaram mãos à obra. O antigo editor de Steve, Chuck Verrill, seguiu-o na nova empresa.

O acordo financeiro não foi a única coisa incomum no novo contrato. O primeiro livro, *Saco de Ossos*, também representava uma grande mudança. Era a história de um viúvo, escritor de best-sellers, que sofria de bloqueio criativo havia três anos, desde a morte de sua esposa. Foi anunciado pela nova editora de King como sendo tanto uma história de amor como um texto sobre literatura, um novo rumo para ele, ainda que ele parecesse estar em sua forma típica quando exclamou com júbilo: “Adorei isso, matar um personagem de destaque logo no início!”

Quando começou a escrever o livro, ele tinha em mente um romance gótico, tanto dentro do escopo de sua narrativa como da maneira pela qual ele tradicionalmente definia a expressão: “É um romance sobre segredos, sobre coisas que foram enterradas e permanecem quietas por algum tempo até que, como um cadáver, começam a cheirar mal”.

Ele citou um clássico gótico como sua inspiração para o livro: *Rebecca*, de Daphne du Maurier, a história de uma mulher que casa com um homem atormentado pela memória de sua outra esposa, já morta.[131] Um aspecto do romance representava uma verdadeira mudança para King, mas ele achou que era a única maneira de a história funcionar: “Há um narrador, uma voz em primeira pessoa, algo que não usara muito em minhas obras de ficção longas”.

Como sempre fazia quando o personagem principal era um escritor, Steve deu uma declaração para o caso de alguns leitores acharem que o texto era autobiográfico: “Mike provavelmente é o mais perto que vocês vão chegar de mim, ainda que eu tenha tomado cuidado para me distanciar dele. Ele não faz tanto sucesso como eu, não tem filhos, sua esposa morreu, e ele está com um bloqueio criativo. Mas nossa opinião sobre o que é a escrita e como funciona o processo de escrever é muito semelhante”.

A sobrecapa do livro exaltava o autor, lembrando seu recente Prêmio O. Henry. A rede CNN chamou o livro de “uma clássica história de fantasmas”, e com a precisão de um relógio ele entrou na lista dos mais vendidos do *New York Times* na primeira semana após o lançamento, lá ficando por uma semana.

Enquanto fazia turnês promocionais para *Saco de Ossos*, Steve continuava falando sobre se aposentar, ou pelo menos dar um tempo. Mas mal as palavras saíam de sua boca ele se dava conta de que as chances de isso acontecer eram pequenas: “Sabe quando você está na estrada em um dia quente, e parece haver água no horizonte? Esse é o meu ano de folga, bem ali! Todas as vezes em que chego lá, ele está um pouco mais longe”.

Os filhos de Steve e Tabby haviam crescido, deixado a casa e construído seus próprios caminhos. Joe e Owen estavam a toda atrás de suas carreiras como escritores, mas Naomi passou por uma operação séria em 1997. Ela ainda estava à frente do restaurante, só que os negócios não iam tão bem como ela e sua parceira haviam imaginado, e estava ruminando sobre seu caminho na vida quando foi atingida por um motorista bêbado e jogada para fora da estrada.

O outro motorista nunca foi encontrado. Segundo uma testemunha, o carro não tinha placa. Naomi ficou seriamente ferida, sofrendo uma nova fratura em uma antiga lesão na espinha. O acidente foi um choque para ela.

“Minha primeira reação foi rezar com muita força para sobreviver”, disse ela. “Depois é que vieram as reações de raiva, medo e mágoa, porque foram perdas significativas e não havia como compensá-las.” Ela contou que, durante anos depois do acidente, ficava extremamente nervosa cada vez que se encontrava em uma situação em que havia carros vindo pela sua direita. “Eu tinha uma escolha a fazer: reabrir meu coração, que estava marcado por raiva, medo e mágoa, ou viver confinada em uma gaiola espiritual e emocional.”

Ela participava ativamente da Primeira Igreja Universalista de Yarmouth, perto de Portland, e antes mesmo que desse entrada no hospital cerca de uma centena de paroquianos se reuniram para rezar por ela. Mais tarde ela disse que sua experiência espiritual mais memorável foi aquela reza por sua cura. “Não há palavras para descrevê-la”, afirmou. “Seu pulso se funde com uma sensação de unidade. Você pode sentir o coração do mundo batendo.”

Alguns dias depois de sua operação, aquele mesmo grupo de paroquianos disse ter tido visões de que ela ia ao seminário para se tornar ministra da igreja. Ela também sonhou com isso.

“Eu ficava sonhando com um armário cheio de vestidos, paramentos e trajes clericais”, contou ela, “mas todos sabiam que nenhuma garota gay seria capaz de fazer isso.”

Uma das consequências de um longo processo de recuperação foi que Naomi decidiu fechar o Tabitha Jean’s, seu restaurante em Portland. Suas prioridades estavam mudando. Ela estava começando a dar atenção ao chamado que ouvira para ir ao seminário e se tornar uma ministra Unitária/Universalista, mas é claro que o fato de os negócios não irem bem ajudou a fortalecer sua decisão. Ainda que o restaurante fosse bem no horário de almoço, no jantar nunca houve a multidão que ela esperava.

Seguindo os passos filantrópicos de seu pai, Naomi doou todo o equipamento do restaurante para organizações de caridade locais, como a Preble Street Mission, um abrigo para moradores de rua em Portland que também distribuía comida; a East End Family Workshop, uma creche local; e a Primeira Igreja Universalista de Yarmouth, que ela frequentava.

Steve também estava começando a ser afetado por problemas de saúde. Ele sempre havia usado óculos fundo de garrafa para sua miopia aguda, e sua vista ainda estava piorando. Em 1997, ele foi diagnosticado com degeneração macular, com cegueira total sendo um dos resultados possíveis. No ano seguinte, ele sofreu um descolamento de retina. Sua visão central – o que ele vê à frente – se deteriorou, mas não a periférica. Ele não pareceu se perturbar com isso.

“Essa é a parte que quero manter, como homem e como escritor, o que vejo com o canto do olho”, disse.

Tabby também teve seu lote de problemas de saúde. Ela não apenas perdeu quase todo o olfato como ficou diabética. E alguns anos antes ela passou por uma cirurgia da qual, segundo Rick Hautala, “os médicos saíram com um rim, ou parte dele, em um balde”.

Não era segredo que Steve nunca gostou da versão de Stanley Kubrick para *O Iluminado*, e ele sempre imaginou como ficaria uma refilmagem. Sua chance finalmente apareceu em abril de 1997, quando Mick Garris dirigiu uma minissérie em três capítulos que foi exibida pela rede ABC.

Ao longo dos anos, Kubrick ficara chateado com as ininterruptas críticas de Steve ao seu filme de 1980. A ABC ficara satisfeita com *A Dança da Morte*, então convidou Steve para trabalhar em mais uma minissérie para a rede. Ele respondeu que gostaria de retrabalhar *O Iluminado* em uma minissérie e que, dessa vez, queria fazer o roteiro. Para a refilmagem, um acordo inusitado em Hollywood foi fechado pelas três partes, Steve, Kubrick e a Warner Brothers, que produzira o primeiro filme: a minissérie só seria feita se Steve parasse de criticar a versão de Kubrick. Ele concordou, o departamento de padrões e práticas deu luz verde ao roteiro, e a produção começou.

Dessa vez, ele queria ver quão longe conseguiria ir, já que a rede estava obviamente satisfeita com a maneira como ele havia feito *A Dança da Morte*, apesar de algumas cenas questionáveis. “Eu queria forçar os limites, e havia trabalhado tanto com eles que me sentia confiante o bastante de que me deixariam fazer isso”, disse. Ele pressentia que os censores sabiam que estavam trabalhando em um amplo território de incertezas, então Steve tentou se manter longe das cenas que já sabia que seriam cortadas.

“Tivemos uma série de problemas com a rede em termos de violência entre o homem e sua esposa”, disse King. “A hora final é lancinante. Ele a está perseguindo, ela tenta proteger o garoto, e ele tem uma marreta com a qual bate nela, e bate, e bate. No filme ele é atingido uma vez, mas ela não.”

Ironicamente, o horror passou de maneira notável, mas houve um impasse quando Wendy Torrance diz ao marido para enfiar seu emprego no cu. Os censores se recusaram a ceder, então Steve mudou a fala para “Pegue esse emprego e enfie!” Já a ameaça à vida de Danny passou pela caneta vermelha dos censores. Quando a minissérie foi ao ar, a ABC recebeu diversas queixas sobre as lancinantes cenas em que Jack perseguia seu filho, praticamente sem parar. Depois disso, os censores das três redes de TV norte-americanas concordaram que, dali em diante, em programas exibidos antes das nove da noite, eles iriam extirpar quaisquer cenas ou situações em que crianças fossem colocadas em perigo físico ou emocional.

Em 1º de dezembro de 1997, Michael Carneal, de catorze anos, aluno do primeiro ano do ensino médio da Heath High School, em West Paducah, Kentucky, atirou e matou três estudantes durante um encontro de oração da escola, ferindo outros cinco. Carneal tinha uma cópia de *Fúria*, o primeiro romance de Richard Bachman, em seu armário na escola.

Barry Loukaitis, pouco antes de fazer quinze anos, matou dois colegas e sua professora de Álgebra no dia 2 de fevereiro de 1996, na Frontier Junior High, em Moses Lake, Washington. Depois de matar a professora, Leona Caires, de 51 anos, ouviram Loukaitis citar uma frase de *Fúria*: "Isso certamente bate álgebra, né?"

Na esteira dos tiroteios, e depois do massacre na Columbine High School, em abril de 1999, no qual treze pessoas foram assassinadas e 23 ficaram feridas, King tomou uma importante decisão. "Simpatizo com todos os perdedores do mundo e, de certa forma, compreendo a fúria hormonal cega e o pânico animal que se instala quando a pessoa percebe que suas opções de escolha se estreitam cada vez mais, até que a violência parece ser a única resposta possível para a dor", disse ele. "E ainda que eu sinta pena dos atiradores de Columbine, se estivesse em posição de fazer isso, acho que eu mesmo os teria matado, da maneira que se sacrifica um animal que não consegue parar de atacar."

O FBI pediu que King ajudasse a estabelecer um perfil computadorizado para identificar adolescentes com tendências semelhantes. Ele não aceitou, mas teve consciência de que já bastava.

"Escrevi vários livros sobre adolescentes que são compelidos a atos violentos", disse. "Mas *Fúria* é quase um diagrama mostrando 'É assim que pode ser feito'. E quando isso começou a acontecer, decidi: 'Para mim chega, esse livro está fora do mercado'."

Ele avisou a New American Library, a editora dos primeiros romances de Bachman, que declarasse o livro fora de catálogo.

Durante a tempestade de gelo da Nova Inglaterra de 1998, que fez árvores desabarem e derrubou a energia elétrica na região por mais de duas semanas, a opinião de Steve e Tabby sobre os invernos no Maine começou a mudar. Ele estava andando com um dos cachorros para pegar a correspondência, com passos cuidadosos por causa do chão escorregadio, quando um pedaço de gelo caiu da caixa de correio, quase pegando o cachorro. "Foi quando nos perguntamos 'Por que continuamos aqui no inverno?'" A única resposta que encontraram foi: "Porque sempre fizemos isso". Então eles decidiram

começar a passar os meses de inverno perto de Sarasota, na Flórida. “A primeira coisa que faço de manhã é ligar a TV e ver como eles estão sendo castigados lá no Norte”, disse.

Ele e Tabby normalmente faziam a peregrinação anual, ida e volta, de carro. O medo de voar de Steve estava forte como sempre, apesar de ele fazer piada com o assunto. “Não tem acostamento lá em cima. Se parar, já era, pode esquecer”, disse ele, acrescentando que prefere voar na executiva, não somente por causa do serviço e das comodidades, mas porque “se houver um acidente, quero ser o primeiro a chegar. Por outro lado, se você fica na última fileira, pelo menos não vai ficar agonizando na ala dos queimados.”

Uma vez ele estava em um jatinho e comentou que não se importaria de voar se pudesse ficar apagado durante todo o voo, porém sem ter de recorrer às drogas e à bebida que ele tinha lutado tanto para abandonar uma década antes. Um dos pilotos disse que poderia fazer isso reduzindo o oxigênio na cabine de passageiros. Steve se animou e pediu que fizessem isso, mas eles se recusaram.

Ele passou por um susto terrível quando estava voando em um Learjet e o avião entrou em uma turbulência de ar limpo. “Foi como atingir um muro no céu”, contou ele. “As máscaras de oxigênio caíram, e pensei que íamos todos morrer. Você não quer ver uma máscara de oxigênio, exceto no filme no início do voo.” A turbulência foi tão forte que sua poltrona foi arrancada do chão e ele aterrissou deitado de lado, ainda preso ao assento pelo cinto de segurança.

Levou algum tempo para que voltasse a entrar em um avião.

Mais velho e sábio, Steve estava começando a ficar mais otimista não apenas sobre sua posição no cânone da ficção popular, mas sobre a realidade do mercado editorial. Ele admitia que sua decisão de não se ater exclusivamente a escrever histórias de terror havia afastado alguns leitores. “Ao longo dos anos, perdi leitores”, disse ele. “Afinal, não estou exatamente oferecendo o mesmo nível de escapismo proporcionado por *A Hora do Vampiro* ou *O Iluminado*. As pessoas me dizem que eu nunca escrevi um livro tão bom quanto *A Dança da Morte*, e respondo que é muito deprimente ouvir que algo que você escreveu há 28 anos é o seu melhor livro.”

Não importava o tema ou a abordagem assumida em um novo romance, o processo era sempre o mesmo. “Assim que o verdadeiro processo de criação começa, escrever é como uma versão em alta velocidade daqueles livrinhos

‘Você pode fazer milhares de rostos’ que eu tinha quando era criança, em que se misturam as coisas”, contou. “Você pode colocar seis ou sete olhos diferentes com narizes diferentes, exceto que em um romance não há apenas milhares de rostos, há literalmente bilhões de diferentes eventos, personalidades e coisas que você pode misturar.”

Mesmo que alguns dos leitores que estavam com ele desde o início estivessem caindo fora com seu novo estilo de livros, ele estava prestes a embarcar em um projeto que traria milhões de novos fãs ao rebanho, todos dizendo – assim como aconteceu quando os filmes *Conta Comigo* e *Um Sonho de Liberdade* foram lançados – “Eu não sabia que Stephen King tinha escrito isso!”

Começara a produção de *À Espera de um Milagre*, com Frank Darabont responsável pela direção e pelo roteiro. Steve visitou o set algumas vezes e disse que Tom Hanks ficou dentro do personagem o tempo todo em que permaneceu lá: “Ele me colocou na cadeira, apertou as correias, colocou o capacete na minha cabeça e o ajustou. Eu disse: ‘Ok, entendi a coisa, agora tire-me daqui’”, contou Steve. Depois ele pediu que Hanks trocasse de lugar com ele. Hanks se recusou, dizendo a King que, como estava encarregado daquela ala, ele *nunca* poderia sentar na cadeira.

Steve continuou a expandir sua atuação na TV. Em vez de adaptar seus romances e contos para minisséries, ele foi convidado a escrever um episódio para a quinta temporada de *Arquivo X*, que foi exibido nos EUA em 8 de fevereiro de 1998. Ele havia participado do programa de perguntas e respostas *Celebrity Jeopardy!*, com os atores David Duchovny e Lynn Redgrave, em novembro de 1995, e Steve venceu, doando seu prêmio de 11.400 dólares para a Biblioteca Pública de Bangor. Depois do programa, Duchovny, que fazia o papel de Fox Mulder em *Arquivo X*, propôs que Steve escrevesse um episódio. Ele voltou a Bangor, assistiu a alguns episódios e daí começou a conversar com Chris Carter, o criador da série.

O episódio, intitulado “ Bunghoney”, era Stephen King clássico. Gillian Anderson, no papel de Dana Scully, tira um raro fim de semana de folga em uma cidade no Maine, mas ao chegar lá descobre que vários moradores arrancaram seus olhos. Ela oferece ajuda à polícia local e encontra na origem dos incidentes uma mãe solteira com uma filha supostamente autista, cuja boneca predileta, chamada Chinga, parece estar possuída, o que provocara a ira da população. Segundo King, Carter editou radicalmente seu roteiro

original, que girava em torno do tema do governo que persegue uma garotinha.

Só que Carter queria que King se concentrasse em Chinga, então Steve reescreveu o roteiro. Carter também não ficou satisfeito com a revisão e, em vez devolver o texto a Steve para mais uma tentativa, preferiu reescrever o roteiro ele mesmo. O episódio que finalmente foi ao ar tinha pouca semelhança com a ideia inicial de Steve.[132]

Ainda que Steve, durante anos, tivesse sonhado em encontrar seu pai – ou pelo menos em descobrir o que acontecera com ele –, ele nunca realmente procurou fazê-lo, talvez por medo do que pudesse desencavar.

Um dia, no fim dos anos 1990, alguém fez o trabalho para ele.

Uma equipe da rede de televisão CBS estava trabalhando em um documentário sobre Steve e entrevistou seu irmão, David King. O assunto do pai veio à tona, e, apesar de ambos os irmãos normalmente deixarem essa pergunta de lado, dessa vez David deu aos produtores o número da Previdência de Donald King.[133] Depois de um pouco de pesquisa, a equipe descobriu o que havia acontecido. O pressentimento de Steve nos anos 1980 estava certo. Em novembro de 1980, Donald King morrera na pequena cidade de Wind Gap, na Pensilvânia, conhecida como o Portal para as Montanhas Pocono, e ironicamente a oito quilômetros a oeste de Bangor, Pensilvânia.[134]

Ainda que Steve e David tivessem sentimentos conflitantes sobre a notícia, os produtores lhes mostraram fotos da nova família que seu pai havia começado, que incluía três meninos e uma menina, seus meio-irmãos.

King acredita que a viúva de seu pai, uma brasileira, não tinha a menor ideia do passado de seu falecido marido. “Bigamia é um delito muito grave, que teria sérias consequências sobre aquelas crianças”, disse Steve. “Eu não poderia fazer isso com eles, revelar-lhes isso. É melhor deixar os outros em paz, é o que eu digo.”

STEPHEN KING

CAPÍTULO XII

ANGÚSTIA

O último ano do milênio começou lindamente para Steve. Ele tinha quatro projetos engatilhados: *Storm of the Century* (*A Tempestade do Século*, em tradução literal), a história de um estranho que aparece em uma cidadezinha do Maine pouco antes de uma pesada nevasca e que conhece todos os segredos dos moradores, estrearia como uma minissérie em fevereiro. A publicação do romance *The Girl Who Loved Tom Gordon* (*A Garota que Amava Tom Gordon*) estava programada para abril, e a de *Hearts in Atlantis* (*Copas em Atlântida*, em tradução livre), uma coletânea de histórias ligando um grupo de amigos da infância à adolescência, sob a influência da Guerra do Vietnã, para setembro.[135] A avidamente aguardada versão cinematográfica de *À Espera de um Milagre* seria lançada em dezembro, a tempo de atrair as multidões do Natal.

Stephen King vinha apavorando leitores e amantes do cinema de todo o mundo por quase um quarto de século. Ele decidiu dar a si próprio uma festa para comemorar o aniversário da publicação de *Carrie, a Estranha*. Depois de um jantar requintado e muito champanhe – exceto, é claro, para o anfitrião – veio o ponto alto da noite: as luzes diminuíram, baixou-se uma tela de projeção e os ilustres convidados puderam se deliciar com uma colagem dos trechos mais sangrentos e assustadores dos filmes baseados em romances de King.

Ele poderia ter escolhido qualquer lugar no mundo, levando para lá duzentos de seus amigos mais próximos, de primeira classe, que sua conta bancária nem sentiria. Mas, para manter a tradição, queria que a

comemoração tivesse lugar no Tavern on the Green, em Manhattan, o que se adapta perfeitamente a sua *persona* de caipira de Bangor, já que o famoso restaurante é um lugar desdenhado pela maior parte dos nova-iorquinos como adequado apenas a turistas que não sabem de nada.

Ainda que, na maior parte das vezes, ele vendesse os direitos de seus livros para filmes e ficasse afastado do roteiro e da produção, ocasionalmente fazia o extremo oposto, escrevendo o roteiro, atuando como produtor-executivo e passando o máximo de tempo possível no set. *Storm of the Century* foi um desses projetos.

"Acho que a melhor regra é participar do princípio ao fim ou ficar de fora do princípio ao fim", disse ele. "Em *Storm of the Century*, participei do princípio ao fim, e realmente gostei do processo."

Ao desenvolver a história pra a minissérie em quatro capítulos, King retomou um tema que havia explorado inúmeras vezes antes: os segredos que as pessoas de uma cidade pequena sabem umas das outras, mas raramente verbalizam. Pelo menos até que um estranho chegue à comunidade, e que os segredos e ressentimentos por tanto tempo calados finalmente sejam expressos, o que leva ao colapso da cidade.

Assim como havia feito anteriormente com *A Dança da Morte* e *IT: A Obra-Prima do Medo*, King teve de adaptar o roteiro para driblar os censores da ABC. Dessa vez, ele já tinha bastante prática para saber o que aceitariam e o que rejeitariam. Ele bolou um truque: "Faço uns três ou quatro *paper tigers*[136] que acabo trocando por algo que é realmente importante, e geralmente isso funciona bem".

O único cabo de guerra em *Storm of the Century* ocorreu quando um delegado fala: "Você sabe, essa vai ser uma tempestade da porra". Os censores pediram a Steve que retirasse a frase. A resposta de Steve: "Todo seriado na TV norte-americana tem um tom impudico. Discutimos muito, mas finalmente consegui vencer. Normalmente, na TV, se você se queixa o bastante, consegue".

Habitualmente, a parte que ele menos gostava de um novo livro ou do projeto de um filme era o showzinho que editoras, revistas, diretores de cinema ou redes de TV queriam que ele fizesse para promover a obra. Com *Storm of the Century*, a grande surpresa foi que ele não se recusou a ir a talk-shows e eventos com a imprensa. Na verdade, ele gostou tanto que quis fazer outros projetos para a ABC e considerou a hipótese de adaptar *Saco de Ossos* para uma minissérie de TV. "Adoraria passar de novo pela experiência

de *Storm of the Century*, e essa é uma das razões pelas quais eu fiz quase todos os eventos promocionais pedidos por eles", explicou.

O crítico Tim Goodman disse que a minissérie sofria do mesmo problema que os livros de King: "É eletrizante em alguns pontos. O problema é que tem pontos demais. Tantos que o título deveria ser trocado para *Story That Lasts a Century* (*História que Dura um S*éculo, em tradução literal)".

Steve ainda falava em se aposentar, mas ele estava cada vez mais realista sobre o quão remota era a chance de isso acontecer. "Não posso parar antes de acabar a série da Torre Negra, porque tem gente por aí que me trucidaria se não a terminasse. Eu me sinto como Conan Doyle depois que tentou matar Sherlock Holmes, mandando-o às Cataratas Reichenbach. Muita gente não vai descansar até que eu termine a história de Roland."

Em março, um dos amigos acadêmicos de Steve, Tony Magistrale, diretor associado do Departamento de Inglês da Universidade de Vermont, convidou-o para passar três dias em Burlington para dar uma palestra, ler trechos de seus livros e se reunir com estudantes que analisavam sua obra. Para a grande satisfação de Magistrale, Steve aceitou.

Eles estavam se dirigindo ao local da palestra quando King perguntou a Magistrale: "Por que estão vindo 3.500 pessoas?"

"Eu retruquei: 'Ora, vamos, preciso responder isso?' Mas Steve só sacudiu a cabeça e falou: 'Nunca vou entender isso'. E não era falsa modéstia", disse Magistrale. "Ele realmente não entende por que as pessoas têm essa ligação toda com ele, ou como um cara que entrou na Universidade do Maine em Orono com uma bolsa e só um par de jeans acabou se tornando Horatio Alger."

Algo semelhante aconteceu quando, com algumas horas livres, eles decidiram jogar um pouco de tênis. Tony perguntou a Steve se ele queria fazer sauna. "Ele olhou para mim e perguntou 'Uma sauna?', como se eu estivesse sugerindo que ele copulasse com um animal. Considerei isso uma herança de suas origens na classe trabalhadora, uma mostra de que ninguém que ele conhece faria sauna, que isso é para pessoas com dinheiro", explicou Magistrale.

No fim dos três dias, Tony deu a Steve um cheque de quinze mil dólares pelo trabalho. "Pedi desculpas por ser tão pouco, mas ele olhou o cheque e me devolveu."

"Use para alguma outra coisa", afirmou.

The Girl Who Loved Tom Gordon foi publicado no dia 6 de abril, para coincidir com a abertura da temporada do Red Sox, já que o Tom Gordon do título era um arremessador substituto do time. King descreveu o livro, de 224 páginas, da seguinte forma: “Se houvesse algo como um romance juvenil de Stephen King, seria *The Girl Who Loved Tom Gordon*”. Era o segundo de seu acordo de três livros com a Scribner e atingiu imediatamente o topo das listas de mais vendidos.

Também na primavera de 1999, Steve e Tabby se tornaram avôs. Joe e sua mulher, Leanora, tiveram um filho, que batizaram de Ethan. Vovô começou cedo a doutrinar o netinho, levando-o para seu primeiro jogo do Red Sox em Fenway Park na tenra idade de dez dias.

Steve se sentia renovado e começou a conversar com Peter Straub sobre uma colaboração em outro romance, *Black House* (*A Casa Negra*),[137] e *Hearts in Atlantis* estava programado para ser publicado em setembro.

Ele estava se aproximando do ponto ideal. A vida era boa.

Em junho de 1999, King estava escrevendo um novo romance, *From a Buick 8* (*Buick 8*),[138] e também tinha decidido retomar seu trabalho interrompido de não ficção, *On Writing*, quando o destino interveio de maneira horrível.

Às 16h30 de um sábado, 19 de junho de 1999, Steve estava fazendo o que muitos na região consideram seu ritual diário: caminhava na direção contrária do trânsito, ladeando a Rota 5, em North Lovell. Como de hábito, lia um livro enquanto andava. Aquele dia ele estava lendo *The House* (1999), de Bentley Little, a história de cinco estranhos que começam a vivenciar alucinações e pesadelos, sendo que a única coisa que tinham em comum era o fato de terem vivido em casas idênticas quando crianças.

Quando Steve chegou a um trecho da estrada sem visibilidade, no topo de uma pequena colina, ele parou de ler, mas continuou a caminhar. Uma van Dodge azul claro desviou-se em sua direção. King achou que o motorista rapidamente perceberia seu erro e retomaria o rumo. Só que, meio segundo depois, Steve percebeu que isso não ia acontecer, então, afastou-se do veículo, que não havia reduzido a velocidade; pelo contrário, parecia acelerar.

“Steve recuou um pouco”, disse Matt Baker, subdelegado de Oxford County, e o primeiro policial a chegar ao local. “Se ele não tivesse recuado, o carro o teria acertado em cheio, e ele provavelmente não sobreviveria.” Ele

aterrissou em um gramado, em vez de em uma área cheia de pedras. “Se ele tivesse atingido as pedras, teria morrido.”

O subdelegado estimou que a van estivesse a 65 km/h quando atingiu King. “Apaguei como uma luz”, disse Steve, “e quando acordei, meu colo estava meio de lado e pensei ‘Oh céus, estou com problemas aqui’.”

Bryan Smith, de 42 anos, o motorista da van, deixou o local para chamar a polícia, depois voltou. Ele se sentou em uma pedra e ficou olhando Steve deitado, inconsciente, e foi a primeira pessoa que King viu quando voltou a si. Smith lhe disse que uma ambulância estava a caminho.

Steve contou que Smith lhe dissera nunca ter recebido nenhuma única multa por estacionamento proibido na vida. “É muito azar atingir o escritor que mais vende no mundo”, falou, acrescentando: “Adorei todos os seus filmes”.

Tabby foi chamada junto com a ambulância, mas não tinha ideia da extensão dos ferimentos de Steve, nem do doloroso caminho que teriam pela frente.

“Ligaram pedindo que eu encontrasse o policial”, contou ela. “Não compreendi a seriedade de seus ferimentos durante algum tempo. Ele estava consciente; sua cabeça tinha muito sangue, mas falava de forma coerente.”

“O tempo parou”, diria Tabby depois. “E depois começou de novo, mas totalmente diferente.”

Os detalhes começaram a surgir aos poucos após o atropelamento.

Smith vinha ziguezagueando pela estrada há pelo menos oitocentos metros antes de atingir King porque um de seus *rottweilers*, Bullet – ele tinha outro em casa, chamado Pistol –, estava na parte de trás da van tentando devorar o conteúdo de um isopor cheio de carne. Do banco do motorista, Smith tentava manter o cão afastado do isopor.

Quando sentiu o impacto, Smith pensou que tivesse atingido um pequeno cervo. Ele encostou e então descobriu que tinha acertado um homem adulto ao ver um par de óculos sujos de sangue no banco do carona, e logo depois viu um corpo ensanguentado e torcido em um gramado ao lado da estrada. Então saiu correndo em busca de um telefone público para chamar ajuda.

King foi levado para o Northern Cumberland Memorial Hospital, em Bridgton, no qual os médicos o deixaram em condições estáveis. Depois, rapidamente arrumaram sua transferência, de helicóptero, para o Central Maine Medical Center (CMMC), em Lewiston, assim que perceberam a gravidade de suas lesões.

A caminho de Lewiston, os pulmões de King entraram em colapso. Ele contou: “Me lembro de um dos caras falando ‘Merda!’, e depois ouvi o estalo de alguma coisa sendo aberta. Alguém disse que ia me espetar, eles me entubaram e bombearam ar para meus pulmões, aí de repente pude respirar novamente”.

Então suas mãos começaram a inchar. Os paramédicos cortaram suas roupas, tiraram seus sapatos e disseram que tinham de remover também suas alianças. Ele usava uma em cada mão: a original, que comprara ao se casar com Tabby, por 15,95 dólares o par, e outra que ela lhe dera anos depois. Conseguiram tirar o anel da sua mão esquerda, mas tiveram de cortar o da direita.

Logo depois, um paramédico pediu que ele mexesse os dedos dos pés. Steve o fez, mas perguntou: “Eles se moveram?”

O paramédico aquiesceu. “Mexeram bem.”

Apesar de estar envolto em uma névoa de dor e choque, Steve não acreditou. “Você jura por Deus que meus dedos realmente se moveram?”

“Sim.”

“Eu vou morrer?”

“Hoje não.”

Quando o helicóptero chegou ao CMMC, os paramédicos correram com ele para a sala de cirurgia, e a operação começou por volta das 20h30, cerca de quatro horas depois de Steve ter sido atingido pela van de Smith.

King ficou na sala de cirurgia por horas, depois foi levado para uma unidade de tratamento intensivo às 3h30, na qual permaneceu até a tarde de domingo.

“Todos os ossos do lado direito do meu corpo estavam quebrados, à exceção da minha cabeça, que somente sofrera uma concussão”, disse ele.

A lista preliminar de suas lesões incluía o joelho direito, partido ao meio; o lado direito do quadril, fraturado; quatro costelas quebradas; um profundo talho em sua cabeça, que exigiu vinte pontos; e sua coluna, que sofrera lesões em oito lugares. Os médicos ainda discutiram se amputariam sua perna direita logo abaixo do joelho, pois ela estava quebrada em pelo menos nove pontos. Tempos depois, Steve brincou dizendo que os ossos eram como bolas de gude dentro de uma meia.

Os médicos decidiram primeiro tentar estabilizar a perna, colocando um fixador externo, um aparelho semelhante a uma gaiola metálica que fica sobre a perna, para imobilizar os ossos e as juntas.

Steve voltou à sala de cirurgia na segunda-feira, para outra série de operações que durou quase dez horas.

Quando acordou em uma cama de hospital depois da primeira série de cirurgias, ele tinha um adesivo de feniltoloxamina[139] em seu braço e estava recebendo, por via intravenosa, morfina e uma montanha de analgésicos. Ele olhou e pensou: “Meu Deus, sou um *junkie* de novo. Fiquei tão irritado com isso como com as lesões. Se imaginei que havia algo de injusto em tudo o que me acontecera, foi que, depois de lutar e vencer a batalha para me livrar de tudo que me chapava, eu tinha de tomar drogas de novo”.

Ele decidiu que a única maneira de lidar com os analgésicos altamente viciantes que estavam sendo injetados em seu corpo – como Percocet e Vicodin, que ele alegremente teria derrubado há apenas uma década – era estar ciente da quantidade que estava tomando para tentar ficar abaixo da dose recomendada. “Por outro lado, eu não havia ficado sóbrio para sofrer, então, se estou sentindo dores e os remédios vão aliviar isso, vou tomá-los”, afirmou.

Numa terça-feira, 22 de junho, um dia depois da segunda série de cirurgias, seus médicos lhe disseram que gostariam que ele começasse a andar no fim daquela semana, então perguntaram se ele tinha algum objetivo de curto prazo no qual quisesse se concentrar.

Steve respondeu que o All-Star Game[140] teria lugar no Fenway Park em treze de julho. “Vocês acham que eu conseguiria chegar lá em uma cadeira de rodas?”, perguntou.

“Duas enfermeiras trocaram aqueles olhares de piedade, e eu gelei.”

Ele voltou à sala de cirurgia na quarta-feira, 23 de junho – a terceira rodada de procedimentos em cinco dias. Ele estava na mesa de operações na noite em que uma violenta tempestade atingiu o leste do Maine, causando a queda da energia elétrica em várias partes do estado. As luzes do hospital piscaram várias vezes durante a noite, mas, graças aos dois geradores do local, eles não ficaram sem energia.

Estava prevista outra maratona na sala de cirurgia na sexta-feira, mas a equipe médica a cancelou, preocupada com a quantidade de anestesia que King havia tomado em três grandes rodadas cirúrgicas em apenas cinco dias. Ao final da primeira semana, Steve foi capaz de dar alguns passos, com a ajuda de terapeutas e de um andador.

Ele passaria as três semanas seguintes no hospital e enfrentaria mais duas extensas cirurgias.

Uma investigação posterior mostrou que, quando Bryan Smith atingiu Steve, ele estava indo de um camping onde morava até uma loja local para comprar algumas barras de chocolate. Um policial visitou King no hospital e disse que uma lata de Pepsi tinha um QI superior ao de Smith. Mais tarde, King diria: “Passou pela minha cabeça que quase fui morto por um tipo que parecia saído de um de meus próprios romances. É quase engraçado”.

Apesar de Smith ter dito a King, no local do acidente, que nunca tivera nem uma multa por estacionamento proibido, isso estava longe de ser verdade. A lista de infrações ao volante de Smith era extensa, com algumas delas remontando a seus anos de juventude. Mais recentemente, havia vários processos por dirigir embriagado, bem como não parar para um policial. Só em 1998, sua carteira fora suspensa três vezes.

Surpreendentemente, naquele dia 19 de junho, Smith não foi submetido a nenhum teste na cena do acidente para verificar a presença de álcool e drogas no sangue.

Quando Steve voltou para sua casa na West Broadway, sua vida estava completamente diferente. Ele havia perdido mais de vinte quilos, tinha enfermeiras 24 horas por dia, engolia pelo menos cem comprimidos diariamente e começara dolorosas sessões de fisioterapia.

O primeiro objetivo de sua fisioterapia era flexionar o joelho, para permitir que sua perna dobrasse em um ângulo de noventa graus. “A dor era excruciante, e meus uivos enchiam a casa”, contou. “Não consigo imaginar como minha pobre esposa aguentou isso, mas a fisioterapeuta apenas ria e me mandava fazer mais algumas vezes. Eu dizia que não podia e pedia que ela me deixasse parar, mas ela não deixava.”

Depois de algumas semanas em casa, uma das enfermeiras segredou-lhe que, antes de começarem a trabalhar lá, uma supervisora lhes alertara para não fazerem, em hipótese alguma, qualquer piada referente a *Angústia*. Steve gostou de sua franqueza e assegurou que nenhuma delas jamais abordara esse assunto, ainda que, com sua tendência ao humor negro, achasse que isso poderia distraí-lo um pouco da dor.

Além de lidar com questões físicas, Steve se sentia afligido pela fraqueza e não estava seguro se conseguiria voltar a escrever devido aos inúmeros efeitos de tantos remédios diferentes. Mas cerca de cinco semanas depois do

acidente, ele começou a escrever. Mesmo que não fosse o mais longo período que ficara sem fazê-lo, esse havia sido forçado e, logo, o mais difícil de aguentar.

Mas escrever mostrou-se muito mais difícil do que imaginara. “No início, era como se eu nunca tivesse feito isso na vida. Era como começar tudo de novo, da estaca zero. Por um horrível minuto, fiquei em dúvida se ainda sabia como fazer isso.” Ele não tinha certeza se era por falta de confiança, efeito dos remédios ou um lapso de memória por ter passado tanto tempo longe da escrita. Ele rascunhava por dez ou quinze minutos antes de parar. Passaram-se alguns dias antes que tivesse coragem de ler o que havia escrito. As frases estavam um pouco desajeitadas, mas sua maior preocupação era se faziam sentido, e faziam.

Aos poucos ele foi aumentando sua resistência, escrevendo mais a cada dia, até que conseguia escrever por uma hora e meia. Devido a seu quadril fraturado, era difícil para ele sentar à sua escrivaninha, mas conseguia escrever na mesa da cozinha, desde que estivesse sentado em um monte de almofadas. Ele retomou *On Writing*, o livro de não ficção no qual estava trabalhando na ocasião do acidente.

Às vezes escrevia em um laptop, em outras à mão, com uma caneta-tinteiro Waterman, porque era mais confortável e ele conseguia trabalhar por mais tempo. Mas, em vez de ver seus dedos voando no teclado de um computador, ele era obrigado a ir devagar, o que mudava seu texto. Se escrevia à noite, em vez de usar um abajur, acendia uma vela e trabalhava à luz de uma chama trêmula.

Escrever ajudou sua vida a se tornar o mais normal possível sob aquelas circunstâncias, além de distraí-lo da dor constante. Ele começou a trabalhar em *Dreamcatcher* (*O Apanhador de Sonhos*)[141] em meados de novembro daquele ano.

Steve, que sempre teve o hábito de ditar as regras em sua vida, teve de admitir que, devido ao seu estado físico, isso era impossível e ele tinha de ceder o controle aos outros. “Eu me tornei uma pessoa completamente passiva”, afirmou. “Você admite de imediato que ficou seriamente machucado e não pode lidar com sua própria vida, tendo de depender de outras pessoas para sair disso, então apenas deixa para lá.”

No entanto, apesar de sua vigilância, Steve logo estava tomando mais remédios que o necessário, especificamente oxicodona,[142] que um de seus médicos havia prescrito ao perceber, em um exame após a primeira cirurgia,

que King estava usando a bomba de morfina com certo exagero. King se deu conta de que havia caído de novo no abismo do vício, devido ao fato de a dor das fraturas e subsequentes cirurgias ser forte demais para que aguentasse sem doses maciças de analgésicos. A diferença entre seu vício de agora e aquele do qual se livrara dez anos antes era que, dessa vez, estava totalmente consciente do que estava acontecendo. Ele prometeu que, tão logo a dor acabasse, chutaria as drogas pela segunda vez em sua vida.

Só que ainda não estava pronto para isso: “Tomei os remédios até não precisar mais deles, mas continuei a tomá-los porque a dor é subjetiva. A parte viciada do meu cérebro começou a inventar dores apenas para conseguir os analgésicos”.

Pouco depois do acidente, devido a uma sobrecarga de morfina e de um bando de outros analgésicos para ajudá-lo a atravessar a maratona de três longas cirurgias na primeira semana, ele começara a alucinar. Em uma dessas alucinações, Steve achava que Tom Gordon, de seu último livro, havia matado sua família, e a única razão pela qual King estava no hospital era que ele sabia sobre o crime e pensava que o jogador do Red Sox ia caçá-lo e matá-lo.

Ele também imaginou que um homem que o visitara no hospital se parecia com um professor de ginástica vestido de branco e que era um personagem de um de seus livros. Só que o homem era o principal cirurgião ortopédico de Steve. King acrescentou que, várias vezes durante o tempo que passou no hospital, “eu parecia ser um personagem de um de meus próprios livros, e essa era uma posição muito assustadora”.

Em 30 de setembro de 1999, a Corte de Oxford County indiciou Bryan Smith em duas acusações: lesão corporal grave e direção perigosa. Smith recorreu, afirmando que não havia cometido um crime e referindo-se à tragédia de 19 de junho como “um acidente sem uma causa”.

Steve e Tabby ficaram satisfeitos com o indiciamento. “Acredito que, ao indiciar Bryan Smith, o tribunal tomou a decisão certa, e estou agradecido a eles por fazê-lo, não apenas como parte afetada, mas como cidadão do estado do Maine”, afirmou ele em nota. “Os indiciamentos trazem uma forte mensagem: quando nos colocamos ao volante de nossos carros, somos responsáveis pela vida das outras pessoas e precisamos responder se falhamos nessa responsabilidade.”

Para o caso de Smith ou um parente terem a ideia de lucrar com a macabra história da van, Warren Silver, advogado e amigo de King, ofereceu a Smith

1.500 dólares pelo veículo, e ele aceitou. Steve chegou a pensar em usar a van em um evento para arrecadar recursos para alguma organização de caridade em Bangor – cinco pratas por três marretadas –, mas Tabby fez com que ele desistisse da ideia. No fim, a van foi esmagada no ferro-velho.

Os óculos de Steve, encontrados no assento do carona da van de Bryan Smith, resistiram mais que seu corpo. A armação de metal ficou dobrada, mas, mesmo com o impacto da batida a 65 km/h, as lentes ficaram inteiras. Ele decidiu reaproveitá-las em uma nova armação.

Naquele outono, enquanto se recuperava e começava a dar entrevistas, seu típico senso de humor voltou. King prometeu que, se ainda estivesse com o aparelho externo na perna no fim de outubro, instalaria nele luzes do Dia das Bruxas.

Ele também se deu conta de que era hora de largar os analgésicos. Mesmo ciente de que a dor estava desaparecendo, devido a muitas décadas anteriores de um pesado abuso de álcool e drogas seu corpo estava começando a inventar outras inexistentes. “Eu estava fabricando a dor para conseguir o remédio. Cheguei a um ponto em que ou eu largava o remédio ou teria de buscar minha dose prescrita de Vicodin com um carrinho de mão”, brincou. A única opção era entrar em síndrome de abstinência. “Largar um remédio desses é físico. Levou cerca de duas semanas. Você larga e passa as noites em claro, suando, se contorcendo, então acaba.”

Quando o filme *À Espera de um Milagre* foi lançado, em 10 de dezembro, Steve estava bem o bastante para ir à estreia. Roger Ebert, do *Chicago Sun-Times*, escreveu: “Ao tomar mais tempo para que o filme durasse três horas, Darabont fez de *À Espera de um Milagre* uma história que se desenvolve e se desdobra, tem minúcias e espaço. O filme teria perdido muito caso se limitasse a duas horas”. Janet Maslin, do *New York Times*, disse que “atuações comoventes e a capacidade de Darabont em contar uma história o tornam uma viagem que vale a pena”.

Sem dúvida, aquela mulher na mercearia também teria negado que este fosse um filme de Stephen King.

CAPÍTULO XIII

ÀS VEZES ELES VOLTAM

O novo século chegou para King com muitos desafios e acontecimentos, alguns estranhos, outros esperados. A recuperação era lenta, mas ele persistia. Apesar de não conseguir escrever por mais de uma hora e meia sem ter de parar, sua produtividade não foi prejudicada. Ele terminou a primeira versão de *On Writing*, escreveu a novela *Riding the Bullet* (*Andando na Bala*), publicada apenas como e-book,[143] fez o roteiro de *Kingdom Hospital*, uma série para TV com treze capítulos, e produziu *O Apanhador de Sonhos*, com meras 624 páginas. Também retomou sua colaboração com Peter Straub em *A Casa Negra.*

Steve havia terminado de escrever *Buick 8* alguns meses antes do acidente, e a publicação estava prevista para 2000, mas sua editora, Susan Moldow, achou que seria de mau gosto publicar o livro tão pouco tempo depois da tragédia, já que um dos acontecimentos principais do romance é um pavoroso acidente de carro.

Depois do acidente, Steve e Tabby decidiram manter a rotina que haviam começado alguns anos antes e passar o inverno na Flórida. Eles ficariam afastados dos médicos que o vinham tratando e monitorando, mas temiam os efeitos do duro inverno do Maine nas pernas e quadris de Steve, que ainda eram mantidos juntos por uma intrincada rede de pinos e bielas. Não apenas o frio poderia agravar sua dor e endurecer suas juntas, mas, se Steve escorregasse no gelo, estaria de volta à estaca zero.

Alguma vantagem, no entanto, ele tirou de suas fraturas. Quando visitou o campo do Red Sox durante os treinos da primavera de 2000, bastou ele

aparecer para ser cercado pelos jogadores. “Nomar [Garciaparra] se aproxima, Bret Saberhagen se aproxima, Tim Wakefield se aproxima e grita ‘Vamos, lá, mostre aí!’ Todos eles queriam ver minha perna”, contou Steve.

Peter Straub passou uma semana com Steve e Tabby em fevereiro, para que eles retomassem o trabalho em *A Casa Negra*, a sequência de *O Talismã*. Eles trabalharam juntos em um livreto de quarenta páginas que trazia o esqueleto da história, além de alguns detalhes. O método de trabalho era diferente dessa vez: quando escreveram *O Talismã*, eles passaram muito tempo juntos na casa de Steve no Maine e na de Peter em Connecticut, além de fazerem longos passeios para discutir os detalhes. Para *A Casa Negra*, eles trocavam e-mails e tagarelavam no telefone, para então começar a escrever. Steve produziria cerca de cinquenta páginas do romance e então repassaria a Peter, que, por sua vez, leria essas páginas, escreveria outras cinquenta e as mandaria a Steve.

Straub disse que eles se divertiram mais escrevendo *A Casa Negra* do que *O Talismã* e que o trabalho fluiu mais rapidamente, apesar de seus estilos e métodos para escrever serem bastante diferentes. “Steve é mais direto, muito menos dado à complexidade do enredo e dos personagens”, disse Straub. “Nós dois amamos o ritmo da narrativa e somos atraídos pela imponência, além de sermos intensamente interessados nas várias manifestações do mal. E nossos sensos de humor coincidem em muitos pontos, porque conseguimos rebaixar um ao outro a uma gargalhada impotente.”

Steve considerava Peter um irmão mais velho. Eles trabalhavam no segundo romance já de olho em um terceiro. “Nunca houve qualquer dúvida de que haveria outro livro”, disse King. “É somente uma questão de encontrar tempo.”

Stanley Wiater classificava a relação dos dois de yin e yang: “Peter é um homem que acorda de manhã, coloca um terno e anda por aí como se tivesse um milhão de dólares. Stephen King acorda, coloca jeans e botinas e anda por aí como se fosse dirigir um caminhão de lixo. Peter Straub é muito refinado. Ele olha para uma carta de vinhos e em um instante escolhe o melhor. Na época em que bebia, Steve ia sempre de Miller ou Budweiser”.

Nos primeiros meses de 2000, os livros eletrônicos estavam começando a ganhar impulso no mundo editorial, ainda que não houvesse números sobre o mercado e muitas pessoas fora da indústria achassem que ler um livro no computador fosse novidade. Ralph Vincinanza, o agente de Steve para publicação em outros países, sugeriu que ele considerasse a hipótese de

testar essa nova mídia. “Seria interessante ter uma ideia de como está esse mercado agora”, disse Vincinanza.

Steve pensou no assunto e disse a seu agente que tinha uma novela que poderia funcionar como e-book. Quando Vincinanza leu *Riding the Bullet*, achou que funcionaria bem no novo formato. “Considerei uma boa história não só em relação ao tema, mas em termos de duração”, disse.

“Era uma maneira de dizer às editoras que eu não necessariamente preciso delas”, disse King. “Eu queria abrir algumas trilhas para outras pessoas, era uma maneira de manter as coisas frescas.” Ele também estava curioso para saber qual seria a resposta.

Nas primeiras 24 horas após o lançamento do livro como arquivo em PDF nos formatos e-book e para Windows em vários sites – Amazon e Barnes & Noble inicialmente ofereceram a obra de graça, enquanto a netLibrary e alguns outros sites cobravam 2,50 dólares pelo download –, *Riding the Bullet* foi baixado quatrocentas mil vezes.

O sucesso de *Riding the Bullet* fez Steve pensar em outras histórias para experimentar no formato eletrônico. Ele e Tabby frequentemente faziam piadas sobre seu esbarrão com a morte, sobre como estavam vivendo um bônus, então ele sentia-se mais livre para fazer experiências. A internet, naquela época, era equivalente ao Velho Oeste, e ele adorava histórias de pistoleiros.

Em 1982, Steve e Tabby haviam cansado de mandar o mesmo velho cartão de Natal todo ano e decidiram criar um romance em capítulos, a ser encadernado e enviado para os amigos. *The Plant* era história de uma planta de interior chamada Zenith Hera Comum; na verdade, a história tinha uma tímida semelhança com *A Pequena Loja dos Horrores*, um musical off-Broadway de 1982 sobre uma gigantesca planta carnívora, por sua vez baseado no filme homônimo de 1960, dirigido por Roger Corman e estrelado por Jack Nicholson. *The Plant* foi o primeiro empreendimento da própria editora de King, a Philtrum Press. Ele imprimiu 226 exemplares do belo livrinho verde.

Em 1983, ele mandou aos amigos o segundo capítulo de *The Plant*. Em 1984 ele deu a si mesmo um ano de descanso, publicando, no lugar de um novo capítulo, uma edição limitada de *Os Olhos do Dragão*, o livro que escrevera para Naomi. Em 1985, publicou e enviou aos amigos a terceira parte de *The Plant.*

A Pequena Loja dos Horrores virou filme pela segunda vez em 1986, e foi essa a principal razão pela qual não haveria um quarto capítulo. Ele achou que as histórias eram parecidas demais e não queria ser acusado de copiar a ideia de outra pessoa.

Depois do sucesso de *Riding the Bullet*, ele pensou em fazer uma nova experiência com a publicação eletrônica, oferecendo *The Plant* para download. Mas antes ele queria ouvir os leitores. Ele colocou um questionário em seu site perguntando (a) se deveria publicar *The Plant* como série e (b) se as pessoas pensavam que os leitores pagariam pelo livro no chamado sistema de honra, como ocorre em barraquinhas de verduras à beira de estradas nos Estados Unidos, onde não há ninguém para atender e o cliente pega o que quer e deixa o dinheiro numa latinha.

Seus fãs, como esperado, responderam com entusiasmo, encorajando-o a dar andamento à experiência.

O primeiro capítulo foi colocado no site em julho, com uma nova parte todos os meses, até dezembro. Depois do sexto capítulo, Steve informou que estava suspendendo a experiência, pelo menos temporariamente. Cerca de 75% das pessoas pagaram, mas ele reconheceu que, mesmo havendo quem baixasse de graça por convicção, outros não deram o dólar pedido por cada parte apenas por obstáculos tecnológicos.

Mas, além disso, Steve havia perdido o interesse na história. Ele havia decidido publicar a história para consumo público por achar que isso o motivaria a trabalhar nela de novo, só que isso não aconteceu. Basicamente, os seis capítulos de *The Plant* publicados na internet tinham o mesmo conteúdo dos três livros publicados nos anos 1980, pois ele escrevera pouca coisa nova para o e-book.

A culpa não era totalmente dele; compreensivelmente, ele não havia retomado seu antigo ritmo por causa do acidente. E outros três projetos estavam consumindo sua atenção: *A Casa Negra, O Apanhador de Sonhos* e o quinto livro da série *A Torre Negra*. Ele se desviou de sua estratégia habitual – escreva primeiro, pesquise depois – em *O Apanhador de Sonhos*, a história de quatro amigos de infância que voltam a se reunir quando adultos para combater demônios, tanto psicológicos como sobrenaturais. Ele comparou seu novo romance a um livro de Tom Clancy,[144] porque a história requeria mais detalhes sobre as Forças Armadas – particularmente helicópteros e Humvees – do que ele sabia, então procurou a ajuda da base da Guarda Nacional em Bangor.

Ele pediu para dar uma volta no veículo militar Humvee, e dois soldados o levaram, ainda com o aparelho na perna, para uma área pantanosa perto do quartel. Steve ficou impressionado. Como forma de agradecer pela ajuda, ele se ofereceu para aparecer em um anúncio de trinta segundos para promover o programa de auxílio universitário da Guarda Nacional do Maine.

Em uma cena que lembrava seu comercial para a American Express, no início dos anos 1980 (“Você me conhece?”), King começava falando: “Vocês sabem, uma das poucas coisas mais assustadoras que meus livros e filmes é tentar pagar a faculdade”.

A campanha foi tão bem-sucedida que os anúncios foram retirados do ar dois meses antes do previsto, com 55 novos recrutas se alistando no Exército da Guarda e outros vinte na Força Aérea. Os trezentos mil dólares originalmente previstos no programa para ajudar militares cursando a universidade foram ampliados para quinhentos mil, com a ajuda de mais recursos federais.

Em junho de 2000, Steve e Tabby foram para Nashville para a cerimônia de união de Naomi, com trinta anos, e sua professora de 55 anos na Escola Teológica Meadville Lombard, conhecida como Thandeka. Naomi entrara para o seminário aquele ano.

Thandeka é ministra ordenada da Igreja Unitária Universalista, tendo feito doutorado em filosofia da religião e teologia na Claremont Graduate School. Ela e Naomi haviam se conhecido em Meadville, e, assim como Naomi, ela passara por um momento de mudança e decidira entrar no seminário depois de trabalhar como produtora de TV por dezesseis anos.

Em 1984, o bispo sul-africano Desmond Tutu a abençoara com o nome Xhosa,[145] que significa “alguém que é amado por Deus”.

Steve ainda estava de muletas quando foi com Tabby para Nashville, mas, na ocasião de seu aniversário, em setembro, ele já podia andar sem elas. Ele ainda sentia dor no quadril e precisava trabalhar seus limites de movimento, mas sua perna estava praticamente como antes, sem dor. “Meu corpo tem 52 anos, exceto pelo meu quadril, que agora tem oitenta e cinco”, disse ele. “Não penso mais ‘Vou para Nova York’. É mais ‘Vou levar minha perna para Nova York’.”

No dia 21 de setembro, Steve e Tabby estavam comemorando o aniversário dele quando souberam que Bryan Smith, o homem que havia causado tanto sofrimento e tempo de trabalho perdido nos últimos quinze meses, morrera de overdose. King divulgou uma breve declaração: “Senti

muito saber da morte de Bryan Smith. A morte de um homem de 43 anos só pode ser classificada de prematura".

On Writing, o primeiro livro de não ficção de King em duas décadas, foi publicado em outubro, com uma tiragem inicial de quinhentos mil cópias. Ainda que sempre tivesse mantido distância de escrever sua autobiografia, esse livro era o mais próximo que chegaria disso, ao se concentrar em alguns eventos escolhidos de sua infância em uma seção que ele batizou de "CV". Em outra seção, ele também descreveu detalhes de seu acidente e da posterior recuperação, da melhor maneira que pôde, a partir das coisas das quais se lembrava e do que outros haviam lhe contado.

Steve, que uma vez havia dito "Os fatos não incomodam um romancista", confidenciou que escrever o livro, especialmente a segunda metade, quando estava se recuperando do acidente, foi mais difícil do que esperava. "De certa forma, é como sexo", disse. "Você prefere fazer a escrever sobre ele."

Com 288 páginas, o livro tinha um quarto do tamanho de *A Dança da Morte*. Ele estava preocupado com o fato de, depois de 25 anos publicando romances, aquele ser um livro insignificante, e perguntou a si próprio: "É realmente tudo isso o que você tem a dizer sobre a arte e o ofício de escrever?" Ele estava satisfeito com o resultado, mas ainda assim sabia que muitas pessoas ficariam desconcertadas com a ideia de Stephen escrever um livro sobre como escrever: "É como a puta da cidade tentando ensinar às mulheres como se comportarem".

Assim como aconteceu quando apresentava roteiros de minisséries para redes de TV, seu editor retornou com algumas objeções a seus originais de *On Writing*, especialmente devido ao fato de que um dos públicos para o livro seriam estudantes de ensino médio. Quando lhe disseram para suavizar um pouco a linguagem, Steve soube que tinha conseguido aquilo a que havia se proposto, já que via o livro como uma cartilha renegada, "um texto fora da lei". Ele disse: "Se você der um livro para um garoto e disser para ele levá-lo para casa, colocar uma sobrecapa nele e devolvê-lo no fim do ano, ele vai achar que é um livro boboca. Mas se for algo que ele mesmo tem de comprar, então ele o levará mais a sério".

Ele também retomou o trabalho no quinto livro da série *A Torre Negra*, ainda que, na ocasião em que o começara, sua intenção fosse publicar os três últimos livros da série como um. Apesar de seus fãs darem um grande suspiro de alívio, suas razões para voltar a Roland Deschain eram egoístas: "Decidi me manter fiel ao cara de 22 anos que queria escrever o mais longo

romance popular de todos os tempos. Sabia que seria como atravessar o Atlântico em uma banheira, então decidi continuar trabalhando, porque, se parar, nunca vou começar de novo".

O dia 2 de janeiro de 2001 representou um marco nas vidas de Steve e Tabby: seu trigésimo aniversário de casamento. Seus amigos e colegas não se surpreenderam que durasse tanto.

"Eles têm um dos melhores e mais saudáveis casamentos que se possa imaginar", disse Otto Penzler. "Ela o conhece bem demais, e ele depende dela. Ela é a muleta dele. Tabby o ajudou a passar por muitas coisas."

George MacLeod, colega de faculdade de Steve, concorda, acrescentando que King nunca pensaria em pular a cerca: "Steve é muito conservador nesse ponto. É um homem de uma mulher só, isso faz parte de sua natureza". Mas havia um aspecto, segundo MacLeod, no qual Tabby e Steve seriam totalmente opostos. "Há uma parte dele que ainda é uma criança nervosa, mas nunca vi isso em Tabby. Ela está muito, mas muito à vontade consigo mesma, e é muito direta quando precisa ser. Meu palpite é que ele provavelmente ainda depende dela, e ela interfere a favor dele."

" Tabby mantém os monstros longe", disse Steve.

"Você nunca sabe como Tabby vai reagir, ela é muito intempestiva", disse Rick Hautala. "Às vezes, quando a vejo, ela me dá um grande abraço e um beijo e diz que está feliz de me ver, na próxima vez ela fica na dela e apenas diz oi."

Enquanto Steve nunca se fez de rogado em listar seus maiores medos, acrescentando novos à medida que os anos passavam, Tabby foi vista por seus amigos como uma pessoa totalmente destemida. " Tabby não tem medo dele, nem de coisa alguma", disse Dave Barry.

"Eu acho que as pessoas temem coisas que não deviam e não temem coisas que deveriam", disse ela. "Como qualquer pessoa, se o avião cair eu vou gritar. Mas o medo impede que você siga em frente e evita que nós conheçamos coisas."

Steve admite que sem Tabby não teria escrito a quantidade de páginas que escreveu. "Quando as pessoas me perguntam como faço para continuar tão prolífico, respondo que não morri nem me divorciei. Sempre tive uma vida bastante estável, o que me permitiu contemplar coisas horríveis em meus livros."

Apesar de sua produção, King não acha que escreva muito. "Eu simplesmente escrevo todo dia, e mantenho as coisas caminhando. Acho que

muitos escritores tendem a se afastar um pouco e meio que farejar se um projeto não vai bem. Isso não funciona comigo; descobri que, assim que saio do banco do motorista, não quero voltar. A história rapidamente fica velha para mim, e começo a perder quaisquer sentimentos que tinha pelos personagens. Então, quando esbarro em alguma dificuldade, meu impulso é seguir em frente, e o material se acumula. Se for ruim, sempre posso cortar fora depois."

Alguma atriz famosa já atraiu sua atenção? "Sempre há tentações quando você está em turnê e participando de convenções, além de um monte de *groupies*", afirmou. "Mas nenhuma esposa quer ser trocada por uma esposa-troféu. O que me ajudou foi que meu pai abandonou minha mãe, e vi o que a vida de minha mãe se tornou, quais são as consequências depois que um homem abandona o lar."

Ambos afirmam que têm sido fiéis em todas as décadas de casamento. Sobre a hipótese de Steve pular a cerca, Tabby já avisou: "Eu cortaria aquilo fora e depois daria um tiro nele".

"Em primeiro lugar, eles realmente se amam", disse Sandy Phippen. "Eles ficam lindos juntos, e adoro a maneira como ela domina. Eles também competem entre si o tempo todo. Fazem piada um com o outro, e acho que ele a deixa cuidar de tudo."

Mas toda essa união tem um limite. Nem Steve nem Tabby acham possível escrever um livro juntos. "Soa como um bilhete expresso para uma audiência sobre o divórcio", brincou ele. "Não acho que conseguiríamos, apesar de esse pensamento ter passado pela minha cabeça."

"Eu nunca procurei colaboração", disse Tabby. "Já vi outras pessoas fazerem isso, e acho que é preciso ter muita generosidade e disposição para, até certo ponto, abrir mão do controle. Já vi meu marido fazer isso, mas não acho que ele abra mão do controle. Acho que ele apenas intimida o outro para conseguir o que quer, como um trem de carga."

Há outra questão. "Uma vez nós realmente discutimos a ideia de fazermos um projeto juntos, mas no momento em que os homens de negócios entraram na jogada, virou o projeto de Steve", contou ela. "Era como se eu nem estivesse na sala. Encerrei minha participação imediatamente."

Ela também já descartou escrever um livro com algum de seus filhos. "Nós lemos a merda um do outro e damos sugestões que podem ou não ser aceitas, e é só", disse.

Em fevereiro de 2001, King entrou com uma ação contra sua empresa de seguros, a Commercial Union York Insurance, relativa ao seu acidente, dois anos antes. A seguradora havia pago 450 mil dólares – o argumento foi que esse valor era o limite de sua apólice –, mas a ação de Steve pedia o total de sua apólice, de dez milhões de dólares, para cobrir suas despesas médicas e a renda que perdera por não poder trabalhar. A ação estimava suas perdas totais em 75 milhões de dólares.

Foi um prato cheio para a mídia, e seus fãs leais começaram a se perguntar o por quê disso tudo: se Steve era podre de rico e afirmava não ligar para grana, de repente havia se tornado um sovina?

Quem o conhecia, no entanto, não ficou surpreso. “O dinheiro era irrelevante, era o princípio da coisa”, disse Stephen Spignesi. “Se não recebesse o que acreditava ser devido, ele sentiria que estava jogando dinheiro fora, e para quem cresceu na miséria no Maine, isso era um pecado. E se ele tinha um contrato com uma seguradora e esta o está coagindo para que ele tire dinheiro do próprio bolso, seria um desperdício. Foi *por isso* que ele entrou com a ação.”

No fim, os dois lados chegaram a um acordo quando Steve propôs que a seguradora doasse 750 mil dólares para o Central Maine Medical Center, em Lewiston, onde ele passou três semanas se recuperando depois do acidente, e a empresa aceitou.

O Apanhador de Sonhos, o romance que ele começara a escrever alguns meses depois do acidente, foi publicado em março de 2001.

“É um livro sobre rapazes”, disse. “Queria uma versão mais verdadeira de *João de Ferro*.[146] Eu queria escrever um livro sobre como rapazes agem com outros rapazes e sobre o que significa ser um homem entre homens.”

O livro parecia uma maneira de compensar a torrente de romances que ele escrevera ao longo dos anos com fortes personagens femininas, embora outras mensagens claramente se insinuassem na história. “Há um medo aterrorizante do governo que percorre o livro, de que eles prefeririam matar todos nós a nos contar a verdade”, disse ele.

Ele não pôde evitar usar sua recente experiência de dor e recuperação no livro. “O personagem na plataforma de caça foi atingido por um carro e está se recuperando, e é óbvio que conheço essa sensação. Quando escrevi sobre isso, não pensei tanto na dor. Estava como que hipnotizado. Mas há coisas no livro que são extremamente horríveis, e eu acabava recuando um pouco.”

O título que ele pensara originalmente para o livro era *Cancer*, mas Tabby convenceu-o a desistir, porque achou que isso traria um carma ruim.

No mês seguinte ao da publicação de *O Apanhador de Sonhos*, um conto de Steve foi incluído na coletânea *The Best American Mystery Stories of the Century*. Otto Penzler, o editor, selecionou para a antologia " Quitters, Inc." ("Ex-Fumantes, Ltda."), sobre um homem que quer parar de fumar e contrata uma agência que promete ajudá-lo custe o que custar. Steve estava na estimada companhia de alguns de seus heróis da infância, como John D. MacDonald e Shirley Jackson.

Ele havia escrito "Ex-Fumantes, Ltda." nos anos 1970, quando costumava ouvir rock pesado a toda altura enquanto trabalhava. Agora, porém, ele começara a gravitar em torno de uma subdivisão da música country chamada cross-country, um cruzamento de rock e country. Ele ainda ouvia rock, mas não mais no último volume enquanto trabalhava em uma primeira versão de um conto ou romance. A novidade agora era trabalhar em silêncio absoluto.

Uma coisa não mudara, porém: os fãs mais fanáticos continuavam acampando em frente às grades de ferro enfeitadas de morcegos na esperança de ter um vislumbre de Steve. Às vezes eles atiravam pacotes sobre as grades, com livros e presentes; outras vezes, tentavam abordar quem cruzasse o portão. Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, no entanto, todo o país estava assustado, incluindo Steve e Tabby, que havia anos lidavam com fãs malucos. Um dia, pouco tempo depois dos ataques terroristas, um fã deixou um pacote na calçada em frente ao portão, e a polícia foi chamada. Mas nada de explosivos: era uma cópia de *A Coisa*, que, detonada pelo esquadrão antibombas, se espalhou em minúsculos pedacinhos por toda a vizinhança.

O 11 de Setembro também teve um efeito desfavorável sobre *A Casa Negra*, cuja publicação estava prevista para o dia treze daquele mês. Steve e Peter fariam uma intensa turnê promocional, que incluía participações em talk-shows, entrevistas e noites de autógrafo, mas no fim tudo foi cancelado. "Foi como se o livro não tivesse existido", contou King. "Telefonei para Peter e lhe disse que ninguém ia querer ler sobre um canibal sobrenatural depois do que acontecera. O livro até acabou indo bem, mas não naquela época. Nada foi, na verdade."

Stephen King's Rose Red, uma minissérie em três capítulos com roteiro original de King, estreou na ABC em 27 de janeiro de 2002. A Scribner queria publicar um livro ligado à série, mas preferiu um prólogo aos

acontecimentos em lugar da simples adaptação do roteiro, e ainda propôs o título: *The Diary of Ellen Rimbauer: My Life at Rose Red*. Stephen estava ocupado escrevendo o roteiro para a minissérie, então eles lhe pediram alguma sugestões de nomes que pudessem assumir o trabalho. O nome de Ridley Pearson surgiu graças a sua associação com Steve na banda Remainders. Desde que Pearson estava na banda, ele havia escrito vários romances bem-sucedidos, como *Chain of Evidence* (1995) e *Beyond Recognition* (1997).

Steve topou na hora, apesar de ser a primeira vez que concordava com um livro como prólogo para uma obra, ainda por cima escrito por outra pessoa. Ridley foi para Seattle, onde ele e Steve passaram vários dias no set de filmagem, revisando a história e conversando com os atores. “Ele é um sujeito espantosamente generoso”, disse Pearson. “Dividimos os royalties do livro e ele me ajudou muito todas as vezes em que tive dúvidas sobre a história.”

Ainda que tivessem passado algum tempo juntos nas apresentações da banda, foi a primeira vez que puderam sentar e conversar só os dois, não apenas sobre o livro e a série, mas sobre a vida em si.

“Ele é um homem de sessenta anos que age como um adolescente pateta e por acaso também é o cara mais esperto da sala”, disse Ridley, acrescentando ter tido a impressão de que Steve não se sentia à vontade com seu físico. “Ele é um homem grande, e sabe como alguns caras grandes se movem, como se houvesse uma porta no caminho que eles vão derrubar? Stephen não é assim. Ele é mais desajeitado. Ele se move como se não quisesse ser tão alto como é.”

Certa vez, Ridley visitou Steve e Tabby em Bangor, e ela mostrou-lhe a parte subterrânea da casa. Ela o levou até a biblioteca, onde Steve tinha um mostruário antigo de livros de bolso, que ele comprara de uma drogaria, com “um monte de livros dos anos 1950 porque adoro as capas, e alguma pornografia dos anos 1960, escrita por gente como Donald Westlake[147] e Lawrence Block,[148] apenas porque me diverte”, disse King. “Você vê flashes do estilo deles.”

Tabby displicentemente disse a Ridley que a biblioteca tinha cerca de dezessete mil livros. “Chegamos a um canto onde havia uma pequena estante com uma etiqueta onde se lia TBR e cerca de trinta livros”, contou. TBR significava “*to be read*” (“a serem lidos”, em tradução literal). Pearson apontou a etiqueta e ela fez que sim com a cabeça, ou seja, Steve havia lido

todos os livros da biblioteca, exceto os trinta títulos daquela estante. “Eu disse ‘Isso não é possível’, e ela respondeu: ‘Garanto que ele leu todos’.”

Quando *Rose Red* foi publicado, atingiu o topo das listas de mais vendidos na primeira semana, lá ficando por quase três meses. Foi o primeiro best-seller de Pearson. Ainda que Steve estivesse satisfeito com o fato de Pearson ter escrito o prólogo para *Rose Red*, ele alertou seu amigo para o que aconteceria depois que o livro fosse publicado.

“Ele me chamou e disse: ‘Ridley, cuidado porque, de agora em diante, guarde minhas palavras, os críticos vão atacar você ferozmente’. E ele estava absolutamente certo”, disse Pearson. “Esse foi o princípio do fim. Antes, todo mundo me amava. Agora todos me odeiam.” Steve sabia, em primeira mão, que quando um escritor se torna popular e entra nas listas dos mais vendidos, muitos críticos deixam de acreditar que seu trabalho tem algum valor, e seu desdém vai aparecer em suas resenhas.

Steve e Tabby haviam entrado no confortável ritmo de passar metade do ano no Maine e metade na Flórida.

Depois de passarem vários invernos na Flórida, os King decidiram bancar uma causa em Osprey, a cerca de dezesseis quilômetros de Sarasota. Eles pagaram 8,9 milhões de dólares por uma casa de estilo contemporâneo no litoral, com setecentos mil metros quadrados, em Casey Key, marcando um valor recorde por um imóvel em Sarasota County. Só cinco anos depois uma casa seria vendida por um valor maior.

Steve passava todos os dias que podia vendo os treinos de primavera do Red Sox, no fim da estrada em Fort Myers, e admitia que a localização da casa tinha muita relação com seu passatempo favorito. “Não vou dizer que mudamos para cá da maneira que alcoólatras se mudam para um bar, mas pode ter havido algum elemento do tipo envolvido”, admitiu ele.

Tabby normalmente ficava em casa. “Parei de me interessar por esportes profissionais há muito tempo”, disse ela. “Vejo alguns jogos de hóquei e beisebol, mas é um clube de garotos fechado para meninas. Então pro inferno com isso.”

Mas sua mãe, Sarah Spruce, então com 82 anos, adorava falar de beisebol com seu genro, deixando o telefone ocupado durante todo o jogo para fazer comentários, dar opiniões ou lamentar, quando fosse o caso.

“Ela é *o companheiro* de beisebol de Steve”, disse Tabby, “uma dessas mulheres do Maine que acompanha o Red Sox a vida inteira.”

Steve havia ficado tão conhecido como fã fiel e sofredor do Red Sox que fãs de beisebol iam ao estádio para vê-lo tanto como para ver o jogo. “Eu me tornei uma espécie de mascote do Red Sox”, disse ele. As pessoas o abordavam para dar-lhe presentes como CDs, bonés de beisebol e até meias com sangue de mentirinha – depois que os pontos no tornozelo do arremessador Curt Schilling se abriram durante a sexta partida dos play-offs da Liga Americana contra os Yankees, em 2004, e de novo na segunda partida da World Series contra os St. Louis Cardinals; Steve tem uma coleção de sete meias ensanguentadas.

Na maior parte das vezes, no entanto, os fãs só queriam falar de beisebol. Eles perguntavam sua opinião sobre as perspectivas para aquele ano e os méritos e deficiências dos jogadores convocados. Passavam uma tarde alegremente vendo e comentando o jogo.

Quando *Everything's Eventual* (*Tudo é Eventual*),[149] uma coletânea de contos, foi publicada, em março de 2002, Steve estava trabalhando duro nos três últimos livros da série *A Torre Negra*. Ele sempre escrevera rápido, mas dessa vez estava trabalhando mais febrilmente com esses livros do que com quaisquer outros que escrevera desde que largara a cocaína, que, como ele próprio admitiu, teve um grande papel em suas sessões de maratona escrevendo no início dos anos 1980.

Então por que a pressa agora? “Porque me pareceu que, assim que realmente comecei a escrever, era como uma dessas lutas da WWF[150] que são pura adrenalina”, disse ele. “E eu senti que, se não terminasse daquela vez, nunca o faria, então trabalhei com afinco até acabar os livros. E, quando eles estavam prontos, não havia razão para que não fossem publicados o mais rapidamente possível.” Mas, apesar de querer publicar os três livros ao mesmo tempo, a editora não concordou.

Devido aos longos intervalos entre os quatro primeiros livros, Steve sabia que muitos leitores não queriam começar a ler o primeiro livro sabendo que o último ainda nem havia sido escrito. A NAL decidiu reeditar os volumes anteriores em junho de 2003, então a Scribner programou a publicação de *Wolves of the Calla* (*Lobos de Calla*),[151] o primeiro da nova fornada da série *A Torre Negra*, para cinco meses depois, em novembro. *Song of Susannah* (*Canção de Susannah*) [152] – o número seis – seguiu-se em junho de 2004, e o último livro, também chamado *A Torre Negra*,[153] foi publicado no 57º aniversário de Steve, em 21 de setembro de 2004. “Acho

que isso compensou tudo o que as pessoas tiveram de esperar, poder dizer-lhes que esses livros virão em uma sucessão muito mais rápida", disse ele.

Com precisão, e apesar de sua febril carga de trabalho, Steve anunciou – talvez pela quarta ou quinta vez em sua carreira – que pararia de escrever livros depois que entregasse aqueles ainda previstos em contrato. Ele fez esse anúncio na expectativa de seu novo romance, *Buick 8*, que seria publicado em setembro de 2002. Temia estar começando a se repetir e que as pessoas vissem o novo romance como um reaproveitamento do material usado em *Christine*, já que ambas as histórias mostravam um carro sobrenatural dos anos 1950.

Seus editores, fãs e família já tinham escutado aquilo antes, então o primeiro impulso foi dizer "É, claro", e concordar com a cabeça para fazer a vontade do garoto que havia dado outro alarme falso. "Claro que, para Steve, isso significava que, em vez de três livros por ano, ele escreveria um", disse Stanley Wiater.

Algumas pessoas achavam que suas declarações públicas de que nunca mais publicaria outro livro aumentaram após ele largar a bebida e as drogas, como se ele estivesse substituindo as inúmeras vezes em que, décadas antes, havia prometido a Tabby que largaria o álcool e a cocaína, ou pelo menos as reduziria. Dizer que iria se retirar, sem nunca fazê-lo, apenas havia tomado o lugar de suas antigas promessas.

"O trabalho é sua única droga", disse Wiater.

"Tenho pesadelos quando não estou trabalhando", admitiu Steve. "Acho que o que não vem à tona na página vem à tona de alguma outra maneira."

"Steve costumava dizer que cometeria suicídio se não pudesse escrever, o que sempre me irritou", disse Tabby. "Avisei que, se ele desse uma de Ernest Hemingway comigo, jogaria seu cadáver na rua e dançaria em cima dele!"

Mas as pessoas realmente temiam que dessa vez fosse sério. Afinal, o acidente havia provocado várias mudanças em sua vida, bem como em seu comportamento. Ele estava mais calmo, mais resignado com a devastação do tempo e com a diminuição em sua base de fãs, decorrente, em parte, das muito alardeadas acusações de que ele havia se tornado literário. Seus livros agora ficavam poucas semanas no topo da lista dos mais vendidos, e antes ficavam na primeira posição por meses.

"Já matei muitas árvores no planeta", disse ele, rapidamente acrescentando que isso não significa que deixaria de escrever. "Sempre rejeitei a ideia de que todos os livros têm de estar disponíveis para todos os

consumidores, mas nunca pararia de escrever porque não sei o que faria das nove à uma todos os dias, só que eu poderia parar de publicar. Não preciso do dinheiro.”

Ele apenas explicou que, após a publicação do último livro da série *A Torre Negra*, em 2004, ele sentiu que havia dito tudo o que queria dizer na vida, e talvez mais.

Apesar de insistir que *dessa vez* a aposentadoria era realmente para valer, ninguém a sua volta acreditava nele, ainda mais aqueles da indústria editorial, que já tinham escutado aquilo tudo antes. Susan Moldow, a editora da Scribner, não acreditava em uma palavra do que ele dizia. Nos cinco anos em que King estava com a Scribner, ela calculava que ele tivesse ameaçado se aposentar ao menos seis vezes.

Até Peter Straub concordava. “Tenho uma grande dificuldade de acreditar nisso”, disse ele, brincando que *Buick 8* “poderia ser seu último romance no ano”.

Dois meses depois, Steve reiterou seu desejo, ainda que tivesse moderado um pouco suas palavras: “Não consigo me imaginar ficando sem escrever. O que consigo imaginar é me aposentar da edição de livros. Se eu escrever alguma coisa que considere digna de ser publicada, então publico”.

Mas essa era apenas mais uma das vezes em que ele brincava com os fãs, e suas constantes ameaças de aposentadoria eram, na verdade, uma antiga pegadinha na qual as pessoas sempre caíam. “Daqui a um ano, as pessoas vão dizer que a ideia de esse cara se aposentar é uma piada”, disse ele.

Até ele sabia que era um caso perdido: “Sou como um viciado, estou sempre dizendo que vou parar, aí não paro. Quando não estou trabalhando, minha mente não reage bem a ficar longe de seu narcótico. Tenho enxaquecas e pesadelos muito vívidos. É quase como *delirium tremens*, como se minha cabeça e meu corpo estivessem tentando me assustar para voltar ao trabalho”.

Quando 2003 começou, parecia que King estava fazendo o impossível e mantendo sua palavra sobre desacelerar e se aposentar. Ele escreveu vários artigos para revistas e jornais, além de colaborar com novos prefácios para edições revistas de seu trabalho. O único livro dele publicado aquele ano foi *A Torre Negra V: Os Lobos de Calla*. De acordo com sua previsão, depois que os dois últimos livros da série fossem publicados não haveria mais romances novos de Stephen King.

Em junho, os quatro primeiros livros da série *A Torre Negra* foram relançados, e o primeiro tinha diferenças significativas em relação às edições originais. “Reescrevi a coisa toda”, disse ele. “Afinal, eles foram escritos quando eu era jovem. Sempre me pareceu que eu estava tentando fazer deles algo muito, muito importante, então busquei simplificá-los um pouco.”

Em agosto, ele começou a escrever uma coluna para a revista *Entertainment Weekly*, na qual falava sobre lançamento de livros, filmes e músicas. Era o ápice de seu longo amor pela cultura pop e tinha muitas semelhanças com “ The Garbage Truck”, coluna que ele havia escrito quando estava na faculdade.

“É exatamente a mesma coisa”, disse Tabby. “Ele está envolvido com a cultura pop de uma maneira que não estou. A maior parte das sugestões sobre novas músicas vêm de nossos filhos. Ele vai ao cinema, eu não. Já tenho idade bastante para ter visto todos os filmes, e tudo o que eles estão fazendo agora são refilmagens.”

Seu gosto musical surpreenderia aqueles que o conheciam como um aficionado de rock pesado, quanto mais *hard* melhor. Aos íntimos, ele confessou sua admiração pelo rapper Eminem.

“Eu entendo Eminem”, disse Steve. “Ele é engraçado, esperto e realmente irado. E ainda é uma alma gêmea.”

Ele também estava começando a se dar conta de que já tinha atingido o ápice de sua vida e decidiu cooperar com amigos e colegas que estivessem em posição de ajudar a dar forma a seu legado e a interpretá-lo. Ele concedeu a Tony Magistrale, seu velho amigo da Universidade de Vermont, uma entrevista para o novo livro deste, *Hollywood’s Stephen King*.

Steve assegurava que havia se recuperado totalmente do acidente, mas Tony foi pego de surpresa quando viu seu amigo; afinal, a última vez que eles se encontraram fora alguns meses antes da fatalidade.

“Ele havia mudado fisicamente, parecia frágil e ainda andava com uma bengala”, disse Tony. “Ele me mostrou sua perna, e era uma bagunça. Ele ainda estava trabalhando com os médicos para que estes lhe dessem um coquetel de medicamentos que fosse eficaz, que lhe permitisse dormir e viver a vida sem tanta dor. Então ele ainda estava lutando.”

Magistrale acrescentou ter visto ainda uma mudança emocional em seu amigo. “Houve um período, entre cinco e sete anos, em que ele ficou obcecado com o acidente, o que ficou evidente em *Kingdom Hospital*” –

uma série de TV que King escreveu e produziu, lançada em março de 2004, que durou uma temporada na ABC.

Mas, felizmente, Tony viu que em algumas coisas Steve não havia mudado. Tony lhe pediu sugestões de alguns lugares para comer em Bangor, e os únicos lugares que Steve citou eram lanchonetes.

Um dia Tony lhe perguntou, de forma direta, "'Steve, você ganhou 55 milhões de dólares no ano passado. O que você está fazendo em Bangor, Maine?' Ele olhou para mim como se eu fosse um inseto asqueroso".

Steve respondeu: "Onde você gostaria que eu vivesse, Tony? Mônaco?"

"Nós dois caímos na gargalhada", disse Magistrale.

A sociedade literária pegou em armas mais uma vez quando foi anunciado que a Medalha de Contribuição Significativa às Letras Americanas da Fundação Nacional do Livro seria dada a Stephen King na cerimônia anual de premiação, em novembro. Ele ficou deliciado com a ideia; afinal, depois de décadas vendendo milhões e milhões de livros em todo o mundo, mas vendo o mundo literário torcer o nariz para ele, finalmente estava recebendo o reconhecimento que sempre achou que merecia.

A reação foi quase imediata. O autoproclamado guardião das chaves da crítica literária e professor da Universidade de Yale Harold Bloom vociferou: "Mais uma caída no processo chocante de imbecilização de nossa vida cultural". No entanto, aquele mesmo prêmio havia ido, quatro anos antes, para Oprah Winfrey, sem que houvesse esse tipo de controvérsia. Outros ganhadores incluíam Ray Bradbury, Studs Terkel e Toni Morrison. [154]

"Achei que era um absurdo eles dizerem: 'Não deem esse prêmio a Stephen King'. Não era como me darem um National Book Award (Prêmio Nacional do Livro) por um romance meu", disse ele, brincando. "Eles estavam me dando o prêmio como se dá um Miss Simpatia para uma garota que não vai ser Miss América."

Steve reconhecia que o prêmio era mais importante que isso, mas estava extremamente aborrecido com os eternos preconceitos de pessoas que acham que qualquer romance que não tenha sido batizado como literário é inferior a eles e não é digno do papel em que foi impresso. "Há um preconceito não declarado de que o que é popular não pode ser bom porque o gosto de leitura do público norte-americano é imbeciloide", disse ele. "Esse tipo de elitismo me enlouquecia quando eu era jovem. Agora estou mais tranquilo, mas ainda há muito ressentimento em relação a isso."

Steve fez a ronda dos programas de TV e rádio, bem como das entrevistas para jornais impressos. Ele não se sentia ótimo, e seu médico havia diagnosticado uma pneumonia, alertando-o de que não devia viajar e ficar falando. Mas o reconhecimento era grande demais para King deixar passar, então ele prosseguiu com uma programação intensa nos dias que antecederam o jantar de entrega do prêmio, no dia 19 de novembro, o que, sem dúvida, o deixou ainda mais fraco.

"Aquele prêmio quase me matou", disse ele algum tempo depois. "Eu estava determinado a aceitá-lo e a fazer meu discurso." Ele voltou para casa depois da cerimônia e baixou no hospital quatro dias depois com pneumonia dupla, resultado de uma infecção purulenta que remontava ao colapso pulmonar logo após o acidente. "Meu pulmão havia entrado em colapso e a parte inferior dele não inflou de novo, mas ninguém sabia disso", explicou. "Ficou colapsado, apodreceu e infeccionou o resto." Ele ficou quase um mês no hospital; os médicos fizeram uma toracotomia, procedimento cirúrgico que permite a remoção de fluidos e tecido infeccionado do pulmão.

Enquanto ele estava no hospital, contraiu uma infecção bacteriana que durou três meses. Quando se restabeleceu, estava pesando apenas 72 quilos, "um esqueleto em pé", como ele mesmo afirmou. Na verdade, ele ficou mais perto da morte com essa internação do que com o resultado do acidente de carro.

Apesar de vomitar com frequência, continuou a escrever. "Mesmo quando eu me sentia tonto e enfraquecido, as palavras estavam sempre lá para mim", disse ele. "Escrever era a melhor parte do dia."

Quando os médicos disseram a Tabby que estavam seguros de que ele estava bem, ela fez uma pergunta a Steve: "Posso redecorar seu escritório?"

"Eu disse que sim porque, com um tubo no peito e outro enfiado na minha garganta, era só o que eu podia dizer", afirmou ele. "Ela sabia que eu não podia discutir."

Quando voltou para casa, uma semana antes do Natal, perguntou sobre a nova decoração, mas Tabby disse para ele não entrar no escritório porque ficaria aborrecido. Então, da mesma maneira que havia dito a gerações de garotos que corressem para ler seus livros no momento em que um adulto dissesse que eles não deveriam lê-los, uma noite em que estava sem sono ele foi direto para o escritório. O aposento estava sem móveis, os tapetes estavam enrolados e os livros estavam encaixotados. "Era como o fantasma do Natal futuro", disse ele. "É assim que vai ser daqui a vinte ou 25 anos,

quando eu estiver em um caixão. Tabitha terá enrolado todos os tapetes e vai ficar fuçando todos os meus pertences, todos os papéis e histórias inacabadas. É a limpeza depois de uma vida. Eu e meu irmão fizemos isso depois que nossa mãe morreu de câncer."

Ele se lembrou de um conto que havia escrito alguns anos antes, " Lisey and the Madman", que seria publicado em uma futura antologia, *McSweeney's Enchanted Chamber of Astonishing Stories*, com edição de Michael Chabon, em novembro de 2004. Assim como havia feito inúmeras vezes antes, ele pegou duas ideias aparentemente sem qualquer relação uma com a outra e, igual a uma criança brincando com um estojo de química, combinou-as para ver o que acontecia.

"As ideias surgem e eu tenho de acompanhá-las", havia dito ele anteriormente todas as vezes que anunciava sua aposentadoria – que nunca chegou a se concretizar. Ele começou a trabalhar no que seria o romance *Lisey's Story* (*Love – A História de Lisey*).[155]

Ele engrenou, escrevendo sobre a mulher de um escritor famoso que, dois anos depois da súbita e inesperada morte de seu marido, continua com dificuldade de retomar a vida cotidiana. Mais tarde ele explicou *A História de Lisey* como a metamorfose de um romance sobre uma mulher ainda em luto para uma história sobre repressão e sobre como as pessoas tendem a esconder não apenas coisas, mas sentimentos. Steve assegurou que estava escrevendo uma história de amor.

O romance tinha alguns ecos de *Saco de Ossos*, de 1998, que também fora anunciado como uma história de amor. O tema daquele romance também girava em torno de um cônjuge morto e um escritor prolífico, exceto pelo fato de os papéis estarem invertidos, com um viúvo que escrevia best-sellers e, nos três anos seguintes à morte de sua esposa, enfrenta um bloqueio criativo.

STEPHEN KING

CAPÍTULO XIV

O FIM DA CONFUSÃO TODA

No início de 2005, Steve e Tabby estavam em um confortável ritmo de passar metade do ano no Maine e a outra metade na Flórida. À medida que sua programação desacelerava – talvez houvesse algo de verdade em sua conversa sobre "aposentadoria", afinal –, seus filhos começaram a decolar em suas carreiras.

A primeira coletânea de contos de Joe, *Fantasmas do Século XX*, foi publicada naquele ano, em uma edição limitada de dois mil exemplares, pela PS Publishing, uma pequena editora, depois de todas as grandes terem rejeitado o livro. Este ganhou dois prêmios Bram Stoker, um World Fantasy – outros premiados aquele ano incluíram Haruki Murakami e George Saunders – e um British Fantasy por Melhor Coletânea de Ficção.

Joe queria se distanciar o máximo possível do pai, buscando vencer apenas por seu trabalho. Quando começou a escrever a sério e a submeter suas obras a editoras, logo depois de se formar na universidade, escolheu como pseudônimo seu xará, Joe Hill. "Achei que, se escrevesse ficção com o nome de Joseph King, iria parecer que eu estava pegando carona na fama de meu pai", explicou. "Já como Joe Hill eu podia escrever o que me desse na cabeça. Tive dez anos para escrever sem a pressão de ser o filho de um cara famoso."

Seu estilo de trabalho é muito diferente do de seu pai. "Não sou do tipo que consegue, ou que quer, escrever trinta contos por ano", disse. "Levo um mês ou mais para escrever um bom conto, não uma semana. Tento como o

diabo não ser chato e faço um esforço para evitar advérbios, que é como descrevo meu texto: histórias de horror com poucos advérbios."

Joe conheceu a mulher que se tornaria sua esposa, Leanora LaGrande, enquanto fazia mestrado na Universidade de Columbia. "Muitos caras se casam com suas mães", disse Joe. "Eu meio que casei com meu pai. Olho o texto que mostrei para ela e o texto que mostrei para ele, comparo, e são os mesmos comentários." Joe acrescentou que Leanora também lê os originais de Steve.

Assim como seu pai, Joe começou a trabalhar em outras mídias. Ele contatou um editor na Marvel Comics e escreveu "Fanboyz", uma história de onze páginas para *Spider-Man Unlimited*. "Trabalhar naquela história foi a realização de um sonho de criança muito intenso", disse ele.

Da mesma maneira que seu irmão mais velho, Owen, depois de estudar na Faculdade Vassar, fez mestrado na Columbia, apesar de ter algumas reservas. "Programas sobre literatura não são para qualquer um, e se você quiser escrever histórias simples, vai enfrentar uma verdadeira guerra", afirmou. Mas Owen tirou muito proveito do tempo que passou na Columbia. "Tive professores maravilhosos, que realmente se concentraram nos detalhes, na precisão da boa escrita, e me ajudaram a arrancar de mim uma obra da qual muito me orgulho."

Mas, diferentemente de seu irmão, ele decidiu manter seu nome. "É óbvio que levo uma vantagem como escritor em termos de reconhecimento de nome, mas isso também é uma desvantagem porque as pessoas acham que é só um exercício nepotista e que você é um fracasso", explicou, o que é o principal motivo de suas histórias serem diferentes das de seu pai. "Escrevo ficção mais contemporânea, sem elementos sobrenaturais. Quero encontrar meu próprio lugar no mundo, não ganhar meu pão às custas do nome dele."

O primeiro livro de Owen, *We're All in This Together*, uma reunião de uma novela e quatro contos, foi publicado pela Bloomsbury em junho de 2005. Assim como acontecia com seu pai, a inspiração para a novela que dá título ao livro vem de duas coisas díspares: "Fiquei mortalmente deprimido depois que Bush venceu a eleição presidencial em 2000 e tinha essa ideia louca de que ele iria renunciar porque não tivera o voto popular. Fiquei pensando no tipo de pessoa que realmente tomaria uma atitude sobre isso, e como ela faria os outros entenderem seu ponto de vista". Ele se lembrou de uma família em Bangor que escrevia slogans e fazia desenhos em um painel em frente à casa, de acordo com a estação. Ele uniu as duas ideias na novela.

Também como seu irmão, Owen conheceu sua futura esposa, Kelly Braffet, quando estudava na Columbia. Quando os repórteres o entrevistaram sobre seu livro, nenhum deles deixou de mencionar o fato de o casal viver em uma antiga igreja católica no Brooklyn transformada em residência. Braffet – autora dos romances *Josie and Jack* (2005), a história de um irmão e uma irmã psicologicamente dependentes um do outro, e *Last Seen Leaving* (2007), sobre uma mãe e uma filha que se distanciam – disse que Owen puxou ao pai no que diz respeito aos hábitos de trabalho. " Owen trabalha muito mais do que eu, o que faz com que me sinta culpada e trabalhe mais", disse ela.

A trajetória de pensamento de Owen também tem semelhanças com a de seu pai. Braffet conta que ele pode voltar para casa após uma simples ida à loja da esquina para um sanduíche com uma ideia para o próximo romance. "Tive uma grande ideia para uma história", dirá ele. "Veja, há esse palhaço que faz festas de aniversário que tem síndrome de Tourette, e ele tem um irmão que é um assessor financeiro, e eles vão fazer pesca submarina no Mediterrâneo, cercados por todas essas urnas de azeite antigo."

Steve, por sua vez, aprecia a obra de ambos os filhos, ainda que veja nítidas diferenças: Joe claramente gravita em torno da ficção de gênero, enquanto Owen conscienciosamente evitou tal tema. "Eu leio as coisas de Joe e me identifico, porque a trama domina e há grandes conflitos", disse Steve. " Owen escreve mais como Bret Easton Ellis,[156] relacionamentos da moda em Nova York."

"Há duas coisas ótimas sobre isso. A primeira é que o que Owen faz não tem semelhança alguma com o que escrevo. E a segunda é: graças a Deus ele é bom."

Naomi também estava se firmando no campo que escolhera. Ela se formou com um mestrado em divindade na Escola Teológica Meadville Lombard em junho de 2005, e ganhou o prêmio Robert Charles Billings por excelência nos estudos, dado ao aluno com o melhor desempenho acadêmico. Depois de formada, foi ordenada ministra por sua igreja, a Primeira Igreja Universalista, em Yarmouth, sendo designada para sua primeira paróquia poucos meses depois: a Igreja Unitária Universalista de Utica, em Nova York.

Em seus dias como dona de restaurante, ela tinha calafrios quando alguém perguntava sobre seus pais. Quando perguntada sobre o que a levara à fé unitarista, ela respondia: "Começamos e terminamos com experiências

primordiais: espanto, admiração, medo, tremor, assombro. Todo o resto é ilustração".

Depois que ela se estabeleceu no estado de Nova York, Steve teve de mudar a resposta padrão que dera ao longo dos anos sempre que alguém perguntava de onde ele tirava suas ideias. "Eu costumava dizer que arrumava minhas ideias em uma lojinha de ideias usadas em Utica. Eu as trazia, tirava a poeira, e elas funcionavam bem. Quando Naomi se tornou pastora em Utica, tive de parar de fazer piadas sobre isso."

Mas isso não significava que ele tinha de parar de fazer piadas com sua filha. "Eu digo que o unitarismo é Deus para gente que não acredita em Deus, e ela apenas ri."

No verão de 2007, ela deixou seu posto como pastora na Primeira Igreja Unitária em Utica para se tornar ministra da Congregação Unitária Universalista River of Grass em Plantation, na Flórida.

Os unitários universalistas são conhecidos por sua aceitação de gays e lésbicas, mas, mesmo tendo sido calorosamente acolhida em sua própria igreja, Naomi facilmente se irritava com aqueles que não eram capazes de ver para além de sua sexualidade e sentia vontade de socar o mundo, apesar de ser uma representante religiosa.

"Luto para tolerar a teologia que não permite que eu exista", disse ela. "Fogo do inferno e danação para gays e lésbicas, para mulheres no ministério, para unitaristas universalistas. Meu paradoxo é aprender a amar mais profundamente pessoas que não nos veem como pessoas, criadas e amadas por Deus."

Ela argumenta que não abandonou por completo o negócio da família. "Todos em minha família contam histórias. Eles usam palavras escritas, e eu conto histórias por meio de sermões."

A maneira da qual fala sobre dar um sermão lembra muito o que seu pai diz sobre escrever. "Para mim, fazer um sermão é emocionante. É como dançar durante muito tempo. Sua noção de princípio e fim desaparece e você nunca sabe o que vai acontecer."

Ela também seguiu o hábito de seu pai de incorporar ícones da cultura pop em seus sermões. No outono de 2007, ela mencionou a Ilha dos Brinquedos Desajustados,[157] o Ursinho Puff e o livro infantil *Haroldo Vira Gigante* em seus sermões, entre outros.

Steve e Tabby, compreensivelmente, têm orgulho da prole crescida. "É uma enorme surpresa quando as crianças de repente se tornam adultos

fortes", disse Tabitha. "Durante muito tempo, meu padrão básico de paternidade era não ter ninguém na cadeia."

Quando o editor Charles Ardai procurou Steve para falar da série *Hard Case Crime*, uma nova linha de romances policiais originais e reeditados, sua maior esperança era uma frase elogiosa na capa de um dos livros. Mas, sendo um grande fã do gênero, King decidiu escrever um livro em lugar de uma nota elogiosa, e o resultado foi *The Colorado Kid* (*O Rapaz do Colorado*),[158] publicado em outubro de 2005, abrindo uma temporada que incluía livros de Lawrence Block, Ed McBain e Donald E. Westlake. O romance era extremamente curto pelos padrões habituais de King, com apenas centro e oitenta e quatro páginas, mas era só um aquecimento para seu próximo projeto. E parecia que ele havia retomado seus velhos hábitos, começando a produzir prolificamente de novo.

Steve terminou *Cell* (*Celular*)[159] em julho de 2005, depois de passar quatro meses com o primeiro rascunho. O livro seguinte com publicação prevista era *A História de Lisey,* no outono de 2006, mas a Scribner mudou de ideia e quis que *Celular* saísse antes, quase que imediatamente, como aconteceu. A data almejada era janeiro de 2006, porque John Grisham[160] não tinha nenhum romance saindo aquele mês, como normalmente ocorria, o que significava que havia uma lacuna a preencher. A editora Susan Moldow também queria publicar *Celular* primeiro, porque acreditava que isso impulsionaria as vendas de *Lisey* quando este saísse.

Steve entregou as versões finais dos dois livros em outubro, e *Celular* foi publicado em janeiro.

Chuck Verrill editou *Celular,* assim como tinha feito com a maior parte dos livros de Steve. Mas Steve quis que Nan Graham, que havia editado o best-seller *As Cinzas de Angela* (1996), de Frank McCourt, e que tinha trabalhado com Salman Rushdie e Toni Morrison na Scribner, editasse *A História de Lisey,* pois achou que o livro precisava de um toque feminino. "Achei que Chuck ficou um pouco chateado com isso, porque ele havia feito um ótimo trabalho em *Celular,* mas Nan também fez um grande trabalho em *A História de Lisey*", disse Steve. "Esses livros eram completamente distintos, então editar *Lisey* tinha de ser diferente de *Celular,* que realmente era um livro imediatista."

Ele próprio lidou de forma diferente com a segunda e a terceira versões de cada livro. Com *Celular,* Steve editou o livro em um computador para responder às perguntas e comentários de Chuck. Já com *Lisey,* Steve

manteve seu velho hábito de editar em papel, incorporando as sugestões de Nan em uma versão totalmente nova, que reescreveu desde o início. Ele via os livros em categorias distintas, na mesma linha em que Graham Greene[161] via seus livros: alguns eram romances e outros, puro entretenimento. Aos olhos de King, *A História de Lisey* era um romance, enquanto *Celular* era entretenimento.

Ele estava começando a exercer o mesmo estilo administrativo – decidindo que editor era melhor para lidar com um determinado livro – no que dizia respeito a filmes baseados em seus contos e romances, mesmo que já tivesse decidido que seria um projeto do qual se manteria afastado. Queria ter a decisão final sobre os atores que estariam nos filmes, ainda que, normalmente, ele não colocasse qualquer objeção. Em um caso, no entanto, ele bateu pé. Um produtor estava se preparando para apresentar *Angústia* na Broadway e mandou para Steve uma lista dos candidatos aos papéis principais. Uma das escolhas para Annie Wilkes era Julia Roberts, só que Steve recusou a proposta de imediato. "Julia é uma boa atriz, mas Annie é uma mulher grande e forte, capaz de arremessar um sujeito", disse ele. "Não me venham com uma fadinha!"

Depois de dar os últimos retoques em *Celular,* Steve voltou sua atenção para *A História de Lisey.* Há muito tempo desejava escrever uma história sobre um casamento duradouro como o seu.

"Você se apaixona por alguém que, com frequência, quer estrangular, mas é o relacionamento do qual desfrutei por mais tempo", disse ele. Steve especificamente queria explorar como os casais acabam por desenvolver uma linguagem secreta própria. "Em um casamento de longa duração, pode-se ter palavras que não se quer exibir em público. Não são necessariamente palavrões, mas podem ser palavras tão infantilizadas que não vão soar bem naquele ambiente."

Ele também queria escrever sobre como, ao longo do tempo, um casal cria, basicamente, dois mundos: o interior, que só pertence a eles, e o mundo exterior. "Toda a ideia do livro é ficar centrado na existência interior do casal", explicou. Ao fazer isso, sabia que teria de cavar mais fundo emocionalmente. "Queria escrever algo que soasse como uma canção de Hank Williams,[162] que transmitisse algo sobre a solidão inerente às pessoas, e sobre como você pode amar, mas que mais cedo ou mais tarde isso acaba."

Ele queria testar também uma de suas ideias sobre a aposentadoria: a de que continuaria a escrever, mas não necessariamente a publicar, um conceito que se solidificou ao se lembrar de uma história contada alguns anos antes por Bill Thompson, seu editor na Doubleday: J.D. Salinger foi a sua agência bancária para colocar um pacote em seu cofre. Uma mulher no banco perguntou se aquele pacote era um novo livro. Ele fez que sim com a cabeça, e ela pergunta se planejava publicá-lo. Ele respondeu: “Pra quê?”

“E se existisse um escritor assim e alguém assaltasse o banco, não pelo dinheiro, mas pelos textos não publicados”, teorizou Steve, indo mais além. “E se um escritor famoso morresse e houvesse um louco querendo os inéditos deixados por ele? Esse acabou sendo Dooley, de *A História de Lisey*.”

Steve despejou todo seu interior no livro, mais do que ele jamais havia feito em qualquer outra obra, mas ainda assim sabia que, uma vez que terminasse, podia não querer publicar o livro.

Essa decisão caberia totalmente a Tabby. Ela leu o livro em duas etapas antes de dar sua opinião.

“É sobre outro escritor”, ela disse.

“Sim.”

“As pessoas vão pensar que Scott e Lisey são você e eu.”

“Direi que não são”, respondeu ele.

“Esse livro é importante para você, não é?”

“Sim.”

“O que você diria se eu dissesse que acho ele inquietante?”

“Então eu o deixaria de lado.”

“Ele realmente me inquieta, mas é bom demais para não ser publicado.”

Quando o livro foi lançado, os críticos disseram que era a obra mais intimista que ele havia feito, além de ser um de seus romances mais bem escritos. “King é astuto como um arremessador veterano e emprega, com grande efeito, todos os truques aprendidos em sua carreira”, escreveu Jim Windolf no *New York Times*.

“É um livro muito especial”, disse Steve. “É o único livro que escrevi cujas críticas não quero ler, porque haverá algumas pessoas que dirão coisas horríveis sobre ele. Eu não suportaria isso, da maneira como você odiaria alguém que dissesse coisas horríveis da pessoa que você ama, porque amo esse livro.”

Em junho de 2006, Tabby também publicou um livro, *Candles Burning*. Ela tinha concordado em terminar um livro não finalizado de um amigo escritor que morrera em 1999.

Tratava-se de Michael McDowell – escritor de histórias de horror sobrenatural, também responsável pelo roteiro do filme *Beetlejuice, os Fantasmas se Divertem* (1988) –, a quem ela se referia como sua alma gêmea.

Eles haviam se conhecido em uma convenção de autores de mistério, apesar de ela já conhecer dele *Cold Moon Over Babylon* (1980) e o romance *Blackwater Chronicles,* publicado em seis partes mensais em 1983.

McDowell havia deixado para trás centenas de páginas de *Candles Burning,* e Tabby nem sabia que seu amigo estava trabalhando naquele livro. Alguns anos depois da morte de McDowell em decorrência da aids, a editora dele, Susan Allison, contatou Tabby para saber se ela queria tentar terminar o livro. Ela estava ansiosa para dar uma olhada, em primeiro lugar porque sabia que ele era um grande escritor para se trabalhar. “Ele colaborava com muitas pessoas, em todo tipo de coisas”, disse ela. “Isso demanda uma generosidade que não é comum.”

Assim que a administração do espólio e a editora concordaram que Tabby era a melhor escritora para terminar o livro, eles a deixaram sozinha com o texto inacabado e páginas de notas com instruções, para que fizesse o que achasse melhor com aquele romance gótico sobrenatural sulista, recheado de fantasmas.

A fim de se preparar para terminar o livro, ela leu o texto inacabado e releu alguns dos outros livros de McDowell, depois pesquisou as cidades nas quais a história se passa, como Nova Orleans e Pensacola, na Flórida, entre outras. Ainda que McDowell não tivesse escrito um esboço geral da história nem tivesse deixado um final firme, assim que Tabby fincou os pés no trabalho, ouviu os personagens e começou a escrever de acordo com a direção para a qual eles a levavam.

Quando *Candles Burning* foi publicado, ela já sabia que tipo de recepção esperar: suas ligações familiares iriam atrair um bocado de atenção para o livro, mas no fim a qualidade da história e do texto iria se sobressair. “As pessoas me dizem: ‘Nunca li um de seus livros’, e respondo ‘Milhões não leram!’”, brincou. “Steve estabeleceu um padrão de milhões e milhões de livros vendidos, que nenhuma pessoa sã espera atingir.”

Ela pretendia viajar para promover o livro, mas seus planos eram limitados. “Tenho um bocado dessa mentalidade ianque de bicho do mato”, afirmou ela. “Gente demais me deixa agitada demais. Só consigo aguentar três dias em Nova York e 24 horas em L.A. Para mim é extremamente enervante passar tanto tempo assim com gente que não olha para você.”

Como sempre, Steve estava tomando a direção oposta. Ele decidiu assumir um desafio e escrever um romance que não se passasse no Maine. Como vinha passando muito tempo na Flórida, escolheu ambientá-lo lá.

Junto com esse novo panorama em sua vida, que havia se acalmado, os hábitos de escritura haviam mudado. “Meu cérebro costumava trabalhar melhor”, disse. “Escrevi uma coisa na semana passada e, quando a reli outro dia, achei que parecia familiar. Então voltei uma centena de páginas e descobri que havia duplicado algo que já havia escrito. Olha o dr. Alzheimer me chamando.”

Ele não estava mais escrevendo de duas mil a três mil palavras por dia. Agora ele ficava satisfeito se produzisse mil palavras em uma sessão.

A vida estava mudando, mas era boa.

Em fevereiro de 2007, foi publicado o primeiro volume em quadrinhos de *A Torre Negra: O Pistoleiro*, pela Marvel Comics. Seriam sete revistas para cobrir o primeiro livro da série, que sairiam mensalmente, até agosto. As sete revistas de *O Pistoleiro* foram depois reunidas em um volume de capa dura, lançado em 7 de novembro de 2007.[163]

Ainda que a intenção de King sempre tivesse sido manter *A Torre Negra* apenas em formato livro, ele correu para aproveitar a chance de ver como a história ficaria na versão em quadrinhos. “É genial ver os livros adaptados para uma forma ilustrada, e era tudo o que queria”, disse.

Ele também estava começando a acalentar a ideia de permitir que alguém refizesse seu épico na telona. Frank Darabont se propôs a fazê-lo, mas ele mesmo percebeu que era um sonho quase irrealizável. “Só de pensar em adaptar aquela saga me faz suar frio, me encolher e chorar”, disse Darabont. “É muito metafísico e viajandão. A maior parte é praticamente impossível de visualizar na tela.”

Em fevereiro, Steve anunciou a venda de uma opção para adaptar *A Torre Negra* para J.J. Abrams e Damon Lindelof, os criadores da série *Lost*. Steve adorava a série e imaginou que poderia dar a Abrams e Lindelof uma chance, para eles verem o que seria possível fazer. Pelo privilégio, ele cobrou dezenove dólares.

Naquele mesmo mês, a verdadeira identidade de Joe Hill veio à tona quando seu primeiro romance, *Heart-shaped Box* foi publicado. “Meu verdadeiro segredo para permanecer discreto era o fracasso”, disse ele. “Nada ajuda um escritor a ficar fora do radar como não ser publicado. Não queria que alguém publicasse meu livro por causa de quem era meu pai ou qual era meu sobrenome. Nesse sentido, eu sentia que ser rejeitado mostrava que meu pseudônimo estava funcionando.”

Mesmo antes que o livro fosse publicado, no entanto, a fábrica de boatos on-line já tinha começado a cochichar sobre as semelhanças entre Joe Hill e Stephen King, não apenas fisicamente, mas no estilo de texto e na escolha dos assuntos. “Eu estava bastante angustiado naquela ocasião”, disse Hill, contando de uma noite de autógrafos no Reino Unido em que os leitores ficaram comentando as semelhanças físicas. “Teria sido ótimo se o livro tivesse sido lançado já há algum tempo, mas não foi assim que aconteceu.”

Se Tabby compreendeu perfeitamente a razão de Joe escolher um pseudônimo, Steve não entendia por que seu filho precisava esconder quem era. Na verdade, Hill disse que era mais difícil para seu pai não falar nada. “Meu pai gosta de contar vantagem sobre seus filhos e não está acostumado a ficar de boca fechada sobre nada. Discrição não é o forte dele. Mas ele conseguiu.”

“Não dei nenhum conselho, só encorajamento”, disse Steve. “Todo mundo faz as coisas do seu jeito. Só disse a eles para lerem tudo o que estivesse à mão e terem consideração pelo mal, porque isso mostra haver esperança.”

Da mesma maneira que Steve pediu aos leitores que não pensassem que o casal de *A História de Lisey* fosse o reflexo no espelho dele e de Tabby, Joe também avisou a seus fãs para evitarem imaginar que ele estava se referindo a seu pai quando escrevia sobre pais malvados. “Eu posso criar um mau pai, e ele vai apenas rir”, disse Joe. “Ele não vai ver o personagem como uma representação de si próprio.”

Apesar de o livro de Joe ter se tornado um best-seller e de os editores estarem clamando por mais obras suas, ele ainda soa um pouco melancólico quando lembra os dias em que podia escrever despercebido: “Se um de meus contos aparecia em uma revista, as pessoas o liam apenas como uma história. Elas não tinham qualquer ideia preconcebida. Agora acho que há mais pressão, porque haverá certo grau de comparação.”

No dia 14 de abril de 2007, aos 83 anos, Sarah Jane White Spruce morreu. Tabby perdeu sua mãe, e Steve, uma sogra devotada.

Não houve muito tempo para o luto, no entanto, porque as premiações pelos feitos de Steve em campos além do terror continuavam. Duas semanas depois da morte de sua sogra, ele foi ao banquete anual do Prêmio Edgar, oferecido pela Mystery Writers of America, na qual recebeu o Grand Master Award de 2007. Este equivale a um prêmio pelas realizações em vida na área, e Steve ficou feliz com a acolhida que teve de seus pares, ao contrário do que aconteceu com o prêmio da Fundação Nacional do Livro em 2003.

Em junho, King recebeu um prêmio pelas realizações em vida da Canadian Booksellers Association (Associação dos Livreiros Canadenses). Ele foi o primeiro autor fora do Canadá a receber o prêmio desde que fora criado, em 2000.

Com frequência, também ia a cerimônias de premiação em homenagem a outras celebridades. Steve e Tabby pretendiam comparecer a um jantar em Los Angeles, promovido por uma organização filantrópica judaica, em homenagem ao ator Billy Crystal, mas Tabby acabou não indo porque não estava se sentindo bem. Steve chamou Kathi Kamen Goldmark, que tocava com ele na banda Remainders, para acompanhá-lo. Ela disse que adoraria ir. Como seu estilo do norte da Califórnia era extremamente informal, “recebi três telefonemas do escritório dele para assegurar que sabia que deveria usar um vestido”, contou ela, aos risos.

“Quando entramos no hotel para ir ao banquete, a explosão de flashes e pessoas pulando em Steve era assustadora”, disse ela. “Nunca havia visto os paparazzi antes na minha vida e tenho certeza de que nunca os verei de novo, mas então me dei conta de que isso é algo que acontece com ele o tempo todo.”

Goldmark ficou impressionada pela maneira como ele lidou com tudo. “Não podíamos conversar, nem ao mesmo terminar uma frase, porque toda hora alguém vinha falar com ele. Tive outra visão do que era a vida dele naquele mundo e entendi por que a banda era um lugar tão bacana e confortável para ele, pois lá as pessoas não o tratavam como um cara famoso e esquisito.”

Depois de um hiato de sete anos, Steve tocou mais uma vez com os Remainders, no Webster Hall, em Nova York, em 1º de junho, dentro dos eventos da BookExpo America.

“É como um acampamento para adultos”, disse Amy Tan. “Eu mataria baleias para participar.”

King disse que nunca havia levado a banda a sério e que só estava nela para se divertir. “Certa vez alguém disse que os Remainders sem Stephen King era como o Grateful Dead sem Jerry Garcia, o que achei muito gentil”, disse ele. “É muito divertido sair por aí e fazer algo que é mais um hobby do que um trabalho.”

Ele estava ciente do fato de que seus companheiros de banda não pensavam assim. “Dave, Ridley e Greg [Iles] levam isso muito a sério”, disse ele. “É como ver três CDFs se preparando para o vestibular. Eu sou só um enfeite de capô na banda.”

Ainda que os membros da banda adorassem tocar, Ridley Pearson disse que a principal razão para marcarem turnês em três cidades era passarem tempo juntos. “Com um show só, não há tempo bastante para desfrutarmos da companhia de todos na banda”, explicou ele. “Quando fazemos uma turnê, estamos todos presos em aviões ou ônibus, e amamos isso porque ficamos juntos, conversamos e nos divertimos. É claro que a banda deveria estar muito melhor, já que estamos tocando há quinze anos, mas não estamos. Mas as amizades melhoraram muito.”

Steve adorava sair em turnê, mas Tabby havia se tornado mais cautelosa. “Ela é mais prática do que Steve e realmente cuida muito dele”, disse Pearson. “Eu me lembro de uma vez em que ela disse que não queria que a banda fosse o momento John Lennon de Steve.”

Pearson recordou um concerto em Rhode Island, no qual foram necessários vinte policiais para fazer uma barricada humana a fim de que Steve atravessasse as multidões: “Era uma loucura, pareciam os Beatles. As pessoas jogavam coisas em nós e tentavam tocar nele”.

Em junho de 2007, *Blaze*[164] foi publicado. Era um romance de Bachman que Steve escrevera antes de *Carrie, a Estranha* e ao qual se referia como um de seus “romances de baú”, que havia escrito para praticar e que esquecera há muito tempo.

Frank Muller, um leitor profissional para audiolivros, que narrara vários dos livros de King em CDs, havia ficado permanentemente inválido depois de um acidente de moto no outono de 2001 e nunca mais foi capaz de trabalhar de novo. Além de não possuir sequer um tostão, ele não tinha seguro e devia impostos atrasados ao fisco. Ele tinha um filho, e pouco antes do acidente ficara sabendo que mais um estava a caminho.

Steve ouvia audiolivros com regularidade e já atuara como leitor em algumas sessões de gravação, então tinha um grande respeito pelo que

Muller fazia. “É um trabalho exaustivo, porque são feitas várias gravações, e é difícil”, disse Steve. “Acho que nenhum livro realmente existe antes de ser transformado em áudio. Uma boa obra fica melhor ainda quando é lida em voz alta, enquanto um texto ruim é exposto sem piedade. É como jogar uma luz forte no rosto de alguém. Quando se faz isso, nem uma boa maquiagem esconde um texto ruim.”

Steve se sentia atormentado pela sorte de seu amigo e sabia muito bem o que era se recuperar de um acidente quase fatal. Steve criou a Fundação Wavedancer, em 2002, para ajudar Frank. Mas isso fez Steve pensar em outros artistas que trabalhavam como *freelance* e sofriam acidentes ou doenças que resultavam em invalidez, então ele criou outra organização sem fins lucrativos, chamada Fundação Haven, com o propósito de oferecer bolsas a escritores e artistas incapazes de se sustentarem devido a invalidez ou doença repentinas.

Steve convidou os autores John Irving e J.K. Rowling para participar de um evento beneficente, em duas noites, no Radio City Music Hall, chamado “Harry, Carrie e Garp”,[165] com o objetivo de que a Fundação Haven levantasse recursos suficientes para começar a distribuir bolsas.

Steve já havia pensado muito em ceder os direitos de um de seus livros para a fundação, que, com isso, receberia 100% da receita de adiantamentos, royalties e venda para outros países, e ele então pensou em *Blaze*.

Ele desencavou os originais, releu-os e achou que não era ruim, apenas precisava ser revisto e lapidado um pouco. A Scribner publicou o livro em junho. A revista *Booklist* elogiou o livro, afirmando que o romance era um tributo a *Ratos e Homens* (1937), de John Steinbeck, e ele ficou em segundo lugar na lista dos mais vendidos do *New York Times* na semana em que saiu.

Em 2007, Steve e Tabby ampliaram, mais uma vez, suas posses imobiliárias. Em maio, compraram outra casa na Casey Key, em Osprey (Flórida), a cerca de três quilômetros da que haviam comprado cinco anos antes. Por 2,2 milhões dólares, a nova casa era considerada uma barganha em relação à principal, que já estava avaliada em mais de doze milhões de dólares pelo município.

Depois, em outubro, Steve e Tabby compraram a mansão ao lado da deles em Bangor. A casa branca de estilo vitoriano, com o teto em mansarda, conhecida como a Casa Charles P. Brown, havia sido construída em 1872 e avaliada naquela época em dez mil dólares. Os King pagaram 750 mil dólares, de acordo com os registros municipais. Steve mencionara pensar em

transformar a casa em uma biblioteca, ou então em um museu, bem como pretendia construir um túnel subterrâneo ligando as duas casas e colocar um bonde rodando ali.

"Fico fantasiando sobre isso e Tabby pergunta 'Por que precisamos fazer isso?' E eu respondo: 'Porque podemos!'"

Steve foi escolhido editor convidado da coletânea *Best American Short Stories 2007*, publicada em outubro. De certa forma, ele havia fechado um círculo. Os contos lhe haviam garantido um início e lhe tirado do aperto várias vezes em seus primeiros tempos, com um cheque chegando justo quando Naomi estava com uma inflamação de ouvido e Tabby ficara sem a "coisa rosa" da última infecção da menina.

Realmente, Steve estava bastante requisitado no mercado de contos aquele ano. Otto Penzler planejava chamá-lo para ser o editor convidado do *The Best American Mystery Stories of 2007*, mas Heidi Pitlor, responsável por *Best American Short Stories*, chegou antes. "Vou ter de pedir a ele futuramente", disse Penzler.

O inevitável queixume sobre a imbecilização da cultura norte-americana surgiu assim que foi anunciado que King seria o editor da edição de 2007. Mas ele ficou muito animado com a companhia dos editores anteriores da série: Margaret Atwood, Richard Ford, Michael Chabon e Walter Mosley.

Mesmo que já tivessem se passado cinco anos desde a publicação de sua última coletânea de contos, *Tudo é Eventual*, ele assegurava que ainda amava o formato e queria continuar com ele, apesar de o mercado para contos ter sofrido um rápido declínio ao longo dos anos.

"Perdi o pique de escrever contos e pensei que talvez, se voltasse a me inteirar do que está acontecendo nessa área, eu ganhe novo fôlego e queira de novo escrever contos", disse ele. "Realmente nunca perdi meu gosto por eles, e seria triste ver uma habilidade que eu tinha se perder."

Ele mergulhou de cabeça no projeto: "Queria expandir o campo e encontrar histórias on-line e em revistas que ainda não haviam participado da coletânea, como *Ellery Queen's Mystery Magazine* e *Magazine of Fantasy and Science Fiction*. Acho que nunca trabalhei tão duro em minha vida em um livro como nesse". Pitlor contou ter lido mais de quatro mil contos, passando a King 120 que ela achava serem bons o bastante, só que, fazendo sua própria busca, ele selecionou mais de quatrocentos contos.

Seu trabalho como editor teve exatamente o resultado que ele desejava: deu a partida, mais uma vez, em suas habilidades para escrever contos. Mais

ou menos na mesma época em que a antologia foi lançada, Steve vendeu um conto para a *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, que lhe pagou quinhentos dólares. Enquanto alguns classificariam isso de caridade da parte de King, ele discordava, dando voz ao velho pão-duro do Maine: "Eu não diria que é caridade porque dava para comprar alguma comida quente com aquele dinheiro, mas adoraria ver a revista alcançando um público leitor maior", subentendendo-se que, devido ao fato de seu nome estar na capa, a revista provavelmente faria uma tiragem maior, que se esgotaria.

Ele escreveu outro conto chamado "A Very Tight Place" ("No Maior Aperto"). Quando ele e Tabby estão na Flórida, Steve sai para uma caminhada diária em uma faixa de estrada relativamente isolada. Certa tarde, ele viu um banheiro químico em meio a uma obra. Os operários já tinham encerrado o expediente e ido embora, e Steve, a cerca de um quilômetro e meio de casa, aproveitou.

Quando entrou, sentiu que o local balançou um pouco, e sua imaginação disparou. "Se uma dessas coisas vira em cima da porta com uma pessoa dentro, ela estaria com sérios problemas. Na mesma hora me lembrei de Poe e seu conto 'O Enterro Prematuro', bem como de todas as histórias de pessoas enterradas vivas que li, mas nunca li uma história sobre alguém preso em um banheiro químico. Não sou especialmente claustrofóbico, mas pensei 'Céus, isso é genial!'"

Era ainda um outono atarefado em 2007, com o lançamento do filme *O Nevoeiro*, em novembro. Steve havia escrito a novela em 1980.

Na época vivia em Bridgton, Maine, e fora ao mercado comprar algumas coisas para Tabby. Estava indo para o caixa quando, de repente, percebeu que toda a parede da frente do mercado era feita de vidro laminado. A primeira coisa que veio a sua mente quando viu aquilo foi: "E se insetos gigantes começassem a voar contra o vidro?"

Como sempre, sua imaginação disparou. A história apareceu em *Dark Forces*, uma antologia editada por Kirby McCauley, seu ex-agente.

Quando Frank Darabont escreveu o roteiro de *O Nevoeiro*, ele deliberadamente mudou o desfecho da novela, que, a bem da verdade, era obscuro. Apesar de Steve normalmente ficar irritado quando sua história era radicalmente alterada, dessa vez ele não se importou; na verdade, ele achou que Darabont, que também dirigiu o filme, melhorara muito a história.

"Eu achei formidável, mas fiquei aborrecido", disse Steve. "Sabia o que aconteceria no primeiro copião que vi, e ainda assim fiquei aborrecido. Foi

preciso ver pela segunda vez para me acostumar com a ideia de que provavelmente era o único final em termos do universo que havia sido criado naquela história.”

Duma Key[166] foi publicado em janeiro de 2008 e representou uma nova mudança para Steve. Em primeiro lugar, porque o romance se passava na Flórida e em Minnesota, mas também porque era a história de um homem divorciado que começava a desenhar e a pintar como um hobby, ambas situações fora da experiência pessoal de King.

“Amo arte, mas não conseguiria desenhar um gato”, disse ele. “Então peguei o que sinto sobre a literatura e coloquei em um livro sobre um artista plástico. Afinal de contas, a última coisa de que preciso em meus livros é de outro escritor.”

A fagulha que deu origem ao romance surgiu durante um de seus passeios diários à tarde. “Estava andando nessa estrada deserta – o único tipo de estrada em que ando agora – quando vi uma placa que dizia “Cuidado: Crianças”. Logo me perguntei: com que tipo de crianças é preciso ter cuidado? Então vi a imagem de duas meninas mortas.”

Ainda que *Duma Key* fosse aclamado pela crítica e atingisse o topo da lista dos mais vendidos na primeira semana de lançamento, Steve já havia aceitado o fato de que não estava mais no alto da montanha no que dizia respeito a best-sellers. Tom Clancy, John Grisham e King sempre são mencionados na mesma sentença, mas King tinha sofrido um considerável desgaste entre seus leitores, e seus números caíram bem mais rapidamente que os dos outros caras, uma tendência que pode ser rastreada a quando ele começou a se afastar da fórmula simples de terror que o tornara famoso. Por exemplo, a primeira edição de *A História de Lisey* teve 1,1 milhão de exemplares, enquanto as edições somadas de *Desespero* e *Os Justiceiros* atingiram três milhões. Além disso, tanto a indústria editorial como os números globais de leitores mudaram drasticamente desde que ele publicara *Carrie, a Estranha*.

“O que importa são sempre as vendas”, disse ele. “Grisham vende quatro livros para cada um que eu vendo, mas isso já não me incomoda mais. Eu olho para a lista dos mais vendidos do *New York Times* e me pergunto: ‘Realmente quero arrebentar meu traseiro de tanto trabalhar para estar nessa lista com Danielle Steel, David Baldacci e livros místicos?’”

Ele se arrependera há muito tempo de sua declaração de 1985 – “Eu sou o equivalente literário de Big Mac com fritas” –, mas não via mais necessidade

de se defender contra isso. “Ainda estou pagando por aquela declaração”, admitiu. “O que quis dizer com ela foi que sou saboroso e desço bem, mas não acho que uma rígida dieta de Stephen King vá transformar alguém em um ser humano saudável.”

“Ele se orgulha da cultura pop e da literatura popular”, disse George MacLeod. “É simplesmente a essência de quem ele é, e acho que nunca vai mudar.”

Depois de mais de 35 anos da publicação de seu primeiro livro, de uma obra abrangente e da confissão de que, se não puder escrever, ele morreria, seria sensato assumir que Stephen King reduziu seu ofício a uma ciência, que ganhou eficiência. Mas afirma que, ao longo dos anos, escrever não ficou mais fácil; ele apenas sabe que botões precisa apertar para que o trabalho flua. Ele ressalta que também não ficou mais difícil, mas que descobriu que precisava continuar tomando rumos que não lhe são familiares.

Steve admite que sua coluna na *Entertainment Weekly* fica mais difícil de escrever à medida que o tempo passa: “Quero que seja boa, mas, ao mesmo tempo, que soe casual e improvisada, e isso não é fácil de conseguir”.

Steve afirmou: “É crescer ou morrer. Se você só vai conseguir ir pro baile uma única vez, você precisa saber mais do que apenas valsa”. Com isso, ele e John Mellencamp estavam dando os retoques finais em um musical chamado *The Ghost Brothers of Darkland County*, testando-o por meio de leituras e oficinas antes de colocá-lo na estrada e, eventualmente, na Broadway.

Foi Mellencamp quem procurou Steve com a ideia de uma parceria em um musical ambientado nos anos 1950, baseado em uma história real sobre dois irmãos apaixonados pela mesma garota. Um dos irmãos acidentalmente atira e mata o outro, e ele e a garota decidem levá-lo para o hospital. Eles estão correndo, e no caminho para o hospital batem em uma árvore e morrem. Mellencamp propôs fazer as músicas se Steve escrevesse a peça. Ele adorou a ideia e, como de hábito, sentou-se e rapidamente produziu sessenta e sete páginas.

“De certa forma, John chegou na hora certa”, disse Steve. “Ele vem fazendo aquilo que sabe há um bom tempo, e eu venho fazendo aquilo que sei há um bom tempo. Ele buscou manter o frescor da música, experimentando formatos diferentes.”

Os dois se entenderam imediatamente quando começaram a trabalhar juntos, e se deram admiravelmente bem. “Amo Steve, ele não é nada como as pessoas pensam”, disse Mellencamp, “e nós realmente temos muita coisa em comum. Ele vive no meio do nada, eu vivo no meio do nada. Ele não se sente bem junto de um monte de gente, eu também não. Somos uns caras meio antissociais, bem como dois falastrões.”

Se Steve continuava a expandir seus horizontes, ele, no entanto, ainda temia se aventurar em algumas áreas. Por exemplo, a ideia de dirigir outro filme de vez em quando ainda passava por sua cabeça: “Eu nunca diria nunca, e às vezes penso que seria ótimo dirigir um filme quando não estivesse completamente bêbado para ver qual seria o resultado. Mas não sou louco o bastante para fazer isso de novo”.

Há muito tempo ele disse que escreve sobre as coisas que mais o assustam, como ratos e aviões, mas ainda não arranjou coragem suficiente para abordar um determinado assunto.

“Quero escrever sobre aranhas, porque esse é um tema que une muita gente e apavora quase todo mundo”, disse ele. “Para mim, aranhas são simplesmente uma das coisas mais horríveis e apavorantes que consigo pensar.”

Hoje, o trabalho é sua única droga, e de certa forma isso preencheu o vazio de sua vida livre de vícios: quando não está escrevendo, o cérebro e o corpo entram em síndrome de abstinência.

Ele continuava a fumar cigarros, ainda que os tenha reduzido a apenas três por dia. Mas se livrou de álcool, cocaína, poderosos analgésicos e quase qualquer substância entorpecente do planeta.

“Não sou tão raivoso como costumava ser porque não tenho mais 25 anos”, disse ele. “Tenho sessenta, e isso é um pé na bunda constante.”

Ambas as suas organizações beneficentes, a Fundação Haven e a Fundação Stephen & Tabitha King, vão bem. “Steve acredita religiosamente no dízimo, mas eu não”, disse Tabby. “Eu só acredito que não se pode levar as coisas com você, então buscamos descarregar o máximo possível. Estamos felizes em fazê-lo e gostaríamos de poder fazer mais. Fica essa sensação de tentar esvaziar o mar com uma canequinha.”

“Doe um centavo para cada dólar que você ganhar, porque, se você não o fizer, o governo vai simplesmente pegar”, disse Steve. “Se acha que não é capaz de fazê-lo, então olhe para os impostos que paga em cada litro de gasolina que compra.”

“Steve está chegando ao fim do que tem sido uma carreira extraordinária”, disse Tony Magistrale. “Ele tem dinheiro e o reconhecimento do público. A única coisa que falta é as pessoas o levarem a sério e reconhecerem que ele não é um escritor medíocre.”

Mas até isso começou a mudar a partir do momento em que a *New Yorker* publicou um conto dele pela primeira vez. Percebe-se que ele se sente um pouco magoado com a questão do respeito. “As pessoas me perguntam quando vou escrever uma coisa séria, mas perguntas assim sempre doem”, disse ele. “Eles não entendem que é como virar para alguém e perguntar como se sente sendo um crioulo. Minha resposta é que sempre sou o mais sério possível quando sento para escrever. Levei cerca de vinte anos para superar essa pergunta e não ficar embaraçado com os livros que escrevo. Sempre haverá mercado para a merda, claro. Veja Jeffrey Archer![167] Ele escreve como gente velha fode.”

Mas uma coisa não mudou: Steve ainda não entende por que alguém poderia se interessar por sua vida.

“Acho que todos nos sentimos dessa maneira”, disse Ridley Pearson. “Afinal, passamos a maior parte de nossas vidas sentados em uma salinha digitando, e não há nada de interessante nisso. Mas ele é assim, nada egocêntrico.”

Isso não quer dizer que não seja competitivo, pois ele é extremamente competitivo. “Apesar do fato de já ter conseguido isso 36 vezes, Steve continua querendo o primeiro lugar na lista todas as vezes que publica algo”, disse Pearson. “Mas ele não acha que haja algo de extraordinário nisso e apenas pensa que a sua volta há um bocado de gente mais interessante que ele.”

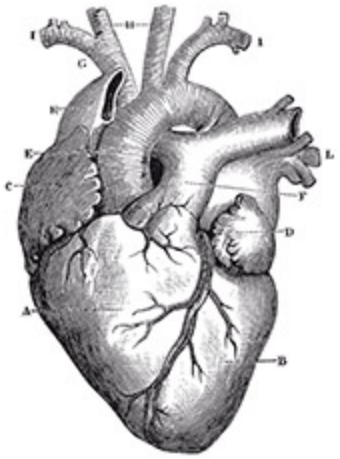
Ele se tornou avô três vezes. Joe e Leanora têm três filhos: Ethan, Aiden e Ryan.

O título da nova coletânea de contos de Stephen é *Just After Sunset* (*Ao Cair da Noite*),[168] mas o título original do livro era *Unnatural Acts of Intercourse* (*Relações Sexuais Não Naturais*, em tradução livre). O livro foi publicado em novembro de 2008.

“O apelo do horror sempre foi consistente”, disse ele. “As pessoas gostam de reduzir a velocidade e olhar para o acidente. É assim.”

Ao longo dos anos, Steve se sentiu tentado a se esconder algumas vezes, a negar que seja ele mesmo quando é reconhecido. “No dia em que negar minha identidade, no dia em que disser que não sou quem eu sou, nesse dia

largo esse negócio para sempre", disse ele. "Fecho a loja, desligo o computador e nunca mais escrevo uma palavra. Porque se o preço do que você faz é a perda da própria identidade, é hora de parar."


H
I
G
K
E
L
C
F
D
A
B

STEPHEN KING

POSFÁCIO

SOB A REDOMA

Não, Stephen King não se aposentou. Como definiu Stanley Wiater, o trabalho é sua única droga, e King parece mais dependente que nunca. Ele soube tirar vantagem da crescente aceitação dos livros eletrônicos, que reduzem os custos e garantem rapidez no lançamento – algo crucial quando se trata de um ensaio sobre um tema que está na ordem do dia, como o controle da venda de armas nos Estados Unidos. E as histórias contadas por King continuam sendo uma garantia de público, seja para a telona dos cinemas ou para a telinha da TV.

Em novembro de 2009, King lançou *Under the Dome* (*Sob a Redoma*), [169] um tijolaço de cerca de mil páginas em que revisita alguns de seus antigos temas, como pessoas enclausuradas em um espaço limitado, onde o pior e o melhor da natureza humana vêm à tona. Em algum ano depois de 2012 – como mostram alguns indícios na paisagem, como um carro com adesivo da campanha de reeleição de Barack Obama –, a pequena cidade de Chester Mills, no velho Maine de King, vê-se de repente totalmente cercada por uma redoma transparente, presumivelmente obra de alienígenas. Quem está dentro não sai, quem está de fora não entra. Está pronto o cenário para uma disputa entre o bem e o mal.

Em *Sob a Redoma*, King retomou um romance que abandonara duas vezes, nos anos 1970 e 1980, inicialmente com o título *The Cannibals*. Em seu site, ele explica que os dois textos "são tentativas muito diferentes de usar a mesma ideia, que diz respeito a como pessoas se comportam quando

são isoladas da sociedade à qual sempre pertenceram". Mas assegura que apenas o primeiro capítulo do material original sobreviveu.

Quem viu tons políticos no romance não está delirando: o próprio autor fez essa observação. "A incompetência me irrita. Eu obviamente estou à esquerda do centro. Nunca acreditei que houvesse justificativa para a guerra no Iraque. E parecia que, na esteira dos atentados do 11 de Setembro, o governo Bush era como aquele garoto bravo andando na rua que não consegue encontrar o idiota que bateu nele, e aí soca o primeiro que aparece. Às vezes as pessoas mais incrivelmente equivocadas podem estar no poder quando se precisava das pessoas certas", afirmou King na ocasião do lançamento do livro.

A estratégia de divulgação incluiu a divulgação de sites relacionados a personagens do romance, como o da loja de carros usados de Big Jim Rennie, o do restaurante Sweetbriar Rose, comandado por Rose Twitchell, e o do jornal *Chester's Mill Democrat*, que traz até alguns artigos.

Se os críticos torceram o nariz para o estilo de King – no *New York Times*, James Parker apontou "diálogos dignos de um filme B" –, o público adorou, e Hollywood também. A CBS produziu uma minissérie em treze episódios, com estreia em 24 de junho de dois mil e treze. A produção é de responsabilidade de Amblin Entertainment, de Steven Spielberg. A gestação foi longa: o anúncio da parceria entre Spielberg e King surgiu no mesmo mês em que o livro foi lançado.

Em entrevista recente à revista nova-iorquina *Parade*, King revelou algumas de suas preferências na telinha. Ele disse que suas séries favoritas atualmente são *The Americans*, *Justified*, *Bates Motel* e *The Walking Dead*. "Eu não vejo *Mad Men*. Acho que é basicamente um novelão, e se eu quero um novelão assisto *Revenge*. Aquela série é louca, mas eles têm roupas ótimas."

Mais cedo, naquele mesmo ano, King prestara um tributo àqueles que gostam tanto de suas histórias como dos filmes que elas inspiraram. Na coletânea *Stephen King Goes to the Movies*,[170] ele revisita cinco contos que foram adaptados para o cinema, com uma introdução inédita para cada um deles. Entre eles, "Um Sonho de Liberdade" e "As Crianças do Milharal", adaptado para o cinema como *Colheita Maldita* (1984).

E, provando sua forte ligação com o cinema, que se mostrou um excelente veículo para as descrições visuais do autor, o ano de dois mil e treze também vê chegar às telas o *remake* de *Carrie, a Estranha*. Com Chloë Grace Moretz

no papel que deu fama a Sissy Spacek e direção de Kimberly Peirce (que realizou *Meninos Não Choram*, de 1999), o filme provavelmente sofrerá devido à comparação com o original, de Brian de Palma. O próprio King mostrou suas dúvidas: “A questão aqui é por quê – já que o original era tão bom?” O escritor ainda disse que poderia participar do projeto “se este fosse entregue a um dos Davids: Lynch ou Cronenberg” – o que acabou não acontecendo.

O escritor atrai cineastas até quando não quer se envolver. Em 2011, dois amigos, Monroe Mann e Ronnie Khalil, se uniram para fazer o filme *You Can’t Kill Stephen King* (*Não se Pode Matar Stephen King*, em tradução livre). A trama mostra um grupo de amigos que resolve fazer um passeio no lago junto à casa do mestre do horror no Maine e são assassinados, um de cada vez. De acordo com o site MK Horror, cada morte vem de uma história de King, para deleite dos fãs. Os dois diretores também atuam, e dois dos personagens têm por sobrenome Bachman, o alterego de King. A estreia mundial do filme foi no festival Lewiston-Auburn, no Maine, em abril de 2012. Na ocasião, eles ganharam o prêmio de Melhor Filme pela escolha do público. Os próprios diretores, em entrevista à revista *Fangoria*, admitiram que era uma ótima oportunidade para colocar garotas de biquíni na tela. Ou seja, o filme segue a linha “quanto pior, melhor”.

Steve tomou conhecimento do filme? “King foi gentil o bastante para ler o roteiro e esperto o bastante para deixá-lo de lado. Mas sim, ele sabe e acompanhou as filmagens o tempo todo”, disse Khalil à *Fangoria*. A produção independente divulgou seu trailer na internet e acabou fechando contratos de distribuição para vários países, incluindo Japão e Turquia.

Em abril de 2010, uma pequena editora, a Cemetery Dance, lançou uma edição de capa dura de uma novela inédita de King, *Blockade Billy*,[171] sobre um jogador de beisebol que carrega um terrível segredo. A história se passa em 1957, e a ilustração da capa tem o ar nostálgico de uma pintura de Norman Rockwell (1894-1978), pintor famoso por retratar de forma poética o cotidiano dos EUA. Com apenas oitenta páginas, a primeira edição limitada, de dez mil exemplares, vinha com um cartão do personagem-título, como se fosse um jogador real. Um mês depois, a Scribner lançou outra edição, acrescida do conto “Morality”.

Também em abril de 2010, aportou nas livrarias outra coletânea de novelas, *Full Dark, No Stars*,[172] que segue os caminhos de *Quatro Estações* e *Depois da Meia-Noite*. Bill Sheehan afirmou no *The Washington*

Post que o livro oferece “quatro relatos satisfatoriamente sombrios do comportamento humano no que este tem de mais extremo”. O livro conta com “1922”, “Fair Extension”, “Big Driver” e “A Good Marriage”.[173] A edição de bolso, lançada em maio de 2011, ganhou um conto adicional, “Under the Weather” (“Ao Relento”, em tradução livre).

O livro teve uma edição limitada pela Cemetery Dance, lançada em outubro de 2010, cujos exemplares autografados se esgotaram em doze horas. Essa edição contava com dezesseis ilustrações exclusivas, criadas por cinco artistas.

A novela “A Good Marriage” está sendo adaptada para o cinema, com direção de Peter Askin, além de Joan Allen (*Tempestade de Gelo* (1997) e *Sempre ao Seu Lado* (2009), entre outros) e Anthony LaPaglia (da série de TV *Without a Trace*) no elenco. O roteiro foi escrito pelo próprio King: ele e Askin se tornaram amigos quando este dirigiu o musical *Ghost Brothers of Darkland County*, uma parceria de King e John Mellencamp.

A trama de “A Good Marriage” gira em torno de uma mulher que descobre o lado obscuro de seu marido – e tem de tomar uma decisão sobre o que fazer. Mais uma vez, King investiga as reações de uma pessoa que se vê acuada em uma situação-limite.

A coletânea recebeu elogios de outro mestre do fantástico, Neil Gaiman. No jornal *The Guardian*, o escritor britânico afirmou que as histórias tratam de “retribuição e cumplicidade: de crimes que parecem inevitáveis, das formas pelas quais justificamos o mundo para nós mesmos e nós mesmos para o mundo. Poderosas, e cada uma delas, a sua própria maneira, profundamente sórdida”.

A Cemetery Dance ainda colocou em pré-venda, em maio de 2011, uma edição comemorativa dos 25 anos de *A Coisa*. Foram duas edições assinadas e numeradas, sendo que a de menor tiragem esgotou-se em meros 25 minutos. Em março do ano seguinte, a editora lançou, a pedido dos fãs, um livro somente com as ilustrações usadas na edição comemorativa.

No ano de 2010 King ainda contribuiu com parte da série em quadrinhos *American Vampire* (*Vampiro Americano*).[174] A série foi idealizada por Scott Snyder – que tornou-se o único autor das histórias após a saída de King – e é desenhada pelo brasileiro Rafael Albuquerque, creditado como co-criador a partir do décimo-terceiro número. A série tem duas vertentes: uma, escrita por Snyder, fala de Pearl, uma mulher transformada em vampiro nos anos 1920. A outra, de King, conta de Skinner Sweet, o representante de

uma nova raça de vampiros surgida no velho oeste norte-americano. A história em quadrinhos, que continua ser publicada mensalmente, ganhou vários prêmios: o IGN em 2010, o Eisner em 2011 e o Harvey em 2012. A primeira edição encadernada da HQ entrou na lista dos mais vendidos do *New York Times* assim que foi lançada, em outubro de 2010.

Enquanto isso, Stephen King se preparava para lançar, em novembro de 2011, o romance *11/22/1963* (*Novembro de 63*),[175] em que revisita o assassinato de John Kennedy. O título se refere à data da tragédia, 22 de novembro de 1963. Para Errol Morris, do *New York Times*, o tijolo de 849 páginas é "uma das melhores histórias sobre viagem no tempo desde H.G. Wells". "King capturou algo maravilhoso. Poderia isso ser o poço sem fundo da realidade? Quanto mais perto se chega da história, mais misteriosa ela se torna. Ele escreveu um livro profundamente romântico e pessimista. É romântico sobre a verdadeira possibilidade de amar e pessimista sobre todo o resto."

Em entrevista à rádio NPR, King disse que sua primeira tentativa de escrever o livro fora em 1971, quando ainda era professor no Maine. "O 22 de novembro de 1963 era o nosso 11 de Setembro", afirmou. O problema, como ele admite, era não estar à altura do desafio. "Eu não estava pronto para um projeto assim tão grande, baseado na realidade e bastante dependente de pesquisa." Além disso, em 1971 a tragédia ainda estava muito fresca na memória das pessoas. "Estou contente por ter esperado", afirmou King.

Para o livro, King mergulhou na vida do assassino de Kennedy, Lee Harvey Oswald – que o protagonista, Jake Epping, passa a perseguir depois de voltar no tempo, tentando impedir a tragédia. Ele ficou chocado com o que apurou. "Sua mãe era uma força dominante em sua vida", contou King. "Lee dormiu na mesma cama que ela até completar onze anos e, até os treze anos, ele tinha de tirar a roupa toda semana para que ela o examinasse para ver se estava ou não se tornando um homem."

A pesquisa ainda levou o próprio King numa viagem a sua infância. Ao voltar no tempo, Jake cai no ano de 1958, quando Steve tinha de dez para onze anos. "Foram como umas belas férias no passado. Mas eu também amo o presente, então... Foram ótimas férias, porém, como se diz, 'O lugar é ótimo, mas eu não moraria lá'."

O romance agradou também ao papa das séries de TV J.J. Abrams. Em abril de dois mil e treze, começaram a circular rumores sobre uma adaptação

de *Novembro de 63* para uma série ou minissérie. O cineasta Jonathan Demme (*O Silêncio dos Inocentes*, de 1991) já havia se interessado em levar o romance para a telona, mas acabou desistindo no fim de 2012. Segundo Demme, ele não conseguiu chegar a um acordo com King sobre como deveria ser feita a adaptação.

Nessa nova fase produtiva de King, a série *A Torre Negra* não poderia ficar de fora. Em abril de 2012, ele lançou mais um livro com as aventuras de Roland Deschain: *The Wind Through the Keyhole* (*O Vento Pela Fechadura*).[176] Ainda que seja o oitavo livro da série, o próprio King ressaltou que a ação se passa entre o quarto e o quinto livros, o que faria dele um "volume quatro e meio". No livro, Roland e seus amigos, a caminho de Calla Bryn Sturgis, têm de buscar abrigo em uma construção abandonada durante uma forte tempestade. Roland, então, fala a seus amigos sobre um feito antigo, quando, para acalmar uma criança cujo pai fora assassinado, ele começa a contar uma história que sua mãe lhe narrava quando era criança... e o livro se torna uma história dentro de uma história dentro de outra história.

"(O livro) não traz muitas novidades sobre Roland e seus amigos. Não vai mudar a vida de ninguém, mas, puxa, eu me diverti muito", afirmou King antes de o romance ser publicado.

Para James Kidd, do jornal britânico *The Independent*, "*O Vento Pela Fechadura* faz alusões diretas a C.S. Lewis [autor de *As Crônicas de Nárnia* (1949-1954)] e a *O Mágico de Oz* (1900) de L. Frank Baum, além de ter uma forte dívida para com Tolkien e os *westerns spaghetti* de Sergio Leone". Já Bill Sheehan, ao comentar o livro no *Washington Post*, ressalta que nele King revisita os velhos temas de sua ficção: famílias em crise, crianças em situação de risco, o peso da culpa e a possibilidade de perdoar.

Em 2012, King também viu chegar ao público um projeto acalentado por dez anos: o musical *Ghost Brothers of Darkland County*. A peça, uma parceria do escritor com o músico John Mellencamp, estreou na cidade de Atlanta em abril de 2012. A história trata de uma tragédia que tirou as vidas de dois irmãos e uma garota pela qual ambos estavam apaixonados, bem como da lenda criada na cidade natal deles em torno dessas mortes. Para o crítico do *New York Times* Jason Zinoman, as canções não acrescentam interesse à trama, e a produção abusa de recursos de iluminação e projeções paralelas, o que acaba por distrair o espectador. A partir de outubro de dois mil e treze, o musical segue em turnê por várias cidades dos EUA.

A trilha sonora, no entanto, nas lojas americanas a partir de junho de dois mil e treze, deve ter uma recepção melhor. A cargo do diretor musical da peça, T. Bone Burnett, o álbum conta com pesos-pesados como Elvis Costello, Sheryl Crow, Kris Kristofferson e, é claro, o próprio Mellencamp.

E o ano de dois mil e treze começou de maneira promissora para os fãs de Stephen King. Em 25 de janeiro, ele lançou um e-book de não ficção, no formato Kindle Singles, tratando de um tema muito controverso nos Estados Unidos: o controle da venda de armas. *Guns* (*Armas*, em tradução literal) [177] visa, segundo King, a estimular um debate entre os cidadãos americanos, para que decidam se querem ou não um país armado até os dentes. "Assim que acabei de escrever *Guns*, queria vê-lo publicado rapidamente, e o Kindle Singles provou-se um veículo excelente", explicou o autor. O texto foi escrito ainda no calor do tiroteio na Sandy Hook Elementary School, em 14 de dezembro de 2012, quando Adam Lanza, de 20 anos, matou vinte crianças e seis adultos em uma escola primária de Newtown, Connecticut. Lanza se suicidou quando foi cercado pela polícia.

O ativismo político não era novidade para Steve, que desde os tempos da universidade adotava causas e fazia campanhas. Pouco antes, ele havia doado 70 mil dólares para ajudar seus vizinhos do Maine a pagarem os custos da calefação no inverno, depois de cortes nos subsídios federais para o aquecimento das casas. E em 2012, em pleno debate sobre o orçamento do governo norte-americano, ele publicou um artigo no site The Daily Beast criticando os ricos – como ele próprio e o então candidato republicano à presidência, Mitt Romney – por não retribuírem aquilo que o país lhes permitiu ter. King afirmou achar estranho pagar uma alíquota de Imposto de Renda de 28%: "E por que não de 50%?", perguntou. "Não quero que você peça perdão por ser rico;[178] quero que você reconheça que, na América, todos devemos pagar uma fatia justa."

Com relação ao controle da venda de armas, King não se limitou ao livro *Guns*. Em abril de dois mil e treze, ele e sua mulher, Tabitha, fizeram uma doação de valor não revelado – mas "em torno dos cinco dígitos", como ele mesmo confirmou – para uma ONG que trabalha em prol do controle de armas. O escritor ainda publicou um artigo no jornal de sua cidade defendendo um maior controle sobre a venda de armas nos EUA.

"Ressaltei ser totalmente contrário à derrubada da Segunda Emenda,[179] pois eu mesmo tenho uma arma. E ressaltei também que um caçador que

acha necessário ir para o bosque armado com uma AR-15 ou tem uma pontaria muito ruim ou teme que o veado que ele vai caçar revide o tiro.”

No texto, King também fala da reação do público a *Guns*, que classificou de “forte, mas deprimente”. Citando os comentários no site da Amazon, ele afirma que os EUA são um país dividido.

“Temos dois blocos políticos que se manifestam atualmente nos Estados Unidos, e tudo o que eles fazem é gritar um com o outro. E não apenas sobre armas. É a dívida, é o aborto, é a reforma da imigração, são os gastos com Medicare e Previdência, é a política externa [...]. Meu Deus, temos pessoas que ainda discutem sobre as armas de destruição em massa do Iraque e se o presidente é ou não um cidadão norte-americano. Às vezes gostaria que todos eles crescessem, calassem a boca e passassem a ajudar seus companheiros homens e mulheres.”

No artigo, King explica que defende uma abrangente verificação de antecedentes criminais para quem quiser comprar armamento e o fim da comercialização de armas pesadas semiautomáticas. E conclui: “O próximo Adam Lanza está por aí em algum lugar, assim como o próximo Seung-Hui Cho, o próximo James Holmes.[180] A nossa tarefa, como americanos responsáveis, é dificultar as coisas para esses loucos.”

O e-book não era uma ferramenta nova para Steve, que foi um dos primeiros escritores a apostarem no formato. Ele tem usado o livro eletrônico para lançar novelas, pequenas demais para se tornarem um único livro em formato tradicional e muito grandes para serem publicadas em revistas como, por exemplo, a *New Yorker*, um veículo mais adequado a contos. Em setembro de 2011, ele lançou pela Amazon.com *Mile 81*, e em agosto de 2012, *A Face in the Crowd* (*Um Rosto na Multidão*, em tradução livre),[181] esta escrita em conjunto com Stewart O’Nan. *Mile 81* conta a história de Pete Simmons, que resolve encher a cara em um restaurante abandonado de beira de estrada e acaba testemunhando a aparição de um carro que atrai pessoas e as devora.

Já *A Face in the Crowd* está relacionada à paixão de Steve pelo beisebol. Em uma leitura para o público em uma feira literária, King contou ter tido a ideia para uma história em que um homem que sempre assiste a jogos de beisebol pela TV – e só pela televisão – um belo dia começa a ver pessoas de seu passado já falecidas, e para as quais o tempo não passou: estão exatamente como quando morreram. King disse à plateia do festival que não sabia como terminar a história e pediu que os participantes o fizessem. Só

que entre eles estava O'Nan, com quem Steve escrevera, em 2004, *Faithful*, um livro de não ficção sobre beisebol.

Infelizmente, a mídia tradicional ainda não dá atenção suficiente a livros publicados exclusivamente em formato eletrônico, então os únicos comentários disponíveis sobre as duas novelas foram postados por leitores – fãs de King, na maioria – em redes sociais e sites.

O mesmo cenário se aplica a dois livros eletrônicos de King em coautoria com um de seus filhos, Joe Hill. *Throttle* (*Acelerador*, em tradução literal), que já havia sido publicado em uma antologia em fevereiro de 2009, em edição limitada, reunindo vários autores, ganhou um e-book próprio em 2012, assim como *In the Tall Grass* (*Na Grama Alta*, em tradução livre). [182] Esta última novela viera à luz em dois números da revista *Esquire* naquele mesmo ano.

No site Fearnet, Kevin Quigley analisou a novela – ainda em sua publicação pela *Esquire* –, classificando-a de "excelente". Segundo Quigley, o texto "explora novas ideias e cria novas fronteiras, além de qualquer coisa que King ou Hill já fizeram, e essa é uma perspectiva excitante para o futuro".

E o ano de dois mil e treze continua prolífico. Junho é o mês de lançamento de *Joyland* (*Terra da Alegria*, em tradução literal)[183] uma história ambientada em um parque de diversões de uma cidadezinha da Carolina do Norte. A trama, passada em 1973, conta do verão em que o estudante universitário Devin Jones vai trabalhar no parque – e se vê às voltas com um assassinato e uma criança moribunda. Em entrevista à revista *Parade* pouco antes do lançamento do livro, King explicou o que o mantém escrevendo: "O principal é entreter as pessoas. *Joyland* realmente só decolou para mim quando o coroa dono do lugar diz: 'Nunca se esqueça, nós vendemos diversão'. É isso que devemos fazer – escritores, cineastas, todos nós. É por isso que nos deixam ficar no parquinho".

King disse ainda que nunca se viu como um escritor de histórias de horror e que, com *Joyland*, quis testar o "formato *whodunit*" – aquele em que o leitor fica tentando descobrir quem cometeu o(s) crime(s). Ele também confirmou que continua mostrando seu trabalho a sua mulher, Tabitha – não somente ele, como seus filhos. "Ela diz 'Você já fez isso antes. Isso é uma bosta. Isso é idiota'. Não há aterrissagem suave com Tabby, e tudo bem."

Os leitores também poderão conferir o poema *The Dark Man*, escrito por King em 1969, quando ele estava na universidade, e publicado em 2004 na antologia *The Devil's Wine*, que reuniu autores como Ray Bradbury e Peter Straub. A Cemetery Dance lança em julho uma edição limitada e ilustrada, com desenhos de Glenn Chadbourne.

Mas a grande sensação será a continuação de um dos grandes sucessos de King, *O Iluminado*. Em *Doctor Sleep*, o autor mostra Dan Torrance adulto. Trabalhando em um asilo, ele usa o que ainda lhe resta de seus poderes como "iluminado" para ajudar as pessoas a enfrentarem suas horas finais. Com a ajuda de um gato que pode prever o futuro, ele se torna o "Doutor Sono" do título. O lançamento no mercado norte-americano está previsto para setembro.

Em uma entrevista concedida ao escritor britânico Neil Gaiman em fevereiro de 2012, publicada em abril do mesmo ano pela *Sunday Times Magazine*, King explica seus motivos para retomar um de seus livros mais famosos – e, na opinião de Gaiman, um dos mais assustadores –, *O Iluminado*.

"Eu quis escrever *Doctor Sleep* porque queria saber o que aconteceria a Danny Torrence quando ele crescesse. E eu sabia que ele seria um alcoólatra porque seu pai era alcoólatra", explicou King. "Então pensei, que tipo de vida uma pessoa assim leva? Ele passa por vários empregos de baixa qualificação, dos quais é demitido, e agora trabalha como faxineiro em uma clínica para pacientes terminais. Eu realmente o queria em uma instituição dessas porque ele é um iluminado e pode ajudar as pessoas a enfrentarem a hora da morte. Elas o chamam de Doutor Sono, e sabem que é hora de chamá-lo quando o gato entra no quarto delas e sobe na cama."

Gaiman estivera com King pela primeira vez vinte anos antes, em 1992. Os dois escritores voltaram a se encontrar em 2002, pouco depois de King ter se recuperado do atropelamento e da pneumonia, e Gaiman achou o amigo frágil e alquebrado. Ao reencontrá-lo em 2012, o britânico ficou feliz com o que viu. "Ele não mais parece frágil. Ele tem 64 anos e parece mais jovem do que há dez anos."

Na revista, à guisa de introdução para a entrevista, Gaiman fala da influência que o autor americano teve sobre ele. "Acho que a coisa mais importante que aprendi com Stephen King foi quando era adolescente, ao ler seu livro de ensaios sobre o terror na literatura e no cinema, *Dança Macabra*. Lá ele afirma que se você escrever apenas uma página por dia, apenas trezentas palavras, depois de um ano você terá um romance. Foi

extremamente reconfortante – de repente, algo gigantesco e impossível tornou-se estranhamente fácil. É como tenho escrito os livros que não teria tido tempo de fazer, como o romance infantil *Coraline* (2002).”

A rotina continua. King contou que escreve todos os dias. “Eu sento lá pelas oito horas e quinze e trabalho até meio-dia, e durante esse período tudo é real”, afirmou ele a Gaiman. Steve estima escrever entre 1.200 e 1.500 palavras diariamente. “Se não escreve ele não fica feliz”, diz Gaiman. “Se escreve, o mundo é um lugar melhor. Então ele escreve. Simples assim.”

Para o escritor britânico, a importância de King vai além de seus livros. Sua teoria é que, no futuro, quem quiser se informar sobre o dia a dia da humanidade a partir de 1974 terá de recorrer aos livros de Stephen King. “Ele é um mestre em refletir o mundo que vê, registrando isso nas páginas. A ascensão e queda do videocassete, o surgimento do Google e dos smartphones. Está tudo lá, atrás dos monstros e da noite, tornando tudo mais real.”

Gaiman explica que, em seu novo encontro com Steve, o que mais o impressionou foi “o quão confortável ele se sente com o que faz. Toda a conversa sobre se aposentar do ofício de escritor, largar tudo, todas as insinuações de que talvez seja hora de parar antes que comece a se repetir parecem ter ficado para trás. Ele gosta de escrever, mais do que qualquer coisa, e não parece nada inclinado a parar”.

CRONOLOGIA

Esta é uma lista cronológica dos livros de Stephen King, intercalada com
eventos de sua vida. Para uma bibliografia completa de seu trabalho, incluindo
contos, novelas e roteiros, a melhor fonte é o website do autor:
StephenKing.com

1947 21 DE SETEMBRO: Stephen Edwin King nasce em Portland, Maine, de Donald e Ruth King, que já tinham um filho de dois anos, David.

1949 Donald foi comprar cigarros e nunca mais voltou. Até 1958, Ruth e os dois meninos mudam-se constantemente, incluindo Chicago, West De Pere/Wisconsin, Stratford/Connecticut.

1958 VERÃO: os Kings se instalam em West Durham, no Maine, para viver com os pais idosos de Ruth.

1962 JUNHO: Steve termina a oitava série.

SETEMBRO: Steve começa o ensino médio na Lisbon High School em Lisbon Falls, Maine

1966 JUNHO: Steve termina o ensino médio.

SETEMBRO: Steve é calouro da Universidade do Maine em Orono.

1967 OUTUBRO: Steve vende seu primeiro conto, “The Glass Floor,” para a revista Startling Mystery Stories.

1968 Steve conhece a também estudante Tabitha Spruce, um ano mais jovem.

1969 FEVEREIRO: Steve inicia sua coluna semanal, “ The Garbage Truck,” para o Maine Campus.

1970 JUNHO: Steve obtém seu bacharelado em Inglês e um certificado que o qualificava como professor do ensino médio.

1970 JUNHO: Nasce Naomi Rachel, primeira filha de Steve.

1970 OUTUBRO: Conto “ Graveyard Shift” é publicado na Cavalier, marcando o início de um fluxo constante de vendas de contos de Steve para revistas masculinas.

1971 2 DE JANEIRO: Steve e Tabitha se casam em Old Town, Maine.

1974 ABRIL: Primeiro livro de Stephen King, *Carrie*, é publicado.

1975 OUTUBRO: *A Hora do Vampiro* (*Salem’s Lot*).

1976 NOVEMBRO: Lançamento de *Carrie*, o filme.

1977 JANEIRO: *O Iluminado* (*The Shining*).

SETEMBRO: Lançamento de *Fúria* (*Rage*), primeiro livro de Richard Bachman.

1978 FEVEREIRO: *Sombras da Noite* (*Night Shift*).

SETEMBRO: *A Dança da Morte* (*The Stand*).

1979 JULHO: *A Longa Marcha* (*The Long Walk*), de Richard Bachman.

AGOSTO: *A Zona Morta* (*The Dead Zone*).

1980 MAIO: O filme *O Iluminado* chega aos cinemas.

SETEMBRO: *A Incendiária* (*Firestarter*).

1981 ABRIL: *Dansa Macabra* (*Danse Macabre*). No mesmo mês, lançamento de *A Auto-Estrada* (*Roadwork*), de Richard Bachman.

1981 OUTUBRO: *Cão Raivoso* (*Cujo*).

1982 MAIO: *O Sobrevivente* (*The Running Man*), de Richard Bachman.

JULHO: Publicação de *Creepshow* em quadrinhos com os cinco contos adaptados no filme.

AGOSTO: *Quatro Estações* (*Different Seasons*).

NOVEMBRO: Lançamento do filme *Creepshow*, um tributo às revistas de horror da EC Comics dos anos 1950.

1983 ABRIL: *Christine*.

OUTUBRO: Filme *The Dead Zone* estreia.

NOVEMBRO: *O Cemitério* (*Pet Sematary*).

DEZEMBRO: *Christine, O Carro Assassino*, o filme, é lançado.

1984 ABRIL: *A Hora do Lobisomem* (*Cycle of the Werewolf*).

MAIO: Estreia do filme *Chamas da Vingança* (*Firestarter*).

NOVEMBRO: *A Maldição* (*Thinner*), de Richard Bachman e *O Talismã* (*The Talisman*) de Stephen King são lançados.

1985 FEVEREIRO: Richard Bachman é revelado.

ABRIL: Lançamento do filme *Olhos de Gato* (*Cat's Eye*).

JUNHO: *Tripulação de Esqueletos* (*Skeleton Crew*).

JULHO: King dirige *Comboio do Terror* (*Maximum Overdrive*) em Wilmington, North Carolina.

1986 JULHO: *Comboio do Terror* é lançado.

AGOSTO: *Conta Comigo* (*Stand by Me*) chega aos cinemas.

SETEMBRO: *A Coisa* (*IT*).

1987 FEVEREIRO: *Os Olhos do Dragão* (*Eyes of the Dragon*).

JUNHO: *Angústia* (*Misery*).

NOVEMBRO: *Os Estranhos* (*Tommyknockers*).

1988 SETEMBRO: Primeiro volume da série *A Torre Negra*, *O Pistoleiro,* é lançado (*The Dark Tower I: The Gunslinger*).

NOVEMBRO: *Nightmares in the Sky*.

1989 MARÇO: *A Torre Negra Vol. II - A Escolha dos Três* (*The Dark Tower II: The Drawing of the Three*).

NOVEMBRO: *A Metade Negra* (*The Dark Half*).

1990 MAIO: Lançamento de *A Dança da Morte* sem cortes.

SETEMBRO: *Depois da Meia-Noite* (*Four Past Midnight*)

OUTUBRO: Lançamento do filme *A Criatura do Cemitério* (*Graveyard Shift*).

1991 AGOSTO: *A Torre Negra Vol. III - As Terras Devastadas* (*The Dark Tower III: The Wastelands*).

OUTUBRO: *Trocas Macabras* (*Needful Things*).

1992 MAIO: *Jogo Perigoso* (*Gerald's Game*).

1993 JANEIRO: *Eclipse Total* (*Dolores Claiborne*).

OUTUBRO: Antologia de contos *Nightmares and Dreamscapes* é publicada.

1994 ABRIL: *Insônia* (*Insomnia*).

MAIO: Minissérie *A Dança da Morte* (*The Stand*) estreia no canal ABC.

SETEMBRO: *Um Sonho de Liberdade* (*The Shawshank Redemption*) é lançado nos cinemas.

OUTUBRO: Conto "The Man in the Black Suit" é publicado no *New Yorker*.

1995 JULHO: *Rose Madder*.

1996 King recebe o Prêmio O. Henry por “The Man in the Black Suit”

MARÇO A AGOSTO: *À Espera de Um Milagre* (*The Green Mile*) é publicado capítulo a capítulo, mensalmente, durante seis meses.

1º DE OUTUBRO: *Desespero* (*Desperation*) e *The Regulators* são publicados nesse dia.

1997 NOVEMBRO: *A Torre Negra Vol. IV - Mago e Vidro* (*The Dark Tower IV: Wizard and Glass*).

1998 SETEMBRO: *Saco de Ossos* (*Bag of Bones*).

1999 FEVEREIRO: *Storm of the Century* (minissérie de TV) estreia na ABC.

ABRIL: *The Girl Who Loved Tom Gordon*.

19 DE JUNHO: King é atropelado por uma van e fica seriamente ferido.

SETEMBRO: *Hearts in Atlantis*.

10 DE DEZEMBRO: Filme baseado em *The Green Mile, À Espera de um Milagre*, é lançado; Steve e Tabby vão à première.

2000 MARÇO: *Riding the Bullet* publicado em e-book.

JULHO: *The Plant* também é lançado em e-book.

OUTUBRO: *On Writing*.

2001 MARÇO: *O Apanhador de Sonhos* (*Dreamcatcher*).

SETEMBRO: *A Casa Negra* (*Black House*), escrito em colaboração com Peter Straub, é publicado.

2002 MARÇO: *Tudo É Eventual* (*Everything's Eventual*)

SETEMBRO: *Buick 8* (*From a Buick 8*)

2003 JUNHO: Reedição da série *A Torre Negra*, livros I-IV.

NOVEMBRO: Nova edição de *A Torre Negra V*.

19 DE NOVEMBRO: King recebe o prêmio da Fundação Nacional do Livro.

23 DE NOVEMBRO: King é hospitalizado com pneumonia.

2004 MARÇO: A minissérie Kingdom Hospital estreia na ABC.

7 DE ABRIL: King termina de escrever a série *A Torre Negra*.

JUNHO: (*The Dark Tower VI: Song of Susannah*)

21 DE SETEMBRO: Lançamento de (*The Dark Tower VII: The Dark Tower*), 57º aniversário de King.

27 DE OUTUBRO: O Boston Red Sox ganha o Campeonato Mundial (World Series).

DEZEMBRO: *Faithful: Two Diehard Boston Red Sox Fans Chronicle the Historic Season*, escrito com Stewart O'Nan, é publicado.

2005 OUTUBRO: *O Homem do Colorado* (*The Colorado Kid*)

2006 JANEIRO: *Celular* (*Cell*)

OUTUBRO: *Love – A História de Lisey* (*Lisey's Story*)

2007 FEVEREIRO–AGOSTO: *A Torre Negra: O Pistoleiro* (*The Dark Tower: The Gunslinger Born*) é lançado em quadrinhos.

JUNHO: *Blaze* (Richard Bachman).

OUTUBRO: Publicada a coletânea *Best American Short Stories 2007*, editada por King.

NOVEMBRO: The Mist é lançado no cinema.

2008 JANEIRO: *Duma Key*.

NOVEMBRO: *Ao Cair da Noite* (*Just After Sunset: Stories*).

2009 NOVEMBRO: *Sob a Redoma (Under the Dome).*

2010 Escreve para a série *American Vampire*, da Vertigo.

ABRIL: *Blockade Billy*, lançado em edição limitada e lançamento da coletânea *Full Dark, No Stars.*

OUTUBRO: *Full Dark, No Stars* em edição limitada pela Cemetery Dance.

2011 Estreia do filme de Monroe Mann e Ronnie Khalil, *You Can't Kill Stephen King*

MAIO: Edição comemorativa pelos 25 anos de *A Coisa (IT).*

SETEMBRO: *Mile 81*, edição apenas disponível na Amazon.com

OUTUBRO: *Novembro de 63 (11/22/1963)*, romance sobre o assassino de Kennedy.

2012 ABRIL: Estreia do musical *Ghost Brothers of Darkland County* em Atlanta, escrita em parceria com John Mellencamp. Lançamento de *O Vento Pela Fechadura (The Wind Through the Keyhole)* – mais um livro da série *A Torre Negra* (8º livro da série, número 4,5 segundo a cronologia de King).

AGOSTO: *A Face in the Crowd*, também apenas disponível na Amazon.com. *Throttle* (com Joe Hill) e *In the Tall Grass*, ganharam edição em e-book.

MMXIII 25 DE JANEIRO: *Guns*, e-book sobre controle de armas.

JUNHO: Previsão para lançamento de *Joyland*, para a trilha sonora do musical *Ghost Brothers of Darkland County* e para estreia da minissérie *Under the Dome.*

Também é aguardada a estreia do *remake* de *Carrie* nos cinemas.

JULHO: Previsão de lançamento em edição limitada do poema *The Dark Man*, com desenhos de Glenn Chadbourne.

SETEMBRO: Previsão de lançamento de *Doctor Sleep*, “continuação” de *O Iluminado.*

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Edições das obras de Stephen King publicadas no Brasil

ROMANCES

1974 [CARRIE] *Carrie, a Estranha*. Nova Fronteira, 1974; Abril Cultural, 1983; Nova Cultural, 1987; Objetiva, 2001; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2007; Ponto de Leitura 2009.

1975 [SALEM] *A Hora do Vampiro*. Record, 1980; Nova Cultural, 1988; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2006); Ponto de Leitura, 2010. *Salem*. Suma de Letras, MMXIII.

1977 [THE SHINING] *O Iluminado*. Record, 1977; Abril Cultural, 1984; Círculo do Livro, 1985; Nova Cultural, 1987; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2005; Ponto de Leitura, 2009; Suma de Letras, 2012.

1978 [THE STAND] *A Dança da Morte*. Bertrand Brasil, 1990; Objetiva, 2005; Suma de Letras, MMXIII.

1979 [THE DEAD ZONE] *A Zona Morta*. Abril Cultural, 1985; Círculo do Livro, 1988; Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, 2009.

1980 [FIRESTARTER] *A Incendiária*. Record, 1980; Livros do Brasil, 1985; Círculo do Livro, 1986.

1981 [CUJO] *Cão Raivoso*. Record, 1982.

1983 [CHRISTINE] *Christine*. Francisco Alves, 1983; Nova Cultural, 1986; Objetiva, 1998; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, 2011.

[PET SEMATARY] *O Cemitério*. Rio Gráfica, 1985; Círculo do Livro, 1986; Francisco Alves, 1987; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2006; Ponto de Leitura, 2011; Suma de Letras, MMXIII.

[CYCLE OF THE WEREWOLF] *A Hora do Lobisomem*. L&PM, 1987.

1984 [THE TALISMAN] ESCRITO COM PETER STRAUB. *O Talismã*. Francisco Alves, 1985; Objetiva, 2000; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, MMXIII.

1986 [IT] *A Coisa*. Francisco Alves, 1987; Objetiva, 2000; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2006.

1987 [THE EYES OF THE DRAGON] *Os Olhos do Dragão*. Francisco Alves, 1988; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2006; Ponto de Leitura, 2011; Suma de Letras, MMXIII.

[MISERY] *Angústia*. Francisco Alves, 1991.

[THE TOMMYKNOCKERS] *Os Estranhos*. Francisco Alves, 1991.

1989 [THE DARK HALF] *A Metade Negra*. Francisco Alves, 1991.

1991 [NEEDFUL THINGS] *Trocas Macabras*. Francisco Alves, 1992.

1992 [GERALD'S GAME] *Jogo Perigoso*. Objetiva 1995; Objetiva, 2000; Planeta DeAgostini, 2004; Ponto de Leitura, 2012; Suma de Letras, 2012.

[DOLORES CLAIBORNE] *Eclipse Total*. Francisco Alves, 1995.

1994 [INSOMNIA] *Insônia*. Objetiva, 1995; Objetiva, 2001; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva 2005.

1995 [ROSE MADDER] *Rose Madder*. Objetiva, 1996; Objetiva, 2003; Planeta DeAgostini, 2004; Ponto de Leitura, 2011; Suma de Letras, 2011.

1996 [THE GREEN MILE] À Espera de um Milagre. Objetiva, 1996; Objetiva, 2000; Planeta DeAgostini, 2004; Ponto de Leitura, 2010; Suma de Letras, MMXIII.

[DESPERATION] *Desespero*. Objetiva, 1997; Objetiva, 2001; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2005; Ponto de Leitura, 2011; Suma de Letras, 2012.

1998 [BAG OF BONES] *Saco de Ossos*. Objetiva, 1999; Objetiva, 2006; Planeta DeAgostini, 2004; Ponto de Leitura, 2012; Suma de Letras, 2012.

1999 [STORM OF THE CENTURY] Sem edição no Brasil.

[THE GIRL WHO LOVED TOM GORDON] Sem edição no Brasil.

2001 [DREAMCATCHER] *O Apanhador de Sonhos*. Objetiva 2001; Objetiva, 2003; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2005.

[BLACK HOUSE] ESCRITO COM PETER STRAUB. *A Casa Negra*. Objetiva, 2003; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2007.

2002 [FROM A BUICK 8] *Buick 8*. Objetiva, 2003; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, MMXIII.

2005 [THE COLORADO KID] Sem edição no Brasil.

2006 [CELL] *Celular*. Objetiva, 2007.

[LISEY'S STORY] *Love: A História de Lisey*. Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, 2011.

2008 [DUMA KEY] *Duma Key*. Objetiva, 2009; Suma de Letras, 2012.

2009 [UNDER THE DOME] *Sob a Redoma*. Suma de Letras, 2012.

2011 [11/22/1963] *Novembro de 63*. Suma das Letras, MMXIII [Programado para novembro]

MMXIII [JOYLAND] Lançando em maio nos EUA; sem previsão de publicação no Brasil.

[DOCTOR SLEEP] Lançamento programado para setembro nos EUA; sem previsão de publicação no Brasil.

ROMANCES COMO RICHARD BACHMAN

1977 [RAGE] *Fúria*. Francisco Alves, 1992 (em *Os Livros de Bachman*). Livro banido a pedido do autor.

1979 [THE LONG WALK] *A Longa Marcha*. Francisco Alves, 1992 (em *Os Livros de Bachman*).

1981 [ROADWORK] *A Autoestrada*. Francisco Alves, 1992 (em *Os Livros de Bachman*); Suma de Letras, 2009; Ponto de Leitura, MMXIII.

1982 [THE RUNNING MAN] *O Sobrevivente*. Francisco Alves, 1992 (em *Os Livros de Bachman*). *O Concorrente*. Suma das Letras, 2006.

1984 [THINNER] *A Maldição do Cigano*. Francisco Alves, 1991; Objetiva, 2001; Planeta DeAgostini, 2004; Ponto de Leitura, 2010. *A Maldição*. Suma de Letras, 2012.

1985 [THE BACHMAN BOOKS] *Os Livros de Bachman*. Francisco Alves, 1992 (reunião em um volume dos quatro primeiros títulos do pseudônimo)

1996 [THE REGULATORS] *Os Justiceiros*. Objetiva, 1997; Objetiva, 2001; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2005.

2007 [BLAZE]. Sem edição no Brasil.

SÉRIE A TORRE NEGRA

1982 [THE DARK TOWER – VOLUME I: THE GUNSLINGER] *A Torre Negra – Volume I: O Pistoleiro*. Objetiva, 2004; Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

1987 [THE DARK TOWER – VOLUME II: THE DRAWING OF THE THREE] *A Torre Negra – Volume II: A Escolha dos Três*. Objetiva, 2004; Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

1991 [THE DARK TOWER – VOLUME III: THE WASTE LANDS] *A Torre Negra – Volume III: As Terras Devastadas*. Objetiva, 2005; Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

1997 [THE DARK TOWER – VOLUME IV: WIZARD AND GLASS] *A Torre Negra – Volume IV: Mago e Vidro*. Objetiva, 2005; Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

2003 [THE DARK TOWER – VOLUME V: WOLVES OF THE CALLA] *A Torre Negra – Volume V: Lobos de Calla*. Objetiva, 2006; Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

2004 [THE DARK TOWER – VOLUME VI: SONG OF SUSANNAH] *A Torre Negra – Volume VI: Canção de Susannah*. Objetiva, 2006; Suma de Letras,

2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

[THE DARK TOWER – VOLUME VII: THE DARK TOWER] *A Torre Negra – Volume VII: A Torre Negra*. Objetiva, 2007; Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII.

2012 [THE DARK TOWER – THE WIND THROUGH THE KEYHOLE] *A Torre Negra – O Vento Pela Fechadura*. Suma de Letras, MMXIII.

COLETÂNEAS DE CONTOS

1978 [NIGHT SHIFT] *Sombras da Noite*. Globo, 1978; Francisco Alves, 1982; Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, MMXIII, Suma de Letras, MMXIII.

1982 [DIFFERENT SEASONS] *Quatro Estações*. Francisco Alves, 1988; Objetiva, 2001; Planeta DeAgostini, 2004; Ponto de Leitura, MMXIII.

1985 [SKELETON CREW] *Tripulação de Esqueletos*. Francisco Alves, 1987; Objetiva, 2002; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, 2011; Suma de Letras, MMXIII.

1990 [FOUR PAST MIDNIGHT] *Depois da Meia-Noite*. Francisco Alves, 1992.

1993 [NIGHTMARES AND DREAMSCAPES] *Pesadelos e Paisagens Noturnas v. I* e *II* (todas as edições brasileiras saíram em dois volumes). Objetiva, 1997; Objetiva, 2005;

Planeta DeAgostini, 2004; Suma de Letras, 2011.

1999 [HEARTS IN ATLANTIS] Sem edição no Brasil.

2002 [EVERYTHING'S EVENTUAL] *Tudo é Eventual*. Objetiva, 2003;

Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2005.

2008 [JUST AFTER SUNSET] *Ao Cair da Noite*. Suma de Letras, 2011.

2009 [STEPHEN KING GOES TO THE MOVIES] Sem edição no Brasil.

2010 [FULL DARK, NO STARS] Sem edição no Brasil.

NÃO FICÇÃO

1981 [DANSE MACABRE] *Dança Macabra*. Francisco Alves, 1989; Objetiva, 2003; Planeta DeAgostini, 2004; Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, 2012; Suma de Letras, 2012.

1988 [NIGHTMARES IN THE SKY – GARGOYLES & GROTESQUE] TEXTO DE KING E FOTOS DE F-STOP FITZGERALD. Sem edição no Brasil.

1994 [MID-LIFE CONFIDENTIAL – THE ROCK BOTTOM REMAINDERS TOUR AMERICA WITH THREE CORDS AND AN ATTITUDE]

2000 [ON WRITING – A MEMOIR OF THE CRAFT] Sem edição no Brasil.

[SECRET WINDOWS – ESSAYS AND FICIONT ON THE CRAFT OF WRITING] Sem edição no Brasil.

2004 [FAITHFUL – TWO DIEHARD BOSTON RED SOX FANS CHRONICLE THE HISTORIC 2004 SEASON] ESCRITO COM STEWART O'NAN.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A ligação de Stephen King com o universo dos quadrinhos sempre foi muito próxima e data desde o início de sua carreira. Atualmente, a adaptação para histórias em quadrinhos da série *A Torre Negra* é a única disponível no Brasil. Além disso, há a participação de King na HQ original *Vampiro Americano*, de Scott Snyder e Rafael Albuquerque. A obra de King tem diversas outras adaptações para HQ, ainda inéditas no país, como *Creepshow* (1982), do filme homônimo

de King e George Romero; a série *The Stand* (2008-2012); *The Talisman: The Road of Trials* (2009); *Stephen King's N.* (2010); *The Road Rage* (2012) e *Little Green God of Agony* (2012), esta última feita em parceria com Dennis Calero exclusivamente no formato webcomic e disponível no site do autor. Abaixo, listamos as HQs de King editadas e disponíveis atualmente no Brasil.

2007 [THE DARK TOWER: GUNSLINGER BORN] ADAPTAÇÃO DO TEXTO: PETER DAVID E ROBIN FURTH; ILUSTRAÇÕES: JAE LEE E RICHARD ISANOVE. *A Torre Negra: Nasce o Pistoleiro – v. 1*. Suma de Letras, 2010.

2008 [THE DARK TOWER: THE LONG ROAD HOME] ADAPTAÇÃO DO TEXTO: PETER DAVID E ROBIN FURTH; ILUSTRAÇÕES: JAE LEE E RICHARD ISANOVE. *A Torre Negra: O Longo Caminho para Casa – v. 2*. Suma de Letras, 2011.

[THE DARK TOWER: TREACHERY] ADAPTAÇÃO DO TEXTO: PETER DAVID E ROBIN FURTH; ILUSTRAÇÕES: JAE LEE E RICHARD ISANOVE. *A Torre Negra: Traição – v. 3*. Suma de Letras, 2012.

2009 [THE DARK TOWER: THE FALL OF GILEAD] ADAPTAÇÃO DO TEXTO: PETER DAVID E ROBIN FURTH; ILUSTRAÇÕES: JAE LEE E RICHARD ISANOVE. *A Torre Negra: A Queda de Gilead* – v. 4. Suma de Letras, 2012.

2010 [AMERICAN VAMPIRE] ESCRITO COM SCOTT SNYDER; ILUSTRAÇÕES: RAFAEL ALBUQUERQUE. *Vampiro Americano*. Vertigo/Panini Books, 2012.

Referências da publicação americana

BEAHM, George. *Stephen King: America's Best-Loved Boogeyman*. Kansas City: Andrews McMeel Publishing, 1998.

_____. (ed.). *The Stephen King Companion*. Kansas City: Andrews McMeel, 1989.
_____. *Stephen King Country*. Filadélfia: Running Press, 1999.
_____. *Stephen King from A to Z: An Encyclopedia of His Life and Works*. Kansas City: Andrews McMeel Publishing, 1998.
_____. *The Stephen King Story: A Literary Profile*. Kansas City: Andrews Mc-Meel Publishing, 1992.
COLLINGS, Michael R. *The Annotated Guide to Stephen King: A Primary and Secondary Bibliography of the Works of America's Premier Horror Writer*. Mercer Island: Starmont House, 1986.
_____. *The Films of Stephen King*. Mercer Island: Starmont House, 1986.
_____. *The Many Facets of Stephen King*. Mercer Island: Starmont House, 1985.
_____. *Stephen King as Richard Bachman*. Mercer Island: Starmont House, 1985.
_____. *The Stephen King Phenomenon*. Mercer Island: Starmont House, 1987.
COLLINGS, Michael R. e ENGEBRETSON, David. *The Shorter Works of Stephen King*. Mercer Island: Starmont House, 1985.
EPEL, Naomi. *Writers Dreaming: 26 Writers Talk About Their Dreams and the Creative Process*. Nova York: Vintage, 1994.
HOPPENSTAND, Gary, e BROWNE, Ray B. *The Gothic World of Stephen King: Landscape of Nightmares*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1987.
HORSTING, Jessie. *Stephen King at the Movies*. Nova York: Starlog Press, 1986.
JONES, Stephen. *Creep Shows: The Illustrated Stephen King Movie Guide*. Nova York: Watson-Guptill Publications, 2001.
KING, Stephen. *Danse Macabre*. Nova York: Everest House, 1981.
_____. *On Writing: A Memoir of the Craft*. Nova York: Scribner, 2000.
_____. *Secret Windows: Essays and Fiction on the Craft of Writing*. Nova York: Book-of-the-Month Club, 2000.
MAGISTRALE, Tony. *Hollywood's Stephen King*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.
_____. *Landscape of Fear: Stephen King's American Gothic*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1988.

_____. *The Moral Voyages of Stephen King*. Mercer Island: Starmont House, 1989.
MARSH, Dave (ed.). *Mid-Life Confidential: The Rock Bottom Remainders Tour America with Three Chords and an Attitude*. Nova York: Viking Penguin, 1994.
PLATT, Charles. *Dream Makers, vol. 2.* New York: Berkley Books, 1983.
SPIGNESI, Stephen J. *The Complete Stephen King Encyclopedia: The Definitive Guide to the Works of America's Master of Horror.* Chicago: Contemporary Books, 1991.
_____. *The Essential Stephen King: A Ranking of the Greatest Novels, Short Stories, Movies, and Other Creations of the World's Most Popular Writer*. Franklin Lakes: New Page Books, 2003.
_____. *The Lost Work of Stephen King: A Guide to Unpublished Manuscripts, Story Fragments, Alternative Versions, and Oddities*. Nova York: Birch Lane Press, 1998.
_____. *The Second Stephen King Quiz Book*. Nova York: Signet, 1992.
_____. *The Stephen King Quiz Book*. Nova York: Signet, 1990.
TERRELL, Carroll F. *Stephen King: Man and Artist*. Orono: Northern Lights, 1990.
TIMPONE, Anthony (ed.). *Fangoria: Masters of the Dark: Stephen King, Clive Barker*. Nova York: HarperPrism, 1997.
UNDERWOOD, Tim, e MILLER, Chuck (eds.). *Bare Bones: A Conversation on Terror with Stephen King.* Nova York: McGraw-Hill, 1989.
_____. (eds.). *Feast of Fear: Conversations with Stephen King*. Nova York: Carroll & Graf, 1992.
WIATER, Stanley, GOLDEN, Christopher e WAGNER, Hank. *The Complete Stephen King Universe: A Guide to the Worlds of Stephen King*. Nova York: St. Martin's Griffin, 2006.
WINN, Dilys. *Murderess Ink: The Better Half of the Mystery*. Nova York: Workman, 1979.
WINTER, Douglas E. Faces of Fear: Encounters with the Creators of Modern Horror. New York: Berkley Books, 1985.
_____. *Stephen King*. Mercer Island: Starmont House, 1982.
_____. *Stephen King: The Art of Darkness*. Nova York: New American Library, 1984.

WOOD, Rocky. *The Complete Guide to the Works of Stephen King*. 3a ed. Melbourne, Australia: Kanrock Publishing, 2004.
www.horrorking.com/order/index.html.
_____. *The Stephen King Collector's Guide*. Melbourne, Australia: Kanrock Publishing, 2008. www.horrorking.com/collector.
_____. *Stephen King: Uncollected, Unpublished*. Forest Hill: Cemetery Dance Publications, 2005. Versão revisada, Melbourne, Australia: Kanrock Publishing, 2006. www.horrorking.com/skuu.
WOOD, Rocky, e BROOKS, Justin. *Stephen King: The Non-Fiction*. Forest Hill: Cemetery Dance Publications, 2008. www.cemeterydance.com.

SITES

A seguir alguns dos sites de referência sobre o mestre do terror moderno.

STEPHENKING.COM

o site oficial é atualizado regularmente e conta com toda a bibliografia oficial, além de links para as mais recentes colaborações com revistas, aparições de King na mídia, novas edições de suas obras, adaptações, novidades, merchandising, FAQ. Uma das melhores fontes quando o assunto é a obra do mestre.

STEPHENKINGCOLLECTOR.COM

a melhor fonte para as edições limitadas dos livros de King, conhecido por autorizar estas edições que geralmente saem por pequenas editoras cujo trabalho atraem a sua simpatia, seja pelos autores ou tipo de livros que edita.

STEPHENKING.COM.BR

site brasileiro feito pelos fãs e admiradores da obra do escritor, possui seções como Baú de Stephen King, com textos raros e inéditos, e é atualizado com as novidades sobre o autor e sua obra, adaptações, prêmios, referências e muito mais, além de sortear seus livros.

KINGOFMAINE.COM.BR

o Rei do Maine (estado onde nasceu e vive o escritor) reúne a biografia do autor e de sua família, informações sobre todos os livros escritos por King, adaptações de suas obras para filmes, minisséries, HQs, entrevistas exclusivas, artigos e críticas.

OBJETIVA.COM.BR

editora brasileira responsável atualmente pelas obras de Stephen King no Brasil através dos selos Objetiva, Suma de Letras e Ponto de Leitura (edições de bolso). Além de referência para as edições mais recentes, publica notícias sobre os futuros lançamentos dos livros do escritor no país.

NOTAS DE REFERÊNCIA

INTRODUÇÃO

“Tenho medo de tudo.” *Evento para a imprensa do filme O Nevoeiro em XVIII de novembro de 2007.*

“O número treze nunca deixa...” *Bare Bones, p. 37.*

“Sempre subo os dois últimos degraus da escada dos fundos como um...” *Castle Rock, newsletter sobre Stephen King editada por seu cunhado, setembro de 1987.*

“Minha senhora, você não sabe quanto medo eu tenho...” *Programa Dennis Miller Live, 3 de abril de 1998.*

XIII “Todas essas substâncias viciantes são parte do lado ruim do que fazemos...” *Revista Paris Review, outono de 2006.*

“Quando você entra nesse negócio, ninguém avisa que você vai receber ossos de gato pelo correio...” *Castle Rock, fevereiro de 1989.*

“Ele é só um cara muito...” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Eu realmente acho que escrevo para mim mesmo...” *Dream Makers, vol. 2, p. 279.*

“Você tem de ser meio doido...” *Weekly Reader Writing, outubro de 2006.*

“Ele é um homem brilhante, engraçado, generoso, piedoso...” *Site Tenebres.com, 2000.*

“Faço a pesquisa [depois de escrever]...” *Bare Bones, p. 70.*

CAPÍTULO I - O APRENDIZ

“Como minha mãe me contou...” *Bare Bones, p. 35.*

“Minha mãe disse que eles reuniram os pedaços dele em uma cesta de palha...” *Dança macabra, p. 116.*

“Ela era uma mulher grande...” *Bare Bones, p. 41.*

“Ele está sempre quebrando os dentes de alguém...” e “A dor foi maior do que tudo que eu jamais sentira.” *On Writing, pp. 28 e 24, respectivamente.*

“Na minha cabeça aterrorizada de criança, eu pensava...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Era como se ele fosse uma não pessoa” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Digam que ele está na marinha.” e “Tínhamos vergonha por não ter um pai...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Uma das minhas histórias prediletas era de um time de beisebol...”; “Algum dia, eu vou escrever esse lixo” e “Comecei a ver as coisas enquanto

escrevia” *Bare Bones, pp. 210, 128.*

“Quando era garoto, eu me preocupava muito com minha sanidade.” *60 Minutes, 16 de fevereiro de 1997.*

“Eu gostava de ficar assustado...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Tinha-se em alta conta a atitude de calar seus sentimentos...” *Faces of Fear, p. 241.*

“Até quando o disco voador parecia um filtro de cigarro...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Para mim há algo assustador, algo sinistro...” *Weekly Reader Writing, outubro de 2006.*

“Uma das razões de eu ter sido tão bem-sucedido...” e “Ele subiu no palco e, com uma voz trêmula...” *Bare Bones, p. 39.*

“Ele disse: ‘Esperem, eu tenho uma teoria...” *Faces of Fear, p. 243.*

“Minha imaginação era grande demais...” *Boston Globe, 15 de abril de 1990.*

“Com o tipo de imaginação que eu tinha...” *Bare Bones, p. 40.*

“Quando o vento fez com que o cadáver se virasse...” *Complete Stephen King Encyclopedia, p. 19.*

“Não apenas fui incapaz de voltar a dormir...” e “Eu ouvia muito falar em...” *Writers Dreaming, p. 135.*

“Algo imediatamente se acendeu em minha cabeça...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Foram anos muito infelizes...” *New Yorker, 7 de setembro de 1998.*

“Deus do céu, você é doente” *Bare Bones, p. 61.*

“Há sempre o impulso de ver alguém que não seja você morto...” *Hollywood’s Stephen King, p. 6.*

“Para mim, Charles Starkweather era totalmente vazio...” *Feast of Fear, p. 245.*

“Era possível ver isso em seus olhos...” *60 Minutes, 16 de fevereiro de 1997.*

“Havia uma vozinha dentro da minha cabeça que dizia...” *Stephen King: Master of the macabre, documentário da rede britânica BBC.*

“Fazia você se sentir maior. Você se tornava durão, mesmo se não fosse.” e “Eu guardava...” *Bare Bones, p. 115, e 33-34, respectivamente.*

“Eu ficava lá em cima durante o verão...”; “Quando criança, Stephen King...” e “Você sabe o que eu vou fazer no meu primeiro sucesso...” *Complete Stephen King Encyclopedia, p. 52, 58 e 58, respectivamente.*

“Tio Clayt colocava a aba de seu chapéu de caça sobre sua juba branca...” *Bare Bones, p. 25.*

CAPÍTULO II - ABAIXE A CABEÇA

“Ele se esborrachou na calçada” e “As pessoas ficaram na praia, ouvindo a mulher gritar durante horas, até que ela se afogou.” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“Steve, se você fosse uma garota, estaria sempre grávida.” *I Want to be Typhoid Steve.*

“Se o pastor passasse lá em casa...” *The New York Times, 26 de outubro de 1988.*

“Lovecraft é a ficção perfeita...” *Salon, 24 de setembro de 1998.*

“Mas todos fizeram gozação com ela...” *Feast of Fear, p. 11.*

“Minha mãe disse que ele havia escrito muitas histórias boas...” e “... seu pai não tinha qualquer persistência...” *Weekly Reader Writing, outubro de 2006.*

“havia apenas três pessoas na turma, e uma delas era retardada.” *Feast of Fear, p. 254.*

“Eu sabia que radiação dá origem a monstros...” *Conferência para imprensa (lançamento de O Nevoeiro), XVIII de novembro de 2007.*

“Eu não era muito cool...” *Feast of Fear, p. 90.*

“Ele era alvo de vários trotes...” e “Eu sei que *Carrie* teve forte inspiração no corpo docente da Lisbon High...” *Weekend Edition, 10 de maio de 2003.*

“Eu odiava a escola...” *Palestra na reunião anual da Biblioteca de Vermont, 26 de maio de 1999.*

“Ao menos eu sabia que não eram robôs que estavam lendo meu trabalho.” *Castle Rock, março de 1987.*

“Podíamos esticar o polegar...” *Entrevista a Bem Rawortit.*

“Era uma corrida para pegar o melhor lugar...” *Stephen King Country, p. 40.*

“Ficamos loucos por Phil Ochs porque …” *Mid-Life Confidential, p. 30 e 31, respectivamente.*

“Dentro de nossas roupas, estamos todos nus...” *Writer’s Digest, outubro de 1977.*

“Enquanto esperava que meu cesto enchesse...” *Stephen King from A to Z, p. 87.*

“Depois de sua morte, muitos anos depois...” *Bare Bones, p. 66.*

CAPÍTULO III - O PISTOLEIRO

“Steve tinha um ponto de vista muito especial...” e “Ele sempre estava com um livro...” *UMO Alumni Magazine, outono de 1989.*

“Algum idiota sempre perguntava...” *Dream Makers, vol. 2, p. 27.*

“Tomei um bocado de LSD…” *Bare Bones, p. 43.*

“Foi o melhor argumento para a classificação etária dos filmes que já vi...” *Highway Patrolman, julho de 1987.*

“A literatura deve ser algo tórrido...” *A Good Read, programa da Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Ela contou que tinha saído com um cara…” *Salon, 24 de setembro de 1998.*

“Você nunca sabe o que vai encontrar...” *UMO Alumni Magazine, outono de 1999.*

“Talvez haja um buraco em nosso mundo…” *Maine Campus, 18 de dezembro de 1969.*

“Os tiras são as pessoas que ficam entre você e o caos…” *Maine Campus, XVIII de novembro de 1969.*

“Os métodos contraceptivos aviltam o ato sexual…” *Maine Campus, 1 de agosto de 1969.*

“Ted não foi muito cortês…”; “Steve cantava sempre canções country…”; “Ele era uma metralhadora giratória...” e “Ele era basicamente uma pessoa muito gentil…” *UMO Alumni Magazine, outono de 1999.*

“Achei que ela era a melhor escritora...” *Amazon.com, setembro de 1998.*

“Mas, ao mesmo tempo, fiquei possessa…” *New Hampshire Sunday News, 27 de junho de 1993.*

“Era, literalmente, o estudante mais pobre…” *Biography: Stephen King, 2000.*

“Era incrível que alguém fosse à universidade nessas circunstâncias…” *Guardian, 18 de setembro de 1998.*

“Desde o início, achei que ele era tão bom…” *Boston Globe, 4 de junho de 2006.*

“Tabby parecia uma garçonete…” *Time, 6 de outubro de 1986.*

“Cresci ouvindo as pessoas falarem junto a aquecedores a lenha…” *New Hampshire Sunday News, 27 de junho de 1993.*

“Depois que descobri a biblioteca pública …” *Castle Rock, dezembro de 1987.*

“Quando cresci em Old Town, não havia nenhum movimento feminista…” *Bangor Daily News, 4 de março de 1997.*

“Eu sabia que Tabby era minha leitora ideal…” *Powells.com, outubro de 2006.*

“um alcoólatra contemplando uma caixa de Chivas Regal…” *Castle Rock, junho de 1985.*

“Fiquei maravilhado com a mágica da história, com a ideia…” *Amazon.com, março de 2003.*

CAPÍTULO IV - DESESPERO

“Com a lógica de um bêbado…”; “Se eu tivesse sido pego com os cem cones…”; “Com um tanque cheio você podia…” *New Yorker, 22 de abril de 2002.*

“Foi um golpe doloroso para mim…” *Feast of Fear, p. 236.*

“Eu abria e na primeira página via algo do tipo…” *Feast of Fear, p. 236.*

“Saía fumaça das minhas orelhas …” *Feast of Fear, p. 236.*

“Casei com ela por causa de seu corpo...” *An Audience with Stephen King, programa da BBC, 12 de novembro de 2006.*

“Casamos em um sábado...” *Stephen King Country, p. 224.*

“No início era um cheiro agradável, sabe, fresco e açucarado...” *Bare Bones, p. 30.*

“Assim que quitássemos as dívidas…” *Writer’s Digest, junho de 2007.*

“Eu pensava que dar aulas…” *New Yorker, 7 de setembro de 1998.*

“Quando eu me preparava para dar aulas…” *Castle Rock, fevereiro de 1986.*

“As palavras estavam lá, mas eu não conseguia lidar...” *Feast of Fear, p.247.*

“Sem fortes relações desse tipo como base...” *Bare Bones, p. 46.*

“Eles usavam muitos nomes diferentes porque escreviam em profusão…” *Lilja’s Library, 16 de janeiro de 2007.*

“Porque a *Cosmopolitan* não compra essas histórias” e “Se você é um escritor…” *Bare Bones, p. 85.*

“Era uma história difícil…” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“Um conto é como uma banana de dinamite com um pavio curto…” *Bare Bones, p. 94.*

“Mas eu não sei nada sobre garotas…” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“Ela dirá ‘Essa parte não funciona’…” *Morning Edition, da rede NPR, 19 de novembro de 2003.*

“Eu realmente queria espalhar destruição...”; “Há algo de Carrie White em mim…” e “Houve momentos, quando estava escrevendo *Carrie*…” *Bare Bones, pp. 86, 16 e 73, respectivamente.*

“King era um professor promissor…” e “Ele era um bom professor, que dava sete aulas por dia…” *Stephen King from A to Z, p. 93.*

“Tempos depois houve outros cheques, de valor muito maior…” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Era uma época em que se esperava que ela dissesse…” e “Bem, […] então você não pode aceitar.” *Discurso de agradecimento na National Book Foundatio, 19 de novembro de 2003.*

“Comecei a beber demais e a jogar dinheiro fora...” *Bare Bones, p. 31.*

“Para mim, o objetivo era sempre ficar tão chapado quanto possível...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Eu me via aos cinquenta anos, com cabelo grisalho...” e “Por um lado, tudo o que eu queria era protegê-los...” *Bare Bones, p. 32.*

“Eu ficava com mais raiva por causa das cinco pratas...” *Biography: Stephen King, 2000.*

“A única coisa que evitava nossa falência...” *Bare Bones, p. 83.*

“Mas estamos pagando nossas contas...” *Site Bankrate.com, 31 de outubro de 2006.*

“Ela me disse para economizar minha autopiedade...” *Discurso na Fundação Nacional do Livro, 19 de novembro de 2003.*

“Enquanto eu trabalhava nele, ficava dizendo a mim mesmo...” *Bare Bones, p. 94.*

“Não sei o que teria acontecido com meu casamento...” *Bare Bones, p. 93.*

“Enquanto eu atravessava a rua...” *Faces of Fear, p. 246.*

“Era como abrir as portas da prisão...” *Yale Bulletin & Calendar, 2 de maio de 2003.*

“Nossas vidas mudaram tão rapidamente...” *Bare Bones, p. 33.*

“Ela servia refeições...” *New Yorker, 7 de setembro de 1998.*

“Tabby e eu discutíamos mais...” *Faces of Fear, p. 246.*

“Meu pensamento era que o sucesso...” *Dream Makers, vol. 2, p. 278.*

“Como Edgar Allan Poe e Mary Shelley? Eu não ligava...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Ele sugeriu que eu reescrevesse um pouco do início do livro...”; “Você está escrevendo para um público de quarenta mil pessoas...” e “Eu os havia colocado...” *Bare Bones, pp. 102 e 51.*

“Normalmente não descrevo os personagens...” *Feast of Fear, p. 77.*

“Na noite em que minha mãe morreu” *Bare Bones, p. 42.*

CAPÍTULO V - ANDANDO NA BALA

“Poderia ser uma cobra.” *Yale Bulletin & Calendar, 2 de maio de 2003.*

“Eu quase me afoguei na banheira...” *Bare Bones, p. 67.*

“No momento em que deitei aquela noite...”; “Eu me sentia hostil para com meus filhos lá...” e “Eu pensava que entraria pela porta à noite e gritaria...” *The Province, Dienstag, abril de 1997.*

“Nunca escrevi coisas sobre crianças por sadismo...” *Times of London, podcast, 28 de janeiro de 2007.*

“Eu não queria ter de olhar...” *Yankee, março de 1979.*

“Eu havia escrito *O iluminado* sem perceber...” *Guardian, 18 de setembro de 2004.*

“Nunca fui a pessoa mais autoanalítica do mundo...” *Nightline, 15 de novembro de 1979.*

“Eu estava convicto de que a única maneira...”; “Era sobre um vírus que dizimava a população mundial...” e “Eu sentia que meu sangue estava enchendo meu estômago...” *Feast of Fear, p. 94.*

“Não nos sentíamos bem no Colorado...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Um dos serviços de um agente é pensar o que há pela frente...” *Castle Rock, maio de 1986.*

“O dinheiro deixa você um pouco mais são...” *Writer’s Digest, 1976.*

“Ele lidou com o material...” *Bare Bones, p. 28.*

“Começaram a aparecer perguntas do tipo...” e “Basicamente, o que faço é falar coisas...” *Fresh Air, 21 de novembro de 2003.*

“Deixei bem claro que não queria publicidade em torno do livro...” *Kingdom of Fear, p. 127.*

“Mas acho que todas as crianças da escola...” e “Bebê é pregado na parede...” *Feast of Fear, p. 253.*

“As pessoas perguntam se o livro...” *Bare Bones, p. 105.*

“Fico dizendo a mim mesmo...” *Publishers Weekly, 17 de janeiro de 1977.*

“Eu sempre imaginei como pais lidavam com uma criança deficiente...” *Castle Rock, agosto de 1987.*

“Sempre que ele vinha a Nova York...” *Biography: Stephen King, 2000.*

“Escrevi a sentença...” *Yankee, março de 1979.*

“Em grande medida, Harold Lauder se baseia em mim...” e “Adoro queimar coisas...” *Bare Bones, p. 16.*

“Ainda que muitas pessoas vejam em *A Dança da Morte*...” *Creepshows, p. 89.*

“Quando saí da Doubleday, eles lhe deram um pé na bunda...” *Bare Bones, 129.*

“Achei que as pessoas ficariam cansadas de tudo se passar no Maine...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“Fiquei totalmente sem ação quando estava fora...” *Times of London, podcast, 28 de janeiro de 2007.*

“Realmente leva tempo para se habituar à noção inglesa de aquecimento...” *Carta de Susie Straub.*

“É diferente no Maine, você conhece as pessoas para quem dá autógrafos...” *Castle Rock, março de 1987.*

“A questão sobre o ensino médio é que os estudantes...” *Bare Bones, p. 76.*

“Há algumas coisas que faço...” *Writers Dreaming, p. 142.*

“Nosso filho John e uma garotinha da vizinhança...”; “Um dos meninos tinha um carrinho...”; “Como todas as crianças que estão aprendendo a andar...” e “Ele queria dizer a Naomi que o gato havia fugido...” *Castle Rock, agosto de 1987.*

“Quando o menino de dois anos foi atropelado...” *Biography: Stephen King, 2000.*

“As páginas estavam todas amarfanhadas...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“O dinheiro nunca foi real...” *Good Housekeeping, setembro de 2001.*

“A ideia é cuidar da família e ter dinheiro o bastante...” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Qualquer outro estaria gritando...” *Stephen King from A to Z, p. 238.*

CAPÍTULO VI - O SOBREVIVENTE

“Com a cocaína, foi uma cheirada...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

“Ele não é e nunca foi um alcoólatra” *Mystery Ink, 1979.*

“Minha ideia do bagulho ideal é algo que te deixe tranquilo...” *Bare Bones, p. 206.*

“Sempre que íamos a um bar, eu tomava uma cerveja e Steve, três.” *Master of the Macabre, BBC, 1999.*

“Há muitos escritores que parecem crianças...” e “Não tenho qualquer habilidade que melhore a qualidade de vida...” *Bare Bones, p. 38.*

“O que me pegou foi a ideia...” *Castle Rock, março de 1987.*

“Foi realmente o primeiro romance que escrevi...” *Times of London, 21 de outubro de 2006.*

“É como se você estivesse em uma guerra de travesseiros...” e “Quando era criança, eu não falava muito, eu escrevia...” *Bare Bones, p. 68 e 72, respectivamente.*

“Quando alguém tenta dar muita importância...” *Dream Makers, vol. 2, p. 277.*

“Volto para casa, recolho os brinquedos...” *Bare Bones, p. 68.*

“É como se a realidade fosse mais escassa no interior...” *Salon, 24 de setembro de 1998.*

“ Tabby queria ir para Portland, e eu para Bangor...” *Hollywood’s Stephen King, p. 3*

“Uma das razões pela qual moro em Bangor...” *Feast of Fear, p. 254.*

“Achei que fosse o destino” *Stephen King Companion, p. 77.*

“Temos morcegos na casa porque ela é velha...”; “Era importante que a grade e os portões...” e “Eu queria super-heróis, não personagens demoníacos.” *Stephen King Country, p. 86.*

“Ele usava óculos e um terno azul...” *“An interview with Stephen King”, Janet Beaulieu, 17 de novembro de 1988.*

“Não participaria de uma sessão espírita...” e “Temos documentação o bastante...” *Highway Patrolman, julho de 1987.*

“Eu estava de cuecas no banheiro...” *Feast of Fear, p. 109.*

“Este é o livro.” *Bare Bones, p. 133.*

“É um Cadillac sem motor...” *Paris Review, outono de 2006.*

“ Nicholson era muito sombrio desde o início do filme...” *Feast of Fear, p. 100.*

“As pessoas sempre queriam saber...”; “Para mim, o verdadeiro propósito de ter filhos...” e “ Charlie McGee foi conscientemente moldada...” *Faces of Fear, pp. 241 e 222, respectivamente.*

“Cada vez que o fiz, senti que havia acertado...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Uma parte de mim morre quando acaba a World Series” e “Sou branco. Não quero soar racista...” *Faces of Fear, p. 227.*

“As vezes eu olho e seus olhos...” e “O peso coletivo dos fãs é...” *Castle Rock, dezembro de 1986.*

“É óbvio que o fã havia feito isso várias vezes” *Castle Rock, dezembro de 1986.*

“Eu nunca poderia ter encontrado Chapman...” *London Observer, 9 de agosto de 1998.*

“Fico nervosa, temo por sua segurança...” *Castle Rock, agosto de 1987.*

CAPÍTULO VII - QUATRO ESTAÇÕES

“Ser mulher de Steve ajudou...” *Castle Rock, dezembro de 1987.*

“Eu senti um ciúme dos diabos...” *Bare Bones, p. 46.*

“Acho que ambos estamos prontos...” *Faces of Fear, p. 222.*

“Era uma proeza escrever quando as crianças eram pequenas...” *Onyx Reviews, maio de 2006.*

“Para mim, o problema sempre foi começar...” *Castle Rock, dezembro de 1987.*

“Eu tenho minhas compulsões, mas elas não estão direcionadas...” *Writer’s Digest, junho de 2007.*

“Se leio algumas poucas notícias, pego o jeito da coisa...” e “Começo com uma ideia e sei para onde estou indo...” *Bare Bones, p. 70.*

“Eu tinha de escrever sobre o monstro...” *Complete Encyclopedia of Stephen King, p. 18.*

“Então o jogo passou a ser se eu conseguiria...” *Writer’s Digest, setembro de 1991.*

“Você vê algo, aí isso se junta a outra coisa...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Eu amo *Cão Raivoso* porque ele faz o que eu quero...” *Times of London, 21 de outubro de 2006.*

“A cena mais difícil que tive...” e “Passei um bom tempo sentado...” *Feast of Fear, p. 234.*

“Os meus estão grudados em mim o tempo todo...” e “É como estar em uma máquina do tempo...” *Bare Bones, pp. 199 e 200, respectivamente.*

“Você sabe de que parte eu mais gostei? [...]” e “Um dia eles vão se dar conta...” *Feast of Fear, p. 223.*

“Quando um autor atinge um nível...” *Publishers Weekly, 26 de fevereiro de 2007.*

“Eu não pensava que alguém fosse...” *“An Interview with Stephen King”, Janet Beaulieu, 17 de novembro de 1988.*

“Acho que nos demos bem...” *Castle Rock, março de 1987.*

“Se você ama filmes de terror...” *Feast of Fear, p. 127.*

“Ele lambuzou minha língua...” e “Valeu a pena, foi muito engraçado.” *Stephen King Country, pp. 58 e 59, respectivamente.*

“Não que não me divertisse fazendo o papel de Jordy...” *Feast of Fear, p. 138.*

“Ele queria a caricatura de um lavrador...” *Stephen King at the movies, p. 29.*

“Ele ficou ansioso por algum...” *Bare Bones, p. 81.*

“Havia todos aqueles pedaços de monstro...” *The New York Times, 18 de março de 2007.*

“Quando me dei conta...” *Stephen King at the movies, p. 80.*

“Muito de ‘O Corpo’ é verdade, mas a maior parte são mentiras...” *Stephen King at the movies, p. 80.*

“Há um bando de mulheres...”; “Além disso, sexualmente falando...” e “Não acredito necessariamente no casamento...” *Bare Bones, pp. 45-46.*

“Infidelidade justifica um tiro.” *Publishers Weekly, 10 de fevereiro de 1997.*

“Eu gostaria de escrever uma história...” *Bare Bones, p. 189.*

“Eu me lembro de que fiquei extremamente irritado...”; “Eu pensei em quão babaca o médico...” e “Quando os quilos realmente...” *Kingdom of Fear, p. 142.*

“Na verdade, eu não preparo meus romances...” *Bare Bones, p. 90.*

“Eu nunca poderia imaginar que publicaria...” *Times of London, podcast, 28 de janeiro de 2007.*

“Há muitos pais em minhas histórias...” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“Talvez, de alguma forma imaginativa...” *The Province, Dienstag, 22 de abril de 1997.*

“Parece haver um alvo para onde tudo isso aponta...” *Dream Makers, vol. 2, p. 278.*

“Eu não penso que seja em todos os homens...” *Salon, 24 de setembro de 1998.*

“Alguma coisa sempre me contém...” *Bare Bones, p. 35.*

“Depois de algum tempo, se você vive bastante...” *Dream Makers, vol. 2, p. 281.*

“Quando você escreve uma história...” *On writing, p. 57.*

“À medida que os sucessos proliferavam...” *Dream Makers, vol. 2, p. 282.*

“Era o carro mais sem graça dos anos 1950...” *Twilight Zone, fevereiro de 1984.*

“Considerei Christopher Walken tão bom...” *Fangoria, julho de 1984.*

“faz o que só um *thriller* sobrenatural pode fazer...” *Chicago Sun-Times, 26 de outubro de 1983.*

“Nossos trabalhos seguem caminhos totalmente diferentes...” *Monsterland Magazine, maio de 1985.*

“Cada personagem que crio tem raízes...”; “Steve publicou antes de mim...”; “Eu resisto à máquina de fazer famosos...” e “Esposa de um homem bem-sucedido...” *Castle Rock, agosto de 1987.*

“Se ninguém tocar grupos como...” *Castle Rock, outubro de 1987.*

“Vamos fazer algumas coisas...” *Feast of Fear, p. 195.*

“Aquele saiu de um verdadeiro buraco da minha psique.” *Times of London, podcast, 28 de janeiro de 2007.*

“Pela minha vontade, eu até hoje não teria...” *USA Today, 10 de maio de 1985.*

CAPÍTULO VIII - COMBOIO DO TERROR

“Eu sou a Incendiária, eu sou Charlie McGee.”; “*A Incendiária* era um de meus romances mais...”; “Fiquei horrorizado com algumas das coisas que ele falou...” e “A afirmação de Mark de que eu vi o filme e gostei é errônea...” *Creepshows, pp. 38-39*

“o mais surpreendente do filme é o quão chato ele é” *Chicago Sun-Times, 1 de janeiro de 1984.*

“Esse homem é um ator frustrado...” *Murderess Ink, 1979.*

“Você não pode mostrar uma pessoa...” e “Fico um pouco surpreso com tudo isso...” *Feast of Fear, p. 94 e p. 101, respectivamente.*

“Eu meio que me tornara aquilo...” *Boston Globe, 15 de abril de 1990.*

“Meu nome vem sendo usado...” e “trabalho de puta para algum cara do marketing” *Fantasy Review, janeiro de 1984.*

“Eu amo e odeio o Maine...” *Talk of the Nation, 9 de fevereiro de 1999.*

“Achei que estava prestes a virar uma grande celebridade...” *The New York Times, 18 de março de 2007.*

“As pessoas me traziam livros embrulhados...” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Fui a algumas convenções de ficção científica...” *Dream Makers, vol. 2, p. 275.*

“Eu queria dar pulos e dizer...” *Kingdom of Fear, p. 129.*

“Muitos deles ficaram irritados comigo...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“O pobre coitado é um sujeito muito feio”; “É assim que Stephen King escreveria...”; “Eu tinha 80% de certeza de que Bachman era Stephen King”; “Steve Brown? Aqui é Steve King...”; “Todos os livros de Bachman...” e “Os livros de Bachman não...” *Kingdom of Fear, pp. 124, 143, 124, 125 e 132, respectivamente.*

“Eu nunca quis que isso fosse revelado...” *Castle Rock, junho de 1987.*

“Quando escrevo como Richard Bachman...” *Creepshows, p. 54.*

“Eu catei na estante algumas edições.” *Writer’s Digest, setembro de 1991.*

“O livro está cheio de pequenas brincadeiras entre nós...” *Entrevista a Stanley Wiater, Convenção Mundial de Fantasia.*

“Nós dois concordamos que seria bom...” *Encyclopedia of Stephen King, p. 58.*

“Acho que se eu tivesse começado a publicar em meados dos anos 1960...” *Fangoria, p. 10.*

“Fiz *Comboio do Terror* porque...” *Feast of Fear, p.186.*

“Ou que a faca elétrica fosse dizer...” *Castle Rock, setembro de 1986.*

“Os caminhões e as máquinas eram verdadeiras prima-donas!...” *Feast of Fear, p.186.*

“Assim que você conquista um determinado sucesso...” *Talk of the Nation, 9 de fevereiro de 1999.*

“Eu gostaria que alguém me tivesse dito...” *Stephen King at the movies, p. 72.*

“Parecia demais com trabalho de verdade...” *Feast of Fear, p. 262.*

“Quando o estatuto antipornografia se tornou lei...” *Castle Rock, julho de 1986.*

“O problema com aquele filme é que eu estava cheirado...” *Hollywood’s Stephen King, p. 20.*

“Ele estava fazendo gargarejos com Listerine e engolindo pílulas...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Não estamos mais vendendo livros, estamos alugando.” *Feast of Fear, p. 279.*

“Basicamente, eu gostaria de ser que nem o Tio Patinhas...” *Newsweek, 10 de junho de 1985.*

“Quero jogar tudo fora...” e “Eu morreria de tédio. Ficaria realmente infeliz...” *Faces of Fear, p. 256.*

“Eu ainda posso encontrar o medo...” e “Como tenho certa grana...” *Faces of Fear, p. 239.*

“É como reconhecer Robin só porque ele é o companheiro de Batman...” *Castle Rock, agosto de 1986.*

“Há muitas pessoas que não sabem quem eu sou, e é isso que...” *Castle Rock, janeiro de 1986.*

“Não sei o que é, talvez não o deixem entrar no prédio antes da hora...”; “velhos professores malvados...”; “Nenhum de nós, adultos se lembra...” e “No que me diz respeito, é minha prova final...” *Bare Bones, pp. 56, XVIII, 95 e 176 respectivamente.*

“O que eu faria se um *troll*...” *Secret Windows, p. 322.*

“Num instante, essa coisa passou de branca a vermelha...” *Writers dreaming, pp. 137-138.*

“Eu tenho um sentimento de injustiça...” *Salon, 24 de setembro de 1998.*

“Mas, pouco a pouco, fui capaz de retornar...” *Writers dreaming, p. 141.*

“Quando escrevi os livros dos quais as pessoas...” *Feast of Fear, p. 199.*

“Como é ser a filha de Stephen King?...” e “Há gente que pensa que meu pai...” *Castle Rock, agosto de 1986.*

“Fiquei eufórico com a ideia de que ele lera parte do meu roteiro...” *SDCC, 27 de julho ed 2007.*

“Seus olhos estão em toda parte, tentando captar tudo de uma vez...” *The lost work of Stephen King, p. 249.*

CAPÍTULO IX - A LONGA MARCHA

“Minha filha é uma criatura...” *Castle Rock, fevereiro de 1987.*

“Ela nunca lê nada que eu tenha escrito...” *Fangoria, p. 34.*

“Steve costurou várias referências...” e “O livro é que manda.” *Castle Rock, março de 1987.*

“Achei que seria uma boa ideia...” *Fangoria, p. 36.*

“Stephen não está realmente se aposentando...” *Castle Rock, setembro de 1987.*

“Fãs ainda compram a comida que ponho em minha mesa...” *Fangoria, p. 80.*

“Tenho sido um para-raios para certo número de malucos...” *Fresh Air, 21 de novembro de 2003.*

“De uma maneira muito real...” *Castle Rock, agosto de 1987.*

“Dos personagens que criei conhecidos pelos leitores...” e “Eu estava escrevendo sobre meu alcoolismo e nem me dava conta.” *Weekly Reader Writing, outubro de 2006.*

“Realmente tenho um problema de inchaço...” *New Yorker, 7 de setembro de 1998.*

“Ninguém pode me fazer mudar nada...” *New Yorker, 7 de setembro de 1998.*

“Mas o maldito chapéu ficou sem aba...” *Writer’s Digest, setembro de 1991.*

“Apenas foi indo. Foi um livro difícil de escrever...” *Stephen King companion, p. 292.*

“Era *terrível*...” *Fangoria, p. 47.*

“Eu amo minha mulher e meus filhos...” *Faces of Fear, p. 256.*

“Você acha que o mundo ama você?...” e “Havia alguma coisa naquele betume de que ela e eu precisávamos” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Eu não tinha só um problema com cerveja...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“O pior efeito colateral de um vício...” *Good Housekeeping, setembro de 2001.*

“Eu buscava um meio-termo...” e “Meu vício em cocaína foi uma bênção disfarçada...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Você não precisa fazer mais isso se não quiser...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Eu tinha medo de que isso me levasse a um beco sem saída...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Fiquei chapado a maior parte dos anos 1980...” e “As crianças aceitavam o fato de eu beber...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Ele disfarçava bem” *USA Today, 12 de fevereiro de 2007.*

“Comecei a jogar com a ideia de múltiplas personalidades...” *Waldenbooks Magazine, novembro/dezembro de 1989.*

“Você acaba de pegar um livro que eu tive em mãos...” *Castle Rock, agosto de 1987.*

“Eu realmente me sinto mais criativo...” *BBC, An Audience with Stephen King, 12 de novembro de 2006.*

“Se eu tivesse escrito o roteiro de *A Coisa*...” *Talk of the Nation, 9 de fevereiro de 1999.*

“Quando era jovem, eu sempre checava...” *Fangoria, p. 48.*

“Acho que muitas pessoas no mundo literário...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Foi o trabalho mais difícil...” *Nightmares and dreamscapes, p. 811.*

“Eu estava em uma posição sensível...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Pensei que havia escrito uma sátira da Reaganomics...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Ao longo dos anos cheguei à conclusão...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Você pode escrever sobre o Maine se é de longe...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

CAPÍTULO X - A GENTE SE ACOSTUMA

“Ela está algemada na cama...” e “Levei-o para nosso quarto” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“*Jogo Perigoso* é um livro sobre...” *Podcast do Times of London, 28 de janeiro de 2007.*

“As pessoas pensam que essa imagem juvenil...” *Amazon.com, setembro de 1998.*

“Às vezes pessoas criativas...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

“Mudanças acontecem, e você tem...” *Good Housekeeping, setembro de 2001.*

“Pensei em como era uma vergonha...” *Boston Globe, 22 de novembro de 1991.*

“Não digam que estou esticando meu círculo...” *USA Today, dezembro de 1992.*

“O pior conselho que já me deram foi...” *Writer’s Digest, setembro de 1991.*

“São um lixo!...” *Creepshows, p. 177.*

“Parece que eles estão andando com um pedaço de papel higiênico...” *USA Today, 20 de junho de 2007.*

“Você rouba todas as toalhas do quarto de hotel...” *Hollywood’s Stephen King, p. 8.*

“Não posso me tornar inflexível...” *Talk of the Nation, 9 de fevereiro de 1999.*

“Eles podem ter meu trabalho por um dólar....” *Hollywood’s Stephen King, p. 7.*

“Se vejo filtro vermelho e luzes...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Steven Spielberg e eu tentamos trabalhar...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“A maior influência que ele teve no meu trabalho...” *New Hampshire Sunday News, 27 de junho de 1993.*

“Então fiz um pequeno discurso, dizendo que eles haviam acabado de vê-lo tocar por duas horas...” *Mid-Life Confidential, p. 188.*

“Estou certo de que poderia viver com muito conforto...” *Writer’s Digest, setembro de 1991.*

“Enquanto eu o estava escrevendo...” *Chat do America Online, 1996.*

“Eu realmente acho que as histórias...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Quando estou trabalhando em algo...” *Writers dreaming, p. 137.*

“Na verdade, quando sinto...”; “Considerando-se parte a parte...” e “Para mim, muitas vezes...” *Writer’s Digest, setembro de 1991.*

“*A Dança da Morte* é o projeto mais importante...”; “Eu estava basicamente...”; “Você deve dizer...” e “Dessa vez eu tenho um papel...” *Fangoria, pp. 93, 99 e 98, respectivamente.*

“Eu escrevi esse...” *Amazon.com, março de 2003.*

“Não quero morder a mão que me alimenta...” e “É como ter de aprender a pensar de novo...” *Fangoria, p. 109 e 110.*

CAPÍTULO XI - JOVEM OUTRA VEZ

“Quando Stephen King deixou de ser assustador?” *Entertainment Weekly, 16 de junho de 1995.*

“Há uma postura de que qualquer um...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Eu me sentia um impostor, como se alguém tivesse cometido um erro.” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Quando éramos crianças, falávamos de livros...” *Times of London, 10 de março de 2007.*

“Nunca tive muitas habilidades além de trabalho braçal...” e “Adoro Bangor, sempre será meu lar...” *Bangor Daily News, 11 de julho de 2005.*

“As várias celebridades que...” *Bangor Daily News, 23 de agosto de 1994.*

“Achei que precisava tirar umas...” e “Steve reescreve o livro inteiro...” *Publishers Weekly, 10 de fevereiro de 1997.*

“Eu escrevia como um louco...” *Stephen King from A to Z, p. 32.*

“Havia menos margem para erros...” e “Os mesmos personagens povoam os dois livros...” *Chat na America Online, 1996.*

“Já sei onde todos estão, aquele guarda matou todos.” *Powells.com, outubro de 2006.*

“A ideia de usar Deus como personagem...” *World of Fandom, setembro de 1996.*

“Sempre acreditei em Deus...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Como posso assinar esses livros?...” e “Eles comprara cheques cancelados...” *Hillhousepublishers.com, “Collecting Stephen King”.*

“Adorei isso, matar um personagem de destaque logo no início!” *London Observer, 9 de agosto de 1998.*

“É um romance sobre segredos...” e “Há um narrador, uma voz em primeira pessoa...” *Omaha World Herald, 29 de junho de 1998.*

“Mike provavelmente é o mais perto...” *Amazon.com, março de 2003.*

“Sabe quando você está na estrada...” *Entrevista a Stanley Wiater, setembro de 1998.*

“Minha primeira reação foi rezar...” *Sermão “Holding thee more nearly” (“Mantendo-te mais próximo”), 23 de setembro de 2007.*

“Não há palavras para descrevê-la...” *Fort Lauderdale Sun-Sentinel, 15 de setembro de 2007.*

“Eu ficava sonhando com um armário...” *Sermão “The Magic of Thomas Potter”, 30 de setembro de 2007.*

“Essa é a parte que quero manter...” *60 Minutes, 16 de fevereiro de 1997.*

“A hora final é lancinante...” *World of Fandom, setembro de 1996.*

“Simpatizo com todos os perdedores do mundo...” *Discurso na reunião anual da Biblioteca de Vermont, 26 de maio de 1999.*

“Escrevi vários livros sobre adolescentes...” *BBC, 19 de dezembro de 1999.*

“Foi quando nos perguntamos...” *Bangor Daily News, 19 de janeiro de 2008.*

“A primeira coisa que faço de manhã é ligar a TV...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Não tem acostamento lá em cima...” *Province, 22 de abril de 1997.*

“se houver um acidente, quero ser o primeiro a chegar...” e “Foi como atingir...” *Dennis Miller Live, 3 de abril de 1998.*

“Ao longo dos anos, perdi leitores...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Assim que o verdadeiro processo de criação começa...” *Writers dreaming, p. 136.*

“Ele me colocou na cadeira, apertou as correias...” *BBC, An Audience with Stephen King, 12 de novembro de 2006.*

“Bigamia é um delito muito grave...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

CAPÍTULO XII - ANGÚSTIA

“Acho que a melhor regra é...”; “Faço uns três ou quatro *paper tigers*...”; “Todo seriado na TV norte-americana...” e “Adoraria passar de novo pela experiência...” *Talk of the Nation, 9 de fevereiro de 1999.*

“É eletrizante em alguns pontos...” e “Não posso parar antes de acabar...” *San Francisco Chronicle, 12 de fevereiro de 1999.*

“Se houvesse algo como um romance juvenil...” *Weekly Reader Writing, outubro de 2006.*

“Steve recuou um pouco...” *Bangor Daily News, 21 de junho de 1999.*

“Apaguei como uma luz...” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“É muito azar atingir o escritor que mais vende no mundo” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Ligaram pedindo que eu encontrasse o policial...” *Dateline, 1º de novembro de 1999.*

“O tempo parou...” *Good Housekeeping, setembro de 2001.*

“Me lembro de um dos caras falando ‘Merda!’...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“‘Eles se moveram?’...” e “Todos os ossos do lado direito do meu corpo...” *Dateline, 1º de novembro de 1999.*

“Meu Deus, sou um junkie de novo...”; “Por outro lado, eu não havia ficado sóbrio...” e “Duas enfermeiras trocaram...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Passou pela minha cabeça...” *On writing, p. 256.*

“A dor era excruciante...”; “No início, era como se eu nunca tivesse feito isso na vida...” e “Eu me tornei uma pessoa completamente passiva...” *Dateline, 1º de novembro de 1999.*

“Tomei os remédios até não precisar mais deles...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

“eu parecia ser um personagem de um de meus próprios livros...” *Fresh Air, 10 de outubro de 2000.*

“Eu estava fabricando a dor...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

CAPÍTULO XIII - ÀS VEZES ELES VOLTAM

“Nomar [Garciaparra] se aproxima, Bret Saberhagen...” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Steve é mais direto...” *Tenebres.com, 2000.*

“Nunca houve qualquer dúvida de que haveria outro livro...” *Lilja’s Library, 16 de janeiro de 2007.*

“Seria interessante ter uma ideia de como está esse mercado agora” e “Considerei uma boa história...” *Publishers Weekly, 14 de março de 2000.*

“Era uma maneira de dizer às editoras...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Meu corpo tem 52 anos, exceto pelo meu quadril...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Senti muito saber da morte de Bryan Smith...” *CNN.com, 25 de setembro de 2000.*

“Os fatos não incomodam um romancista” *Boston Globe, 22 de novembro de 1991.*

“De certa forma, é como sexo...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“É realmente tudo isso o que você tem a dizer...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“É como a puta da cidade...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Se você der um livro para um garoto...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Decidi me manter fiel ao cara de 22 anos...” *Guardian, 18 de setembro de 2004.*

“ Tabby mantém os monstros longe” *60 Minutes, 16 de fevereiro de 1997.*

“ Tabby não tem medo dele, nem de coisa alguma” *Good Housekeeping, setembro de 2001.*

“Eu acho que as pessoas temem coisas que não deviam...” *Boston Globe, 4 de junho de 2006.*

“Quando as pessoas me perguntam como faço...” *Talk of the Nation, 9 de fevereiro de 1999.*

“Eu simplesmente escrevo todo dia...” *Feast of Fear, p.99.*

“Sempre há tentações quando você está em turnê...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

“Eu cortaria aquilo fora e depois daria um tiro nele.” *Publishers Weekly, 10 de fevereiro de 1997.*

“Soa como um bilhete expresso...” *Augusta Chronicle, 20 de outubro de 1998.*

“Eu nunca procurei colaboração...” *Writer’s Digest, junho de 2007.*

“Uma vez nós realmente discutimos a ideia...” *Onyx Reviews, maio de 2006.*

“É um livro sobre rapazes...” *CBS Morning Show, 20 de março de 2001.*

“Há um medo aterrorizante do governo...” *Hollywood’s Stephen King, p. 7.*

“O personagem na plataforma de caça foi atingido...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“Foi como se o livro não tivesse existido...” *Lilja’s Library, 16 de janeiro de 2007.*

“um monte de livros dos anos 1950...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Não vou dizer que mudamos para cá da maneira...” *All Things Considered, 16 de março de 2005.*

“Parei de me interessar por esportes profissionais há muito tempo...” e “Ela é *o companheiro* de beisebol de Steve...” *Portland Press Herald, 4 de junho de 2006.*

“Eu me tornei uma espécie de mascote do Red Sox” *All Things Considered, 16 de março de 2005.*

“Porque me pareceu que, assim que realmente comecei a escrever...” e “Acho que isso compensou tudo o que as pessoas...” *Amazon.com, março de 2003.*

“Tenho pesadelos quando não estou trabalhando...” *Talk of the Nation, NPR, 9 de fevereiro de 1999.*

“Avisei que, se ele desse uma de Ernest Hemingway...” *Castle Rock, dezembro de 1987.*

“Já matei muitas árvores no planeta...” *Entertainment Weekly, 27 de setembro de 2002.*

“Daqui a um ano, as pessoas vão dizer...” *Time, 24 de março de 2002.*

“Sou como um viciado, estou sempre dizendo...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

“Afinal, eles foram escritos quando eu era jovem...” *Amazon.com, março de 2003.*

“É exatamente a mesma coisa...” *Boston Globe, 4 de junho de 2006.*

“Eu entendo Eminem...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Mais uma caída no processo chocante...” *Boston Globe, 24 de setembro de 2003.*

“Achei que era um absurdo eles dizerem...” e “Esse tipo de elitismo...” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“Aquele prêmio quase me matou...” e “Meu pulmão havia entrado em colapso...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

“Posso redecorar seu escritório?...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“Era como o fantasma do Natal futuro...” *Age, 25 de novembro de 2006.*

CAPÍTULO XIV - O FIM DA CONFUSÃO TODA

“Achei que, se escrevesse ficção com o nome de Joseph King...”; “Não sou do tipo que consegue...” e “Muitos caras se casam com suas mães...” *The New York Times, 18 de março de 2007.*

“Trabalhar naquela história...” *SDCC, 27 de julho de 2007.*

“Tive professores maravilhosos...” *Onyx Reviews, junho de 2005.*

“Escrevo ficção mais contemporânea...” *Bangor Daily News, 11 de julho de 2005.*

“Fiquei mortalmente deprimido depois que Bush...” *Bangor Daily News, 11 de julho de 2005.*

“ Owen trabalha muito mais do que eu...” e “Veja, há esse palhaço que faz festas de aniversário...” *Entrevista com Susan Henderson, MySpace.com, 4 de maio de 2006.*

“Eu leio as coisas de Joe e me identifico...” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Há duas coisas ótimas sobre isso...” *Entertainment Weekly, 24 de junho de 2005.*

“Começamos e terminamos com experiências primordiais...” *Fort Lauderdale Sun-Sentinel, 15 de setembro de 2007.*

“Eu costumava dizer que arrumava minhas ideias...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“Eu digo que o unitarismo é Deus...” *The New York Times, XVIII de agosto de 2000.*

“Luto para tolerar a teologia que não permite que eu exista...” *Fort Lauderdale Sun-Sentinel, 15 de setembro de 2007.*

“Todos em minha família contam histórias...” *Miami Herald, 12 de agosto de 2007.*

“Durante muito tempo, meu padrão básico de paternidade...” *Good Housekeeping, setembro de 2001.*

“Achei que Chuck ficou um pouco chateado...” *Podcast do Times of London, 28 de janeiro de 2007.*

“Julia é uma boa atriz, mas Annie...” *New York Daily News, 18 de junho de 2007.*

“Você se apaixona por alguém que, com frequência...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“Toda a ideia do livro é ficar centrado...” e “E se existisse um escritor assim...” *Podcast do Times of London, 28 de janeiro de 2007.*

“É sobre outro escritor...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“É um livro muito especial...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Ele colaborava com muitas pessoas...” *Writer’s Digest, junho de 2007.*

“As pessoas me dizem ‘Eu nunca li um de seus livros’...” *Boston Globe, 4 de junho de 2006.*

“Tenho um bocado dessa mentalidade ianque...” *Portland Press Herald, 4 de junho de 2006.*

“Meu cérebro costumava trabalhar melhor...” *Podcast do Times of London, 28 de janeiro de 2007.*

“É genial ver os livros adaptados...” *New York Post, 8 de março de 2007.*

“Só de pensar em adaptar aquela saga...” *Lilja’s Library, 6 de fevereiro de 2007.*

“Meu verdadeiro segredo...” *Sun-Herald (Austrália), 23 de julho de 2007.*

“Nada ajuda um escritor...” *Telegraph, 20 de outubro de 2007.*

“Teria sido ótimo se o livro tivesse...” *The New York Times, 18 de março de 2007.*

“Meu pai gosta de contar vantagem...” *USA Today, 12 de fevereiro de 2007.*

“Não dei nenhum conselho, só encorajamento...” *Bangor Daily News, 19 de janeiro de 2008.*

“Ele não vai ver o personagem como uma representação de si próprio.” *USA Today, 12 de fevereiro de 2007.*

“Se um de meus contos aparecia em uma revista...” *Telegraph, 20 de outubro de 2007.*

“É como um acampamento para adultos...” *The New York Times, 4 de junho de 2007.*

“Certa vez alguém disse que os Remainders...” *A Good Read, Maine Public Television, agosto de 2004.*

“Dave, Ridley e Greg [Iles] levam isso muito a sério...” *The New York Times, 4 de junho de 2007.*

“Acho que nenhum livro realmente existe...” *An Audience with Stephen King, BBC, 12 de novembro de 2006.*

“Fico fantasiando sobre isso e Tabby pergunta...” *Bangor Daily News, 19 de janeiro de 2008.*

“Perdi o pique de escrever contos...”; “Queria expandir o campo e encontrar histórias on-line...” e “Eu não diria que é caridade...” *Leonard Lopate Show, WNYC, 18 de outubro de 2007.*

“Se uma dessas coisas vira em cima da porta...”; “E se insetos gigantes começassem a voar contra o vidro?” e “Eu achei formidável, mas fiquei aborrecido...” *Nightline, 15 de novembro de 2007.*

“Amo arte, mas não conseguiria desenhar um gato...” e “Estava andando nessa estrada deserta...” *Bangor Daily News, 19 de janeiro de 2008.*

“O que importa são sempre as vendas...” *Paris Review, outono de 2006.*

“Ainda estou pagando por aquela declaração...” *Weekly Reader Writing, outubro de 2006.*

“Quero que seja boa, mas...” *Lilja’s Library, 16 de janeiro de 2007.*

“De certa forma, John chegou na hora certa...” *Time, 23 de novembro de 2007.*

“Amo Steve, ele não é nada como as pessoas pensam...” *Rolling Stone, 31 de janeiro de 2008.*

“Eu nunca diria nunca, e às vezes penso que seria ótimo...” *Evento de imprensa de O Nevoeiro, XVIII de novembro de 2007.*

“Quero escrever sobre aranhas...” *Highway Patrolman, julho de 1987.*

“Não sou tão raivoso como costumava ser...” *Evento de imprensa de O Nevoeiro, XVIII de novembro de 2007.*

“Eu só acredito que você não pode levar as coisas com você...” *Portland Press Herald, 4 de junho de 2006.*

“Doe um centavo para cada dólar que você ganhar...” *Discurso inaugural na UMO, 7 de maio de 2005.*

“As pessoas me perguntam quando eu vou escrever...” *Time, 6 de outubro de 1986.*

“Eles não entendem que é...” *Guardian, 14 de setembro de 2000.*

“O apelo do horror sempre foi consistente...” *Hollywood’s Stephen King, p. 5.*

“No dia que negar minha identidade...” *Castle Rock, abril de 1989.*

POSFÁCIO - SOB A REDOMA

“A incompetência me irrita…” *Time, 6 de novembro de 2009.*

… o anúncio da parceria entre Spielberg e King… *Variety, 19 de novembro de 2009.*

“Eu não vejo Mad Men…” *Site da revista Parade, 23 de maio de MMXIII.*

“A questão aqui é por quê…” *Entertainment Weekly, 20 de maio de 2011.*

A trama mostra um grupo de amigos… *Site MK Horror, 30 de junho de 2012.*

A estreia mundial do filme foi… *Bangor Daily News, 12 de fevereiro de 2012*

Na ocasião, eles ganharam o prêmio de Melhor Filme pela escolha do público. *Site Dispatch, 1 de maio de 2012.*

“King foi gentil o bastante…” *Fangoria, 14 de dezembro de 2011.*

“quatro relatos satisfatoriamente sombrios…” *The Washington Post, 27 de outubro de 2010.*

A novela “A Good Marriage” está sendo… *Site Hollywood Reporter, 11 de setembro de 2012.*

“retribuição e cumplicidade:…” *The Guardian, 5 de novembro de 2010.*

A primeira edição encadernada da HQ… *The New York Times, 24 de outubro de 2010.*

“uma das melhores histórias...” *The New York Times, 10 de novembro de 2011.*

“O 22 de novembro de 1963 era o nosso 11 de Setembro…”; “Sua mãe era uma força dominante…” e “Foram como umas belas férias…” *NPR, XIII de novembro de 2011.*

Em abril de dois mil e treze, começaram a circular rumores… *Site Vulture, 28 de abril de MMXIII.*

Segundo Demme, ele não conseguiu… *Site Vulture, 6 de dezembro de 2012.*

“volume quatro e meio” *The Guardian, 18 de abril de 2012.*

“(O livro) não traz muitas novidades…” *Bangor Daily News, XIII de julho de 2011.*

“O Vento Pela Fechadura faz alusões diretas a…” *The Independent, 29 de abril de 2012.*

… Bill Sheehan, ao comentar o livro no *Washington Post*, ressalta… *The Washington Post, 23 de abril de 2012*

Para o crítico do *New York Times* Jason Zinoman… *The New York Times, 2 de maio de 2012.*

Pouco antes, ele havia doado 70 mil dólares… *The Guardian, 10 de novembro de 2011.*

“E por que não de 50%? ...” *“Tax me, for fuck’s sake”, The Daily Beast, 30 de abril de 2012.*

“em torno dos cinco dígitos”… *Bangor Daily News, 24 de abril de MMXIII*

“Ressaltei ser totalmente contrário…”; “Temos dois blocos políticos…” e “O próximo Adam Lanza está por…” *Bangor Daily News, 20 de março de MMXIII.*

King disse à plateia do festival… *Bev Vincent, no site Fearnet, 22 de agosto de 2012. http://tinyurl.com/kvqw7zq*

“explora novas ideias e cria novas fronteiras…” *Site Fearnet, 12 de julho de 2012. http://tinyurl.com/k3r7awt*

“O principal é entreter as pessoas…”; “formato *whodunit*” e “Ela diz ‘Você já fez isso antes…” *Site da revista Parade, 23 de maio de MMXIII.*

“Eu quis escrever Doctor Sleep...”; “Ele não mais parece...”; “Acho que a coisa mais...”; “Se não escreve ele...”; “Se escreve, o mundo...”; “Ele é um mestre em...” e “o quão confortável ele...” *Versão não editada da entrevista, publicada no site do escritor Neil Gaiman, 28 de abril de 2012. Entrevista originalmente publicada na revista do Sunday Times, de 8 de abril de 2012.*

AGRADECIMENTOS

Como sempre, os primeiros agradecimentos são para o superagente por ter me guiado através desse livro repleto de obstáculos. Em segundo lugar, a Peter Joseph, que editou o livro e ofereceu insights valorosos e sugestões enquanto eu me aprofundava na psique de King. Mais uma vez, a Paula Hancock, que me ajudou na transcrição e as ajudou a fazer sentido após horas de fitas.

À genealogista Margaret Dube, da Common Folk Ancestry, em Kittery, Maine, que escavou excelentes detalhes sobre a amada Maine de Steve e Tabby.

Agradecimentos aos amigos de King, conhecidos, colegas de trabalho, e uma diversidade de gente que ofereceu suas histórias e anedotas, incluindo Dave Barry, George Beahm, Michael Collings, Kathi Kamen Goldmark, Rick Hautala, Peter Higgins, Jonathan Jenkins, Jack Ketchum, Richard Kobritz, George MacLeod, Anthony Magistrale, Ridley Pearson, Otto Penzler, Sandy Phippen, Lew Purinton, James Renner, Samuel Schuman, Stephen Spignesi, Bev Vincent, Stanley Wiater e Nye Willden.

Louvo meus amigos por entender como lidar comigo quando passo pelas torturas do deadline: Tim Ashe, Leslie Caputo, Bob DiPrete, Doc e Nancy Gerow, Dean Hollatz, Ed Leavitt, Don McKibbin, Spring Romer, Paul e Cary Rothe, e Andy e Donna Vinopal.

LISA ROGAK é autora de mais de 40 livros, sobre os mais variados temas, entre eles as biografias de Dan Brown, Dr. Robert Atkin e Stephen Colbert, os cães que trabalham no exército norte-americano, livros sobre culinária e turismo. Editou também diversas obras com o pensamentos e ideias de nomes como Bill Gates, Barack e Michelle Obama e o Papa Francisco. Saiba mais em lisarogak.com.

OS CAPÍTULOS DESTE LIVRO FORAM NOMEADOS COM AS RESPECTIVAS TRADUÇÕES DOS TÍTULOS DE LIVROS, CONTOS E ADAPTAÇÕES PARA FILMES E SÉRIES DE STEPHEN KING. A SEGUIR, OS NOMES ORIGINAIS E A OBRA A QUE SE REFEREM.

CAPÍTULO I

APT PUPIL | **1982**

TERCEIRA NOVELA DE *QUATRO ESTAÇÕES*.

Em um verão californiano, o jovem Todd Bowden descobre que aquele amável vizinho, o velho senhor Arthur Denker, chama-se, na verdade, Kurt Dussander, ex-oficial alemão, que compartilhará com ele suas histórias dos tempos nazistas e, sem que eles nem percebam, também o prazer pelo horror.

CAPÍTULO II

HEAD DOWN | **1990**

ENSAIO NÃO-FICCIONAL SOBRE O TIME DE BEISEBOL JUVENIL DE SEU FILHO.

A dinâmica do beisebol pode ser explicada da seguinte forma: proteger-se, enquanto deve rebater uma bola feroz que vem diretamente em sua direção. Abaixar a cabeça, não olhar; e, talvez, depois, correr até um lugar seguro.

CAPÍTULO III

THE GUNSLINGER | **1982**

PRIMEIRO LIVRO DA SÉRIE *A TORRE NEGRA*.

Roland of Gilead vive em um mundo ligeiramente diferente do nosso, como em um universo paralelo que continuou a história de outra maneira. Nesse universo, os monstros são bem reais, e não há explicação para tudo. Roland sabe que seu destino é seguir em direção à Torre Negra, em busca do "Homem de Preto".

CAPÍTULO IV

DESPERATION | **1996**

ROMANCE DE KING.

Difícil saber para onde levam tantas estradas. Os motoristas incautos que se aventurassem por aquela, chegariam a uma pequena cidade, de um morador só – e, pior que estar perdido no meio de nada, é se ver em um lugar onde o tal morador também é a única lei.

CAPÍTULO V

RIDING THE BULLET | **2000**

PUBLICADO ORIGINALMENTE COMO E-BOOK. REUNIDO NA COLETÂNEA *TUDO É EVENTUAL*.

A caminho de encontrar sua mãe, que acaba de sofrer um derrame, o jovem Alan Parker encontra o falecido George Staub, que lhe convida para uma corrida fatal: o suicídio que o assombrava desde muito cedo. George dá a Alan a seguinte opção: arriscaria ele sua própria vida ou de sua mãe?

CAPÍTULO VI

THE RUNNING MAN | **1982**

QUARTO ROMANCE DE RICHARD BACHMAN.

Em meio ao desespero e em um mundo extremamente violento e feroz, um homem decide submeter-se a um *reality show*, em troca de dinheiro: será declarado inimigo do Estado, devendo fugir dos assassinos profissionais contratados para persegui-lo. Em 30 dias, ele pode ganhar um bilhão de dólares. Ou perder a vida.

CAPÍTULO VII

DIFFERENT SEASONS | **1982**

COLETÂNEA DE CONTOS.

Um presidiário luta pela sua inocência; um grupo de garotos sai em busca de um corpo; um rapaz aprende com um velho nazista como driblar seus pesadelos; um clube de senhores se reúne para contar histórias. Nem sempre o pesadelo vem em forma de um horror definido, mas às vezes erros

burocráticos, o corpo de um desconhecido, a culpa guardada e um estranho acidente. A cada "estação", um conto; a cada estação, um temor diverso, às vezes com sinais de redenção.

CAPÍTULO VIII

TRUCKS | **1973**

CONTO "CAMINHÕES" REUNIDO NA COLETÂNEA *SOMBRAS DA NOITE*, QUE INSPIROU O FILME *COMBOIO DO TERROR* (1986) E A SÉRIE DE TV DE 1997.

Como vemos diariamente, são os carros que vêm dominando a terra, com toda sua potência e violência. E se objetos podem ser inerentemente maus, carros e caminhões poderiam se tornar mais fatais do que já são…

CAPÍTULO IX

THE LONG WALK | **1979**

SEGUNDO ROMANCE DE RICHARD BACHMAN.

"É preciso marchar pelo progresso, ou o progresso marchará sobre você." Em um mundo distópico, o esporte nacional é a caminhada, mas é proibido desacelerar o passo, muito menos parar. Seguir em frente é a ordem, mesmo que isso resulte em morte.

CAPÍTULO X

IT GROWS ON YOU | **1973**

CONTO PUBLICADO NA REVISTA *MARSHROOTS* E REUNIDO NA COLETÂNEA *PESADELOS E PAISAGENS NOTURNAS V. 1.*

Coisas estranhas acontecem naquela casa,que parece tomar vida e até asas ela ganha. E o que acontece naquela cidade, Castle Rock? O que haveria de comum entre esses homens que morreram há pouco tempo? Homens que, parece, frequentaram a casa, ainda meninos.

CAPÍTULO XI

GOLDEN YEARS | **1991**

MINISSÉRIE ESCRITA POR KING ORIGINALMENTE PARA A TV.

Em um acidente de trabalho, um descuido no laboratório, o velho Harlan Williams escapa por pouco da morte. A vida passa diante de seus olhos e, para sua surpresa e espanto, seu corpo começa a recuperar-se não apenas do acidente, mas de todos os anos passados.

CAPÍTULO XII

MISERY | **1987**

ROMANCE DE KING.

"Sou sua fã número um" – talvez nem Annie Wilkes estivesse a par do horror contido nessa frase. Para um escritor famoso como Stephen King ou o fictício Paul Sheldon, personagens de seus livros ou seus adoradores seriam potencialmente fatais se materializados.

CAPÍTULO XIII

SOMETIMES THEY COME BACK | **1974**

CONTO PUBLICADO NA REVISTA *CAVALIER* E REUNIDO NA PRIMEIRA COLETÂNEA, *SOMBRAS DA NOITE*, E ADAPTADO PARA OS CINEMAS EM **1991**.

O menino Jim conseguiu escapar do grupo de gângsteres que atacaram a ele e a seu irmão, Wayne, que acaba morto. Anos mais tarde, já professor em uma escola local, alguns de seus alunos também são mortos, e em seus lugares, reaparecem os bandidos que o perseguiram quando criança.

CAPÍTULO XIV

THE END OF THE WHOLE MESS | **1986**

CONTO PUBLICADO NA REVISTA *OMNI* E REUNIDO EM *PESADELOS E PAISAGENS NOTURNAS V. 1.*

O menino prodígio Robert Fornoy descobre um elemento químico capaz de acalmar todos os ânimos. Com a ajuda de seu irmão Howard e de um vulcão no Pacífico, Robert apaziguou a Terra. Mas o que haveria na água daquela cidade que deixava toda gente tão esquecida?

POSFÁCIO

UNDER THE DOME | **2009**

ROMANCE DE KING, ADAPTADO POR STEVE SPIELBERG PARA SÉRIE DE TV EM MMXIII.

Uma redoma gigante cobre por inteiro a pequena cidade de Chester’s Mill. Os cidadãos se unem para garantir a sobrevivência, mas um político violento vai fazer de tudo para protegê-los.

“Disciplina e trabalho constante são as pedras de amolar sobre as quais a faca cega do talento é trabalhada até ficar afiada o suficiente.”

STEPHEN KING

DANÇA MACABRA
(OBJETIVA, 2007, P. 77)



“Quando o Red Sox finalmente ganhou a World Series em 2004, o sol apareceu em toda a Nova Inglaterra, e nos aqueceu por todo o inverno.” – Stephen King

INVERNO.MMXIII

Copyright © 2008 by Lisa Rogak
Tradução para a língua portuguesa
© Cláudia Guimarães, MMXIII
© Shane Leonard, foto de capa

Through arrangement with the Mendel Media Group LLC of New York. All rights reserved.
Tradução autorizada da edição original através de acordo com Mendel Media Group LLC de Nova York. Todos os direitos reservados.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor de Marketing
Chico de Assis

Editores Assistentes
Bruno Dorigatti
Maria Clara Carneiro

Posfácio
Cláudia Guimarães

Design e Capa
Retina 78

Design Assistente
Guilherme Costa
Juliane Pimenta

Revisão
Retina Conteúdo
Nova Leitura

Agradecimentos
Boni Neto (KingofMaine.com.br)
Eddie Nunes (StephenKing.com.br)

Produção de ebook
S2 Books

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rogak, Lisa
Stephen King, a biografia – Coração Assombrado / Lisa Rogak;
tradução de Cláudia Guimarães – – Rio de Janeiro :
DarkSide Books, MMXIII.
316 p. : 16x23cm.

Tradução de: Haunted heart: the life and times of Stephen King
ISBN 978-85-66636-61-1

1. Escritores americanos - Biografia 2. Literatura americana
3. Terror I. Título II. Guimarães, Claudia.

13-0414 CDD 928.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores americanos - Biografia.



DarkSide® Entretenimento LTDA.
Rua do Russel, 450/501 - 22210-010
Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
www.darksidebooks.com

[1] As referências às citações, quando indicadas pela autora, encontram-se reunidas a partir da p. 283. [Nota do Editor brasileiro, identificada de agora em diante como NE]
[2] Em respeito ao biografado, substituímos os numerais em arábico por romanos e riscamos os algarismos que somam treze. [NE]
[3] Humorista e comentarista norte-americano. [Nota do Tradutor, identificada de agora em diante como NT]
[4] Dia da Independência dos EUA; feriado nacional. [NT]
[5] Time de beisebol americano, baseado em Boston, estado de Massachusetts. [NT]
[6] Região no Nordeste dos EUA que compreende os estados do Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut. [NT]
[7] Estádio de beisebol em Boston, Massachusetts. [NT]
[8] Dados da edição norte-americana de 2009. Atualmente, ultrapassaram os setenta títulos, em 39 anos. [NE]
[9] Um novo volume, *The Wind Through the Keyhole* (*O Vento pela Fechadura*) situado entre o quarto e o quinto, foi publicado em 2012. [NE]
[10] No original, *Maximum Overdrive*, de 1986, dirigido pelo próprio Stephen King. [NT]
[11] No original, *Graveyard Shift*, de 1990, dirigido por Ralph Singleton. [NT]
[12] No Hemisfério Norte. [NT]
[13] Que marcou a independência do Império Britânico e a criação dos Estados Unidos da América. [NT]
[14] Após a Segunda Guerra Mundial, as famílias norte-americanas viveram um novo momento de otimismo, que levou a uma explosão demográfica, denominada *baby boom*. [NE]
[15] “Travelin’ Man”, de Jerry Fuller, gravada por Ricky Nelson em 1961. [NE]
[16] No original, *Daddy Done*, homófono de *Daddy Don* (por Donald). [NT]
[17] Theodor Seuss Geisel (1904-1991) publicou mais de sessenta livros infantis. [NE]
[18] Editora norte-americana especializada em horror e ficção científica, que fez grande sucesso nas décadas de 1940 e 1950 nos EUA. Responsável pelas revistas *Contos da Cripta* e *MAD*, também publicadas no Brasil. [NT]
[19] Personagens de histórias de detetive para crianças e adolescentes. *As Aventuras dos Hardy Boys* foram publicadas no Brasil pela Editora Abril em 1972. [NT]
[20] Pseudônimo do escritor e roteirista americano Salvatore Albert Lombino (1926-2005). [NT]
[21] Figura do folclore norte-americano; um lenhador gigante que teria ajudado a combater os ingleses. [NT]
[22] *O Poço e o Pêndulo*, o título original do conto de Poe e do filme. [NT]
[23] Marca fabricada entre 1908 e 1925. [NT]
[24] Série de espionagem exibida pela NBC entre 1964-1968 e, no Brasil, pela extinta TV Excelsior em 1966. [NE]
[25] Em tradução livre, “Gorducho e Fitinha” – mas, nesse caso, perde-se a semelhança fonética com Batman e Robin. [NT]
[26] Publicado no Brasil em *Os Livros de Bachman* (Francisco Alves, 1992). De agora em diante será indicada a edição mais recente lançada no país. Para as demais edições brasileiras dos livros de Stephen King, ver p. 276. [NE]
[27] Barry Goldwater (1909-1998) foi senador pelo Partido Republicano. Ele se opunha à União Soviética, aos sindicatos e ao pagamento de benefícios sociais pelo governo. [NT]
[28] Durou de 1o de novembro de 1955 a 30 de abril de 1975. [NT]
[29] Associação Cristã de Moços. YMCA, no original. [NT]
[30] John Steinbeck (1902-1968), que retratou em seus livros, de forma realista, a vida da classe operária durante a Grande Depressão. Autor, entre outros, de *Ratos e Homens* (1937) e *As Vinhas da Ira* (1939). Ganhou o Nobel de Literatura em 1962. [NT]

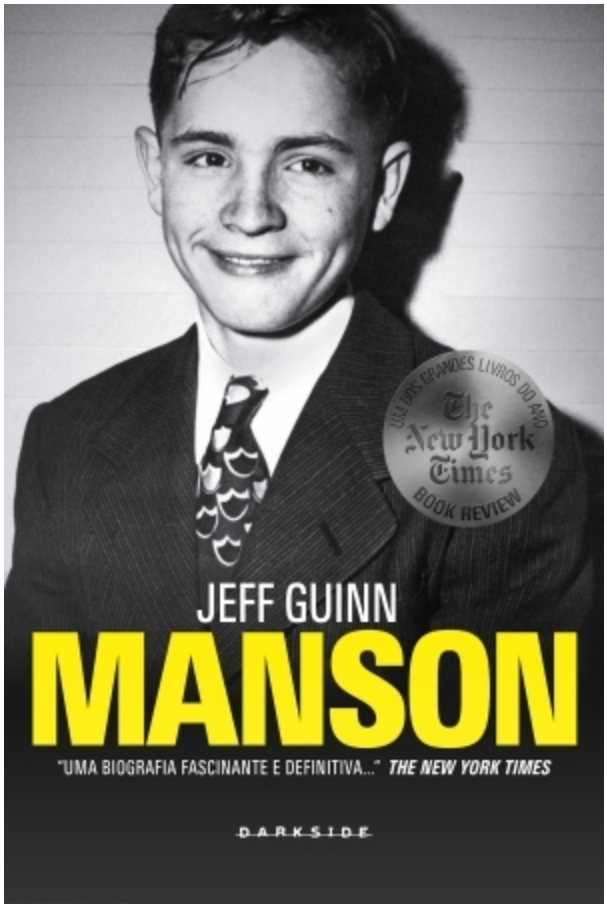
[31] William Faulkner (1897-1962), que refletiu em seus livros as contradições e a violência do sul dos EUA. Entre suas obras estão *O Som e a Fúria* (1929) e *Enquanto Agonizo* (MCMXXX). Ganhou o Nobel de Literatura em 1949. [NT]
[32] Shirley Jackson (1916-1965), autora popular de histórias de horror nos EUA. Ganhou fama com o conto "The Lottery" ("A Loteria", de 1948), no qual relata um bárbaro ritual numa cidade do interior norte-americano. [NT]
[33] John D. MacDonald (1916-1986), escritor norte-americano de histórias policiais e de ficção científica. Seu livro *The Executioners* (1957) deu origem ao filme *O Círculo do Medo* (1962), refilmado como *Cabo do Medo* em 1991. [NT]
[34] Robert Bloch (1917-1994), escritor norte-americano de livros de horror, suspense e ficção científica. Seu livro *Psicose* (1959) inspirou o filme homônimo de Alfred Hitchcock, de 1960. [NT]
[35] Sobre o assunto, confira o livro *O Massacre da Serra Elétrica [Arquivos Sangrentos]* (DarkSide Books, MMXIII). [NE]
[36] O partido, inicialmente de defesa dos negros contra a violência policial, assumiu uma postura de extrema esquerda. Fundado em 1966, foi dissolvido em 1982. [NT]
[37] Processo que correu na Suprema Corte norte-americana, cuja decisão, em 22 de janeiro de 1973, foi a favor do aborto até o terceiro mês de gravidez, o que abriu caminho para a legalização do aborto nos EUA. [NT]
[38] Robert Browning (1812-1889), poeta e autor de teatro inglês. O título completo do poema é "Childe Roland to the Dark Tower Came" ("Childe Roland à Torre Negra Chegou", de 1855), por sua vez uma citação do *Rei Lear* (1605), de William Shakespeare. [NT]
[39] John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), escritor inglês. [NT]. Confira a biografia *J.R.R. Tolkien, o Senhor da Fantasia* (DarkSide Books, MMXIII). [NE]
[40] Mais tarde publicado como "The Raft" ("A Jangada"), o conto foi adaptado no filme *Creepshow 2 – Show de Horrores* (1987), dirigido por Michael Gornick. [NE]
[41] Inspirou o filme *A Criatura do Cemitério* (1990), dirigido por Ralph S. Singleton. [NT]
[42] Nathaniel Hawthorne (1804-1864), autor de *A Letra Escarlate* (1850), um clássico da literatura norte-americana. [NT]
[43] Peça de teatro obrigatória no currículo de Inglês, escrita por Arthur Miller em 1949. [NE]
[44] Respectivamente, "Que Sofram as Criancinhas", "A Quinta Quarta Parte", "Campo de Batalha" e "A Mutiladora" – este publicado no Brasil como " A Máquina de Passar Roupas". [NT]
[45] No Brasil publicada como revista *Nova*. [NT]
[46] De Bram Stoker (1847-MCMXII), escritor britânico. [NT]
[47] Romancista norte-americano e autor de teatro (1897-1975). [NT]
[48] Expressão muito usada para designar a esperada volta de Jesus Cristo ao mundo, no Juízo Final. [NT]
[49] Publicado no Brasil como *A Hora do Vampiro* desde 1980, teve o título alterado para *Salem* na nova edição da Suma de Letras, em MMXIII. [NE]
[50] Originalmente lançado como *Carrie* (Nova Fronteira, 1974), ganhou o título mais conhecido após a adptação cinematográfica. Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, 2009 (edição de bolso). [NE]
[51] Suma de Letras, 2009; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso). Publicado com o pseudônimo de Richard Bachman. [NE]
[52] Suma de Letras, 2012. [NE]
[53] Herdeira do império de mídia Hearst, Patricia Hearst foi sequestrada em fevereiro de 1974 por uma organização radical de esquerda, o Exército Simbionês da Libertação. Ela acabou entrando para o grupo e participando de assaltos a bancos. Em um deles, foi presa. Condenada a 35 anos, ganhou indulto em 1979. [NT]
[54] Suma de Letras, MMXIII. [NE]
[55] Literalmente, "tempestade e paixão". Movimento literário alemão da segunda metade do século XVIII que exaltou a natureza e os impulsos, em detrimento do racionalismo iluminista. [NT]

[56] Publicado em *Os Livros de Bachman (*Francisco Alves, 1992). [NE]
[57] Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso). [NT]
[58] Palavra homófona de *moorlands*, que significa charneca, pântano. [NT]
[59] Ponto de Leitura, 2011 (edição de bolso); Suma de Letras, MMXIII. [NE]
[60] Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, 2009 (edição de bolso). [NE]
[61] Publicado originalmente como cinco histórias separadas, entre 1978 e 1981; em 2003, seria relançado em uma edição revista como o primeiro volume da série *A Torre Negra* (Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII, edição de bolso). [NE]
[62] Círculo do Livro, 1986. [NE]
[63] O Emmy é a mais importante premiação atribuída a programas televisivos. O Edgar, homenagem ao escritor Edgar Allan Poe, premia os melhores livros, filmes e peças de teatro de suspense, terror e mistério. [NE]
[64] No original, “You can’t get they-ah from he-yah”, um sotaque de branquelos caipiras. [NE]
[65] Referência ao filme *Um Estranho no Ninho* (1975), de Milos Forman, que deu a Nicholson o Oscar de Melhor Ator. [NT]
[66] Série final da Major League Baseball, disputada entre os campeões da Liga Nacional e da Liga Americana. [NE]
[67] Escritor norte-americano (1918-1985) de ficção científica e horror. [NT]
[68] Suma de Letras, 2012. [NE]
[69] Record, 1982. [NE]
[70] Objetiva, 2006. [NE]
[71] Escritora britânica (1920-) de ficção policial. [NT]
[72] Escritor norte-americano (1947-) de livros de suspense. [NT]
[73] Publicado em *Os Livros de Bachman* (Francisco Alves, 1992). Reeditado como *O Concorrente* (Suma de Letras, 2006). [NE]
[74] Em português, respectivamente “A Caixa”, “Dia dos Pais”, “Indo com a Maré”, “Vingança Barata”e “A Solitária Morte de Jordy Verrill”. [NT]
[75] Filme de 1957, dirigido por Roger Corman, não lançado no Brasil. Em tradução livre, *Ataque dos Caranguejos-Monstro*. [NT]
[76] Objetiva, 2001; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso). [NE]
[77] Do seriado de TV *Além da Imaginação*. [NT]
[78] Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, 2011 (edição de bolso). [NE]
[79] De 1986, dirigido por Rob Reiner. [NT]
[80] Publicado até 2010 como *A Maldição do Cigano*, foi reeditado como a *A Maldição* (Suma de Letras, 2012). [NE]
[81] *A Hora da Zona Morta* (1983), dirigido por David Cronenberg. [NT]
[82] L&PM, 1987. [NE]
[83] Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso). [NE]
[84] Suma de Letras, MMXIII. [NE]
[85] Francisco Alves, 1992. [NE]
[86] Horatio Alger (1832-1899), romancista norte-americano que ficou famoso por seus livros infanto-juvenis sobre garotos pobres que ascendiam socialmente. [NT]
[87] O título em inglês é o mesmo de um conto de Ray Bradbury, de 1951. [NT]
[88] A expressão em inglês *latchkey kids* é usada, de forma depreciativa, para falar de crianças que, ao voltar da escola, encontram a casa vazia porque seus pais estão sempre fora. [NT]
[89] Suma de Letras, MMXIII. [NE]
[90] Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso) [NE]
[91] Francisco Alves, 1991. [NE]
[92] Francisco Alves, 1991. [NE]

[93] J.D. Salinger (1919-2010), autor de *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951), viveu os últimos trinta anos de sua vida recluso, sem lançar livros ou falar com a imprensa. [NT]
[94] Lançado no Brasil como Comandos em Ação. [NT]
[95] Em tradução livre, “Bola de Cristal G.I. Joe” e “Visão Prévia G.I. Joe”. [NT]
[96] Nascido na Inglaterra em 1934, Piers Anthony é conhecido por uma série de livros que se passam no fictício reino de Xanth. [NT]
[97] Kurt Vonnegut, Jr. (1922-2007), romancista norte-americano conhecido por seu humor ácido, escreveu, entre outros, *Matadouro 5* (1969) e *Café da Manhã dos Campeões* (1973). [NT]
[98] Publicado como e-book em 2000, sem edição em português. [NT]
[99] Na Segunda Guerra Mundial, o exército japonês obrigou cerca de sessenta mil prisioneiros de guerra filipinos e americanos a marcharem 128 quilômetros, de Bataan a Balanga, nas Filipinas. Estima-se que mais de dez mil tenham morrido por inanição e maus-tratos. [NT]
[100] Adaptação cinematográfica do romance de King *The Running Man*. [NT]
[101] Sem edição no Brasil. [NE]
[102] Francisco Alves, 1991. [NE]
[103] Francisco Alves, 1992. [NE]
[104] Escritor norte-americano de origem judaica (1933-), é considerado um dos mais importantes romancistas da segunda metade do século XX nos EUA, autor de *Adeus, Columbus* (1959) e *O Complexo de Portnoy* (1969). [NE]
[105] Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso) [NE]
[106] Francisco Alves, 1992. [NE]
[107] Como ficou conhecida a política econômica de Ronald Reagan (presidente dos EUA de 1981 a 1989), ultraneoliberal, com intervenção mínima do Estado. [NT]
[108] Suma de Letras, 2012. [NE]
[109] O nome do vilão do desenho animado *Doodle Do-Right*, que integrava o programa *As Aventuras de Rocky e Bullwinkle*. Inspirado no cinema mudo, ele se vestia de preto e usava bigode. [NT]
[110] “Campo dos Gritos de Stephen King”. No original em inglês, há a alusão a “*field of dreams*”,“campo dos sonhos”, em tradução literal. [NT]
[111] Amy Tan, autora de *O Clube da Felicidade e da Sorte* (1987); Dave Barry, jornalista ganhador do Pulitzer e autor de vários livros como *Peter e os Caçadores de Estrelas* (2004); Barbara Kingsolver, autora de *Bíblia Envenenada* (1998) e *O Mundo é o Que Você Come* (2007). [NT]
[112] Ridley Pearson escreveu vários livros infantis e é coautor de *Peter e os Caçadores de Estrelas*, com Dave Barry. Robert Fulghum é conhecido por suas crônicas, reunidas em livros como *Tudo o Que Eu Devia Saber Aprendi no Jardim de Infância* (1989). [NT]
[113] Respectivamente, de Wayne Cochran, de 1961, regravada pelo Pearl Jam, e de Jean Dinning e Red Surrey, gravada em 1959 por Mark Dinning. [NT]
[114] A banda só acabou em 2012, após a morte de Kathi Kamen Goldmark devido a um câncer de mama. [NT]
[115] Francisco Alves, 1995. [NT]
[116] A sequência também foi baseada no conto "As Crianças do Milharal" (*Children of the Corn*, título original do conto e do filme). [NT]
[117] A tradução literal do título original seria *Às Vezes Eles Voltam... De Novo*. [NT]
[118] Adaptado para os cinemas como *Um Sonho de Liberdade* (1994). [NE]
[119] Suma das Letras, 2011, ambos os volumes. [NT]
[120] Respectivamente, de Van Morrison, 1964, também gravada por Patti Smith e The Doors; de George Morton, Jeff Barry e Ellie Greenwich, gravada pelas Shangri-Las em 1964; de Lee Hazelwood, gravada por Nancy Sinatra em 1966; e de Ben E. King, Jerry Leiber e Mike Stoller, lançada por King em 1961, já tem mais de quatrocentas versões, inclusive de John Lennon. [NT]
[121] Objetiva, 2005. [NE]

[122] Suma de Letras, 2011. [NE]
[123] O. Henry (1862-1910), escritor americano famoso por seus contos. [NT]
[124] Sem edição no Brasil. [NE]
[125] Suma de Letras, MMXIII. [NE]
[126] Objetiva, 2005. [NE]
[127] Suma de Letras, 2012. [NE]
[128] Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso). [NE]
[129] Suma de Letras, 2012. [NE]
[130] A primeira edição do livro nos EUA saiu no mesmo ano pela Naval Institute Press, pois Clancy não conseguira convencer uma editora de grande porte. Só depois do sucesso inicial ele assinou com a Putnam. [NT]
[131] O mesmo enredo de *A Sucessora*, romance da brasileira Carolina Nabuco (1890-1981). *A Sucessora* foi publicado em 1934, e *Rebecca* em 1938. [NT]
[132] O episódio acabou ganhando o título de "Chinga" e, no Brasil, de "Feitiço". [NT]
[133] Nos EUA, esse número tem a mesma importância que o CPF tem no Brasil. [NT]
[134] Nos EUA vários estados têm uma cidade chamada Bangor. Stephen King mora em Bangor, Maine. [NT]
[135] Os três sem edição no Brasil. [NE]
[136] Alguém ou algo que parece ameaçador, mas é ineficaz ou inútil. [NE]
[137] Objetiva, 2007. [NE]
[138] Objetiva, 2007; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso). [NE]
[139] Um tipo de codeína, fármaco alcaloide da família dos opiáceos de ação analgésica, que pode causar dependência. [NT]
[140] Amistoso que reúne as principais estrelas das equipes norte-americanas nas ligas de beisebol, basquete, hóquei e futebol americano. [NT]
[141] Objetiva, 2005. [NE]
[142] Fármaco opiáceo analgésico. [NT]
[143] Reunida depois na coletânea *Tudo é Eventual* (Objetiva, 2005). [NE]
[144] Escritor norte-americano (1947-), conhecido por seus thrillers políticos. [NT]
[145] Do grupo linguístico africano banto. [NT]
[146] Conto de fadas alemão, coletado pelos irmãos Grimm, visto como uma parábola sobre o amadurecimento de rapazes. [NT]
[147] Escritor norte-americano (1933-2008) especializado em histórias policiais. [NT]
[148] Autor de livros de mistério (1938-). [NT]
[149] Objetiva, 2005. [NE]
[150] World Wrestling Federation, nome que deixou de ser usado em 2002; a empresa agora se chama World Wrestling Entertainment (WWE). [NT]
[151] Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso) [NE]
[152] Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso) [NE]
[153] Suma de Letras, 2012; Ponto de Leitura, MMXIII (edição de bolso) [NE]
[154] Oprah Winfrey (1954-) é uma das mais conhecidas apresentadoras de televisão nos EUA, vencedora de vários prêmios Emmy com *The Oprah Winfrey Show*, talk-show com maior audiência da história da TV no país; Ray Bradbury (1920-2012), escritor norte-americano de ficção científica, conhecido por *Crônicas Marcianas* (1950) e *Fahrenheit 451* (1953); Louis "Studs" Terkel (1912-2008), escritor, historiador, ator e radialista norte americano; Toni Morrison (1931-), escritora norte-americana cujos romances relatam as experiências de mulheres negras nos Estados Unidos durante os séculos XIX e XX, é autora de *Amada* (1987), Pulitzer de Ficção e eleito pelo *New York Times* "a melhor obra da ficção americana dos últimos 25 anos", e recebeu o Nobel de Literatura em 1993.
[155] Objetiva, 2008; Ponto de Leitura, 2011 (edição de bolso). [NE]
[156] Escritor norte-americano (1964-), autor de *Abaixo de Zero* (1985) e *Glamorama* (1998). [NE]

[157] De um desenho animado de Natal com Rodolfo, a rena do nariz vermelho. [NT]
[158] Sem edição no Brasil. [NE]
[159] Objetiva, 2007. [NE]
[160] Escritor norte-americano (1955-), autor de best-sellers como *A Firma* (1991) e *Dossiê Pelicano* (1992). [NT]
[161] O inglês Graham Greene (1904-1991) explorou, em sua obra, as ambiguidades morais e políticas da civilização ocidental, em livros como *O Americano Tranquilo* (1955) e *Nosso Homem em Havana* (1958), entre outros. Greene foi aclamado tanto pela crítica como pelo público. [NT]
[162] Cantor e compositor norte-americano (1923-1953), ícone da música *country* e um dos mais influentes do século XX. [NE]
[163] Suma de Letras, 2010. [NE]
[164] Sem edição no Brasil. [NE]
[165] Referência aos famosos personagens dos três autores: Harry Potter, de Rowling; Carrie, de King; e Garp, de Irving, em *O Mundo Segundo Garp* (1978). [NT]
[166] Suma de Letras, 2012. [NE]
[167] Político e escritor de grande sucesso da Inglaterra (1940-), foi membro do Parlamento Britânico e deputado pelo Partido Conservador. Sua carreira política foi encerrada após condenação por perjúrio e detenção. [NE]
[168] Suma de Letras, 2011. [NE]
[169] Suma de Letras, 2012. [NE]
[170] Sem edição no Brasil. [NE]
[171] Sem edição no Brasil. [NE]
[172] Sem edição no Brasil. [NE]
[173] Em tradução livre, “Prorrogação Justa”, “Motorista Grande” e “Um Bom Casamento”. [NT]
[174] Publicada no Brasil também desde 2010 na revista *Vertigo*, da Panini Comics. As cinco primeiras partes da história foram reunidas na edição encardernada *Vampiro Americano v. 1* (Panini Comics, 2012) [NE]
[175] O lançamento no Brasil está previsto para novembro de MMXIII pela Suma das Letras, quando se completa cinquenta anos do assassinato do presidente Kennedy. [NE]
[176] Suma das Letras, MMXIII. [NE]
[177] Sem edição no Brasil. [NE]
[178] Referindo-se a uma declaração de Romney sobre sua fortuna: “Sou rico e não vou pedir perdão por isso”. [NT]
[179] Que garante o direito constitucional de os norte-americanos terem armas. [NT]
[180] Seung-Hui Cho matou 32 pessoas e feriu outras 17 no Instituto Politécnico da Virgínia em 16 de abril de 2007. Ele cometeu suicídio ao ser cercado por policiais. Já James Holmes abriu fogo em um cinema na cidade de Aurora, no Colorado, em 20 de julho de 2012. Doze pessoas morreram e cinquenta e oito ficaram feridas. Ele ainda está sendo julgado. [NT]
[181] Ambos sem edição no Brasil. [NE]
[182] Ambos sem edição no Brasil. [NE]
[183] Sem previsão de lançamento no Brasil. *Joyland* também é o nome de pequenos vilarejos nos EUA e também designa vários parques de diversões no país. [NE]


MELHORES LIVROS DO ANO
The New York Times
BOOK REVIEW
JEFF GUINN
MANSON
"UMA BIOGRAFIA FASCINANTE E DEFINITIVA..." THE NEW YORK TIMES
DARKSIDE

Manson, a biografia

Guinn, Jeff
9788566636963
467 páginas

Compre agora e leia

Sexo, drogas e rock 'n' roll. Crimes, estupros e assassinatos. Charles Manson fez de sua história a trilha sonora do fim do mundo. A metáfora favorita da América para o lado negro dá década de 1960, Manson foi o cabeludo que matou o sonho de Woodstock e o retrato perfeito de como toda aquela filosofia da geração paz e amor não funcionou.

Psicopata, vigarista, racista e cafetão. Olhos em chamas, barba por fazer, cabelos despenteados e uma suástica tatuada na testa. A diabólica imagem de Charles Manson está gravada no inconsciente popular e é reconhecidamente assustadora. Após quatro décadas dos seus terríveis atos, os assassinatos orquestrados por ele continuam a exercer um mórbido fascínio. Dezenas de livros já foram escritos sobre Manson nesses mais de quarenta anos, e agora uma meticulosa pesquisa desenvolvida pelo biógrafo Jeff Guinn surge como o guia definitivo do homem que entrou para a história como sinônimo do mal.

Manson, a Biografia consegue, contra todas as possibilidades, oferecer uma visão fresca e um complemento digno e, porque não, acima do até então melhor livro sobre o caso: Helter Skelter, de

Vincent Bugliosi. Resultado de dois anos de pesquisas, o livro de Guinn oferece uma nova visão para aqueles que vivenciaram a turbulenta era de paz & amor assim como o contexto necessário para as gerações que vieram depois. Ler o livro é como vivenciar aquela época. Guinn consegue transportar o leitor para os dias de ira e caos, sexo e drogas, rock 'n' roll e celebridades, costurando o homem em seu ambiente, um ambiente perfeito e catastrófico, que forneceu todas as respostas que uma mente doentia como a de Manson ansiava em encontrar. O que emerge é um retrato sombrio, mas altamente convincente, de um "eterno predador social" que era "sempre o homem errado no lugar certo e na hora certa".

Compre agora e leia


A 2ª FASE DO JOGO.
TRILOGIA
THE GAME
VOLUME 2
ANDERS DE LA MOTTE
DARKSIDE

The game: Ruído

De La Motte, Anders
9788566636727
312 páginas

Compre agora e leia

Como acontece num bom videogame, à medida que o jogo avança, a leitura fica mais perigosa.

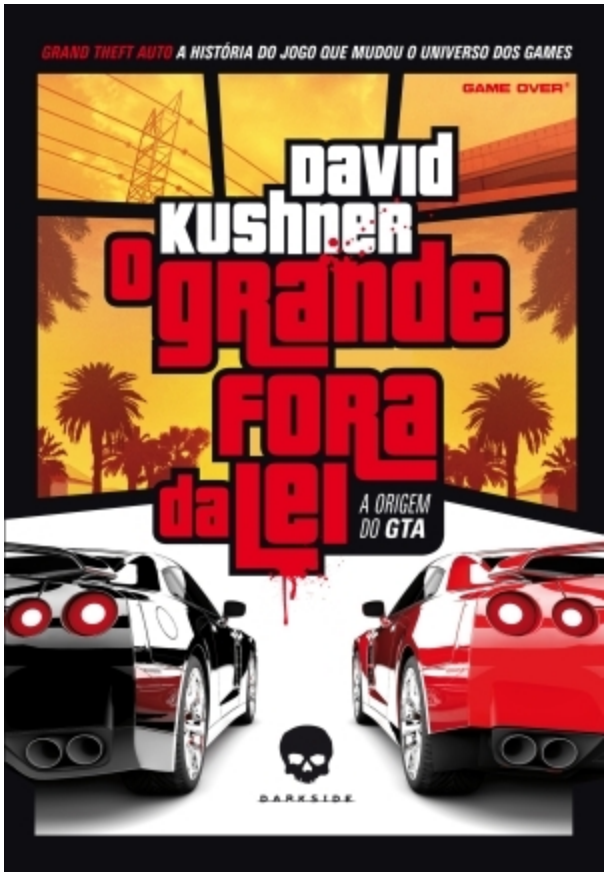
RUÍDO, volume dois da Trilogia The Game, traz o protagonista HP Peterson enfrentando uma nova fase do Jogo de Realidade Alterada que pôs sua vida em risco, no primeiro livro da série. HP poderia ter tudo: dinheiro, conforto, liberdade. Mas ele está disposto a arriscar tudo para sentir de novo a adrenalina correndo em suas veias. Enquanto isso, a policial Rebeca Normén começa a receber ameaças anônimas por um fórum de internet. O cerco começa a se fechar sobre os dois. Como se proteger de uma ameaça que você não tem certeza que existe.

RUÍDO é o segundo livro da Trilogia The Game, de Anders de la Motte, o ex-policial e diretor de segurança de informação que se transformou no grande nome do suspense da Suécia após a morte de Stieg Larsson. O autor desenvolve uma série para a TV americana com duas produtoras: Gaumont (de Narcos) e a dinamarquesa Good Company Films (que adaptou os livros de Stieg Larsson).
A Trilogia The Game conta a história de HP, um jovem que tem sua

vida transformada num jogo emocionante quando encontra um celular no vagão de trem. Através de mensagens anônimas no aparelho, ele passa a receber instruções para realizar tarefas no mínimo instigantes. A detetive Rebecca Normén é sua irmã, diferente de HP como são opostos a água e o vinho.

Fenômeno em diversos países, a Trilogia The Game é surpreendente, divertida e assustadora na medida certa. Um thriller dos tempos de hoje, onde tudo o que acontece numa tela touchscreen já não pode mais ser considerado virtual.

Compre agora e leia


GRAND THEFT AUTO A HISTÓRIA DO JOGO QUE MUDOU O UNIVERSO DOS GAMES
GAME OVER
DAVID KUSHNER
O GRANDE FORA DA LEI
A ORIGEM DO GTA
DARKSIDE

O grande fora da lei

Kushner, David
9788566636659
348 páginas

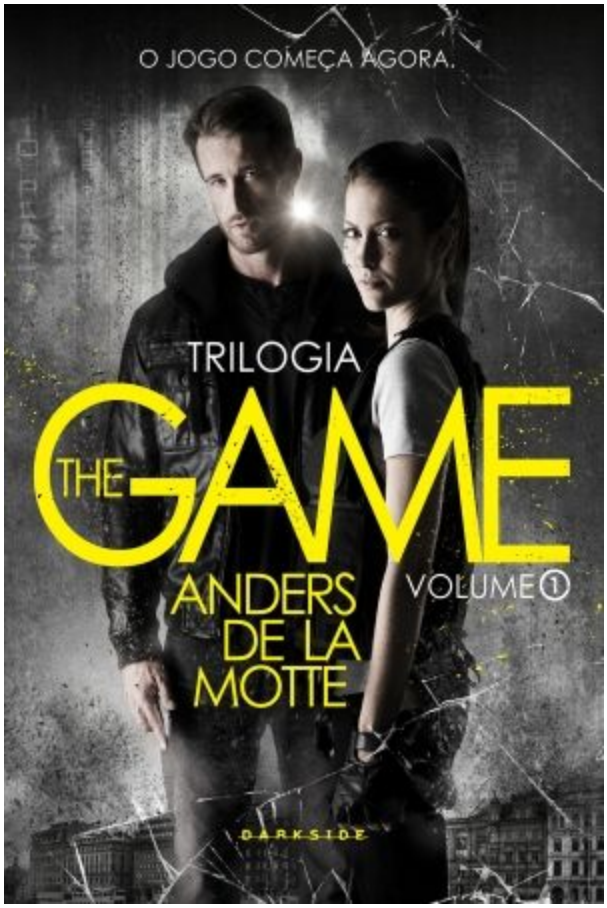
Compre agora e leia

"Quando o crime compensa."
Como um grupo de jovens estudantes com grandes sonhos e pouca experiência revolucionam a cultura e a indústria? No caso da bilionária indústria do videogame, que movimenta mais dinheiro que Hollywood, chegando a US$ 75 bilhões, ajuda se a turma for liderada por iconoclastas ousados com a visão de um fora da lei e a ética de trabalho de um puritano, que cresceram loucamente apaixonados por filmes de gangues, games e rap. Pois é este o improvável perfil dos irmãos Sam and Dan Houser, responsáveis pelo jogo mais revolucionário, controverso e bem-sucedido da história - a franquia Grand Theft Auto (GTA).

Em "O Grande Fora da Lei: a origem do GTA", o aclamado escritor, jornalista e gamer inveterado David Kushner nos conduz por uma divertida jornada com altos riscos e lucros exorbitantes do mundo cada vez mais acelerado dos maiores players da indústria dos games - e de seus inimigos prontos para derrubá-los. Kushner revela de forma brilhante a história não contada das pessoas que criaram o produto que definiu uma geração e enfureceu outra. Elaborado por mais de uma década com reportagens, entrevistas e muitas horas jogando, o livro de Kushner mergulha fundo nos

bastidores de GTA, até então mantidos em segredo e alimentados por rumores e mitos. Além disso, ele examina a violenta reação cultural e política que ajudou a manter sua vida comercial em alta ao mesmo tempo em que ameaçava a existência do próprio jogo. A franquia enfrentou processos e disputas judiciais com o objetivo de tirá-lo de circulação, movidos pelo falso moralismo e puritanismo da cultura norte-americana - e sobreviveu.

Compre agora e leia


O JOGO COMEÇA AGORA.
TRILOGIA
THE GAME
ANDERS DE LA MOTTE
VOLUME 1
DARKSIDE

The game: O jogo

De La Motte, Anders
9788566636710
264 páginas

Compre agora e leia

É só um jogo. Isso é o que pensa Henrik "HP" Peterson, protagonista da Trilogia The Game, ao aceitar um convite anônimo, via celular, para participar de missões inusitadas pelas ruas de Estocolmo. Mas a cada tarefa cumprida, e devidamente compartilhada na rede, ele tem a sensação de que a brincadeira está ficando séria demais.

Será paranoia? Ou será que HP está realmemte caindo numa poderosa rede de intrigas, com conexões que poderiam chegar aos responsáveis pelo assassinato do primeiro ministro sueco em 1986 ou até mesmo aos ataques do 11 de setembro? Quem afinal está por trás desse JOGO? Você tem coragem de investigar?

Então você precisa ler O JOGO, primeiro livro da Trilogia The Game, de Anders de la Motte. Uma saga eletrizante que combina a escola sueca de suspense (vide Stieg Larsson) com o vazamento de informações no mundo pós Edward Snowden.

Anders de la Motte é um ex-policial e diretor de segurança de informação de uma das maiores companhias de TI do mundo. Está desenvolvendo uma série para a TV americana com duas

produtoras: Gaumont (de Narcos) e a dinamarquesa Good Company Films (que adaptou os livros de Stieg Larsson).

A Trilogia The Game conta a história de HP, o pequeno trambiqueiro que está só contando o tempo necessário para largar o subemprego e voltar a receber o seguro social. A outra jogadora é a detetive Rebecca Normén, recém promovida para o grupo de elite do Serviço de Segurança sueco. Enquanto sua carreira decola quase por acaso, mensagens anônimas deixam claro que segredos do seu passado não estão tão bem guardados assim.

Fenômeno em diversos países, a Trilogia The Game é surpreendente, divertida e assustadora na medida certa. Um thriller dos tempos de hoje, onde tudo o que acontece numa tela touchscreen já não pode mais ser considerado virtual.

O JOGO é só o primeira volume desta instigante trilogia que a editora DarkSide traz com exclusividade para leitores e players brasileiros. Então, quer jogar?

Compre agora e leia


MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
KING OF THORNS
DARKSIDE

King of Thorns

Lawrence, Mark
9788566636598
528 páginas

Compre agora e leia

TODOS CLAMAM PELO REI!

Ninguém melhor para falar da aclamada Trilogia dos Espinhos do que Rick Riordan, o autor da série Percy Jackson.

"Este é o meu livro favorito desta excelente trilogia, pois tudo joga contra o nosso anti-herói Jorg. As apostas são altas e as reviravoltas, perfeitas. Depois de assassinar seu tio e garantir um pequeno reino nas montanhas, o jovem Jorg agora encara um inimigo carismático e poderoso - o Princípe de Arrow -, que parece destinado a reunir o Império Destruído. A ação salta entre o presente e o passado, e nos mostra como Jorg viajou pelo império e conseguiu reunir recursos e forças para enfrentar uma batalha aparentemente impossível de ser vencida. Acompanhamos também a história pelo ponto de vista de Katherine, a mulher que Jorg deseja mais do que ninguém, e que ele está destinado a não conquistar jamais.

Apesar de Jorg continuar a ser o mais maquiavélico dos protagonistas, sem hesitação para matar, mutilar ou destruir, caso isso o ajude a alcançar seus objetivos, passamos a compreendê-lo

melhor neste livro, e é impossível não torcer por ele. Ele consegue renovar e dar uma reviravolta brutal, explodindo com todas as armadilhas românticas da grande fantasia - lealdade, honra, o bem contra mal e a fé em um causa maior. Às vezes, quando você vê aquele cavaleiro branco em seu cavalo, com uma armadura reluzente e um sorriso brilhante, só quer atirá-lo no chão e dar-lhe um murro na cara dele por ser tão perfeito. Se você já teve essa sensação algum vez, Jorg é o cara. [...]
NÃO SE COMPARA A NADA QUE EU JÁ LI."
- Rick Riordan

Compre agora e leia

Table of Contents

Mídias sociais
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Introdução
Capítulo I - O aprendiz
Capítulo II - Abaixe a cabeça
Capítulo III - O pistoleiro
Capítulo IV - Desespero
Capítulo V - Andando na bala
Capítulo VI - O sobrevivente
Capítulo VII - Quatro estações
Capítulo VIII - Comboio do terror
Capítulo IX - A longa marcha
Capítulo X - A gente se acostuma
Capítulo XI - Jovem outra vez
Capítulo XII - Angústia
Capítulo XIII - Às vezes eles voltam
Capítulo XIV - O fim da confusão toda
Posfácio - Sob a redoma
Cronologia
Bibliografia selecionada
Notas de referência
Agradecimentos
Créditos